UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VANESSA PAULA PONTE

SOMOS NÓS QUE FAZEMOS A VIDA COMO DER, OU PUDER, OU QUISER: BELEZA E CONSTRUÇÃO DO CORPO EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE MULHERES

FORTALEZA
2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VANESSA PAULA PONTE

SOMOS NÓS QUE FAZEMOS A VIDA COMO DER, OU PUDER, OU QUISER: BELEZA E CONSTRUÇÃO DO CORPO EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE MULHERES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da Professora Doutora Lea Carvalho Rodrigues

FORTALEZA
2008

Catalogação na Fonte

P813s Ponte, Vanessa Paula

Somos nós que fazemos a vida como der, ou puder, ou quiser: beleza e construção do corpo em narrativas biográficas de mulheres / Vanessa Paula Ponte. – Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2008.

244 f.

(Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará).

1. Imagem corporal em mulheres 2. Beleza física (Estética) I. Título

CDD: 305.420981

VANESSA PAULA PONTE

SOMOS NÓS QUE FAZEMOS A VIDA COMO DER, OU PUDER, OU QUISER: BELEZA E CONSTRUÇÃO DO CORPO EM NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE MULHERES

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Mestre em Sociologia do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará e aprovada, em sua forma final.

Aprovada em _____/_____/_____

Apresentada à comissão examinadora composta pelos professores:

_____
Profª. Drª. Lea Carvalho Rodrigues Orientadora
Universidade Federal do Ceará

_____
Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva
Universidade Federal do Ceará

_____
Profª. Drª. Lady Selma Ferreira Albernaz
Universidade Federal do Pernambuco

Dedicatória

Dedico esta dissertação a Caetano Ponte, meu pai amoroso que tem alma de sol. Você, com a sua luz, me acorda cedinho me estimulando a ser ativa e participante, anunciando que o dia pode ser uma benção e que dele posso colher bons frutos, mas que antes é preciso ter coragem para plantar cada semente. Obrigada por me ensinar a riqueza que há em tudo o que é simples. A sua presença é paz na minha casa, na minha vida e na minha estrada.

E também à Paula Pontes, minha linda mãe, que traz as fases e o brilho da lua no ímpeto da sua alma. Você, com sua vitalidade, me mostra que a vida é esplendor, é festa e que devo me colocar bonita e faceira para vivê-la intensamente. A sua luminosidade me faz compreender a importância da leveza, da diversão, do prazer das pequenas coisas. Agradeço o entusiasmo que o seu amor traz à minha vida.

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança,
qualquer coisa de haute couture
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize
elegantemente em azul,
como na República Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso
que súbito tenha-se a
impressão de ver uma
garça apenas pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só
encontrável no terceiro minuto da aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas
que se reflita e desabroche
No olhar dos homens. É preciso,
é absolutamente preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que
umas pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como no âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos então
Nem se fala, que olhe com certa maldade inocente. Uma boca
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos
Despontem, sobretudo a rótula no cruzar das pernas,
e as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.
Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras:
uma mulher sem saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável.
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteie em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mas que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas que haja um certo volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem
No entanto, sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!).
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos

Discretos. A pele deve ser frescas nas mãos, nos braços, no dorso, e na face
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca inferior
A 37 graus centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras
Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da Terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que se fechar os olhos
Ao abri-los ela não estará mais presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

(Vinícius de Moraes)

AGRADECIMENTOS

À Bruna Ponte, minha estrela de imensurável beleza, amiga de todas as horas. Agradeço a felicidade de ter você ao meu lado, partilhando essa doce e instigante aventura humana que é a vida. A alegria que sinto quando vejo você, tão fascinante e clara, me fortalece. Obrigada pela graça que sua presença me traz.

À Monalisa Dias, minha amiga linda como a primavera que guarda dentro de si o encanto dos mais nobres sentimentos. Quando o meu coração anda de sobressalto em sobressalto e tudo insiste em ficar sombrio, você chega com o seu sorriso encantador, com suas palavras plenas de sabedoria, os seus gestos amorosos, aí, de repente, o sol abre e dentro de mim começam a brotar flores, dentre elas as brancas que significam a paz. Obrigada pela amizade sublime que construímos tendo como base as coisas simples e essenciais da vida. Agradeço também, minha primavera, por ter dedicado o seu tempo e a sua energia para a leitura destas páginas. O seu apoio foi fundamental para que elas nascessem.

À Daniele Maia, minha encantadora amiga, tudo o que vem de você inspira suavidade, beleza e sinceridade. Agradeço por sua presença encorajadora em minha vida. Nossa convivência sempre harmoniosa e nossos diálogos profundos sobre a vida fazem parte da alegria do meu caminhar. A sua atenção e o seu carinho foram de grande valia para a realização desta pesquisa.

À Lea Rodrigues, minha orientadora determinada e bela. Obrigada por me ensinar a valorizar os conhecimentos apreendidos nas salas de aula e nas leituras teóricas, mas, sobretudo a nunca esquecer que “o conhecimento está no mundo”, na troca frutífera com as pessoas. Por me ensinar que para tecer uma pesquisa que tenha clareza, coerência e objetividade, não implica em oprimir as emoções, a sensibilidade e a criatividade. Por estimular minha paixão pelo vôo e a beleza que um trabalho científico pode proporcionar, tanto a quem escreve, como quem o lê e por despertar em mim a vontade de tecer o caminhar acadêmico em direção ao meu fortalecimento e crescimento pessoal. Agradeço por sua orientação valiosa e bendigo a nossa troca, repleta de bons sentimentos.

À Capes, pela bolsa de estudos concedida no curso do Mestrado.

À Ana Carla Sabino, minha amiga determinada, que consegue transformar sonhos em metas. A sua amizade é um convite à obstinação!

À Francisca Mendes, minha amiga dos olhos de mar e do coração de luz. Obrigada pela doçura da sua amizade.

Aos meus queridos Júlia Freitas, Dedé Freitas, Paulo Freitas, Eduardo Freitas, Marcelo Freitas e Rebeca Freitas, pelos belos momentos que juntos construímos e por tudo que pudemos aprender ao longo desses anos de partilha. Guardo vocês num lugar ensolarado em meu coração.

À Gecilane, minha amiga intensa. Obrigada pelas cartas perfumadas, pela sinceridade de nossa troca e por sempre vibrar pela minha felicidade.

À Dângela, amiga serena, por sua amabilidade.

À Elisa Dias, finíssima, por me fazer acreditar que os campos áridos do inverno podem cobrir-se de flores na primavera. Obrigada por suas palavras de esperança!

À minha amiga Isabel, toda feita de candura, pela sua amizade-singeleza.

À Leila, pelo exemplo de vitalidade. Sinto-me contagiada com a sua vontade de viver plenamente.

Ao Aimberê, à Socorro e à Vânia por sua solicitude, pela maneira sempre carinhosa que me trataram desde os primeiros passos da vida acadêmica.

À Joana, tia querida, agradeço o seu amor que inunda o meu coração de alegria.

Ao Alcides Gussi, por seus inspiradores ensinamentos sobre narrativas biográficas e pela leitura perspicaz e elegante do meu texto de qualificação.

Ao Cristian Paiva, por sua leitura minuciosa do meu texto de qualificação, por suas sugestões e por aceitar o convite de compor mais um momento tão importante para mim, que será o dia de dialogar sobre o presente texto.

À Lady Selma, que aceitou fazer parte do meu caminhar acadêmico compondo a banca da minha dissertação.

Ao Adriano Caetano, Herbert Pimentel e Delano Pessoa. Feliz por tê-los conhecido na trajetória acadêmica.

A Deus, pela força no meu caminhar e por me ensinar a buscar ‘a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, a coragem para modificar as que posso e a sabedoria para distinguir umas da outras.”

Agradeço de forma muito especial às protagonistas desta pesquisa, que compartilharam os seus pensamentos e sentimentos, em plena confiança. Vocês dão vida e sentido a estas páginas e agradeço pelo muito que aprendi com suas belezas e falo daquelas que nenhum espelho é capaz de revelar.

RESUMO

Este trabalho tem como foco interpretar as narrativas de mulheres fortalezenses, praticantes de musculação, e suas experiências em relação à aparência física no cotidiano, no trabalho, no lar e nas interações sociais. Com base nessas narrativas, procuro oferecer uma compreensão de como essas mulheres, pertencentes a diferentes realidades sociais, econômicas e culturais, vivenciam seus corpos, os sentimentos daí deflagrados e, principalmente, o que essas experiências revelam sobre o contexto social em que estamos inseridos. As narrativas biográficas foram construídas, nos termos de Kofes, como fonte de inspiração do meio social, como uma evocação do sujeito e uma reflexão da relação entre biografado e pesquisador. A pesquisa apontou como muitos são os estímulos e as pressões em nosso meio social para a conquista de um determinado padrão estético: o processo de socialização, o mercado da beleza, os meios de comunicação de massa. Este padrão corporal é amplamente difundido como garantia de sucesso, poder e felicidade nas mais diversas áreas da vida do ser humano (no trabalho, no relacionamento amoroso, nas interações sociais). A pesquisa mostra, portanto, como essas mulheres vão construindo, desde a mais tenra idade, as relações com seus corpos em diálogo com essa idéia corrente. Muito mais que isso, pretende obter um entendimento maior do universo dessas mulheres, procurando percebê-las de forma integral, estando atenta aos papéis que a sociedade lhes atribui.

Palavras-chave: Corpo; indivíduo; sociedade; exigências sociais; discriminação.

ABSTRACT

This study has a focus in the interpretation of narratives of women of Fortaleza (capital of the Ceará State) that practice gymnastics and their experiences with physical appearance in the quotidian, work, home and in the various social interactions. Starting by these narratives, I want to offer a possible comprehension about how those women, which belong to different social, economical and cultural realities, live with their own bodies, the feelings that break out, and mainly, in how these life experiences reveal aspects of the social context that we are in. Many are the stimulus and demands of mainstream society for women achieve certain esthetical pattern: the processes of socialization, the established “beauty market” and the mass media. This research shows, therefore, how those women build, since the early ages, relationships with their bodies under this current ideals of beauty.

Key-words: Body. Individuals. Society. Social Requirements. Discrimination.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
	Ponto de Partida	11
	Pesquisa Social Possibilita a Abertura de Novos Caminhos...	13
	Trilhas Metodológicas	14
	Caminhantes	24
	Andanças	36
	CAPÍTULO 1 – OS PRIMEIROS DOS MUITOS PASSOS NESTA ESTRADA CHAMADA VIDA	39
1.1	Uma Menina Tem que Caminhar é Assim, Viu?!	65
1.2	Caminhos Traçados	85
1.3	Nos Caminhos da Beleza	96
1.3.1	Aprendendo a importância da beleza	97
1.3.2	Aprendendo a identificar um corpo belo	100
1.3.3	Aprendendo as técnicas de embelezamento	102
1.3.4	Aprendendo a olhar e avaliar o próprio corpo	106
	CAPÍTULO 2 – E NOS PASSOS SEGUINTES: O TEMPO DAS CURVAS	122
2.1	Vivências no Tempo das Curvas	159
2.2	Quando a Beleza e a Saúde não Caminham Juntas...	172
	CAPÍTULO 3 – EU VOU FAZENDO O CAMINHO E O CAMINHO VAI ME LEVANDO	180
3.1	Quando Elas Preparam uma Vida Dentro Delas	206
3.2	Quando a Beleza Física é uma Condição para o Amor....	209
3.3	Quando a Beleza Física é uma Condição para o Trabalho....	213
3.4	Segue o Caminho: Tudo é um Tornar-se Continuado	215
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	225
	Considerações do caminhar da pesquisa	225
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	233

INTRODUÇÃO

Ponto de Partida

A presente dissertação interpreta as narrativas de mulheres fortalezenses, praticantes de musculação, e suas experiências em relação à aparência física no cotidiano, no trabalho, no lar e nas interações sociais. A partir dessas narrativas, procuro oferecer uma compreensão de como essas mulheres, pertencentes a diferentes realidades sociais, econômicas e culturais, vivenciam seus corpos, os sentimentos daí deflagrados e, principalmente, o que essas experiências revelam sobre o contexto social em que estamos inseridos.

Anuncio que estas páginas guardam experiências, lembranças, sentimentos, vozes, sonhos de mulheres que – apesar de serem tão diferentes quanto ao físico, à profissão, às finanças, à idade – buscam com determinação algo comum: a beleza física[1] e, de forma especial, as outras belezas advindas desta – assim elas supõem –, ou seja, a beleza de ser apreciada, a beleza do olhar de admiração e, sobretudo, o respeito do outro.

As protagonistas desta pesquisa, Safira, 45 anos, empresária do ramo imobiliário; Ametista, 42 anos, cabeleireira; Esmeralda, 17 anos, estudante da escola pública; Rubi, 61 anos, pedagoga e ex-freira; Cristal, 25 anos, estudante universitária; Pérola, 28 anos, vendedora ambulante e diarista, buscam com todo vigor um corpo esculpido pelos exercícios físicos, com ausência de gordura localizada e com o aspecto jovial; uma pele macia, sem celulite, estrias ou varizes; um rosto livre de linhas de expressão, rugas, pés-de-galinha, espinhas, olheiras e cravos; um corpo adornado e vestido de forma adequada e bela para cada ocasião.

Para construírem essa aparência física, elas exercem sobre seus corpos um trabalho diário e minucioso, que envolve uma série de práticas que demandam investimento de tempo, energia e dinheiro: o controle com a alimentação, o uso de produtos estéticos, o rigor com o exercício físico. Do acordar ao dormir, dedicam-se com afinco à conquista desse modelo corporal.

Por outro lado, essas mulheres que se preocupam demasiadamente com a aparência física não são, por isto, desocupadas ou fúteis. As mesmas mãos que delicadamente passam todos os tipos de cosméticos, que levantam pesos na academia, que arrumam

[1] A beleza é vista neste trabalho como uma construção cultural. Cada coletividade vai ter uma maneira diferente de concebê-la. Até numa mesma coletividade há muitas concepções de corpo belo.

constantemente os cabelos, que retocam o batom, que puxam o espelho da bolsa para conferir o visual, são as mãos que pagam as contas com o dinheiro oriundo de seus trabalhos, que escolhem livros nas estantes de bibliotecas, que se matriculam em cursos para melhor desenvolverem seus ofícios, que educam filhos, afagam amores, enxugam as lágrimas dos amigos, preparam deliciosas comidas, exigem que outros a façam, fazem lista de compras, tornam a casa um lugar mais acolhedor. Elas são pessoas múltiplas que, a qualquer tempo, nunca param de sonhar e de procurar construir e reconstruir suas vidas, apesar das dores presentes em muitas dessas trajetórias e das cobranças sociais em relação aos seus rostos, corpos e idades.

Para construir esta pesquisa, acompanhei de perto, por mais de dois anos, essas mulheres plurais e os processos por elas vividos na tentativa de construção de um corpo considerado socialmente belo. Construímos uma relação dialógica (GEERTZ, 1989). Com todo respeito e sutileza, participei de seus cotidianos, freqüentando as academias em que exercitam seus corpos, os salões onde cuidam do visual, participando de seus momentos de lazer e de forma especial visitando amiudadas vezes seus lares.

Considero ser a delicadeza a marca desta pesquisa, uma vez que se volta a questões íntimas e recônditas da vida dessas mulheres. Para viver este estudo, precisei ter acesso – por meio das narrativas biográficas por elas relatadas – aos sentimentos profundos que experimentam em relação aos seus corpos nesta grande aventura humana que é a vida. A complexidade, os anseios, a fascinação, a sensibilidade, o mistério, as dores que vivem em suas experiências cotidianas em relação a seus corpos – tanto no mundo público como no mundo privado, quando estão no aconchego de seus lares, quando estão sozinhas nos seus quartos, olhando-se nos espelhos e preparando-se para os olhos do mundo – darão cor e sentido a esta pesquisa. Acredito que, nas narrativas dessas mulheres, expressam-se, ao mesmo tempo, suas singularidades, suas subjetividades e marcas do social – elementos intrinsecamente relacionados.

Estou certa de que, ao recompor as narrativas referentes aos corpos dessas mulheres tão diversas, poderei iluminar temas mais amplos da vida social, tais como as relações entre cultura/mercado, individualidade/sociedade, exigências sociais/discriminação. O estudo das variadas narrativas das experiências de praticantes de musculação em relação aos seus corpos possibilita uma compreensão profunda de como se desenvolve esse processo por elas vivido na busca desse corpo idealizado. Como esse processo vai se construindo culturalmente em suas vidas e como ele repercute em suas vidas.

Espero que, acompanhando essas mulheres e refletindo sobre as questões tematizadas, meu trabalho possibilite a ponderação de questões da vida de tantas outras que expressam, em seus discursos, preocupações e dilemas semelhantes quanto aos seus corpos.

Pesquisa Social Possibilita a Abertura de Novos Caminhos...

A idéia de desenvolver esse tema é fruto de minha primeira experiência de pesquisa[2], um relato etnográfico do cotidiano de duas academias de musculação de pequeno e grande porte, localizadas na cidade de Fortaleza.[3] Nesse trabalho, procurei demonstrar como praticantes de musculação – de ambos os sexos – se relacionam com seus corpos, cuidam deles e procuram transformá-los. Fundamentada nos estudos de Mauss (1974), empreendi essa pesquisa considerando o corpo como uma construção cultural.

Se naquele trabalho monográfico percebi que em nosso meio social muitos são os apelos que estimulam essas mulheres a buscar intensamente um determinado modelo corporal: a mídia, o mercado da beleza e o processo de socialização, nessa proposta desejo entender qual a relevância de cada um deles para a construção de suas relações com seus corpos.

Compreendi que muitas são as motivações para que invistam diariamente em sua imagem: a estética, a busca de sucesso na relação amorosa, o prazer de ser admirada, a busca de uma transformação pessoal, maiores possibilidades de aceitação social, sucesso profissional. Nesta pesquisa, quero compreender como essas motivações repercutem na vida de cada uma delas.

Constatei na pesquisa monográfica que muitas mulheres prejudicam sua saúde para construir esse corpo idealizado. Na atual pesquisa, quero saber como vive um corpo que

---

[2] Monografia intitulada *Cada um Sabe a Dor e a Delícia de Ser o Que É:* uma Etnografia de Duas Academias de Musculação em Fortaleza, apresentada no curso de Ciências Sociais da UFC como requisito para a obtenção do grau de bacharel, em junho de 2005.

[3] As academias pesquisas são completamente diferentes na estrutura física. Uma localiza-se na Av. 13 de maio e dista cerca 2 km do centro de Fortaleza. È um espaço de dois pavimentos com salas amplas e arejadas, e a pintura em perfeito estado. A lanchonete, lojas de roupas e acessórios para atividades esportivas. A sala de musculação é repleta de espelhos, possui muitos aparelhos e todos são modernos e em ótimo estado. Já a outra situa-se no bairro Jangurussu e dista 15 Km do centro de Fortaleza, possui salas pequenas com o chão em cimento, as paredes com as pinturas bem desgastadas. Nessa última, a sala de musculação é pouco espaçosa com ventilação e iluminação precária, aparelhos e espelhos reduzidos e prejudicados pela ação do tempo. Mesmo com todas essas diferenças observa-se, em ambas, o esforço de seus proprietários em construírem ambientes organizados com horário de funcionamento, regras e higienização.

busca a todo instante atender às expectativas de estar sempre belo fisicamente, mesmo que essa busca prejudique sua saúde.

Na monografia observei que elas vivenciam essa busca de aceitação social plena por meio do corpo. Como vivenciam isso, quais os detalhes dessa vivência? Como também, vi que um dos aspectos desse corpo idealizado é a manutenção da jovialidade. Agora, quero entender como vivem o caminhar para a velhice.

Percebi que se sentem constantemente avaliadas ou julgadas por suas formas físicas. Quero saber como se portam em relação a isso. Que implicações físicas e emocionais resultam da busca desse modelo corporal? E o que as narrativas dessas mulheres revelam do nosso meio social?

Nesta pesquisa empreendi o trabalho de campo freqüentando os lares e lugares de sociabilidade dos sujeitos como as clínicas e os salões de beleza, festas, passeios no shopping center etc. Visitei também as academias.

Vale ressaltar que continuei freqüentando a academia de pequeno porte visitada na primeira pesquisa, situada no Jangurussu. O bairro Jangurussu está localizado no lado leste da cidade e pertence à zona urbana mais populosa, constituindo-se de vários conjuntos habitacionais, entre eles o conjunto Palmeiras e o conjunto São Cristovão. Neste bairro foi construído o aterro de lixo de Fortaleza. Esta região abrigou, em décadas anteriores, os imigrantes do interior do estado, fugidos da seca e inúmeros trabalhadores, em sua maioria desempregados.

A outra academia visitada situa-se na Aldeota. O bairro da Aldeota está localizado na zona norte da cidade, considerada uma área nobre. Possui grandes e arborizadas avenidas em que se encontram várias sedes de empresas imobiliárias, judiciárias, centros comerciais e shopping centers.

Trilhas Metodológicas

Acredito que o aspecto mais instigante de uma pesquisa empírica é o fato de ela ser construída por meio dessa troca de saberes e experiências entre pesquisador e pesquisado e, principalmente, o fato de o conhecimento produzido a partir dessa troca ter a possibilidade de iluminar e favorecer as vidas de muitas pessoas. Assim, escolhi uma metodologia que levasse em conta essa forma de conceber a pesquisa: as narrativas biográficas.

As narrativas biográficas rompem com a visão do pesquisador como um mero coletor neutro de uma grande quantidade de informações e com a figura do pesquisado como

um mero objeto detentor de informações que precisa ser desvendado. Essa metodologia concebe pesquisador e pesquisado como sujeitos com subjetividades, particularidades e histórias. A pesquisa nasce de um encontro de olhares: o olhar do pesquisador, construído a partir de suas vivências, de seus anos de estudo, do seu debruçar sobre uma teoria; e o olhar do pesquisado, desenvolvido a partir de suas experiências cotidianas.

Escolhi as narrativas biográficas como o alicerce metodológico desta pesquisa porque elas permitem que o pesquisador conheça com riqueza de detalhes as minúcias de cada protagonista de sua pesquisa; partindo desde o mais elementar – no sentido do que é possível ser visto e ouvido com certa facilidade (como se veste, seus diálogos, seus movimentos) – ao mais profundo (o que sente e o que pensa). Sobretudo, possibilita o pesquisador qualificar socialmente os indivíduos que constituem sua pesquisa. Fazendo uso dessa metodologia, o pesquisador conhece profundamente não só as vivências daqueles com quem interage na pesquisa, mas o contexto social em que estes estão inseridos. A fecundidade do método é justamente mostrar como a experiência individual é uma fonte rica para se compreender o social.

Vários autores das ciências sociais vêm mostrando, por meio de importantes trabalhos, que empreender uma reflexão sobre o indivíduo e o curso de sua vida oferece uma chave para a compreensão dessa realidade plural, complexa, multifacetada e construída que é a sociedade. Como procedeu metodologicamente Norbert Elias (1995), que – ao contar a trajetória de Mozart, revelando seus desejos, lutas e particularidades – também conta a história da sociedade em que esse grande músico viveu. Também como procedeu Mirian Goldenberg (2004), que – ao estudar a trajetória de Leila Diniz, considerada um "ícone de uma geração" – refletiu sobre uma série de transformações na conduta feminina que estavam ocorrendo no Brasil na década de 1960, principalmente ligadas a sexualidade, conjugalidade e maternidade. As obras *Mozart* (1995) e *Toda Mulher é Meio Leila Diniz* (2004) são apenas dois exemplos entre importantes trabalhos sociológicos e antropológicos que mostram como a vivência pessoal de um indivíduo revela sobre as vivências de seu contexto social e cultural.

É importante mencionar que são diversas as terminologias utilizadas para designar o referido tipo de perspectiva metodológica, entre elas: narrativas biográficas (KOFES, 2001), história de vida (PEREIRA DE QUEIROZ, 1983), relatos de vida (BERTAUX, 2005), trajetória (DAVIS, 1997) e, embora cada uma tenha suas especificidades, elas se afinam em muitos pontos, principalmente quanto à tentativa de buscar a compreensão do social por meio do vivido por indivíduos, ou seja, por intermédio de suas ações, idéias, valores, percepções.

Ao eleger as narrativas biográficas como o alicerce metodológico para esta pesquisa, tomo como base os ensinamentos de Suely Kofes (1994) que as entende “[...] como fonte de inspiração do meio social, como uma evocação do sujeito e uma reflexão da relação entre biografado e pesquisador.” (KOFES, 1994, p.118).

As narrativas biográficas possibilitam um grande alcance sobre as mais diversas experiências de um ser humano no curso de sua vida. Mas é imprescindível afirmar que elas não têm como intuito recompor toda a biografia da pessoa pesquisada. Como afirma Kofes, elas dizem respeito àquela “[...] parcela de vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia.” (1994, p.118).

Bertaux (2005) chama atenção para a importância de o pesquisador explicar de forma cuidadosa e acessível aos sujeitos da pesquisa seu tema e sua metodologia. Além de ser uma atitude de respeito para com os protagonistas do trabalho, é uma forma do pesquisador orientar a direção da narração, buscando aprofundar o recorte que escolheu. Nas palavras de Bertaux (2005, p. 50, tradução nossa): “Essa intenção manifestada, compreendida, aceitada eventualmente fica interiorizada pelo sujeito sob a forma de um filtro implícito através do qual seleciona, no universo semântico da totalidade de suas experiências, o que será capaz de responder as expectativas do pesquisador”. Assim, de maneira bem sutil, o pesquisador orienta o relato dos protagonistas de sua pesquisa e “[...] delimita o fluxo de lembrança da pessoa entrevistada em relação àquelas questões que movimentam a pesquisa.” (KOFES, 1994, p. 121).

Seguindo as orientações de Bertaux (2005) e Kofes (1994), com todo respeito expliquei a cada mulher que dá sentido a estas páginas as minhas intenções de pesquisa. Busquei ser cuidadosa para falar de forma compreensível e procurei – por meio do meu olhar, de minhas palavras, dos meus gestos, de minhas atitudes – deixá-las bem à vontade para que esclarecessem dúvidas, tecessem opiniões sobre o tema, para que elas sentissem o que, de fato, representavam para mim (pessoas com as quais eu iria aprender muito) e para meu trabalho (as protagonistas destas linhas).

Pedi que me contassem como vivenciam seus corpos e os sentimentos oriundos dessa vivência. Interessei-me intensamente em saber: Como elas pensam seus corpos? Como elas se vêem? Como elas acreditam que os outros vêem os corpos delas? Como elas vivenciam seus corpos no lar, no trabalho, nas relações sociais? O que sentem nessas vivências?

Assim, por meio de suas narrativas, busquei compreender de uma maneira profunda como se desenvolve esse processo vivido pelas praticantes de musculação na busca

do corpo idealizado. Que implicações físicas e emocionais resultam dessa busca de um modelo corporal, e o que tudo isso revela do nosso meio social.

Segundo Kofes (1994), o primeiro aspecto a observar sobre uma narrativa biográfica é que ela é uma evocação do sujeito. O pesquisador deve ter a consciência de que são os sujeitos da pesquisa que podem falar com propriedade sobre suas histórias. É importante que o pesquisador dê ênfase ao que os sujeitos da pesquisa dizem sobre suas experiências. Saber ouvir é um dos exercícios mais importantes na metodologia das narrativas biográficas. Ao almejar compreender o modo como mulheres contemporâneas vivenciam seus corpos, foi preciso ouvir com toda atenção cada palavra que as praticantes de musculação me disseram sobre suas vidas. São elas que vivem no dia-a-dia a busca de um corpo idealizado e, portanto, são as mais indicadas para falar sobre as alegrias e as angústias que perpassam essa busca.

Outro aspecto importante da narrativa como uma evocação do sujeito é que o biografado tem a liberdade de relatar suas vivências e experiências particulares do modo como deseja, da forma mais espontânea possível. O pesquisador não anseia que o sujeito de sua pesquisa recomponha de forma linear e rigorosa suas experiências singulares, suas vivências. Não se pretende, nessa estratégia metodológica, buscar uma ordem cronológica de todos os acontecimentos da vida do pesquisado.

Desse modo, cada biografado constrói – de uma maneira particular – a forma de contar as suas vivências e experiências, o que pensam sobre suas ações, as ações dos outros com quem partilham ou partilharam a vida e a compreensão de seu entorno. Ele vai selecionando, no curso de sua vida, aquilo que o marcou profundamente. Dá ênfase a alguns momentos, não cita outros, traz algumas redes de relações e outras não. Por meio de suas lembranças, ele revisita seu passado e retorna ao presente, menciona o futuro, não de forma linear, mas de forma fluida, em elipses, em idas e vindas constantes. O que é realmente importante para o pesquisador são os sentidos e significados que o sujeito de sua pesquisa constrói em relação às lembranças que traz na narrativa. O que importa é a representação que ele faz sobre suas vidas. Sobre isso Suely Kofes (2001) traz uma interessante reflexão:

> Vários trabalhos que têm na história de vida um instrumento heurístico não lidam com uma noção de história como sentido (direção), embora pressupunham sim as possibilidades interpretativas de suas experiências pelos próprios agentes e não descartam estes sentidos como vias de acesso compreensivo e explicativo. Mesmo porque os sujeitos sociais são em si mesmos entrecruzamentos de relações, as quais estão ligados, quer pelos significados já dados a estas relações e que constituem os sujeitos enquanto pessoas sociais, quer pelos significados que eles agenciam e narram. (KOFES, 2001, p. 25).

Outro autor que chama atenção do pesquisador para que este não encare a vida de seus pesquisados como algo que tem um sentido único e fixo e, portanto, uma compreensão totalizante é Bourdieu (2005), em seu texto *A Ilusão Biográfica*. Essa forma de olhar é rígida e empobrece a pesquisa, já que não leva em conta o dinamismo, a fluidez, a complexidade, as descontinuidades da vida e não considera que o indivíduo em diferentes momentos de sua vida pode oferecer múltiplas interpretações sobre ela. Assim, Bourdieu (2005) ensina que não devemos olhar a vida de nossos pesquisados como algo pronto, acabado, e sim como algo que se faz incessantemente. No entanto, é importante dizer que cada interpretação que o sujeito expõe sobre sua existência oferece algumas possibilidades analíticas para o entendimento de sua vida e de seu contexto.

Durante todo o processo da pesquisa, olhei para as mulheres que dão sentido e vida a estas páginas como seres humanos que estão, a todo momento, se reinventando e se reconstruindo. E jamais tive a pretensão de chegar a uma verdade totalizante, a uma conclusão definitiva sobre as suas relações com seus corpos e sobre o processo que vivem na busca de um corpo socialmente idealizado.

Minha intenção foi buscar caminhos que pudessem iluminar as questões desta pesquisa e, sobre elas, ofereci uma interpretação entre tantas possíveis. Essa interpretação foi realizada a partir do que estas mulheres significam a partir de seus olhares em relação às suas vidas, em especial sobre as relações que estabelecem com seus corpos.

Ressalto que, por mais, que muitas vezes, as praticantes de musculação se assemelhem na forma de pensar seus corpos, cada uma delas é um ser humano singular. Cada uma tem um modo particular de se construir. Cada mulher que faz parte desta pesquisa tem um modo de falar, sorrir, chorar, se movimentar, sentir, expressar suas idéias, uma trajetória peculiar, única. Nas narrativas biográficas, o pesquisador deve considerar as singularidades e as subjetividades de cada sujeito que constitui sua pesquisa, não esquecendo o fato de essa esfera tão íntima e individual estar em diálogo constante com a dimensão social.

O livro *Nas Margens: Três Mulheres do Século XVII*, escrito por Davis (1997), é exemplar nessa questão. As trajetórias de três mulheres destemidas dão vida à obra: Maria de Incarnation, que foi freira e fundou a primeira escola cristã para mulheres ameríndias da América do Norte; Glikl Bas Judah, judia, mãe de doze filhos, comerciante, que escreveu em sete volumes sua autobiografia; e Maria Sibilla Merian, protestante e artista naturalista que dominava as técnicas de pintura em tecidos e da gravura em cobre, onde reproduzia flores, plantas e insetos com perfeito realismo. Ela não só os desenhava,

mas os observava e os estudava com todo afinco. Chegou a viajar para a selva do Suriname para aprimorar o seu ofício.

Para recompor as trajetórias dessas mulheres, Davis (1997) ficou atenta às singularidades e às subjetividades de cada uma. Em todas as páginas de sua obra, fica claro o interesse da autora em compreender o que essas mulheres sentiam, pensavam, desejavam, pediam da vida. Ela ficou atenta às formas como rezavam, amavam, os motivos pelos quais choravam e sorriam, os seus valores, os seus olhares em relação à vida. E tudo isso foi uma chave para a compreensão do contexto social em que essas mulheres viveram, pleno nascimento do mundo moderno. Por meio das trajetórias de Maria de Incarnation, Glikl Bas Judah, Maria Sibilla Merian, o texto permite vislumbrar a situação das mulheres desse período histórico em todas as dimensões – política, religiosa, familiar, econômica, cultural. Nas palavras de Davis:

> Cada uma dessas mulheres constitui um exemplo, com as próprias virtudes, iniciativas e falhas, que os motivos europeus do século XVII perpassam suas vidas; melancolia, forte consciência do eu, curiosidades, esperança escatológica, a reflexão sobre a presença e as intenções divinas no universo. (1997, p. 198).

Tal como Davis (1997), busquei refletir sobre o aspecto subjetivo das narrativas das mulheres com quem interagi na pesquisa. Porém, é importante deixar claro que não se trata de adotar nesta pesquisa uma perspectiva psicológica. A perspectiva deste estudo é sociológica e parte do pressuposto de que "[...] qualquer experiência de vida traz em si uma dimensão social." (BERTAUX, 2005, p. 50, tradução nossa). Neste trabalho reflexivo, penso o íntimo como social e o social como íntimo.

Isto me remete a outro fundamental aspecto das narrativas biográficas mencionado por Kofes (1994): a narrativa como uma fonte de inspiração do meio social. Essa autora ensina que as narrativas biográficas são "[...] instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade." (KOFES, 1994, p. 140).

Ao refletir sobre as narrativas das protagonistas do meu trabalho, sempre trouxe comigo o ensinamento de Kofes: "[...] a experiência de um sujeito não escapa das concretudes sócio-culturais que tensamente o realiza enquanto pessoa." (2001, p. 13). Assim, compreendo as narrativas das praticantes de musculação pesquisadas sobre seus corpos como uma expressão da sociedade em que vivem – e que também é construída por elas. Elas exprimem,

nas relações com suas aparências físicas, os ensinamentos que apreenderam no contexto social em que estão inseridas.

As narrativas não falam somente sobre elas, mas sobre as pessoas que passaram na vida delas e de forma especial sobre o mundo que as cercam. Del Priore nos ensina que as histórias de cada mulher não são só dela, mas "[...] também da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreu e que praticou, dos seus amores e dos seus sentimentos" (DEL PRIORE, 2006, p.7).

Passemos a refletir sobre outro aspecto das narrativas biográficas apontado por Kofes (1994), que é a reflexão da relação entre biografado e pesquisador. Acredito que, por meio desse aspecto, a referida autora nos mostra que a pesquisa social nasce dessa relação e cuidar dela e pensar sobre ela é fundamental, pois as próprias narrativas das pessoas pesquisadas acabam refletindo a dimensão desse encontro.

No curso da pesquisa, tive o privilégio de conhecer histórias íntimas, delicadas e emocionadas das vidas das protagonistas destas páginas. Até mesmo algumas histórias que elas preferiam guardar somente para si ou para um grupo seleto de pessoas de sua extrema confiança elas acabaram me contando. Muitas vezes, durante nossos diálogos, elas expressavam com o tom surpreso, cúmplice ou confidente frases como essas: "Puxa! Eu nunca conversei esse assunto com ninguém"; "Jamais falei sobre isso"; "Poucas pessoas sabem sobre o que aconteceu"; "Eu já tinha enterrado esse assunto". Elas se sentiam a vontade para falar sobre os mais diferentes assuntos como família, amor, beleza, sexo, mídia, trabalho, lazer, política, economia, arte. Faziam isso de formas distintas, dependendo do contexto e da experiência de cada uma.

Essa espontaneidade, no entanto, por parte delas foi uma coisa nada fácil de conquistar. Para que elas confiassem em mim, eu precisei ser digna dessa confiança. Fiz-me presente em seus cotidianos, tratando-as sempre com zelo e cuidado, respeitando o tempo, o ritmo, a forma de se construir de cada uma. Sempre estive aberta ao diálogo e à aprendizagem com elas. E foi assim que estabelecemos uma relação de confiança necessária para se falar das coisas íntimas. As narrativas que elas me concederam acabam, de certa forma, sendo fruto dessa relação fecunda que construímos.

Ao recompor suas narrativas, pareciam reviver – por meio das lembranças – emoções de suas perdas e conquistas, dores e alegrias, projetos alcançados e fracassados. Ora relembravam um momento da relação com seus corpos do qual gargalhavam, sorriam, sentiam saudade e seus semblantes expressavam satisfação. Ora travavam em minha frente

um embate contundente com suas lembranças, revivendo momentos de dores que viveram nas suas relações com seus corpos, expressos em semblantes transparecidos de dor.

As protagonistas desta pesquisa, não narraram suas vivências somente com as palavras. Elas narraram com o olhar, com a respiração ora leve ora pesada, com o movimentar suave ou frenético dos braços, com o arquear ou franzir de sobrancelhas, com todos os músculos de sua face, com suas lágrimas e com seus sorrisos, com as batidas impacientes dos seus pés ou das mãos, enfim, com todo o corpo. Desse modo, para compreender suas narrativas, não bastava somente ficar atenta às vozes que facilmente eram captadas pelo gravador, mas era imprescindível estar atenta ao que era impossível de se registrar num gravador: os movimentos de todo o seu corpo. Para isso recorri às idéias de Laban (1978), um especialista no estudo dos movimentos humanos.[4] Procurei analisar as narrativas das praticantes de musculação não só por suas palavras, mas por meio do movimentar de seus corpos.

Confesso que diante daquelas mulheres que me contavam – com as palavras e com os movimentos de seus corpos – o que há de mais precioso para elas: suas intimidades, seus sonhos, suas dores, suas alegrias, enfim, suas vidas, eu não ficava indiferente, neutra, imune. Eu sorri com elas e chorei com elas. Eu as abracei quando pareciam pedir isso com o olhar, eu partilhei com elas. Agi como Malinowski (1978) ao navegar juntamente com os trobriandeses em suas canoas, que tinham uma grande importância na vida dessa coletividade (a navegação costeira, a pesca e a navegação em alto mar) e eram consideradas pelos nativos "[...] uma conquista admirável e quase miraculosa, um objeto de rara beleza." (MALINOWISKI, 1978, p. 87). Malinowiski não só observou de longe, indiferente, o fluir dos trobriandeses e das canoas sobre as águas. Ele navegou com eles, nas canoas e na vida. Como Geertz (1989), que correu junto com os balineses de uma polícia armada com metralhadoras que tentava impedir a briga de galos, que, mesmo ilegal, era um evento de grande valor e estima para aqueles aldeães. Penso que o fato de Malinowski (1978) ter navegado com os trobriandeses e de Geertz (1989) ter corrido junto com os balineses não atrapalhou o rigor e a objetividade de suas pesquisas, ao contrário, o fato de terem partilhado o cotidiano com seus pesquisados só possibilitou a esses estudiosos oferecer, em seus trabalhos, uma compreensão mais acurada sobre a vida daquelas pessoas. Assim, chorar, sorrir, abraçar, dançar, partilhar refeições, sair para dançar, para realizar exercícios físicos, ir

[4] Laban (1978), que busca uma apreciação e compreensão da significação do movimento humano. .Segundo ele pode-se alcançar um entendimento profundo das pessoas e de seus sentimentos, atitudes, vivências e singularidades e contextos sociais pela observação de suas movimentações corporais.

ao cabeleireiro junto com as praticantes de musculação constitui, no meu entender, um dos elementos mais ricos que viabilizaram a escrita destas páginas. Sobre as emoções pertinentes aos nossos encontros, trazia comigo um ensinamento muito precioso de Bertaux:

> Não tema diante das emoções do sujeito e deixe que apareçam as suas, mas controlando suas manifestações. Essas emoções nunca são gratuitas e sim um sinal de que se há evocado algo importante. A carga emocional é também uma carga de significado. Sempre haverá tempo, na hora da análise, de distingui-la e valorá-la. (2005, p. 69, tradução nossa).

Quando Laplantine (1995, p.169, 170) diz, se referindo aos pesquisadores: "Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos" estou de pleno acordo. Sujeitos que aprendem com sujeitos. Nesse sentido, Corroboro Paiva (2007, p. 37), quando nos convida a questionar aquele modelo de pesquisa de campo que "consiste em observar e recolher dados, como quando se vai a um super-mercado se retira da prateleira os produtos buscados. (PAIVA, 2007, p. 37) Ele mostra como é frutífero para a pesquisa a aproximação dos pesquisados. Uma "[...] aproximação intensiva, trocando mercadorias, traficando blocos de desejos, emprestando-se a afecções, engendrando devires e experimentações no contato com os entrevistados." (PAIVA, 2007, p. 37). E enfatiza sobre a importância do pesquisador estar sempre extirpando de suas certezas, exercitando uma distância sobre as evidências.

Ressalto que outro aspecto importante das narrativas biográficas é que tanto pesquisador e pesquisado acabam apreendendo, no momento dessa experiência de fala e escuta, reflexões para a vida. É uma experiência que possibilita a ambos pensar sobre os caminhos que trilharam. Os envolvidos na pesquisa acabam pensando sobre si, sobre suas relações com o outro e com o mundo que os cerca. Pesquisador e pesquisado aprendem com essa experiência. E os aprendizados são os mais diversos possíveis, depende do que cada um apreendeu sobre aquela experiência. Uma das protagonistas desta pesquisa falou: "Vanessinha, é engraçado que quando a gente fala das coisas da gente a gente passa a se conhecer melhor". Outra me revelou: "Menina de Deus, quando eu paro pra falar assim da vida eu vejo que eu já penei muito. Eita! E o pior é que o passado é um bicho danado porque não dá pra mudar nem a pau. Mas o futuro..."

Quanto a mim, posso dizer que essa pesquisa também foi um passo importante para que eu me conhecesse melhor. Afinal os temas – corpo, velhice, sexualidade, família, trabalho, maternidade – que as mulheres traziam em suas narrativas fazem parte da minha fascinante aventura humana que é viver. Obviamente, quando terminavam os nossos

encontros, sabíamos que novos capítulos de nossas narrativas biográficas começariam a ser escritos, mas arrisco dizer que os nossos encontros também teriam influências sobre esta escrita.

Este processo reflexivo não fica restrito somente ao pesquisador e ao pesquisado. Um dos aspectos mais instigantes das narrativas biográficas é que as vivências que as pessoas pesquisadas partilham e as reflexões dessas vivências, realizadas tanto pelo pesquisador como pelos próprios pesquisados, podem iluminar outras reflexões de tantas outras pessoas que trazem consigo questões semelhantes. Se o leitor, percorrer comigo estas páginas e encontrar a possibilidade de aprender com as experiências dessas mulheres e aprender algo sobre o contexto delas, que também é nosso, eu me sentirei imensamente realizada, pois acredito que isso constitui a importância maior de uma pesquisa que, em minha opinião, é um processo de construção do conhecimento que se destina a viabilizar a vida ou permitir pensar sobre ela.

Outro procedimento fundamental na metodologia que elegi se refere à transcrição das narrativas. Bertaux (2005) orienta que o pesquisador escute várias vezes as narrativas e depois de transcrevê-las recomenda que realize uma minuciosa revisão. Ele aconselha: “Ao escutar de novo as narrativas e ao reler o texto da transição, o pesquisador acrescentará as palavras que estão faltando e indicará os silêncios com a sua duração e as entonações.” (BERTAUX, 2005, p.75, tradução nossa). Procurei seguir à risca essa orientação, lembrando e valorizando em todo o curso da pesquisa um ensinamento de Malinowiski (1978), a importância de se fazer um relato honesto de todos os dados e de se praticar a sinceridade metodológica.

Vale mencionar que as narrativas foram transcritas exclusivamente por mim. Não quis que outra pessoa tivesse acesso às falas das pesquisadas sem que consentissem e além do mais penso que o ato de transcrever as narrativas é um ato de profunda reflexão que ajuda ao pesquisador no processo de feitura do texto.

Depois de as narrativas serem devidamente transcritas, elas voltaram para as mãos das protagonistas desta pesquisa. Procurei deixá-las à vontade para tecer opiniões e fazerem modificações. O meu intuito é que elas se reconhecessem no texto. Afinal, tratava-se nada mais nada menos do que parte de suas vidas em forma de texto. A opinião e permissão delas era uma condição imprescindível para a realização desta pesquisa. O leitor perceberá que registrei literalmente os depoimentos das entrevistadas, não suprimindo possíveis inadequações lingüísticas. O modo como falam expressa também suas vivências, suas particularidades. As mudanças realizadas ocorreram para satisfazer o desejo de algumas entrevistadas que – tendo acesso às transcrições – quiseram modificar alguns registros.

Caminhantes

Somos nós que fazemos a vida como der, ou puder, ou quiser.
(Gonzaguinha)

Considero fundamental expressar que a inteireza da vida das seis protagonistas desta pesquisa não podem ser reduzidas aos relatos que se encontram neste presente texto. Afinal, por maior que seja o número de páginas, ele sempre será insuficiente para contar essa grande aventura que é a história da relação de um ser humano com seu corpo. Não é algo a que se possa dar um ponto final, pois, como ensina Guimarães Rosa (2006, p. 94), por meio do aguerrido Riobaldo: "Viver é etecétera..." Assim, apresento essas mulheres dignas de todo meu respeito e consideração.

Rubi, cratense, 61 anos, 1,70m de altura, 60kg, cabelos loiros dourados, tingidos regularmente para disfarçar os fios cor de prata. Outro dia, contou, com um risinho maroto, que sua cabeleireira constatou que, à medida que envelhecem, as mulheres se tornam louras... Suas madeixas têm um corte chanel, com base reta e sem franja. Fios impecavelmente penteados e tratados com o que há de melhor e mais caro no mercado da beleza capilar. A pele, muito branca, é diariamente protegida tanto por um filtro solar fator 50 como por um hidratante, que passa em abundância já que sua tez tornou-se seca com o passar dos anos. Rosto com formato triangular, maçãs faciais marcadas e coradas, olhos pequenos da cor de mel, nariz comprido, com a pontinha levemente caída, a qual pretende remodelar por meio uma plástica, os lábios finos e delicados. O tempo esculpiu marcas em seu rosto, em seu pescoço e em suas mãos. Ela não se desespera com isso. Costuma dizer que é "[...] um mapa das tristezas e alegrias que viveu", mas, ao mesmo tempo, compra tudo que mandam e tudo o que ouve dizer que é bom para viver mais e para ficar mais bonita. Sua voz é suave, fala baixinho e compassadamente, como se estivesse sentindo o sabor de cada palavra. Ela é tímida, mas expõe suas idéias com eloqüência e segurança. É uma mulher forte. Seu modo de mover o corpo é muito sereno. Seus gestos são calmos e contidos. Disse que aprendeu a ser assim desde pequena com o pai, um abastado fazendeiro do Crato, e com a mãe, uma mulher talhada para ser a esposa e a mãe perfeitas. Eles diziam que uma menina direita não podia ser espalhafatosa. Aprendeu a ficar mais reservada e contida no convento onde viveu 35 anos de sua vida.

Adorava a vida de noviça, plena de oração e introspecção. A única coisa que a fazia sofrer era abrir mão da vaidade. Em nome desse pecado capital, ela levou inúmeros

castigos das mestras que coordenavam a congregação. Vale mencionar que, apesar de procurar seguir as exigências da congregação, Rubi discordava de certas questões. Pedia explicações sobre algumas regras e, muitas vezes, era duramente repreendida por isso. Sua vocação era sempre questionada pelas mestras e outras noviças, que diziam ser uma questão de tempo seu abandono da vida religiosa. Rubi provou que não era bem assim.

As freiras só podiam sair do convento para prestar algum trabalho comunitário. Rubi começou a trabalhar numa escola. Com algum tempo de serviço, fez um curso de Pedagogia. Depois de formada, fez especialização em Psicomotricidade. Devido à sua dedicação e competência, ela tornou-se vice-diretora da escola e, depois, diretora. O Estado a remunerava, e ela doava todo o seu salário para a congregação.

Durante muitos anos, manteve um trabalho voluntário que desagradava às irmãs. Ajudava jovens que engravidavam à revelia da família e, em alguns casos, ela tentava encontrar pessoas que adotassem a criança. Ela disse que, no fundo, sempre quis ser mãe, e o trabalho refletia esse desejo. Em um desses casos, Rubi se afeiçoou irremediavelmente à criança e decidiu ser mãe. Conta que foi uma “gestação espiritual”. A adoção da menina, Carol, foi feita quando Rubi ainda era freira, o que causou um alvoroço na congregação. Apesar do tumulto que adoção causou, ela continuou lutando por sua permanência. A menina era conhecida no colégio como a “filha da freira”.

Ela relata que, com o passar do tempo, sentiu-se um pouco cansada com as severas críticas da congregação e sentiu-se abalada pelos preconceitos que Carol sofria. Em razão disso, começou a amadurecer a idéia de iniciar uma nova etapa em sua vida saindo da congregação. Atualmente, Rubi e Carol moram na Aldeota, num confortável condomínio com dois apartamentos por andar.

Rubi está aposentada. É afeita a trabalhos sociais. Aprecia muitíssimo música erudita e, para se divertir, freqüenta bailes de dança de salão. Inclusive, está fazendo aulas de dança para brilhar e rodopiar nos bailes da vida. Orgulha-se porque seu professor de dança disse que, para uma bailarina principiante, ela tem bastante ritmo e leveza.

Rubi freqüenta com assiduidade a academia. Pratica musculação com disciplina e empenho. Almeja emagrecer uns quilos e se incomoda intensamente com sua gordura abdominal. Acha belíssimas as atrizes Beth Farias, Vera Fisher, Glória Meneses, que, em sua opinião, “[...] são como vinho, o tempo passa e elas ficam melhores”.

Além da musculação, ela faz aulas de hidroginástica. Geralmente é a primeira a chegar à piscina, muito antes da professora e das outras participantes da aula. Ela tira o roupão e, com o seu discreto maiô azul-escuro e sua touca com desenhos de flores, entra em

contato com a água. A piscina é coberta, mas não impede que os raios de sol entrem pelas laterais da cobertura e iluminem seu rosto e corpo branquinhos, cheios de marcas da vida. Ela não fica se exercitando, agitada. Seus movimentos são suaves, quase imperceptíveis.

Esse movimento geralmente é interrompido pelas outras sereias (um grupo de senhoras que freqüenta aulas de hidroginástica), que chegam frenéticas e radiantes. Cumprimentam umas as outras e logo começam a partilhar a vida. Conversam sobre os bailes, família, doenças, alegrias, dissabores, enfim, sobre a vida. Fica evidente que elas gostam muito de Rubi e querem que ela redescubra "[...] os prazeres do namoro", depois de 35 anos de convento. Com suas brincadeiras, seus convites, seus apoios, "as meninas" estão fazendo Rubi abandonar seus medos, suas restrições, os modos de agir e pensar que absorveu em anos de vida religiosa. Cada batom que Rubi passa, cada mínimo decote que usa, cada modificação que faz nos cabelos, cada sorriso descontraído que ela dá é comemorado por todas que querem vê-la feliz nesse novo caminho que escolheu.

Não são só suas amigas que querem que ela redescubra os prazeres do namoro, ela também quer, mas é extremamente exigente no quesito relacionamento. Diz, enfaticamente, que não pode ser qualquer pessoa "[...] tem que ser alguém especial. Um homem distinto, elegante, de boa formação, que saiba me dar valor e me tratar com respeito e carinho".

Mostra-se extremamente vaidosa e cuidadosa com sua aparência física. Sua *nécessaire* impressiona pela variedade e quantidade de produtos de beleza.

Safira, fortalezense, 45 anos, 1,64m de altura, 82kg, cabelos castanhos cortados na nuca, uma tez tão clara de quem sempre evitou o sol que, em sua opinião, causa envelhecimento precoce. O nariz afilado, os lábios finos em meio a um rosto arredondado que, apesar dos cremes rigorosamente utilizados todos os dias, já mostram algumas acentuadas linhas de expressão. Olhos amendoados, castanho-escuros, com brilho expressivo que se destaca atrás das lentes de seus óculos. Ela é dona de uma voz firme e incisiva. Seus gestos parecem talhados pelas aulas de etiqueta que recebeu quando criança. Exigência de sua mãe, uma exímia professora de piano, e de seu pai, um profissional bem sucedido no ramo imobiliário, que sempre sonharam em torná-la uma dama. Não só ela, mas também suas duas irmãs.

Safira casou-se aos 19 anos. Tem dois filhos, uma moça de 20 anos e um rapaz de 17 anos. Está separada há dois anos. Ela mora com os filhos num luxuoso condomínio situado na Aldeota: um apartamento por andar, piscina, quadra poliesportiva, sala de musculação, sauna, sala de jogos. Formou-se em direito e administração, mas escolheu esta última formação para direcionar a energia de sua vida. Ela é empresária do ramo imobiliário.

Ela aprecia muito as músicas do Chico Buarque. Diz que cada momento de sua vida, seja alegre, seja triste, é embalado por uma das canções desse músico brasileiro. Ama viajar e faz isso sempre que sua agenda permite. Conhecer lugares, pessoas e costumes diferentes a deixa muito feliz. Outra atividade que lhe proporciona muita alegria é ir ao cinema e ao teatro. Também gosta de ler. Apaixonada por Shakespeare, confessa não abrir mão da assinatura da revista *Boa forma*.

Safira, que chegou a pesar mais de 100 quilos, trava uma batalha contra a obesidade desde a infância: remédios, dietas, cosméticos nacionais e importados, exercício físico, SPA. Ela incorporou o exercício físico em seu cotidiano desde criança. Atualmente, é uma praticante de musculação assídua. Sempre está na esteira por volta das 8h da noite e permanece ali por, no mínimo, uma hora. Depois, sai pela academia, faminta por contatos. Ela tem uma intensa capacidade de reunir, em sua volta, pessoas – muitos param e conversam com ela. Safira comenta a importância desses laços firmados na academia: “Sou uma freqüentadora antiga e considero muita gente ali parte da minha família. Aconselho, dou a mão, cuido e sou cuidada por eles”.

Recentemente, precisou afasta-se um pouco da musculação, pois se submeteu a uma cirurgia de redução do estômago.

Ametista, 42 anos, são joense, 1,70m de altura, 58kg, cabelos loiros escuros, com uma franja curta, lisos e compridos, com as pontas levemente cacheadas. Ao longo das madeixas, destacam-se mechas finas em tons loiros mais claros. É comum vê-la orgulhosa a balançar e a mexer seu *mega hair* produzido em seu próprio salão de beleza. Apresenta uma pele branca e avermelhada. Para seu tormento, possui sardas, contra as quais ela luta para torná-las imperceptíveis. Para isso, usa toda sorte de cosméticos. O rosto tem formato oval, os olhos são grandes e agateados, o nariz é comprido e afilado, a boca é grande e os dentes, amarelos, efeito do cigarro que, sem muito sucesso, planeja constantemente abandonar, pois em sua opinião, compromete a beleza de sua tez. Para compensar os danos do cigarro, utiliza, com regularidade, receitas caseiras para o rejuvenescimento, limpeza e refrescância da pele. Aveia, massa de milho, iogurte, mel e até banana entram na composição das tais receitas. É daquelas que ficam horas com legumes cortados sobre o rosto. É extremamente cuidadosa com sua aparência física. Voz estridente, exaltada e rápida. Tem um jeito expansivo de agir. Gosta de se expressar em alto e bom som e faz questão de que sua opinião prevaleça. Faz amizade com facilidade. Aonde chega – parada de ônibus, padaria, mercearias – vai logo puxando conversa. Tem um sorriso largo e, desde que ninguém discorde dela, é muito bem humorada.

Ela cursou até o primeiro normal.[5] Em toda sua trajetória escolar, ganhou muitos títulos de beleza como “mini-miss”, “a mais bela da classe”, “a mais bela estudante”, “a beleza são joense”, para a alegria de sua avó, que a disciplinava com rigor para que cuidasse da aparência e a incentivava a participar dos concursos de beleza. Desejava com intensidade que sua neta fosse *miss*. Ametista foi praticamente criada pela avó, pois seu pai vivia dia e noite na roça e a mãe era uma renomada parteira da região, viajando constantemente para “aparar os meninos”. Ametista acabou deixando os estudos. Apaixonou-se perdidamente. O namoro não tinha o apoio da família. Então, ela fugiu de casa para viver o seu romance que, diferente do que ela imaginava, não durou para sempre. Casou-se três vezes e ainda continua tentando um novo relacionamento.

Do primeiro casamento, teve dois meninos. Já do segundo teve uma menina. Ela e os três filhos moram no bairro São Cristóvão[6] numa casa de tijolos, forrada, com cinco cômodos que possivelmente passarão a ser seis, já que o filho mais velho pretende casar e ela está se esforçando para ajudá-lo com as despesas da construção de um puxadinho. Na sala dessa habitação funciona o salão de beleza de Ametista, de onde tira a maior parte da renda para a sobrevivência da família.

No salão, são oferecidos inúmeros serviços: depilação, modelagem de sobrancelhas, serviço de manicure e pedicure. Ametista faz todos esses serviços com a maior dedicação. Lá existe um famoso caderno de fiados, assim como a maioria das mercearias do conjunto São Cristóvão, o que, às vezes, ocasiona sérias “dores de cabeça” na proprietária do salão. Para complementar a renda, ela vende cosméticos.

Essa especialista em embelezamento tem muito orgulho de sua profissão e diz que faz verdadeiros milagres em suas clientes. Ametista incentiva as mulheres a cuidarem de sua aparência. Ela afirma que a beleza abre muitas portas em todas as áreas da vida. Não admite que uma mulher seja gorda, tenha um cabelo mal cuidado. Para ela isso é sinônimo de preguiça, desleixo, incompetência.

Pratica musculação diariamente. Costuma “malhar” por volta das 19h, quando fecha o salão. Acredito que ali começa seu novo expediente, porque ela sempre chega munida com as revistas da *Avon*. Ela praticamente obriga as praticantes de musculação a pedir algum produto. Notei, ainda, que está sempre dando um diagnóstico sobre os fios de cabelo de cada uma delas, sugere hidratação, novas cores, produtos e, de quebra, sempre convence a maioria

[5] Ela explicou-me que o primeiro normal equivale atualmente ao primeiro ano do ensino médio.

[6] O conjunto São Cristovão, assim como o conjunto Palmeiras, está situado no Jangurussu. Este conjunto habitacional foi construído no inicio da década de 1990. Muitos moradores sofrem com problemas de infra-estrutura, dentre eles, a falta de uma rede de esgoto e a má iluminação.

delas a freqüentar, semanalmente, o seu salão. Mas engana-se quem pensa que ela vai para a academia só para garantir sua clientela. Ele leva o exercício físico muito a sério. Além da musculação, é assídua nas aulas de ginástica localizada, onde se esforça para perder a saliência no abdômen que a incomoda muitíssimo. Um de seus objetivos principais é perder 4kg. Ela afirma que só se sentirá realmente feliz quando perdê-los. Com este intuito, ela costuma comprar roupas com a numeração menor do que a sua numeração atual. Assim, diariamente, ao abrir o guarda-roupa, ela renova sua vontade de ficar mais magra para vestir os modelos.

Para se divertir, ela gosta de ir à praia, à seresta, à churrascaria e a festas de forró. Costuma fazer jejum e tomar laxantes nas vésperas das ocasiões especiais no intuito de ficar com a silhueta mais esbelta para esses momentos. É, também, amante das canções românticas. Canta junto, sem pestanejar, nem um pouco preocupada se a voz é afinada ou não.

Apesar das mudanças que quer produzir em seu físico, ela acredita ser uma mulher bonita e se valoriza muito. Certa vez me disse: “[...] eu penso assim: primeiro eu, segundo eu, terceiro eu, quarto eu e quinto sabe quem é? (Perguntei: quem?) Minha foto!”

Pérola, fortalezense, 28 anos, 1,62m de altura, 78kg, cabelos nuance preto-azulado, na altura do ombro, com cachos bem volumosos que, diariamente, são definidos com a ajuda de gel. As madeixas estão quase sempre presas no penteado rabo-de-cavalo. Ficam soltas ao vento apenas em dias de festa e em ocasiões especiais, quando ela vai ao salão de beleza e passa horas a esticar seus cachos ao calor intenso do secador e da prancha. É dona de uma tez morena, como gosta de dizer marrom-bombom, rosto quadrado, olhos negros marcantes e altivos, o nariz levemente achatado, os lábios muito grossos. Ela tem uma covinha na bochecha que fica bem acentuada quando sorri. Sente-se orgulhosa do seu rosto sem rugas e espinhas e conta que desde 25 anos esforça-se para comprar os cremes que, acredita, evitam as marcas do tempo. Em seu rosto só há uma coisa que a incomoda: a papada.

Sua voz tem um tom grave. À primeira vista, parece uma pessoa enérgica e lacônica. Só à primeira vista, pois basta que ela faça amizade para começar a tagarelar, emendando com entusiasmo um assunto no outro: “É o tipo da coisa, eu não fico mostrando os meus dentes pra todo mundo, mas quando eu gosto, eu gosto, viro uma manteiga”.

Pérola mora no conjunto Palmeiras com seu filho de sete anos, os pais e dois irmãos numa pequena casa de tijolos, forrada, pintada, com quatro cômodos. Essa casa é motivo de orgulho para ela, que vive a contar a história da sua construção, que passa pela história de vida de seus pais. Relata que os dois, quando eram adolescentes, moravam na zona rural da cidade de Crato. A mãe era uma estudante. O pai, um trabalhador da roça.

Conheceram-se e apaixonaram-se intensamente. A família dela não aceitou o namoro. Assim, cheios de sonhos e expectativas de viverem esse amor e de construírem uma vida melhor decidiram “fugir de casa”. Migraram para Fortaleza e vieram parar na periferia da capital cearense. Enfrentaram sérias dificuldades para garantir a sobrevivência e habitaram, por muitos anos, uma casa de taipa e papelão, que só tinha um cômodo. Posteriormente, o rapaz começou a trabalhar na construção civil como pedreiro. Saía de madrugada e só retornava à noite. Como fruto desse trabalho, conseguiu reformar a casa que, atualmente, Pérola habita.

Aliás, uma casa bastante movimentada, pois, além dos próprios moradores, os outros oito irmãos de Pérola, habitantes da vizinhança, constantemente estão por lá. Fazem refeições, trocam um dedo de prosa, pedem auxílio à mãe para que fique com os netos, dentre outras solicitações. Hoje, quem sustenta a casa são as mãos da mãe de Pérola. Mãos que fazem bolos e salgados que um dos irmãos de Perola sai a vender numa bicicleta. Mãos que tecem lindos bordados postos à venda na barraca de uma amiga da família na Feira do São Cristóvão.[7] Mãos que limpam, varrem, enceram, cuidam das casas de família no trabalho de diarista. O pai de Pérola parou de ajudar nas despesas desde que sofreu um sério acidente de trabalho que o deixou paralítico.

Pérola cursou até a oitava série. Tinha iniciado o ensino médio quando, aos 21 anos, engravidou e decidiu abandonar os estudos. O pai de seu filho foi embora para o interior, recusando-se a assumir a paternidade. Ela conta que ficou desesperada, “[...] pois nem em sonho” desejava engravidar. Considerava-se muito jovem e temia as mudanças que a gravidez poderia ocasionar em seu corpo.

Ela não só abandonou os estudos como evitava ao máximo sair de casa. Isso aconteceu porque sentia profunda vergonha das mudanças que a gravidez ocasionou em seu corpo: estrias, aumento dos seios, ganho de peso, acne. Após o nascimento do bebê, Pérola desencadeou um processo ainda mais intenso de ganho de peso.

Pérola se entristeceu intensamente com as mudanças no corpo. Até porque o cuidado com a aparência física sempre ocupou um lugar importante em sua vida. Conta que, desde menina, sentiu a necessidade de cuidar do seu físico, pois a maioria dos membros da sua família materna tinha tendência para engordar. Nas palavras dela: “Eu me lembro que eu, pequena, menina véia, sei lá, com 9, 10 anos, rezava pedindo a Deus pra ele não me deixar ser gorda como minha mãe e minhas tias.”

[7] Aos sábados, ocorre, ao redor da lagoa de São Cristóvão, uma grande feira. Inúmeras pessoas armam suas barracas e vendem uma variedade imensa de produtos. É um evento bastante freqüentado, principalmente pelos moradores do bairro e adjacências.

Com 14 anos, passou a freqüentar a academia diariamente. Com toda disciplina, conquistou um corpo magro, esculpido pelo exercício físico. Um corpo que, segundo ela, causava um verdadeiro burburinho na vizinhança. Em suas palavras: “Ei! Eu era muito sarada. Sem mentira, era só eu botar meu pé pro lado de fora de casa que começava as cantadas: era gostosa pra cá, linda pra lá. Eu chamava muita a atenção. Tudo que era homi olhava pra mim.”

Devido às mudanças que a gravidez acarretou em seu físico, Pérola permaneceu um bom tempo reclusa em sua casa. O que a fez mudar de atitude e sair de casa foi a necessidade de trabalhar. Ela não suportava mais o fato de acompanhar diariamente a dificuldade de sua mãe para garantir a sobrevivência da família, nem ver seu filho precisando de alimentos, roupas, remédios e não ter condições para comprar.

Atualmente, Pérola é diarista. Como sua mãe já se sentia cansada para fazer diárias, conversou com as donas das casas em que trabalhava para que Pérola ocupasse o seu lugar. Ela também trabalha como sacoleira. A academia que freqüenta é um de seus pontos de venda. Por volta das 19h é comum vê-la entrando na academia com sua bolsa de encantos. A bolsa é uma verdadeira loja ambulante, sortida de tudo que faz os olhos das praticantes de musculação brilharem: maquiagens, roupas, *lingeries*, cosméticos e tantas outras coisas que mexem com os desejos de uma freguesia feminina extremamente vaidosa. Logo que atravessa a soleira da porta da academia, provoca um alvoroço de mulheres em torno dela. Algumas querendo uma roupa nova para o final de semana, outras um creme milagroso que as façam ficar lindas imediatamente, algumas interessadas em uma nova cor de batom, outras querendo uma *lingerie* para uma noite especial. Uma das razões para esse sucesso é sua caderneta de vendas fiado, que permite a satisfação rápida dos desejos de consumo da vaidosa freguesia. Uma outra razão é sua desenvoltura para vender os produtos. Além de conseguir atender todas aquelas mulheres ao mesmo tempo, ela conhece, minuciosamente, o gosto de cada uma. Tira da bolsa o artigo que, com certeza, será irresistível aos olhos de cada uma das freqüentadoras da academia.

Mas ela não vai para a academia simplesmente para vender. Pratica a musculação com empenho todos os dias. Para ter seu corpo de volta, além de se exercitar muito, ela consome remédios sem receita médica, pratica regimes severos e aos sábados de manhã cedinho costuma deixar seu filho com a mãe e faz longas caminhadas sem destino, embaixo do sol escaldante, no intuito de perder calorias. Leva uma garrafinha de água consigo e só retorna perto da hora do almoço.

Para se divertir, Pérola gosta de ficar em casa brincando com seu filho e lendo revistas sobre signos, saúde, corpo e beleza. Tem uma coleção dessas revistas. Esforça-se para comprar pelo menos uma todo mês. Aprecia muito assistir a novelas. É daquelas que acompanha com fervor cada capítulo. Tece comentários em cada cena, elogiando a beleza da protagonista, criticando as maldades do vilão, sofrendo com os dissabores dos personagens como se tivesse acontecendo com ela ou com alguém da família. Ela também gosta muito de assistir a filmes. É uma das clientes mais assíduas da locadora de seu bairro. Lá, qualquer filme pode ser alugado por R$ 1,00 (um real). Os de amor são os seus prediletos e, como o acervo não é tão grande, ele acaba alugando o mesmo filme muitas vezes. Inclusive, revela que, quando faz suas longas caminhadas, pensa no físico das atrizes desses filmes, pois leu numa revista que é importante mentalizar o corpo que se quer ter para conquistá-lo.

Ela tem uma coleção de conchinhas do mar. Diz-se apaixonada pelo mar. Caminhar pela praia e catar conchinhas era uma das coisas que mais gostava de fazer na vida. Atualmente, ela parou de ir à praia, pois tem vergonha do corpo. Sua coleção de conchinhas não pôde avançar.

Cristal, 25 anos, 1,62m de altura, 57kg, cabelos lisos e vermelhos acobreados, comprimento um pouco abaixo dos ombros, mechas desconectadas e uma franja na altura do queixo. Pelo menos estava assim da última vez que a vi. Com Cristal nunca se pode afirmar com exatidão o tipo, a forma e a cor dos seus fios de cabelo, já que ela os modifica constantemente. Eles já foram castanhos, pretos e até rosa choque. Ela gosta de se definir da seguinte maneira “Eu sou mutante”. A pele é clara, com um tom rosado. Olhos grandes e castanhos, o nariz pequeno e um tanto largo, os lábios cheios e vermelhos em meio a um rosto de formato oval, sempre maquiado. Sua voz é melodiosa. Fala baixinho, mas, quando se empolga, emenda uma palavra à outra com uma rapidez espantosa. Ela possui um jeito calmo de se expressar e de se mover. Contou-me que costumam identificá-la como Emo[8]: “É incrível como lá no trabalho eu ganhei o apelido de emo. Acho muito engraçado isso, mas eu não sou, apesar de ter coisas em ‘comum’...”

Cristal é estudante universitária e trabalha em projetos sociais com jovens em situação de vulnerabilidade social. Ela se sente inconformada com as desigualdades. Não só

[8] O termo *emo* significa (abreviação do inglês *emotional*) um gênero de música derivado do hardcore. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário *punk* de Washington, DC, que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual. *Emo*, no sentido mencionado por Cristal, é uma característica de adolescentes que compartilham música, comportamento geralmente emotivo e também visual, que consiste, em geral, em trajes pretos, listrados, *mad rats*, cabelos coloridos e franjas caídas sobre os olhos. (EMO. Disponível em: < http://www.ocarreteiro.com.br/modules/cargas perigosas.php >. Acesso em: 14 out. 2006.)

pelo fato de se comover com as experiências duríssimas que os jovens com quem trabalha vivenciam em seu cotidianos – atendimento médico precário, escolas com ensino de péssima qualidade, escassez de oportunidades de trabalho –, mas porque ela também vivenciou muitas delas. Diante disso, procura contribuir com seu trabalho para que essa realidade mude. Apesar dos desânimos que às vezes sente, ela continua a batalha.

Em seu trabalho, além de lutar em prol de uma vida mais justa, ela garante uma apertada renda para custear seus estudos e ajudar seu pai, funcionário público, a sustentar a casa, situada num bairro de periferia. Nela, além dos dois, também moram sua mãe, que administra a casa, e sua irmã mais nova, que é estudante.

Cristal é uma mulher que ama artes plásticas e aprecia teatro e cinema. Gosta de passar horas ouvindo música, as do Zeca Baleiro a fazem sonhar. Lê muito e com prazer, está sempre com um livro novo debaixo do braço. Escreve poesias.

Recentemente, ela retornou às atividades sociais (estudo, trabalho, lazer), pois ficou um tempo reclusa, uma vez que estava se sentindo feia para sair de casa. Mas as demandas de sua vida falaram mais alto, e ela decidiu enfrentar as ruas.

Ela sente-se insatisfeita com seu físico. Isso acontece desde a adolescência, quando iniciou uma luta para perder peso. Tomou litros e litros de vinagre, se exercitou em excesso, fez dietas radicais, tomava laxante, o que prejudicou seriamente sua saúde física e psicológica. Os cuidados de Cristal com o corpo não se restringiam à questão da alimentação. Ela se banhava e se perfumava demasiadamente. Além dos cosméticos sentia uma vontade desenfreada de comprar roupas, sapatos e sandálias.

Atualmente, ela continua na luta para emagrecer. Disse que voltará a tomar vinagre, não em doses exageradas. Tentará fazer uma reeducação alimentar e exercício físico.

Esmeralda, fortalezense, 17 anos, 1,67m de altura, 55kg, cabelos loiríssimos, lisos e compridos, cortados em camadas com desfiado na lateral e com uma franja que acompanha o comprimento das madeixas. Estas são uma produção dela, e não da natureza, que lhe concedeu fios castanhos e um tanto crespos. O rosto afilado, com algumas espinhas, o nariz levemente arrebitado, os lábios grossos, sempre pintados de *gloss*. Os olhos são arredondados e, por ora, pretos, já que, assim que puder adquirir as lentes de contato, eles passarão a ser azuis. Geralmente, usa roupas mínimas, que exibem seu corpo esculpido pelos exercícios físicos, cheio de curvas e com uma barriga chapada, sem saliência. Sua pele é moreno-pêssego, está sempre bronzeada, mostrando as marquinhas do biquíni. Quando não pode ir à praia para manter o bronze, toma sol no pequeno quintal de sua casa. Sua voz é aguda e estridente. Quando fala, gesticula muito. Expressa-se por meio de gírias. Costuma cantar

trechos de músicas de forró, *funk* ou *rap* para contar os acontecimentos de sua vida. Difícil vê-la quieta. Está sempre para lá e para cá, andando com muita segurança, como quem desfila e, a todo instante, mexendo os cabelos e mascando chiclete.

Esmeralda mora no conjunto Palmeiras[9] com a mãe e com os dois irmãos – um homem de 35 anos e uma mulher de 29 anos, que é mãe de um garoto de 12 anos. A mãe de Esmeralda, diariamente debruçada sobre uma máquina de costura, garante o sustento da casa de tijolos, composta de quatro pequenos cômodos ainda por terminar. O irmão, que exerce a profissão de galego[10], ajuda um pouco nas despesas domésticas, porque sua renda mensal é quase toda destinada ao pagamento das pensões alimentícias de seus quatro filhos. Quando Esmeralda ainda era uma menininha, seu pai foi preso por tráfico de drogas. Assim que ele saiu da prisão, abandonou mulher e filhos. Nunca mais deu qualquer notícia.

A moça cursa a sexta série numa escola pública. Conta que só estuda nas vésperas das provas, mas que é esperta e sempre consegue passar. Queixa-se de professores que vivem a chamar sua atenção devido às conversas paralelas na aula.

Ela também participa de um projeto do governo federal que busca o desenvolvimento humano, social e político de jovens que habitam em bairros de menor índice de desenvolvimento humano (IDH). Esse projeto envolve jovens de 15 a 17 anos em situação de vulnerabilidade social, pertencentes a famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo[11]. Os jovens recebem uma bolsa de R$ 60,00 reais mensais ao freqüentarem o projeto. Esmeralda oferece uma pequena parte desse dinheiro à sua mãe. Investe o restante em seu visual: mensalidade da academia, bijuterias, xampu, tinta para cabelo, roupa etc.

Para se divertir, Esmeralda gosta de ir a festas de forró, *funk* e *reggae*. Passa a semana inteira se preparando para esses eventos. Pensa, minuciosamente, na roupa, nos acessórios, na maquiagem que vai ajudá-la a brilhar nesse momento tão esperado.

Esmeralda era avessa a namoro. O grande barato dela era ficar.[12] Quando algum dos seus ficantes demonstrava a intenção de um compromisso mais sério, ela

---

[9] O Conjunto Palmeiras é considerado bairro periférico. Foi criado em 1973 como resultado do programa de desfavelamento implementado pela prefeitura de Fortaleza. Os moradores foram construindo espontaneamente seus barracos, dando origem a uma grande favela, sem nenhuma rede de esgoto, saneamento básico, água tratada, energia elétrica, escola. Com a mobilização dos moradores, junto a associação do bairro essa situação vem se modificando nos últimos anos. Atualmente, tem cerca de aproximadamente 32000 habitantes.

[10] O irmão de Esmeralda anda quilômetros com sua carroça, uma verdadeira loja ambulante com toda sorte de produtos: belas toalhas de mesa, colchas de cama bem trabalhadas, espelhos com molduras douradas, ursos de pelúcia, pentes, maquiagens etc. Ele atende seus clientes em domicílio, possibilitando à sua freguesia formas suaves de pagamento.

[11] Participei como facilitadora social deste projeto durante dois anos.

[12] Ficar, nestes termos, significa "[...] namorar sem compromisso durante um curto espaço de tempo." (HOLANDA, 1999, p. 899). Ficante é o indivíduo que fica com o outro.

tratava logo de *"dar um balão"*, *"de despachar"*, ou seja, arrumava uma forma de dispensar a companhia do rapaz.

Bem, foi assim até conhecer um certo rapaz que a fez mudar de idéia. O namorado de Esmeralda é conhecido no bairro São Cristóvão como "o cara", "o que dá as cartas", "aquele que faz as coisas acontecerem", "bicho solto". Ele lidera uma gangue no bairro. Esmeralda diz com tom orgulhoso: "Ele (o namorado) já pegou tudo que foi mulher, mas a mais gostosa sou eu. Eu me acho!" Vale mencionar que "os caras que dão as cartas" no bairro só namoram mulheres bonitas. Isso é praticamente uma lei entre eles. Uma questão de *status*.

Esmeralda tem um dos corpos mais admirados na academia que freqüenta. Ela se considera e é considerada sarada. É uma cena comum vê-la, no fim da tarde, se exercitando por, no mínimo, duas horas com cargas pesadíssimas. Além do exagero da carga, ela também pratica excessivamente exercícios físicos em casa. Por conta disso, sofreu contusões. Já chegou a ser atendida num posto de saúde por mais de uma vez devido a fortes dores na coluna. Por recomendação médica, foi proibida de se exercitar por um tempo, mas ela não obedeceu.

Observando-a na academia, fiquei impressionada com a atração irresistível que o espelho exercia sobre ela. Bastava passar diante de um para que ela parasse. Algumas vezes, admirava-se demoradamente, de frente, de perfil, de costas; outras vezes, bem rápido. Seja como for, ela nunca deixa de se olhar. Diferente de outras meninas de sua idade, ela olha para o espelho com muita segurança. Pelo ar de orgulho que transparece, fica evidente que aprecia muitíssimo o que vê.

Mas ela nem sempre se sentiu linda assim. Seu corpo passou por uma transformação radical. Nas palavras dela: "Eu era maga véia, a carne que eu tinha não dava um pastel, eu era seca que doía (risos)".

Contando-me sobre como foi o processo de transformar seu físico, disse que tudo aconteceu quando ela começou a acessar a internet. No mundo da internet, ela se identificava como uma pessoa completamente diferente quanto à sua aparência física. Inspirava-se no físico de Sheila Mello, dançarina que tem um corpo considerado malhado, para descrever suas características. Com o tempo, Esmeralda transformou seu corpo, dando vida à personagem que criou.

Andanças

Somos, no mínimo, co-responsáveis pelo que fazemos com a bagagem que nos deram para esse trajeto entre o nascer e o morrer.
(Lya Luft)

Entendo cada protagonista destas páginas como uma caminhante. Não uma caminhante de uma estrada óbvia e linear, com roteiro predefinido, tendo, já no momento da partida, precisão e clareza de tudo o que ocorrerá. Cada mulher com quem interagi em pesquisa é uma caminhante, que, como diz brilhantemente Antonio Machado, faz o seu caminho ao andar. Passo a passo, cada uma delas vai construindo esta estrada chamada vida.

Construção que elas não realizam de forma isolada e solta, mas sim em referência a um contexto social, histórico e cultural. É importante mencionar que, do primeiro ao derradeiro passo, elas vão se construindo, se reinventando, se transformando incessantemente. Parafraseando Jurandir Costa (1999), no curso da vida elas vão se tornando. Tornando-se aquilo que as circunstâncias permitem ou aquilo que elas inventam para modificar as circunstâncias.

Assim, convido o leitor a se aproximar, a conhecer e a refletir, a partir das narrativas, acerca de como cada uma vem construindo e vivenciando esse caminhar: as paisagens hostis que o corpo de cada uma enfrentou; as luminosas que as fizeram sorrir e sonhar; as lutas que seus corpos travaram para dar continuidade ao caminhar; os aprendizados nas vivências das diferentes fases desse caminho; bem como suas expectativas sobre as fases que estão por vir.

Mas é preciso deixar algo claro. Este convite não tem a intenção de aproximar o leitor do conjunto de fatos cronológicos e lineares ocorridos no caminhar de cada uma e muito menos a busca de uma verdade totalizante sobre esses fatos. Gussi ensina que a narrativa biográfica consiste no entrelaçamento de experiências vividas e evocadas pelos sujeitos quando tecem suas histórias (GUSSI, 2005, p. 172). Portanto, o que realmente importa é empreender uma reflexão sobre os sentidos e significados que cada uma oferece às experiências que elege para contar seu caminhar, para contar sobre a relação que estabeleceu com seu corpo em cada fase desse caminhar e sobre as relações que imagina que irá estabelecer com seu corpo nas fases que estão por vir.

E, ao falar em *fases desse caminhar,* refiro-me à infância, à adolescência, à fase adulta e à velhice. Nesse momento, indico como elas são compreendidas nesta pesquisa.

Com base nos ensinamentos de Debert (1999), Havaren (1999), Alves (2004), Motta (2002) e Bossit (2002), essas fases não são vistas como dados biológicos absolutos, mas como histórica e socialmente contextualizadas.

Infância, adolescência, fase adulta e velhice são, portanto, criações arbitrárias. Motta (2002) menciona que as sociedades ocidentais modernas criaram uma visão segmentar das idades: periodizando as gerações, construindo, “desconstruindo” idades e, a cada novo século, criando mais uma. Ele diz: "Primeiramente a infância e a juventude, no pré-capitalismo socialmente indiferenciadas da idade adulta, bem mais recentemente uma terceira idade, inserção de um novo período, maturidade e velhice, ao mesmo tempo negação desta" (MOTTA, 2002, p. 38).

Evidentemente que as referidas fases apresentam relações com fenômenos biológicos. No entanto, busco empreender nestas páginas uma reflexão de como cada uma das fases que as mulheres com quem interagi em pesquisa vivencia é " [...] investida culturalmente, elaborada simbolicamente com rituais, marcando fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam." (DEBERT, 1999, p.39).

Debert (1999), realizadora de uma acurada reflexão sobre o curso de vida e as diferenças de idade, aponta que cada uma dessas fases (infância, adolescência, fase adulta e velhice) comportaria expectativas e papéis sociais apropriados para os indivíduos. A referida autora mostra que a:

> [...] institucionalização crescente do curso de vida envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho e está presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que cada vez mais têm como alvo grupos etários específicos. (DEBERT, 1999, p.51).

Sobre isso Alves (2004) tem um ponto de vista semelhante a Debert (1999) quando considera que ainda há em vigência na sociedade contemporânea a padronização dos comportamentos por faixas etárias, e o acesso a determinados bens e serviços ainda estão calcados na divisão da população em categorias etárias.

No entanto, a partir de Debert (1999) e Alves (2004) concluímos que ao falar de vida humana, não se pode falar em rigidez e homogeneidade nas formas de agir, sentir e pensar. Eles nos levam a refletir sobre os papéis e as expectativas sociais atribuídos a cada fase da trajetória de vida.

Além disso, Debert (1999) e Alves (2004) chamam atenção para o fato de, numa determinada sociedade e num mesmo período histórico, os indivíduos que vivenciam uma

mesma fase (infância, adolescência, fase adulta e velhice) apresentam formas completamente diversas de agir diante dos papéis e expectativas sociais atribuídos a cada um desses momentos. A pesquisa de Bossit (2002) é exemplar quanto a essa questão, pois traz uma reflexão sobre a maturidade e a velhice a partir das histórias de vida de mulheres, mostrando como a velhice é vivenciada de formas distintas. Ela diz que é difícil precisar até mesmo quando uma pessoa começa a envelhecer, pois, em sua concepção, isso vai muito além da idade cronológica. Isso se relaciona às experiências, às relações, às subjetividades e ao contexto de cada sujeito com quem interagiu em pesquisa. Podemos lançar mão das reflexões da autora sobre a velhice para pensarmos, também, a infância e a fase adulta.

No entanto, é importante reconhecer que, mesmo com toda essa heterogeneidade nos modos de agir dos indivíduos face ao que a sociedade espera das fases da vida, as expectativas sociais em relação a cada fase têm forte imposição sobre os indivíduos. Para serem aceitos socialmente não podem viver de maneira completamente arbitrária, sem qualquer limite a essas fases.

É imprescindível mencionar que "[...] as condições e funções sociais de cada grupo de idade variam também em diferentes culturas." (HAREVEN, 1999, p. 17). Van Gennep (1997), que, por meio dos seus estudos, nos ajuda a compreender a existência humana como um caminhar; um deslocar no tempo e no espaço, pleno de passagens marcadas por rituais. Como afirma o autor: “A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar. Passar de uma idade a outra e de uma ocupação a outra.” (VAN GENNEP, 1997, p. 26), mostrando como diferentes coletividades operam classificações, sentidos e significados diferentes ao caminhar da vida.

A partir dos aprendizados mencionados, refletirei sobre as narrativas biográficas de seis mulheres de carne, osso, pele e cor e estarei atenta à forma como vivenciam ou esperam vivenciar essas fases infância, adolescência, fase adulta e velhice.

Procurarei, com toda sutileza e cuidado, compreender como elas dialogam, vivenciam, negociam, transgridem, recriam, reafirmam, manipulam os valores, as atitudes, os rituais e os papéis esperados socialmente de cada fase. Refletirei sobre as particularidades do caminhar de cada uma estando atenta as suas concepções de corpo articuladas às diferenças sociais, etárias e de gênero. Assim, a partir das narrativas dos momentos corriqueiros ou especiais dessa estrada-vida, pretendo compreender como essas mulheres vivenciam seus corpos, os sentimentos daí deflagrados e, principalmente, o que essas experiências revelam sobre o contexto social em que estamos inseridos.

CAPÍTULO 1 – OS PRIMEIROS DOS MUITOS PASSOS NESTA ESTRADA CHAMADA VIDA

> *Aquela criança são muitas: são mulheres, são pássaros, são (bruxas), foram galhos da mesma raiz da minha história. Com o seu olhar de retrato e as roupas de criança, traçando passado e futuro, desenharam o jardim das improváveis memórias.*
>
> (Lya Luft)

Cinco das seis protagonistas elegeram como ponto de partida para suas narrativas a infância. Ora com semblantes suaves, iluminados por sorrisos, ora com os semblantes tensos, muitas vezes tomados por lágrimas, elas me remeteram, por meio de suas vozes, a tempos e espaços distintos, em que seus corpos davam os primeiros passos e começavam a descobrir o mundo. Partilharam comigo suas lembranças relacionadas à convivência com familiares e vizinhos. Relembraram-se de gestos e palavras de carinho, aconchego, acolhimento, orientação, restrição, raiva, cerceamento, impaciência dos adultos que as cercavam, bem como dos silêncios e ausências de alguns deles. Contaram-me as relações que estabeleceram com as outras crianças e as emoções, as alegrias e os desafios que experimentavam nas brincadeiras. Rememoraram momentos no colégio... Enfim, partilharam lembranças de imagens, lugares, acontecimentos, aprendizados e sentimentos do seu vivido corporal quando eram pequenas, dando testemunho de como tudo isso repercutiu em suas vidas naquele momento e como ainda vive e viceja nelas no presente.

Esmeralda foi a única que não iniciou sua narrativa pela infância. Ela contou, primeiramente, as alegrias e os dissabores do momento que estava vivendo: a adolescência. Inclusive, certa vez, ela revelou-me: “Vô jogar a real, num dô muito valor remoer o passado e nem ficar estressada com o futuro, porque, se eu fizer isso, eu deixo de viver o presente.” Contudo, depois de alguns encontros, ela rememorou seu tempo de infância frisando, justamente, a vontade que ela tinha de deixar de ser criança e se tornar logo uma moça.

Então, convido o leitor – que já conhece um pouco da vida de cada uma das protagonistas deste trabalho (onde habitam, um pouco de suas famílias, suas profissões, o que gostam de fazer nas horas vagas, como andam suas vidas afetivas e, principalmente, como cuidam de seus corpos) – a viajar, por meio das narrativas expressas nestas páginas, para tempos e espaços diferentes, em que poderemos encontrar a menina Rubi, a menina Safira, a menina Ametista, a menina Pérola, a menina Cristal e a menina Esmeralda. A intenção é que, neste exercício, possamos refletir, com a ajuda dos autores das Ciências Sociais, como elas

vivenciaram seus corpos nesse momento, os sentimentos que emergiram nessa vivência e o que isso diz sobre o tempo e o espaço em que estavam inseridas.

Antes de aproximar o leitor da infância de cada uma, reuni alguns autores que ajudarão a refletir sobre essa fase.

Primeiramente, ressalto os estudos de Ariés (1978), que, sob a perspectiva da história das mentalidades, nos faz ver a infância como uma construção social e, portanto, sentida, pensada e vivenciada de formas múltiplas em diferentes tempos e contextos. O autor mostra como o sentimento de infância na França medieval não existia, ou seja, ocorria uma falta de consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue a criança do adulto (ARIÉS, 1978, p. 156). Suas constatações partem de um minucioso estudo de vários elementos do cotidiano da época. Entre eles, a arte que não representava a morfologia do corpo das crianças. Essa prática comum entre os artistas da época não se dava, segundo o autor, por falta de habilidade, e, sim, porque a infância não tinha um lugar nesse contexto. Outro elemento que demonstra a falta de particularidade da infância era o vestiário, que não representava uma distinção entre roupas de crianças e de adultos. O autor também volta seu estudo para a fotografia e aponta que, dificilmente, nesse tempo, uma criança era fotografada sozinha. Isso era compreensível, já que a infância era apenas uma fase sem importância que não fazia sentido fixar na lembrança. O autor mostra registros de que o óbito de crianças era visto com certa indiferença: “[...] não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança.” (ARIÉS, 1978, p. 56). Em muitos casos, os óbitos foram provocados. Enfim, Ariés (1978) enfatiza que, na vida cotidiana, as crianças estavam misturadas aos adultos, incluídas no mundo do trabalho e das responsabilidades, pegavam e não se abstinham das alusões a assuntos sexuais. Assim, esse entendimento de criança inocente, que deve ser preservada do trabalho, cercada de proteção parental, surgiu apenas há dois séculos e, segundo o autor, simultaneamente à constituição da família nuclear, do Estado-nação e da nova organização do conceito produtivo.

No contexto brasileiro, remeto-me ao trabalho de Del Priore (2004), que reúne uma série de ensaios de pesquisadores que se dedicaram a refletir sobre a história da criança no Brasil. Esses ensaios mostram uma história marcada pela pluralidade. Como enfatiza a autora:

> As crianças brasileiras estão em toda parte. Nas ruas, à saída das escolas, na praça, nas praias. Sabemos que seu destino é variado. Há aquelas que estudam, as que trabalham, as que cheiram cola, as que brincam, as que roubam. Há aquelas que são amadas, e outras, simplesmente, usadas. (DEL PRIORE, 2004, p. 8).

Para este trabalho, as reflexões de Ariés (1978) e Del priore (2004) são preciosas, pois, por meio delas, reflito sobre as infâncias das praticantes de musculação, atenta às circunstâncias históricas, culturais e sociais que elas vivenciaram e, também, às experiências particulares que cada uma viveu em referencia ao contexto em que estavam inseridas.

E como o objetivo desta dissertação é estudar a relação de cada uma dessas mulheres com seus corpos nas diferentes fases da vida, remeto-me às reflexões de Mauss (1974), que mostra, com muita sensibilidade, que, desde o nascimento, o corpo do indivíduo vai sendo preparado socialmente para empreender o caminhar da vida. Sua concepção de corpo, que transcende uma mera estrutura física, Mauss (1974) considera o corpo um artefato cultural, pois expressa, nos mínimos movimentos, todo o aprendizado assimilado no meio social em que está inserido. Mais ainda, as maneiras de cantar, dançar, comer, respirar, amar, interagir vão variar de cultura para cultura.

As maneiras particulares de os indivíduos se servirem dos seus corpos, ou seja, as diferentes técnicas corporais, são transmitidas, segundo Mauss (1974), mediante processos educativos que oferecem as diretrizes de como os corpos devem agir e conviver. Nas palavras do referido autor: “[...] na arte de utilizar o corpo, os fatos da educação dominam.” (MAUSS, 1974, p. 215). O que se passa é um processo de imitação prestigiosa em que os membros da sociedade, desde a infância, imitam os comportamentos daqueles corpos que obtiveram êxito, que foram bem-sucedidos.

Para dar ainda mais vida a essa reflexão, remeto-me ao trabalho de Van Gennep, que com riqueza de detalhes, descreve e reflete sobre os rituais do nascimento e da infância realizados de forma plural em diferentes coletividades, visando, justamente, fazer o corpo do indivíduo, desde os primeiros dias de vida, observar, vivenciar e apreender os hábitos, práticas e valores instituídos em seu grupo social.

Van Gennep (1995) conta que, na Índia védica, a criança, no terceiro ano, realiza o seu primeiro corte de cabelo. Cada família, nessa coletividade, possui uma maneira particular de se pentear, pela qual é reconhecida. E essa maneira é imposta à criança.

É importante ressaltar que nem todas as crianças de um determinado meio social e cultural reagem ao processo educativo da mesma maneira. Na verdade, formam um universo heterogêneo, com uma pluralidade de modos de ver e de pensar o corpo. Apesar de estarem submetidas a uma série de regras, crenças, juízos de valor, elas possuem formas diversas de agir. Como já dizia, de forma obstinada, Paulo Freire (1997, p. 180): “[...] conhecimento não se transfere, se constrói.” Essa reflexão é importante para desnaturalizar a idéia de que as crianças estão meramente sujeitas a um processo de socialização e que recebem esse processo

de forma mecânica, sem reflexão. Ao contrário, elas são sujeitos que dialogam, reagem, negociam, redefinem, transgridem ou reafirmam esse processo. Dolto (1999) é outra autora que dedicou anos da sua vida a pensar a infância. Sua contribuição nos convida a olhar as crianças não como entidades abstratas, e, sim, em suas particularidades, contextos, subjetividades.

Trazendo essas reflexões para discutir as questões deste trabalho, compreenderei, a partir dos ensinamentos de Mauss (1974) e Van Gennep (1995), a forma como as praticantes de musculação pensam, constróem, idealizam seus corpos como uma expressão da sociedade em que vivem, sendo também esta construída por elas.

Na pista de Freire (1997) e Dolto (1999), enxergarei as meninas Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal, Esmeralda como sujeitos múltiplos e diversos que devem ser reconhecidos em suas particularidades, subjetividades, individualidades e contextos e como sujeitos no próprio processo de socialização e na construção de suas realidades.

Entendo o processo educativo como fruto das relações e valores sociais. Seu desenvolvimento apresenta conflitos, cerceamentos, trocas, coações, diálogos, cumplicidade, crescimento, descobertas, transgressões. Meu intuito é, justamente, compreender as vivências dos sujeitos desta pesquisa nesse processo, bem como seus modos singulares de lidar com seus corpos. Com o olhar orientado pelos referidos autores, procurarei refletir, junto ao leitor, sobre as seguintes questões: Quais foram os ensinamentos que os corpos das mulheres que constituem esta pesquisa receberam desde pequenas para trilharem o caminhar da vida? Como elas vivenciaram esses ensinamentos apreendidos no processo de socialização e em suas relações sociais estabelecidas com familiares, professores, outras crianças? Quais os detalhes dessa vivência? Que implicações físicas e emocionais resultaram da vivência da infância? O que isso comunicava sobre o contexto social em que estavam inseridas? Quais as relações existentes entre o modo como lidavam com seus corpos na infância e o modo como lidam atualmente?

Então, leitor, sugiro que aperte o cinto e, a partir das narrativas de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal, Esmeralda, viajemos em diferentes tempos, lugares e contextos econômicos, sociais e culturais em que elas davam seus primeiros passos nesta estrada chamada vida.

Brasil, fim dos anos 1940. Emilinha Barbosa, considerada a cantora mais popular do país, é consagrada como a Rainha do Rádio, um título pomposo, já que o radio é, nesse momento histórico, a majestade nos ramos das comunicações e do lazer. Este, juntamente

com a *Revista do Rádio*, criada em 1948, levam para seus ouvintes e leitores – tão econômica, social e culturalmente diversos – radionovelas, sambas-canções, baiões, boleros, rumbas, jazz e fox-trot, as notícias sobre o estilo de vida das estrelas hollywoodianas, propagandas de toda sorte de produtos (desde eletrodomésticos a cosméticos), lançamentos de modas, dentre outros itens (PONTES, 2005). Em 1954, Martha Rocha vence o concurso de Miss Brasil e causa um grande burburinho porque perdeu, por apenas duas polegadas de diferença, o título de Miss Universo. Nessa época, circula nacionalmente a *Revista O Cruzeiro,* que possuía uma coluna intitulada *De mulher para mulher,* a qual trazia "preciosas dicas" sobre prendas do lar, felicidade conjugal, cuidados com a aparência e, também, estampava, em suas páginas os modelos de roupas de atrizes internacionais como Elizabeth Taylor, bastante copiados pelas leitoras (DEL PRIORE, 2005). Outra revista de grande circulação, que também contava com essas pautas como prioridade, era o *Jornal das Moças* (BESSANEZI, 2006). Nesse período histórico, de pós-guerra: "[...] muitas mulheres sob o impacto combinado das indústrias de cosméticos, da moda, da publicidade e de Hollywood, incorporam o uso da maquiagem, principalmente batom, e passam a valorizar o corpo esbelto, esguio." (CASTRO, 2004). A efervescência do rádio, dos concursos de beleza, as publicações femininas que penetram nos lares e "[...] veiculam valores morais conservadores que mantêm as relações entre homens e mulheres nos moldes tradicionais [...]" (BESSANEZI, 2006) e são alguns elementos que agitam esse momento do país em pleno processo de crescimento urbano e desenvolvimento industrial.

Enquanto isso, no Crato, município localizado no extremo sul do Ceará, localizado no sopé da chapada do Araripe, vive a menina Rubi na grande fazenda de sua família. Os frondosos pés de sabiá, uma árvore bem comum no Crato, onde ela e as outras crianças costumavam brincar debaixo, o belo colorido das flores, papoulas, bocas-de-leão e lírios visitadas sempre pelas borboletas e passarinhos, o sol escaldante do verão e as chuvas finas e constantes do inverno, que chegavam para deixar tudo ainda mais vivo e verde, o contato com os animais, o açude aonde ela sempre queria ir (mas rememora que era severamente proibida de ir a esse lugar, a não ser em companhia de um adulto), o movimento dos trabalhadores, os passos firmes de seu pai sempre controlando cada movimento que era feito pelos familiares e trabalhadores na fazenda e, em especial, o olhar severo e vigilante deste em relação à maneira como ela se comportava desenha o cotidiano dessa menina que, segundo sua narrativa, só veio ao mundo porque era mulher e destinada a cuidar de seu pai.

Hoje, a senhora Rubi, com seus olhos pequenos e cor de mel marejados de lágrimas, conta que:

> Eu sou de uma família de 16 irmãos. Eu sou uma das mais novas. Eu não fui desejada ao nascer porque minha mãe tinha 12 filhos. Eu fui a décima terceira. Ela tinha toda razão de não querer mais um filho. Embora, depois de mim, nasceram outros, e ela não teve esse desejo de não ter, mas comigo aconteceu. O meu pai foi que não deixou. Porque os primeiros irmãos foram mulheres e, depois, só nasceram homens e as mulheres tavam tudo terminando de casar. Aí meu pai disse que ela não abortasse porque podia ser que eu fosse uma menina pra cuidar dele. Felizmente nasci mulher. O ser mulher pra mim foi um passaporte para eu ser aceita ao nascer.

Rubi traz muito forte, em sua memória, o tempo em que era uma menina mirrada, bem menor do que as outras de sua idade; os passos firmes e o olhar severo de seu pai sempre a observando em tudo o que ela fizesse:

> Meu pai era um bom homem, nunca deixou faltar nada, sempre cuidou da família com muito zelo, mas era severo demais, demais mesmo, mão de ferro! A gente tinha que andar na linha! Principalmente as filhas! Se fosse menina, tinha que ser um exemplo de virtude: quieta, feminina, prendada, reservada, seguir os passos da nossa mãe. Ah! Engraçado lembrança, né? Eu fecho os olhos e posso ver o meu pai com aquelas botinas dele passando perto de mim na hora que eu tava brincando, ele olhava de um jeito... eu era menina, mas entendia que ele tava me observando, vendo se eu tava comportada, se eu tava me misturando com os meninos, porque naquela época não podia. Ele se comunicava só com o olhar. E eu tinha aquele medo, aquele respeito, mas também tinha amor por ele [...] Eu sempre ouvia em casa que de uma boa menina se faz uma boa moça.

Conta com tom de insatisfação que, nos momentos das brincadeiras, o seu pai, com o olhar severo e cortante, exigia que ela se comportasse de uma determinada maneira:

> Ele não queria que a gente falasse alto, não pulasse corda, que hoje todo mundo sabe que o exercício físico é benéfico para a saúde desde criança, movimentando o corpo, mas a gente, por ser mulher, não podia pular corda, pular macaca, correr demais, que não ficava bem para uma menina que mais tarde seria uma moça. Tá entendendo? Acho que isso me trouxe prejuízo até na coordenação motora. Hoje eu tenho certa dificuldade de movimentar braços e pernas ao mesmo tempo, eu me atrapalho um pouco. Pra ter um bom comportamento, tinha que ser calma, ser paradinha, ser feminina, ser educada, um adulto em miniatura. Era um sufoco!

Rubi, que em muitos momentos rememora sua infância com um semblante tenso, se desarma num sorriso quando lembra as horas a fio de brincadeira: “A gente brincava de fazenda. Pegava algumas coisas da natureza mesmo, como pedra, sabugos de milho, folha e fazia de conta que eram os currais, o gado, os cavalinhos. Era tão bom! A gente ficava horas naquela brincadeira.”

Mas, mesmo com a vigilância intensa de seu pai, Rubi revela que ousava cometer algumas transgressões na hora das brincadeiras com as amigas, algumas destas mais velhas. Ela conta isso com um tom de voz mais baixo como se estivesse contando um segredo, uma travessura:

> A gente brincava de família. A gente brincava de ter o neném. Escolhia uma pra ser o filho que ia nascer. E outra pra ser a mãe, e ela deitava no chão gritando ai, ai, ai. Isso tudo escondido do pai. Eram transgressões. Porque os pais achavam que a gente não sabia de nada. Era aquele medo, mas a gente brincava.

Sobre essas transgressões que ela cometia com "o coração na mão", com um profundo medo de viver o ônus que recaía sobre as meninas desobedientes, reflete:

> Eu acho que esta consciência que eu tive antes... essa questão de ter vivenciado meio inconscientemente, essa questão de ver a colega tendo o nenê, cuidando do nenê, cuidando de casa, isso tudo aí, eu acho que isso me deu um suporte muito grande no convento pra não ter esse desejo, porque eu vim pro convento, sabia que eu ia deixar, embora eu não tenha vivenciado na prática, mas simbolicamente eu vivenciava através das brincadeiras. E isso me ajudou muito. Olhando minhas colegas que não vivenciaram isso, elas tinham uma frustração por não ter vivenciado isso.

Rubi rememora, com voz de grande saudade, a sua mãe, que ela descreve como sendo uma mulher séria, de olhar imponente, que conseguia administrar com maestria a casa e a criação dos filhos. Ela conta que sua mãe rezava a "cartilha de seu pai", mas, ao mesmo tempo, não tinha medo dele. Aliás, segundo Rubi, seu pai respeitava e escutava muito sua mãe. Rubi diz que, em todo tempo, jamais o viu erguer a voz para ela, como fazia com os filhos e empregados. Nem mesmo quando ela usava roupas um pouco mais justas. Quem tecia críticas ferrenhas sobre os tais modelos de roupa era a sua avó paterna que "[...] achava roupa justa um desplante." Rubi diz que sua mãe era intensamente reservada, não conversava muito com os filhos e nas palavras dela "[...] não era muito de chamego, de beijo e abraço meloso, era mais de cuidado com a saúde de cada filho, de alimentar, de vestir, de educar". Desse modo, Rubi traz como uma das lembranças mais caras da sua infância os momentos em que a mãe permitia que ela a observasse se arrumar, um momento, na opinião da menina Rubi, de proximidade e intimidade entre as duas.

> Minha mãe era uma mulher bonita! Bem alta. Ela gostava de se cuidar, de se vestir bem, de cuidar do cabelo, vivia impecável! Tinha um porte, entende? Era elegante, gostava de se arrumar. Muito feminina! Eu lembro que eu, bem pequena, e uma das coisas que eu mais gostava era ficar olhando ela se arrumar num espelho grande que tinha no quarto dela. Ela olhava pra mim e dizia que não tem nada demais a gente

> ser mais bonita, ficar mais bonita. Então eu aprendi isso com ela. E foi de tanto que eu olhava pra ela que eu achava que uma mulher tinha que ser arrumada, ser penteada, ser perfumada. Eu sempre fui assim. Fui abrir mão disso no convento. Era um sacrifício! E era sacrifício grande que a gente fazia por achar que aquilo ia santificar a gente, porque a gente entra no convento com ideal de ser santa.

Rubi conta como, desde criança, é vaidosa e que levava muito tempo em frente ao espelho se olhando, se enfeitando:

> Quando eu era menina eu me olhava tanto no espelho, me achava linda, era aquela vaidade mesmo bem forte, e as pessoas diziam que eu era bonita, e eu corria lá no espelho pra ver se eu era e acabava me convencendo [risos] Então eu lembro que eu botei batom muito cedo, até antes da hora. Então, porque aquilo já me fazia bem, eu achava que ali eu ia ser vista, ser mais desejada pelos meninos, mais admirada. Minha avó, que era muito conservadora, dizia até assim: - Você já viu se as meninas da sua idade usam batom? Será que não tá muito cedo para usar? O seu pai viu você usando isso? Eu lembro que eu tinha sete ou oito anos quando já despertei essa vontade.

Além de rememorar suas vivências na casa da fazenda, ela narra suas experiências no grupo escolar. Memórias do tempo em que acordava bem cedinho, vestia sua farda "[...] uma blusa branca de tecido fininho e uma saia pregueada de um tecido chamado casset, um tecido que num acabava nunca [...]" e se deliciava com seu farto café da manhã (bolos, frutas, leite quentinho ordenhado da vaca) para, depois, ir ao grupo escolar:

> Ah! Eu estudei num grupo escolar, eu era dedicada, uma boa aluna! Sempre gostei de aprender [...] Naquela época, as professoras acentuavam as tradições dos pais. A gente, além de aprender português e matemática, a gente aprendia a se comportar, tinha aula de formação, aula de pregação. O que a professora falava só reforçava o que meu pai dizia em casa. Então, eu aprendia a ser quieta e a me resguardar.

Rubi expressa que os seus coleguinhas do grupo escolar eram estimulados, desde cedo, na educação familiar, a saber qual era o comportamento ideal que uma menina teria de ter. Hoje, com seus anos de estrada, avalia as conseqüências disso para sua vida e para a de outras meninas:

> Eu lembro que os meninos novinhos já recebiam conselhos dos pais. Os meninos aprendiam isso. As mais quietas é que são as melhores. As ouriçadas não são de confiança. Porque se elas são ouriçadas com você, elas são atiradas para os outros também. Então, eu fazia o possível para ser uma boa aluna, uma menina discreta para ser aceita. Tinha uma menina no nosso grupo que era o meu avesso, a Selma, ela gostava de andar livre, leve e solta no meio dos meninos, de brincar de correr, de pular. Era uma pimenta! Por causa disso ela era muito mal falada, as outras meninas tinham aquele receio de andar com ela, entende? Hoje, eu vejo criticamente que a Selma é que tava certa porque toda aquela rigidez tirava nossa liberdade, nossa espontaneidade, e nós acabávamos crescendo sem isso.

Ela também tece, em sua narrativa, a separação imposta na escola entre meninos e meninas e uma comparação com as escolas de hoje:

> No colégio, as brincadeiras eram separadas. Os meninos brincavam, separado, de correr, de bola. Era tudo separado pela professora! Meninos de um lado, meninas do outro, brincadeiras de menino, brincadeiras de meninas. A gente até pensa que hoje as crianças estão aceleradas e despreparadas para o despertar da sexualidade, mas acho que não, porque hoje tem muito como a criança, na própria escola, poder viver esse lado através da liberdade de falar sobre o assunto, de abraçar naturalmente, de ter o toque do coleguinha e, naquele tempo, não tinha, a gente não podia sentar perto, não podia ter o toque nem como amigos. Então aquilo, no dia que a gente tinha uma oportunidade de sentar perto, de encostar o braço, aquilo já aflorava o instinto sexual, entendeu? Era bem aguçado. Só que isso assim assustava a gente, assustava a gente, não entendia bem o que é que era, era aquela sensação assim, sabe? Isso nos deixava despreparados de certa forma. Eu vejo as crianças hoje com muito mais naturalidade em relação a isso.

Foi com um brilho manso no olhar e com meiguice na voz que Rubi, aos 61 anos, narrou sobre as flores e os espinhos de sua infância. No curso de seus relatos celebrou a menina que um dia foi e afirmou categoricamente que essa menina ainda vive e viceja, com ares de festa, dentro dela. Em suas palavras: “Eu não deixo a minha criança morrer”.

Vamos agora sair da década de 1950 e do ambiente da grande fazenda onde a menina Rubi viveu sua infância, para visitar uma outra menina, Safira, que morava num dos bairros mais luxuosos da cidade de Fortaleza, na década de 1960.

Brasil, 1960, tempo em que a ditadura militar se instala e, com ela, o rompimento da liberdade democrática, o que desperta inconformismo e resistência de estudantes, artistas e intelectuais que, por meio da luta armada, de canções de protesto, do teatro, de publicações e de outras formas de arte, demonstram sua indignação contra a censura, a repressão e toda arbitrariedade do regime militar (BARROS, 2004). Manifestações que têm, entre seus protagonistas, mulheres que resistiam ao medo de serem presas, torturadas e mortas (CARBONARI, 2005). Tempo de Leila Diniz e de sua trajetória que evidencia uma série de transformações na conduta feminina, principalmente as ligadas à sexualidade, conjugalidade e maternidade que começam a ocorrer nesse período (GOLDENBERG 2004). Palco da pílula anticoncepcional e da chamada revolução sexual, do início de uma produção teórica que busca refletir sobre os papéis atribuídos às mulheres no contexto social. (CASTRO, 2004). Tempo em que a televisão se popularizou. Momento de uma das edições mais disputadas do concurso de Miss Brasil, que ocorreu no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, e na qual a paranaense Ângela Teresa Vasconcelos foi coroada, evento transmitido pela TV Tupi. Estes foram apenas alguns, entre um caldeirão de acontecimentos políticos, econômicos e sociais

desse período histórico. Acontecimentos que, em ritmos e intensidades diferentes, atingiram realidades diversamente localizadas e repercutiram de formas variadas nas relações, nos modelos da família, da escola, da participação política, da consciência ecológica, da responsabilidade social (PONTES, 2005).

Enquanto isso, a menina Safira espiava da janela de sua luxuosa residência situada na Aldeota, um bairro considerado nobre na cidade de Fortaleza, o movimento frenético das outras crianças a brincar livremente nas calçadas. Ela olhava e suspirava com o desejo de transpor tudo aquilo que a separava daquele fluxo de vozes alegres, gritarias, giros e correrias. A sua contemplação geralmente era interrompida pela voz enérgica de sua mãe, que costumava dizer "Outra vez nessa janela menina!" Dona Graça dificilmente permitia que a menina Safira saísse para brincar com as outras crianças e afirmava "[...] não é certo uma menina ficar suada, despenteada e descomposta." Afinal, seria contrariar tudo aquilo que Safira aprendia nas aulas semanais de etiqueta ministradas por uma professora macérrima e exigente. Além do mais, Dona Graça, que sempre vestiu suas filhas como bonecas, temia que Safira sujasse, amarrotasse ou rasgasse as roupas de tecidos finos como seda e bordados feitos sob medida. E por falar em medidas, isso era um dilema para Safira, que era considerada e se considerava gordinha e sofria com o momento em que sua mãe a arrumava, pois esta sempre repetia: "Nada fica alinhado nessa menina [...] Safira, você tem que emagrecer [...] Tem que ficar bonita como suas irmãs." Vale mencionar que Dona Graça não deixava Safira se aproximar dos doces. Controlava, com mãos de ferro, a alimentação da menina. Conta a mulher Safira que, entre aulas de etiqueta e de piano, presentes caros do pai ausente, que viajava muito a negócio, cobranças de familiares, vizinhos e amiguinhos para que ela emagrecesse, comentários maldosos sobre sua aparência: "Lá vem o manequim da Esmaltec!"; “Olha o butijãozinho de gás!"; "Tá parecendo um bolo fofo!" se desenhava o seu cotidiano quando era apenas uma menina a sonhar com a liberdade na janela.

Safira suspira profundamente e rememora seu tempo de infância. Fala do desejo intenso que tinha nessa época de brincar livremente, revela o modo como via sua mãe quando era criança e conta como atualmente, depois que vivenciou a experiência da maternidade, mudou o olhar em relação àquela que lhe deu a vida e que tantas vezes a censurou e tantas outras a estimulou:

> Eu era doida pra ficar só de shortinho, camiseta, pulando de galho em galho. Eu tinha as bonecas mais caras que ninguém tinha, mas eu era capaz de trocar tudim só pra brincar solta na rua e suar de tanto correr. Eu era doida pra ficar no meio da rua! Tenho lembrança que a meninada ficava até 10 horas da noite se esbaldando de tanto brincar é que, naquela época, era mais calmo, não tinha perigo de ladrão. Me dava

> uma vontade de ser uma moleca daquelas de tirar a chinela e ficar brincando, mas eu não podia. Eu tava sempre bem vestidinha, perfumada. Tinha que ficar sentadinha. Era dose! Eu lembro que eu ficava na janela de casa só prestando atenção às outras crianças. Vanessinha, chega doía meu coração com vontade de tá lá também. Minha mãe me prendia muito! Eu sentia tanta raiva dela! Tanta raiva! Mas hoje que eu sou mãe, eu entendo a posição dela. A pobre era muito submissa a meu pai. Pra ter uma idéia, ela não cortava o cabelo, não usava roupa curta e maquiagem tinha que ser muito discreta se não ele mandava ela limpar o rosto porque dizia que parecia uma palhaça. Ele exigia que ela prendesse a gente e que a gente sempre tivesse perfeita. Ele queria que as filhas dele tivessem porte, elegância, que fossem femininas em tudo, não admitia que fossem mal faladas. Ave! Ele dava muito valor ao juízo que os outros faziam de nós. Queria que a gente crescesse e se tornasse dama fizesse bom casamento e enchesse ele de orgulho. Ave! Na cabeça da minha mãe, ela só podia ser vista como uma boa mãe se as pessoas me vissem assim como uma boneca de porcelana [...] Só que eu era muito gorda e eu sentia que minha mãe ficava triste com isso. Normal, ela queria que eu fosse admirada como minhas irmãs magricelas. Mas se você for ver, Vanessinha, isso até hoje é assim é natural né? Toda a mãe cuida de sua filhinha, com mais zelo, ensinando a cuidar do cabelo, ensinando a cuidar da pele, a regular o peso. Essa coisa toda! Porque menino não, a criação é diferente, a mãe dá um banho, penteia o cabelo e diz: - Vai brincar! Menina, ela se interessa em fazer um penteado, vestir um vestidinho para mostrar a menina para as outras pessoas [...] Eu deixei a Rafaela brincar a vontade, mas eu sempre tive esse cuidado para que ela andasse toda bonitinha.

A narrativa de Safira expressa que, se as brincadeiras na rua eram restritas para ela, as brincadeiras em casa eram permitidas e estimuladas pelos pais:

> Na infância, eu brincava de boneca, de casinha, de cozinhar. Eu tinha muita boneca, muita panelinha de barro. Eu fazia as comidinhas e dava pras filhas. Meu pai comprava as bonecas mais sofisticadas que aqui ninguém tinha. Ele trazia de fora! Sempre chegava de viagem com uma novidade. Pra tu ter uma idéia, naquela época eu tinha uma boneca que fazia xixi. Ninguém que eu conhecia tinha. Ave! Era uma sensação! Vinha gente lá em casa só pra ver. Mas eu também tinha os brinquedos normais que todas as minhas amiguinhas tinham: vassourinha pequena, baldinho, espanadorzinho, fogão, geladeira, tudo pequeno. Uma vez, minha mãe me deu um kit de beleza. Um estojinho de maquiagem que eu adorava! Secadorzinho, pentinho, esmalte, mas tudo de mentira. Porque não ficava bem pra criança usar maquiagem e pintar unha. Diferente de hoje que as meninas com cinco e seis anos já andam todas maquiadas e vestidas como moças. Eu tenho sobrinha de seis anos, uma coisa! Só quer ser adulta. Faz prancha no cabelo, quer ganhar roupa e maquiagem de presente. É uma coisa! Muito precoce, até demais pro meu gosto.

Mas, se o leitor imagina que Safira, em toda sua infância, foi totalmente obediente à Dona Graça e que sempre seguiu à risca as aulas de etiqueta, engana-se. Acompanhe, pelo menos estas duas passagens que mostram a menina quebrando um pouco os limites de sua vida "bem ordenada". Vale mencionar que Safira narra as passagens a seguir com um ar satisfeito e entusiasmado, como se celebrasse a sua astúcia de criança diante das regras estabelecidas:

> A mãe tinha saído pra costureira com as minhas irmãs, e eu fiquei sozinha com Cira [senhora responsável pelas tarefas domésticas]. Aí, eu aproveitei que a pobre da Cira tava fazendo as coisas [atividades domésticas] e aí eu sai porta afora. Vanessinha, eu tirei os sapatos, era aqueles sapatinhos de verniz preto com um lacinho em cima, as meinhas bordadas e fiquei de pés descalço [risos]. Sai porta afora! Fui pro meio da rua! Eu corri tanto, pulei tanto. Olha, eu lembro que meu coração disparava, eu sabia que era errado, eu sabia que eu ia apanhar. O sol tava pegando fogo e nem a meninada tava na rua ainda, mais eu corri, comecei a girar, a pular [risos] Quando eu vi, foi a Cira, a pobre, sem uma gota de sangue [pálida], olhando pra mim, ela não acreditava no que tava vendo e eu só correndo, correndo, chega faltava o fôlego. Ave! Ela gritava eu vou contar tudo pra sua mãe e tu vai levar uma surra,vai ficar de castigo aí é que eu corria. Mas ela teve pena de mim e não contou nada. Ela gostava de mim. Eu gostava muito dela também. Acho que ela tinha pena de mim porque eu era muito presa. Eu lembro que eu fiquei com uma baita dor na garganta por causa daquela estripulia.
>
> Criança é bicho danado! Mas também com a Dona Graça eu tinha que ser! Sabe como é a Dona Graça, né? Ficava o dia todo regulando a comida. Só faltava botar um cadeado na geladeira! Não me deixava comer nada. Doce nem pensar! Aí, Márcia, uma amiguinha, até hoje somos amigas acredita? Pois é, a Márcia ia brincar comigo de boneca lá em casa e eu combinava com ela pra ela trazer doce escondido, tinha umas cocadas que a menina que trabalhava na casa dela fazia. Hum... era de comer rezando. Até hoje nunca comi doce tão gostoso! Pois a Márcia trazia, minha filha! E pra adular a Márcia, eu deixava ela ficar um tempão com as minhas bonecas, aquela que fazia xixi... Quando a gente lembra disso hoje, a gente bola de rir. Eu fui muito sapeca!

Apesar de Safira burlar as ordens de sua mãe no que concernia aos regimes, ela se sentia extremamente incomodada em relação à sua obesidade. E essa passagem de sua narrativa revela bem isso. Com um tom angustiado e sofrido, como se estivesse revivendo, naquele exato momento, aquela situação angustiante, ela diz:

> [...] eu chorava, chorava, chorava de vergonha, eu era deste tamanho [faz um gesto com as mãos como se quisesse indicar a sua altura naquele tempo], me chamavam de balofa, botijão de gás, de garrafão de água mineral, bolo fofo, bolinha de carne. Isso me machucava tanto! Teve uma vez....Eu sempre guardei isso, nunca esqueci! Era época de São João, e eu ia dançar quadrilha numa festa grande que o meu pai e os amigos dele organizavam todo ano. Eu adorava! Ficava tão ansiosa esperando! Coisa de criança, né? Que espera o aniversário o ano todo... Pois é, eu passava o ano esperando a quadrilha. Nesse dia, a mamãe me aprontou toda, com um vestido lindo cheio de florzinha, trança e tudo, eu tava me sentindo linda! Aí, assim que eu apareci na sala, o meu cunhado da época disse: - Olha, tá parecendo o manequim da Esmaltec! Ave! Todo mundo riu. Ah! Me deu um nó na garganta, uma vontade de sumir, de chorar, foi horrível! Interessante como a gente guarda essas coisas, né? Eu odiava ser gordinha!

Safira, que, em uma de nossas longas conversas, revelou-me "[...] eu sou vaidosa ao extremo, demais, demais mesmo pago caro pela vaidade!", nos conta, na passagem a seguir, como aprendeu a ser tão vaidosa:

> As mulheres da minha família têm a tradição da vaidade. Eu aprendi a ser vaidosa com minhas irmãs, porque eu via elas se cuidando, se olhando nos espelhos, mexendo nos cabelos e eu achava aquilo a coisa mais linda do mundo. Eu queria ser igual a elas! Magricelas, lindas, moças! Elas, já na fase de namorar, sonhando com o casamento perfeito, passavam o dia inteiro se arrumando, e eu só lá acompanhando. Menina, tinham um cuidado com o rosto, com o cabelo. Naquela época, a variedade de produtos era muito reduzida. Xampu, eram pouquíssimas as marcas, tinha dois tipos, de ovo e de lanolina, creme era o rince da neutrox. Aí, elas passavam era abacate no cabelo, casca de banana no rosto pra tirar mancha. Era assim. Ah! Cada uma tinha o seu guarda-roupa, que era trancado a chave. Ave! Tudo trancado a chave, e eu era doida pra abrir. Tinha cada vestido! Quase toda semana elas faziam roupa nova, eu me lembro delas folheando as revistas escolhendo os modelos pra Dona Fátima, uma costureira finíssima fazer. Esse guarda-roupa tinha tudo que eu sonhava em ter e não podia, porque eu era muito novinha: elas guardavam perfume, o leite de colônia, os broches, os enfeites, as maquiagens, tudo a chave. Eu queria abrir e usar tudo!

Conduzidos pelas lembranças de Safira, vamos agora conhecer um pouco seu cotidiano na escola. A propósito, a escola em que Safira estudava tinha uma ótima estrutura física e era freqüentada por alunos pertencentes a famílias com alto poder aquisitivo. Serenamente, ela expõe suas lembranças de seu tempo de colégio. Veja:

> Eu me esforçava para ser a melhor aluna da sala! O meu material era o melhor cuidado, eu tinha que ter a melhor caneta da sala, o melhor caderno, o lápis mais bacana... Tudo eu pedia pro meu pai trazer das viagens pra mim. Eu queria ser a mais inteligente da sala. E eu me esforçava tanto que eu acabava conseguindo! Acho que, na minha cabecinha de criança, eu queria compensar o fato de ser muitas vezes posta de lado porque eu era gordinha. As gordinhas eram chamadas de balofa, botijão de gás, bolinha de carne. Principalmente por parte dos meninos. Ave! Era dose! [duro, difícil] Eu queria chamar a atenção de alguma maneira, ter o meu espaço, ter a admiração dos meus coleguinhas e estudava demais pra isso. Mas eu lembro que teve uma época que eu comecei a não querer ir pra escola por causa dessas brincadeiras, eu ficava muito triste. Na hora do recreio, eu ficava isolada da turma, não interagia com os outros. Uma criança pode sofrer muito por causa desses preconceitos. Eu me sentia desolada!

Safira confessa que, apesar da casa luxuosa em que vivia, dos vestidos bordados de seda, das bonecas extraordinárias que tinha, por muitas vezes ela desejou ser outra menina. E ela tinha nome e sobrenome: Claudinha Pessoa, intensamente admirada por sua beleza física. A seguir, Safira expressa na fala o mal-estar que vivia nos concursos de beleza de sua escola:

> Eu queria ser como a Claudinha Pessoa, porque ela era linda da cabeça aos pés! Todo mundo admirava a Claudinha por causa da beleza! Naquela época, existia muita disputa para ser a miss de sala, e cada uma se arrumava mais do que a outra pra poder ganhar: ajeitava o cabelo, botava um batonzinho pra ficar mais bonita.. Mas a Claudinha Pessoa era imbatível. As meninas morriam de inveja dela! Eu nem arriscava participar da votação, se eu soubesse que a escolha da miss is ser amanhã, de hoje eu começava a inventar uma doença para não ir à escola no outro dia. Não era nem pelo fato de que eu não ia ser com certeza escolhida, mas pelo fato de sempre que se fazia o concurso, os comentários sobre a beleza de todas as meninas

> da sala eram inevitáveis. Aí, com certeza, ia sobrar brincadeira de mal gosto pra mim. Ave! Aquilo era uma questão, Vanessinha, de status! A rainha sempre era a mais admirada pelas professoras, pelos meninos, elas eram privilegiadas na hora da festinha porque elas eram escolhidas para falar mais, cantar mais, aparecer mais, eram mais convidadas para participar das brincadeiras. Mas, de certa forma, o meu tempo de colégio foi uma preparação pra vida, pois sempre fui obrigada a lidar com críticas em relação à minha aparência e, para ser o que eu sou hoje, eu tive que enfrentar todas elas, reconhecer o meu valor e de certa forma procurei ensinar tudo que eu aprendi à Rafaela e ao Armandinho [filhos dela] para que eles pudessem enfrentar tudo também.

O movimento da narrativa levou Safira, aos 45 anos, para os dias de sua infância e nessa viagem ela se comoveu, pois se deu conta de que apesar do curso dos anos e as transformações que eles trazem, a mulher que ela é hoje continua almejando coisas que a menina que um dia foi tanto almejava: centímetros a menos, admiração do outro e a possibilidade da alegria.

Por ora, deixemos a inquieta Safira e, ainda na mesma época, década de 1960, visitemos uma outra menina, Ametista, que vivia em São João do Jaguaribe, cidade cearense que dista 215 km de Fortaleza.

A menina Ametista vivia numa casa pequena e extremamente bem cuidada, com um bonito jardim, que contava com um enorme pé de figo, fundamental para oferecer sombra no clima abrasador de quase todos os dias dessa região do interior do Ceará. Ametista passava grande parte do seu tempo ajudando suas irmãs mais velhas nas tarefas domésticas. Tarefas que as mulheres de sua família, desde muito cedo, eram designadas a executar, segundo a educação de Raimundo, o pai. Experiente trabalhador do roçado, conhecido nas redondezas pela sua honestidade e pelo seu gênio difícil. Uma das muitas histórias sobre o tal do gênio indica que, um dia, ele foi subir no cavalo, e o cavalo se afastou. Ele tornou a tentar subir no bicho, e este tornou a se afastar. Tentou de novo e nada. Na quarta vez que isso aconteceu, num repente de fúria e impaciência, Raimundo mordeu com toda voracidade a orelha do cavalo e esbravejou: "Que é pra esse bicho fi duma égua largar de ser tinhoso". Raimundo, homem valente que dormia com uma faca em baixo da rede caso alguém quisesse "se meter a besta" com ele ou com sua família, trabalhava de sol a sol para que seus familiares tivessem fartura na alimentação e para que não lhes faltasse nada. Mas exigia que os filhos lhes fizessem companhia na lida do roçado e que as filhas fossem zelosas com as tarefas domésticas. Assim dizia: "Mulher é pra ficar em casa, cuidando das coisa!" Assim, Ametista, ainda muito menor do que a vassoura, varria a área de sua casa, subia num banquinho para tirar a poeira dos móveis, juntava os retalhos das costuras de sua avó ou ficava na cozinha em meio ao tilintar de panelas, aromas de alimentos e vozerios de mulheres debulhando o milho e

o feijão, até ficar com as pequeninas mãos cansadas. A única mulher da família que não era afeita aos cuidados com a casa era Francisca, a mãe de Ametista, uma renomada parteira da região que chegava a atravessar os rios para "aparar os meninos". Ela era considerada tanto pelas pessoas abastadas da região como pelas mais pobres como "a mulher da boa hora". Era conhecida pelo grande número de partos que realizou, inclusive alguns bem difíceis. Raimundo desgostava desse trabalho. Achava "muita modernidade mulher trabalhar", e isso era motivo de discussões intermináveis entre os dois, mas a mãe de Ametista não abriu mão de seu ofício. Assim, com o pai no roçado trabalhando de sol a sol e a mãe a aparar os meninos, Ametista passava os dias aos cuidados da avó. Segundo sua narrativa, sua avó tinha o dom de adivinhar o sexo da criança ainda na barriga da mãe. Fazia o palpite pelo formato da barriga, pela tez da grávida e por simpatias também. Quando Francisca esperava Ametista, sua avó afirmou, enfática: "É uma menina e vai ser a mais bonita de todas." A mãe de Ametista contou para ela que a avó esperou o seu nascimento com ansiedade e fez questão de, ela mesma, ferver as roupinhas, os paninhos, as colchas do neném que viria ao mundo na colônia da Alfazema, para que ficassem limpas e perfumadas, uma prática comum entre as mães da região. Mas, com Ametista, foi a avó que fez questão de realizá-la. E, assim, foi sob os cuidados dessa avó que Ametista viveu seu tempo de infância e com quem aprendeu, desde cedo, a importância de cuidar da beleza.

A mulher Ametista, com um semblante transbordando emoção, movida por uma intensa saudade, rememora a sua convivência, no tempo de infância, com as três pessoas consideradas por ela como a base de sua vida: a mãe, que mora distante, o pai e a avó, que já morreram:

> Minha mãe, na época, trabalhava. Trabalhava fora. Era parteira famosa. As mulheres só queriam ela. Fazia os marido vim de longe pra buscar ela lá em casa. Chegavam desesperado! Francisca, Francisca, corra aqui pelo amor de Deus! E lá ia ela. Às vezes, ela acabava de chegar em casa e recebia outro chamado de uma que ia parir lá num sei aonde, lá nas brenha e ela ia! Era muito corajosa, minha mãe! Nesse lado, eu puxei a ela! Na época, isso criava muito atrito com o meu pai, porque ele não via as outras mulheres dos outros maridos da idade dele trabalhando, mulher trabalhar fora de casa era difícil demais. Na época, pra ele era muita modernidade. E o meu pai, bichinha, era brabo, era um homem bom, correto, mas tinha um gênio que só ele! Mas ela enfrentava ele. E eu tenho certeza que o meu pai só admitia aquela situação porque ele era arriado os quatro pneus e o estepe [ele era muito apaixonado] por ela. E ela por ele. É tanto que ficaram juntos a vida toda! [...] é aquela coisa, quem me criou assim do dia-a-dia foi minha véinha [velhinha, forma como ela chamava avó dela], eu ficava na saia dela [ficava pertinho dela] o tempo todo. Era andeja, passava o dia de casa em casa, conversando miolo de pote [conversas triviais]. Acho que eu sou faladeira assim por causa dela. Era um grude medonho nós duas! Ô saudade! Ô acocho [aperto] no peito!

Ainda num tom saudoso, Ametista conta como se dava sua relação como a avó e como essa a estimulou desde pequena a dar prioridade aos cuidados com a beleza:

> Mulher, ela fazia comparação de mim com as outras crianças. Ai! Que a neta da comade Raimunda Ramo é muito magricela, sem graça. Aí... Que a filha da Maria Quixeré é feia parece um tussui. Ai! Que num sei quem... filha de fulano é magricela parece uma tripa seca! Sempre tinha um defeito! Só quem era bonita era eu. Ela andava nas casa e dizia: - Vem cá fulano, olha minha neta como é mimosa. Olha como ela é linda! Me matava de vergonha! A véinha me acostumou mal. Ela botou na minha cabeça que o meu vestido tinha que ser sempre o mais bonito. Que eu tinha que ser a menina mais bonita da missa, do leilão, da quermesse. Eu lembro que na época as roupas da moda era muito babado, quanto mais babado o vestido era mais caro, pouco babado o vestido era fraco. O meu, ela costurava com oito babados. Aí, o que é que acontecia? Quando não tinha condição de fazer esse vestido de oito babado, quando não tinha o dinheiro pra fazenda, eu esperneava, chorava, não queria sair de casa. Botava um boneco amoado! Era assim, minha filha! [...] A véinha reparava se eu tava de pé no chão. Dizia que era pra eu ficar calçada pro meu pé num ficar grosseiro. Pé de menina tinha que ser fino, bem cuidado. Eu adorava ficar de pés descalço sentido a terra, adorava e pra fazer isso só escondido dela! Ela não podia me vê sentada torta, relaxada, que vinha com um pauzinho me bater bem aqui [toca em suas costas] pra eu me endireitar. Até esfregar areia nos meus dentes pra eles ficarem brancos ela me obrigava, mandava também eu passar juá pros dentes ficarem branco, era amargo que só, um sacrifício! Porque, naquele tempo, no interior num tinha pasta, né? [...] Na hora que ela ia lavar o arroz, ela pegava aquela água do arroz e passava no meu rosto que era pra quando eu ficasse maiorzinha num ter espinha [...] Ela me levava pra nadar no rio que era pra eu num ficar gordinha e me dava feijão e vitamina porque eu também num podia ser magra demais porque no interior uma menina com o osso da perna, batendo, na outro era pior do que ser gorda. As pessoas magras demais eram as pessoas mais horríveis do mundo. As pessoas famosas eram aquelas nem gordas nem magras, ter carne nos lugares certo, ser vistosa [...] A véinha abria meus olhos me mostrando que a beleza era tudo na vida de uma mulher. Era importante pra ter a admiração das pessoas, pra arrumar um bom casamento. Tudo!

Ametista relata que os ensinamentos de sua avó foram eficazes em sua vida e que era fascinante para ela, quando menina, mexer nas maquiagens de sua irmã mais velha e ficar diante dos espelhos se arrumando e fazendo poses. Uma fascinação tão intensa que tanto a encorajava a driblar a vigilância ferrenha de seu pai, que não admitia criança maquiada, como a levava a situações de risco como quando pegou o ferro de engomar para esticar os cabelos correndo o risco de machucar-se. É com imenso orgulho que ela relata como sempre foi uma mulher vaidosa:

> Assim era aquela coisa, Vanessinha, acho que, com aquela criação da Véinha, eu fui ficando cada vez mais vaidosa... Vivia agarrada nas maquiagens da Joana, minha irmã mais velha. Ela estudava em Limoeiro[13] e trazia de lá as coisas mais moderna. Assim, um batom da cor bonita, na época, tinha um pó compacto vermelho chamado rouge, eu adorava passar nas minhas bochechas, brilhantinha para o cabelo ficar engomado, duro. Só que eu me pintava escondida do pai. Meu pai era brabo, eu morria de medo dele. Qualquer coisinha o chicote comia de esmola bichinha! Ele

[13] Município do Estado do Ceará.

> ficava uma fera porque eu queria viver maquiada, e eu era muito criança, mas a vaidade era tanta que eu me pintava escondida, mesmo que eu levasse um mói de peia. Naquela época, não tinha prancha, não tinha secador, mas eu pegava o ferro de engomar e estirava os meus cabelos. Um dia, minha irmã quase morre porque eu era muito pequena, e ela entrou no quarto e me viu com aquele ferro a brasa estirando o cabelo em tempo de me queimar. Em tempo do rosto ficar marcado. Eu era atrevida, besta. Eu adorava me arrumar, botar lenço na cabeça, gostava demais de botar lenço na cabeça. As meninas não podiam se pintar não, mas eu me pintava. Eu subia numa cadeira, eu passava rouge nas bochechas.

Além de divertir-se se embelezando, Ametista conta que também se divertia brincando com as outras crianças. Conta que, em seu tempo de menina, havia brincadeiras exclusivas dos meninos e outras das meninas. Nos momento de brincarem juntos, os pais estavam por perto, atentos. O pai de Ametista a observava com muita atenção.

> A gente brincava de casinha de verdade, de fazer casinha de verdade, de fazer comida debaixo dos pés de árvores, desmanchava a rapadura pra fazer alfenim. Brincava de família, uma das meninas era a mãe, outra era o pai, outra era a criança [Eu perguntei: E os meninos? Os meninos não brincavam junto com as meninas?] As mães não deixavam. Nada que menina fizesse, menino podia fazer, e nada que menino fizesse, menina podia fazer. Menino brincava de caçar, de acompanhar o pai na pescaria, uns brincavam de bola, os meninos já podiam andar com uma faquinha do lado e viver no mundo. Eu lembro que eu tinha um primo, a gente chamava ele de Pulé. O Pulé gostava de brincar com a gente, com as meninas, de fazer comidinha essas coisas e o meu tio já tinha proibido ele de brincar com a gente, pois uma vez o pobre do Pule tava brincando, segurando uma panelinha de barro e o meu tio chegou por trás e deu uma surra de chicote nele que o condenado ficou num estado de dá pena. Era desse jeito! Eu lembro que vez que menino e menina brincava junto é quando os pai tudim tava na calçada... Naquela época, ainda não tinha energia nas casas, era na base da lamparina e, aí, o povo saía pra calçada aquela lua, aquelas estrelas, ficava claro, aí as crianças podiam brincar de roda, de ciranda, de camaleão, mas, mesmo assim, na hora da roda, o meu pai num queria que eu pegasse na mão do menino, e ele ficava só pastorando.

Com um ar eufórico e orgulhoso, ela rememora as histórias do seu tempo de aluna-miss:

> Mulher, num vô mentir que eu levava muito mais tempo me arrumando do que mesmo estudando, mas, desde pequena, eu sou esperta, pego as coisas no ar... Era uma boa aluna, era melhor no português, na matemática, a tabuada comia de esmola! Se num fosse a burrice de casar cedo, eu tinha terminado meus estudos. Oh! Tempo Bom! Eu era feliz e não sabia! Sinto tanta saudade! A minha preocupação, a preocupação grande mermo era se eu ia ganhar o concurso de miss naquele ano, mas assim, dentro do meu coração, eu sabia que ia ganhar. Porque acho que de tanto a véinha dizer que eu era linda, eu acreditava, e o povo também! Ela fazia assim uma mídia... Uma propaganda violenta de mim! A bicha era danada! E assim, quando eu era criança, além de ser bonita eu sabia andar, sentar, ser graciosa, ser feminina, minha roupa tinha muito babado, meu cabelo era penteado. Aí tinha o tchan do conjunto! Eu tenho uma coleção de faixa "mini-miss", "a mais bela da classe", "a mais bela estudante", "a beleza são joense", que eu guardei pra mostrar à minha filha, mas ela acha isso uma grande bobagem, um besterada..... Ah!!! Mas eu arrasava! Eu sempre era a mais bonita. Tinha o lado ruim assim da inveja. Tinha

> umas menina que tinha ciúme assim da minha beleza, porque eu chamava mais atenção, mas a Fátima do tio Coraci, que era uma grande amiga e que a gente foi criada junto, sempre ficava do meu lado e, então, assim, eu num me sentia só!

Foi com voz plena de saudade que Ametista, aos 42 anos, teceu sua narrativa do tempo da infância. Saudade do dia livre no sol e no vento, da leveza dos horários menos rígidos, da casa no interior e de todos que davam vida a ela e de forma especial da companhia de sua avó que já cumpriu a travessia, mas que permanece viva no cotidiano de Ametista por meio das lembranças dos momentos partilhados e pelo legado dos ensinamentos de beleza que hoje em dia são tão importantes na vida desta exímia cabeleireira.

Agora, deixemos nossa menina miss e viajemos rumo à década de 1980. Vamos nos dirigir a Fortaleza, mais precisamente a um bairro da periferia desta cidade, para conhecer as vivências da menina Pérola.

Brasil, anos 1980, ocorre o início do processo de abertura política e, nesse contexto, emergem movimentos da sociedade civil, como organização de sindicatos, associações científicas e comunitárias, bem como o surgimento de novos partidos políticos. Tempo marcado por expressivas manifestações de massa, como a greve dos trabalhadores do ABC paulista, que ocorreu em São Bernardo do Campo e foi realizada pelos trabalhadores das montadoras de automóveis daquela região. Tempo também do expressivo movimento das diretas já. (RODRIGUES, 2003). Tempo em que várias bandas de rock entram no cenário musical: João Penca e os Miquinhos Amestrados, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Magazine, Absyntho, Herva Doce, Sempre Livre, Camisa de Vênus, Titãs, Legião Urbana, Ultraje a Rigor, RPM (MEDEIROS, 2005). Muitas delas se apresentavam no Programa do Chacrinha, da rede Globo. A mesma emissora que veiculava o seriado *Armação Ilimitada*, cujos personagens centrais, Juba e Lula, representantes da geração saúde, utilizavam, como extensões de seus corpos, os carros esporte, as pranchas de surfe, o walkman, o blue-jeans, sonhos de consumo de muitos jovens da época. (PAIVA, 2001). Tempo em que as práticas físicas passam a ser mais regulares e cotidianas, expressando-se na proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos. (CASTRO, 2004). Na moda, surgem novos tecidos, como o *stretch*, que dava um ar futurista às roupas.

Enquanto isso, a menina Pérola, com freqüência, acompanhava sua mãe em seu trabalho de diarista. A menina poderia ficar em casa com seus irmãos mais velhos, mas insistia em acompanhar a mãe porque gostava de estar naquelas casas amplas, com muitos móveis, de grandes jardins, situadas em ruas bem tratadas, tão diferentes de sua rua. Vez ou outra, ganhava das patroas de sua mãe alguma guloseima, vestidos que ficavam perdidos para

as filhas delas e, com sorte, algum sapatinho. O que a encantava de maneira especial nessas "visitas" eram os brinquedos das crianças que moravam em tais casas, as bonecas de maneira especial, uma mais bonita que a outra. A menina esperava com ansiedade a hora de sua mãe limpar os quartos das crianças para admirar as bonecas, ainda que sem tocá-las, pois sua mãe a ensinou, desde sempre, que, nas casas alheias, ela deveria "[...] andar de mãos para trás, sem bulir em nada." E assim ela fazia. Quase encostava a ponta do nariz nas bonecas de tão pertinho que ficava delas, mas sempre com as mãos para trás. Numa das casas, a patroa concedia-lhe a liberdade de brincar com a filha dela, e a menina que tinha muitas bonecas gostava da companhia de Pérola e deixava que ela tocasse e brincasse com todas elas. Era um sonho! Nesta casa, também a tal patroa tinha o costume de contar histórias para sua filha e convidava Pérola para ouvir também. As duas meninas adoravam. Eram histórias de princesas, Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida. Pérola sonhava em ser como elas, embora seus vestidos e sua cintura andassem longe de ser como os das princesas. Era uma criança magra, mas já tinha uma barriguinha considerável. Quando o expediente de sua mãe terminava, ela saía dessas tais casas com um sentimento de que gostaria de morar ali. “Por que a gente num mora aqui? A senhora me dá uma boneca daquelas?” E a mãe dizia firmemente: “Estude, estude muito para quando você crescer, você ter um bom emprego e conseguir morar numa casa assim e ter tudo." Na sua casa, a menina ajudava sua mãe a fazer bolos e salgadinhos para vender. Coisas gostosas que agradavam o paladar de Pérola, mas a menina temia desfrutá-los, pois, desde sempre, escutou que deveria cuidar do físico, já que a maioria dos membros da sua família materna tinha tendência a engordar. Ela não só acompanhava a luta diária de sua mãe com regimes de toda sorte para emagrecer como ouvia constantemente dela que uma pessoa gorda sofre muito e que ela tinha que se cuidar desde pequena, porque sua ela tinha tudo para ser gorda. A menina ficava apavorada. Outro momento que marcava a infância era quando seu pai, nos finais de semana, levava Pérola à praia. A praia distante "num sei quantos ônibus". Mas ela não se importava com a distância. Era o momento de desfrutar a companhia do pai. Na semana, devido ao seu trabalho de pedreiro, seu pai saía para trabalhar quando ela ainda estava dormindo. Quando ele chegava, Pérola já estava se preparando para dormir. A ida à praia era o momento de catar conchinhas e andar livre pertinho do mar.

Ela inicia a fala a seguir com um sorriso bem largo, rememorando as brincadeiras de seu tempo de infância... As brincadeiras na rua e o seu bem-querer em relação às suas bonecas que, de tão preciosas, a acompanham até hoje. Depois, ela muda o semblante e fica

com um ar tenso porque pensa na possibilidade de dar as bonecas porque seu filho insiste em querer brincar com elas e Pérola não acha isso adequado para um menino:

> Tão bom, mulher, nesse tempo! Eu brincava de macaca, de jogar pedra, eu me garantia no elástico. Ninguém ganhava de mim! Ei! eu acho que é do teu tempo também, né? [balancei a cabeça positivamente] Pega-pega, homem-pega-mulher, esconde-esconde. Era bom demais. Era uma turma grande!Menina, umas peste! Só eu e meus irmãos já dava uma confusão danada. Era uma cambada, minha mãe só deixava sair se fosse tudo junto. Aí juntava as outras criança da rua, num prestava não, era aquela zoada! Mas eu era adorava mermo era brincar de boneca, só que eu tinha poucas e num era daquelas que eu via nas casa que minha mãe me levava, mas eu gostava das bichinha, botava nome, fazia roupinha, penteava o cabelo, dava comidinha. Até hoje eu guardo minhas bonecas! Vem cá vê! Uma vez me deu vontade de dá tudim, morro de pena de dá mas eu vou ter que fazer isso porque o Lindenberg [filho dela] cismou em querer brincar, mas é claro que eu proíbo porque brincar de boneca num é coisa de menino. Eu num deixo de jeito nenhum. Uma vez eu quase morro porque ele passou um batom meu e calçou um salto e eu fiquei tão desesperada que meti uma tapa nele e eu nem sou de bater. Mas às vezes eu num sei, menino criado sem o pai, eu tenho medo que ele fique, sabe?. Nesse dia que eu bati nele, eu chorei, mas eu tinha que fazer isso.... Às vezes fico toda atrapalhada.

A vida de Pérola quando criança não era só sorrisos vindos das suas vitórias nas brincadeiras de elásticos e da gostosa sensação de brincar livremente na rua. Ela sofria imensamente com um medo intenso que a fazia ter pesadelos: medo de engordar. Um receio estimulado pela voz e comportamento de sua mãe:

> Mulher, do mesmo jeito que tinha medo do babau, do véi do saco, do boi da cara preta que minha mãe dizia que ia chamar quando eu tava me danando, eu tinha medo de engordar. Porque ela plantava o terror em mim! Dizia que ser gorda era horrível, que era a sina da família dela e que, se eu não me cuidasse, eu ia ficar igual e que o povo ia mangar de mim e que eu ia ficar pro caritó que nem umas tia minha. Era uma ladainha!Cada carão de lascar! Menina, era osso! Eu me sentia assim, tipo culpada. Eu sonhava que eu tava gorda e aí acordava apavorada em tempo de botar os bofe pra fora, aí pegava no meu braço pra ver se tava fino, na minha bochecha. Eu me lembro que eu pequena, menina véia, sei lá, com 6, 7 anos, rezava pedindo a Deus pra ele não me deixar ser gorda como minha mãe e minhas tias.

Pérola relata uma cena comum em seu cotidiano de menina na qual se pode perceber a aflição de sua mãe com o fato de ser obesa. Quanto mais aflita ficava sua mãe, mais ela cobrava de Pérola os cuidados para não engordar:

> Minha mãe sofria muito com esse negocio de gordura. Sempre sofreu. Porque é assim: pra perder um quilo é uma luta; pra ganhar é rapidinho. Sei lá, acho também o fato do papai naquela época ser um homem bonito, trabalhava de pedreiro, tinha aquele corpo magro, forte. Ela se mordia de ciúme. Minha mãe era muito ciumenta. Tinha uma tia nossa que casou-se com um rapaz de condição, estribado. Ela vivia bem naquele tempo até ajudou a gente a reformar a casa e tudo. Naquela época que nem todo mundo tinha televisão, ela já tinha. Aí dia de final de semana, a gente se reunia lá pra almoçar e assistir televisão. Aí tinha o programa do Chacrinha e minha

> mãe morria de ciúme das chacretes, era confusão grande. Ela cismava que o papai tava olhando pras chacretes. E elas lá tudo de maiô, rebolando, balançando o dedinho, dizendo roda, roda, roda e avisa! Todo domingo era aquela confusão! Eu acho que ela se chateava porque no fundo, no fundo ela queria muito ter aquele corpão das chacretes, e não conseguia, e aí o pai ainda ia olhar... mas nem sei se ele olhava, sabia? Acho que era mais coisa da cabeça dela. É o tipo da coisa, ela vivia abalada dos nervos, impaciente de tanto que ela passava fome pra emagrecer. Então, qualquer coisinha, ela explodia! Nessas horas, ela botava aquele olhão dela pra cima de mim e dizia: - Se tu num se cuidar, tu vai pelo mesmo caminho. Eu ficava passada!

Foi contando algumas lembranças do seu tempo de aluna numa escolinha pública e bastante precária, situada em um bairro vizinho ao dela, que Pérola se mostrou grata à sua mãe pelas cobranças em relação a seu corpo:

> Mas eu acho que, no fundo no fundo, ela fazia isso comigo pra eu não passar o sufoco que ela passava. Ela se realizava em mim! Eu era magrinha, bonitinha, e o povo me elogiava, me chamava de linda e tudo mais. Uma vez, teve uma festa lá na escolinha que eu estudava que eu ganhei um desfile, eu era menina véia, acho que minha mãe ficou mais feliz do que eu nesse dia [...] Nessa escolinha, a gente tinha um grupo que imitava as paquitas. Era engraçado porque a gente era quase tudo nega dos cabelo de bombril, mas a gente se sentia as paquitas. Era bom, e a gente se apresentava nas festinhas e, depois, a gente começou a ser convidada pra se apresentar nos aniversários e aí a gente comia bolo que nem presta! Minha mãe não perdia uma apresentação. Ela adorava ouvir o povo me elogiando. Eu me achava e ela se realizava! Dava maior valor a essas coisas. Sei lá, parecia que era ela. E justiça seja feita, eu tenho que dá graças a Deus ela ter me alertado desde criança porque até completar os 21, eu nunca sofri por ser gorda. Eu tinha aquele medo, eu me cuidava, eu consegui ficar magra, mas aí quando eu engravidei, o negócio desandou! Foi bom ter vivido em paz, magra, até os 21, depois o inferno começou!

Apesar dos medos que Pérola, hoje com 28 anos, revelou sentir quando criança, ela narrou muitas de suas passagens da infância com tanto encantamento e entusiasmo que a sensação que transmitia é que ela queria voltar no tempo e simplesmente ser aquela menina, muito admirada por sua beleza, que passava os dias agarrada em bonecas, a esperar com ansiedade o momento de catar conchinhas a beira-mar. Entretanto, no tempo do relógio, sempre aparecia seu pequenino filho com suas urgências deixando claro que esse tempo de bonecas e conchinhas passou e que agora ela deveria viver as emoções de uma nova etapa da vida.

Deixemos nossa "paquita cearense" por enquanto. Vamos, leitor, conhecer Cristal, que também viveu sua infância nos anos 1980 em Fortaleza.

Cristal, uma menina tímida, curiosa e extremamente criativa, morava numa casa modesta situada num bairro de periferia de Fortaleza que era, pelas vias de sua imaginação, constantemente visitada por seres mágicos. Nas palavras dela: "A infância foi ótima, aproveitei muito, década de oitenta, uma época muito mágica, a gente não tinha é... essa coisa

de pressa. A minha infância foi totalmente visitada por seres mágicos, coisas, tipo assim, fadas, doendes, bailarinas, Papai Noel, coelho da páscoa." Alguns desses seres mágicos ganhavam carne e osso quando, com muita insistência, ela convencia seu pai, funcionário público, a reservar um dinheirinho de seu apertado orçamento para levá-la ao circo e ao parque. Um divertimento que fazia seus olhos grandes e castanhos brilharem e seu coração bater forte de tanta alegria. Sobre o seu tempo de infância, Cristal também revela: "Como toda menina de periferia, tive uma infância de brincar na rua." No entanto, ela conta que não podia ficar tão à vontade assim para brincar, pois os seus movimentos eram constantemente vigiados e controlados pelos seus pais, que, a seu ver, eram conservadores e exigiam dela um comportamento exemplar. Segundo Cristal, isso significava, na visão deles, discrição no modo de vestir: "Todas as minhas roupas eram muito conservadoras por causa da minha educação. Meu pai e minha mãe escolhiam minhas roupas. Assim, se eles me davam um vestido e ficasse curto para os padrões do meu pai e da minha mãe, eles trocavam na loja. Eu nunca usei biquíni, eu usava maiô com short por cima", como no modo de agir, que deveria ser comedido: "Nada de extravagâncias!" Além de vivenciar as brincadeiras na rua, ela gostava de assistir à televisão, em especial aos programas da Xuxa. Outra coisa que lhe dava prazer eram os livros que, desde o momento em que aprendeu a ler, tornaram-se para ela bons e divertidos companheiros. A propósito, em sua casa ela sempre foi estimulada a estudar. Estava, entre os sonhos de seus pais, sua formatura. No entanto, o cotidiano da pequena Cristal não tinha só esse lado lúdico, ela enfrentava dores: as dificuldades financeiras que rondavam o dia-a-dia de sua família, as palavras ásperas e irritadas trocadas constantemente entre seus pais ou, então, os silêncios compridos entre os dois e, de forma especial, o fato de a pequena Cristal se sentir feia, sem graça e jamais notada. Logo ela, que sempre almejou ganhar um concurso de beleza e ter uma faixa de rainha. Ela conta que era magra demais e, por isso, não conseguia nem fazer parte do processo pré-seletivo para escolha da rainha que, em vez disso, era insultada pelas outras crianças devido à sua aparência – o que provocou dores que, ainda hoje, com 25 anos, nunca esqueceu.

A mulher Cristal respirou fundo e rememorou o seu tempo de menina:

> Bem, assim.. Eu vou começar pela infância pra poder não me perder. Bom, assim, eu sempre fui uma criança magra até, mais ou menos, os onze anos. Eu era muito magra, tinha umas pernas finas, muito finas mesmo e, assim, eu era totalmente sem graça, sempre fui muito tímida. Desde criança, eu sempre fui muito tocada pela questão de achar que as pessoas não gostavam de mim, eu achava: ah! todo local que eu chego ninguém me percebe, ninguém me nota, ninguém gosta de mim e, se ninguém gosta de mim, eu associava alguma coisa que tinha a ver com feiúra. Eu percebi que nunca olhavam pra mim, nunca me achavam bonita. Eu pensava: se não

> me notam e não gostam de mim é porque eu não sou bonita [...] Os meninos na rua me chamavam de esqueleto humano, e eu me incomodava muito com isso, muito mesmo. Que loucura! E quem diria que um dia eu ia tomar vinagre pra me tornar literalmente um esqueleto humano.

Com um tom de voz angustiado, ela conta que a educação de sua mãe contribuía para que se sentisse sem graça. Revela também a comparação que fazia entre a sua aparência física e a de outras meninas e diz como as meninas eram cobradas a ter determinada aparência:

> Minha mãe sempre foi muito fechada, ela nunca não me ensinou a maquiar, a arrumar o cabelo [...] Eu acho lindo uma mulher que se maquia, quem faz assim uma pintura no olho, realça o olhar, acho lindo! Pois é, quando eu era criança, eu percebia, pelo jeito delas, que as mães das minhas amigas eram vaidosas, e as minhas amigas eram também. As outras meninas estavam sempre arrumadas, maquiadas, com um penteado diferente, uma roupa bonita, e eu era aquela coisa cabelo normal com franja com duas polianas como a Chiquinha do Chaves [risos]. Eu via as meninas mais bonitas do que eu sendo sempre as mais admiradas pelos meninos, pelas pessoas em geral e eu me sentia muito sem graça! Ficava me comparando e me sentia mal. E tipo uma menina tinha que ser a menina bonita, limpinha, feminina, organizada, penteada. O menino nem tanto porque eles podiam viver sujos, rasgados que tudo bem. Eu era limpinha, organizada e penteada, mas me sentia totalmente sem graça. A mulher é sempre muito cobrada desde a infância até morrer, eu acho. Entendeu?

Com uma voz que expressa prazer, com um sorriso largo, Cristal rememora as brincadeiras de sua infância:

> Na minha infância, eu tive mais contato com brinquedos tipo quebra-cabeça, jogos daqueles de pular uma casa, voltar duas casas. Eu brincava de playmobil. Eu brincava de boneca, eu gostava de desenho, de seriado japonês. Eu gostava de brincar com caixa de geladeira e de fogão, que eram grandes, eu gostava de brincar na rua de pega-pega, dona da calçada com os meninos e as meninas.

E conta que, certa vez, decidiu brincar de desfile em sua rua com forte intenção de conseguir a tão sonhada faixa, ainda que fosse de papel higiênico:

> Meu sonho era ter uma faixa! É tanto quando uma amiga minha foi rainha da escola dela, eu ficava pegando na faixa, não com inveja, mas com aquela vontade de ter uma faixa. Pôxa! Quando eu vou ter uma faixa!? Eu lembro que uma vez eu organizei um concurso lá na rua, com as crianças da rua, a gente fazia umas faixas muito feias de papel higiênico, que era horrível mesmo, porque a gente mal pegava e já rasgava e era um cuidado pra fazer bem bonito o com o nome “rainha” do eu queria tipo que fosse como as faixas da escola bem trabalhada. Eu lembro que, na época, os meninos das ruas se juntavam entre eles, as meninas desfilavam e eles votavam, e eu lembro que eles fizeram um complô e ninguém votou em mim. Eu tirei o último lugar e eu rasguei a faixa com muita raiva. Foi um dia muito ruim pra mim!

Agora por meio da narrativa de Cristal, vamos acompanhar alguns momentos vivenciados por ela em seu colégio "[...] uma escola pública que funcionava numa casa muito pobre, muito pequena que não tinha estrutura de nada, laboratório de nada." Primeiramente, vejamos como ela se sentia nesse espaço:

> Eu era apenas uma aluna que passava por média e simplesmente isso. Nunca fui da sala toda gostar de mim, sempre tinha muitos que não gostavam. Eu me sentia feia por achar que as pessoas não me achavam popular. E eu tinha pavor às aulas de ciências naquela parte de estudar o esqueleto humano e todo mundo dizia olha a Cristal.

Cristal, que achava ruim o fato de não ser notada, certo dia chamou a atenção de muitos meninos e meninas na escola, mas, para sua infelicidade, não foi pelo motivo que queria:

> Num dia de sexta-feira, quando a gente ia pra escola à paisana, minha mãe me vestiu com aquelas meias horríveis, que devia ser moda na época, um meião que tinha um monte de bolinha, meia fina cheia de bolinha, aquela que a gente usava uma vez e se rasgava. Podia até ser moda, mas em mim ficava horrível! Ela me calçou com um sapato preto de verniz com um laço em cima, um short preto, uma blusa branca que eu não sei mais que estampa tinha. Eu tava simplesmente um horror! Eu lembro que fiquei assim traumatizada! Antes da aula começar, corri ao banheiro pra tirar pelo menos o meião pra não ficar tão feio, mas aí não consegui. Porque a escola era muito pobre, precária, o banheiro não tinha porta, só tinha uma cortina e eu tava tirando o meião, aí os meninos começaram a balançar a cortina, fazendo hora com a minha cara, inclusive o carinha que eu gostava. Todo mundo ficou fazendo hora! Um mico! Eu fiquei passada de vergonha! Queria morrer!

Algo que a entristecia intensamente em seu tempo de infância era o fato de não ser escolhida rainha. Cristal comenta quem eram as escolhidas e o frisson que elas causavam.

> Ninguém nunca me escolhia pra ser rainha. Eu sempre quis ser, pelo menos, convocada para participar do processo pré-seletivo. Geralmente, elas eram as meninas lourinhas, dos olhos claros, magrinhas, mas não esqueléticas, como eu era.... O termômetro da beleza também era aquele que quanto mais a menina fosse convocada para eventos, para fazer parte do grupo de dança, para tirar foto para fazer propaganda da escola, mais bonita ela era. As rainhas faziam mais sucesso com as professoras. Tipo, as professoras babavam mais, as meninas eram mais populares, os meninos se interessavam mais. Eu lembro que tinha uma que o apelido era “loirinha”. Na época, ela, nós éramos magrelas, e ela tinha um corpo lindo. Tinha um menino que eu achava lindo. E ele falava muito da loirinha e isso, a loirinha era aquilo, e eu chorava porque eu queria que ele falasse de mim.

Cristal, hoje com 25 anos, narrou grande parte das passagens de seu tempo de infância com uma expressão corporal que transmitia dor e angústia, devido às rejeições que enfrentou em relação a sua aparência física, mas a sua forma de contar sua infância também

evidenciou um orgulho por nunca ter desistido, desde a mais tenra idade, de transformar as dores que sentia em estímulos para buscar a beleza.

Venho pedir mais uma vez que apertem os cintos. Agora, vamos rumo aos anos 1990 conhecer outra menina, Esmeralda.

Brasil, anos 1990, abertura do mercado para importados. Crise econômica ocasionada pelo plano Collor. Tempo de expansão da internet no território nacional. No contexto da publicidade de cosméticos, é tempo de se propagar que os cuidados com o corpo deveriam iniciar-se aos 20 e não aos 30 ou 40 anos, como anteriormente se compreendia. Lançamento de linhas de cosméticos direcionadas especialmente para faixas etárias mais jovens. (PALACIOS, 2004).

Enquanto isso, na periferia da cidade de Fortaleza, habitava a menina Esmeralda, que só queria ser gente grande. Sua mãe que costumava acompanhar as nossas conversas revelou para mim: "Ela só queria ser moça. Ela batia nos peitos com colher de pau pros peito crescer e, uma vez, peguei ela com uma gilete se cortando aqui pra ficar moça logo... Ô juízo, ô cabeça. ". Ao ouvir sua mãe falar, Esmeralda só confirmava com um sorriso. Esmeralda chorava querendo usar as maquiagens de sua irmã. Esta, por sua vez, não admitia, pois maquiagem era coisa cara, e ela só tinha porque sua madrinha, revendedora da Avon, uma vez por ano, no aniversário ou no natal, a presenteava com um estojo. O que causava brigas homéricas entre as irmãs. Além da maquiagem, a pequena Esmeralda queria usar "roupas de mocinha" e, já com seis anos, pedia um sutiã à sua mãe. Gostava de fazer amizade com as meninas mais velhas. Ficava desapontada quando não podia acompanhá-las em algumas festinhas. Mas crescer logo não era o único desejo de Esmeralda. Outro era querer encontrar seu pai, que abandonara sua casa e nunca mais retornara. Outras lembranças desse tempo vêm das brincadeiras livres em meio às ruas da periferia em que morava. Apreciava correr livremente, brincar com meninos e meninas, revirar as ruas. Fazia isso todos os dias, mesmo com as críticas da vizinhança, que vivia dizendo que ela não tinha limites e que sua mãe era negligente com sua educação.

Prazer de brincar livre, leve e solta nas ruas, fofocas da vizinhança em relação ao seu comportamento, conselhos de mãe... De maneira descontraída, Esmeralda conta sobre sua infância:

> Quando eu era pivete, com certeza eu já botava um boneco básico [fazia suas danações, suas teimosias]! Lóooogico! Minha mãe, coitada, vive dizendo que, desde pivete, sofre comigo porque eu sou rueira. E eu sou mermo! Adooooooro bater perna! Adooooooro dá luz alta por aí! [ser vista, ser notada] O chato é que ela pena com as fofoqueira aqui da rua, os bicha paia!As língua dá pra medir o mar! Fica

> dizendo que a pobre da mãe nunca botou moral em mim, que eu sou isso, que eu sou aquilo, dão conta da minha vida e esquece de olhar pras piriguete [meninas com um comportamento que ela entende como fácil, vulgar] das filhas delas. Umas santas! Uns anjo, mas me conte? Só sendo! Minha mãe, mulher, sempre foi sofredora trabalhou pra botar as coisa dentro de casa, assumiu tudo quando meu pai sumiu no mundo. Num tinha e nem tem tempo de ficar no meu pé, mas ela sempre me deu os toques: - Esmeralda, rua num dá futuro pra ninguém! Esmeralda, na rua tu só vai encontrar o que num presta! Esmeralda, vai estudar pra tu ser gente! Essas besteira que mãe sempre diz! Desde pivete, ela me diz isso! Mas eu era viva e morta na rua brincava de homem pega mulher, pega-prega, esconde-esconde, cai no poço. Ih! Minha mãe encarnava em mim pra mim só sair depois que.... arrumasse as coisas em casa, eu arrumava vuado, só por cima... serviço de porco como ela diz e depois eu ia pra rua. [...] Nunca gostei muito foi de brincar de boneca, eu também num tinha dinheiro pra comprar e, quando minha mãe podia me dar uma besteirinha, eu pedia roupa nova e maquiagem.

A seguir, Esmeralda mostra como em sua infância ela era movida por uma forte ansiedade em crescer e conta que se sentia insatisfeita em relação à sua aparência física:

> Uma coisa boa desse tempo é num ter espinha. Ô coisa paia é espinha! Ninguém merece! Odeiiiiiiiiio! Mas ser criança é um saco *[um aborrecimento]*. Minha vontade era crescer logo pra fazer tudo que adulto faz. Minha irmã ia pras festa, toda pintada, toda arrumada, toda gatona e eu ficava asilada *[querendo muito ir]* pra ir! [...] Ei, eu era muito horrível quando era pequena. A mãe tem umas fotos...eu com 5, 6 anos, eu já disse pra ela que se ela num guardar bem guardadinha eu rasgo tudim que nem eu fiz com as outras. Eu era uma tripa seca de com o cabelo pixaim, um dragãozinho, catrevage mermo [mulher feia, menina feia]! Sério! Por isso que eu sempre digo era muito mais fácil ter nascido filha de uma lorona *[aumentativo de loira]* e de um lorão alto, olho azul, cabelo liso, aí pronto eu nem precisava penar tanto pra ser assim!

Do tempo de colégio, ela nos conta, com um tom exaltado e insatisfeito, sobre a paixão que teve por um menino mais velho que muito criticava a sua aparência:

> Ah! Teve o lance do Francimar, um menino que estudava lá no colégio. Tinha uns nove quando eu pirei na do Francimar e ele era bem mais velho naquela época. Um doidim vei daquele, bicho paia [alguém sem valor, que não é digno de admiração]! Um prego [mesmo sentido de paia] que hoje só porque eu tenho essa beleza assim acima da média vive lambendo o chão que eu piso e eu só dando o balão nele. Só cantando: - Baba, olha o que perdeu. Baba, a criança cresceu. Bom, bem feito pra você. Agora eu sou mais eu. Isso é pra você aprender a nunca mais me esnobar. Baba, baby, baby. Baba. E pra não dizer que eu sou ruim, vou deixar você me olhar, só olhar, só olhar! [risos] Ele me dispensava, mulher, um bicho paia daquele que hoje num pega ninguém, num pega nem gripe! Ainda tinha coragem de frescar com a minha cara me chamando de pau de virar tripa, grafite, saco de osso e eu, abestada, chorava. Porque naquele tempo eu era uma pomba lesa, abestada. Hoje que eu sou uma gata show num sofro por homem não, meu lema é: - Pisa, que amacia! Ele gostava de uma doidinha lá do colégio que todo mundo achava bonita. Amanda! A menina só queria ser as prega! Toda bestinha! Toda festa, ela era a merecida, era a rainha, era isso, era aquilo. Eu tinha um ódio dela tão grande! Um dia, eu combinei com as menina de pregar chiclete no cabelo dela. Foi show! Irado! Ela ficou louca. Quem manda ser otáaaaaaaaria.

Em cada relato de Esmeralda sobre a infância emerge fortemente a sua vontade de crescer, como se crescer significasse um par de belas asas que a fizesse conhecer e viver o mundo e transformar a sua própria vida.

1.1 Uma Menina Tem que Caminhar é Assim, Viu?!

Dentro de mim há uma criança que se recusa a morrer
(Tove Ditlevsen)

Para a reflexão sobre as narrativas da infância de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda, remeto-me a um pensamento de Antonin Artaud, que diz: "Desde a origem da existência humana, o outro é a condição do sentido. Ele é o fundador da alteridade, do laço social. Estamos em nosso corpo como num cruzamento habitados por todo mundo."[14] Nesse sentido, compreendo que as protagonistas deste trabalho vivem nas e pelas relações sociais. Relações sociais que produzem normas, valores e "verdades". Elas são quem são devido às relações que estabeleceram no curso da vida. Tanto é assim que, a todo instante, nas narrativas sobre seus corpos, elas evocam (e com que força!) as pessoas com quem conviveram e aprenderam. Dessa forma, só posso compreender o modo particular pelo qual cada uma vivenciou o seu corpo na infância a partir das relações que estabeleceram tanto com os adultos como com as outras crianças.

Antes de refletir sobre as relações que elas estabeleceram no âmbito familiar e a forma como vivenciaram seus corpos a partir dessas relações, é preciso esclarecer de que maneira a família, no curso desta pesquisa, será compreendida. Seguindo os ensinamentos de Barros (1987), compreende-se a instituição familiar como sendo "[...] um grupo de pessoas que, unidas pelos laços do parentesco e de afinidade, estabelecem entre si códigos próprios, capazes de fazer fluir inúmeras facetas de relacionamentos" (BARROS, 1987, p. 20). Essa escolha se deve à minuciosa pesquisa de campo, à observação participante, a certo convívio que estabeleci com os familiares dos sujeitos da pesquisa e, principalmente, aos discursos e entendimentos que cada um deles tem sobre a família.

Sigo, também, os ensinamentos de Osterne (2001), que reconhece o modelo de família ocidental como fenômeno social com uma história descontínua, não linear, não homogênea, que é construído numa tensão dialética entre a diversidade e a história. A autora

[14] (http\\incubadora.fapesp.com.br)

(2001) aponta que a família transmite nome, patrimônio material, ensinamentos, hábitos, costumes, crenças, ideologias, princípios, mas orienta que a forma como isso ocorre varia de acordo com o contexto histórico, econômico, cultural de cada grupo familiar. Portanto, ao falar em família, é importante questionar de qual família se está falando? De qual estrato social? De qual momento? Vale mencionar que, no fazer desta pesquisa, procurei acionar esses questionamentos.

Lembremos dos passos firmes e do olhar severo do pai de Rubi, sempre por perto, verificando se ela estava agindo de maneira feminina, quieta, reservada, comportada, discreta; da postura enérgica de Dona Graça, mãe de Safira, exigindo que ela agisse de acordo com as aulas de etiqueta, impedindo-a, terminantemente, de ficar suada, despenteada e descomposta e do pai, mesmo ausente, exigindo, tanto dela como de suas irmãs, porte, elegância e feminilidade em tudo que fizessem; da avó de Ametista, que, de braço dado com ela, saía pela vizinhança chamando a atenção para sua beleza, bradando aos quatro ventos: “Olha a minha neta como é mimosa”, “Olha como ela é linda” e da postura incisiva de seu pai dizendo “Mulher é pra ficar em casa cuidando das coisas!”; da voz da mãe de Pérola, que nas palavras desta, “Plantava o terror” para que ela se prevenisse da obesidade; dos pais de Cristal, que falavam em alto e bom som “Nada de extravagâncias!”; da voz preocupada da mãe de Esmeralda, recomendando que ela saísse do meio da rua e fosse para casa estudar para ser gente.

Estas são apenas algumas das muitas passagens nas narrativas apresentadas que revelam claramente que os corpos das protagonistas deste trabalho, desde a mais tenra idade, foram instruídos para que empreendessem o caminhar da vida de determinada maneira. Os seus corpos, quando crianças, vivenciaram, no cotidiano familiar, um processo educativo responsável pelo aprendizado de uma bateria de padrões, modelos, crenças, juízos de valor que tinham como intuito integrá-las aos modos de viver, pensar e sentir do dado contexto social e cultural que vivenciaram. Mauss (1974), Barros (1987), Coutinho (1994), Louro (1997) (2001), Mead (1998), Benedict [19--].

Os pais, as mães, os parentes que apareceram nas cenas descritas comunicam tanto por meio de conselhos, palavras amenas, gestos de incentivo e carinho, como mediante palavras reprovativas, carões, ameaças de castigo e surras para que uma menina caminhe na vida de determinado modo. Uma menina tem que falar vestir, agir, sentir, interagir, lidar com as situações cotidianas de determinada forma.

A propósito, muitas vezes, mesmo antes de virem ao mundo, já são criadas expectativas sobre os modos como seus corpos devem ser. Lembremos de uma passagem da

narrativa de Rubi em que ela conta que sua mãe pensou em abortar na décima terceira vez que engravidou, devido ao número de filhos que, a seu ver, era demasiado, mas foi impedida pelo marido que argumentou que poderia ser uma menina. Afinal de contas, suas filhas mulheres estavam todas casadas ou prestes a casar, e ele precisaria de alguma para cuidar dele na velhice. Na concepção do pai de Rubi, o modo como ela empreenderia seu caminhar na vida estava demarcado antes mesmo dela vir ao mundo. Rubi seria preparada desde menina para exercer a função de cuidar dele.

Retomo a frase que Rubi ouviu muitas vezes de seu pai no curso de sua infância: “De uma boa menina, se faz uma boa moça”, para enfatizar, de acordo com Rangel (1999), que as expectativas e pretensões dos familiares em relação às crianças teriam como finalidade última a formação do adulto. Aliás, fica evidente, nas narrativas das seis protagonistas, que, desde cedo, seus pais, mães, avós objetivaram preparar o terreno para a trajetória da vida de cada uma delas.

As expectativas e pretensões dos adultos em relação aos corpos das crianças se fazem em referência a um dado contexto histórico, mas é preciso levar em consideração que tais expectativas e pretensões se fazem, também, em referência às particularidades das condições sociais, econômicas e culturais que os indivíduos vivenciam, bem como às suas individualidades, estilos e subjetividades. Ora, se o intuito, neste momento do trabalho, é compreender as vivências dos corpos das protagonistas quando crianças, não podemos deixar de seguir o ensinamento de Sant’Anna: “O conhecimento do corpo é por excelência histórico, relacionado aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social.” (2000, p. 237).

Uma vez captado o precioso ensinamento de Sant’Anna (2000), convido o leitor a olhar mais de perto as expectativas e intenções que povoavam o contexto social quando as mulheres com quem interagi em pesquisa eram meninas que aprendiam com seus familiares a dar seus primeiros passos nessa aventura humana que é a vida: Que direções eram indicadas? Como seus corpos eram educados para traçarem esse trajeto? Quais as expectativas, intenções, discursos, práticas corporais que as cercavam?

Estou propondo ao leitor uma viagem conduzida por alguns autores das Ciências Sociais, que, por meio de suas publicações, nos fazem fluir em tempos e espaços plurais, nos fazendo ver, perceber e sentir “os sonhos e os receios” e as exigências sociais das diferentes épocas em que as mulheres que dão sentido a estas páginas começaram a descobrir o mundo. Faço minhas as palavras de Bassanezi: ”Isso não quer dizer que todas as mulheres pensavam e agiam de acordo com o esperado, e sim que as expectativas sociais faziam parte de sua realidade, influenciando suas atitudes e pesando em suas escolhas”. (2006, p. 608).

O propósito inicial é perceber, justamente, suas formas particulares de viver diante de tudo que estava sendo dito. Perceber como cada uma atualizou e atualiza as crenças e técnicas corporais do meio cultural em que vivenciaram suas infâncias, bem como do contexto social que vivenciam atualmente. Afinal, elas são artefatos da cultura, mas também contribuem para a construção desta. (MALYSSE, 2002).

A partir desse exercício, poderemos, inclusive, perceber em que medida as expectativas e intenções que compuseram o processo educativo que cada mulher vivenciou na infância divergem, se assemelham, dialogam, convivem, se ressignificam, se reeditam em relação aos valores e expectativas vivenciados pelas outras protagonistas. Tudo isso para compreendê-las melhor, para compreender os contextos sociais que vivenciaram, para compreender a dinâmica da construção de seus corpos em suas caminhadas na vida e, por que não, para pensarmos também no nosso próprio caminhar e nas paisagens que o cercam.

A forma de pensar do pai de Rubi era comum no contexto da época, fins dos anos de 1940, quando muitas meninas eram desejadas ao nascer por sua “utilidade” de fazer companhia à mãe, pelo apoio que deveriam oferecer nas tarefas domésticas e pela atitude servil que assumiriam diante do pai. Muitas eram orientadas, de forma nem sempre suave, a construir seus corpos de maneira apropriada às funções de dona-de-casa, mãe e esposa exemplares, prendadas, obedientes, plenas de comedimento e indulgência, sempre prontas a servir. Elas eram, também, estimuladas a sonhar com um bom casamento, não só a sonhar, mas a se preparar para ele. Fundamentando-se nos estudos de Friedan (1971), Bruschine e Rosemberg (1980), Wolf (1992), Bezanessi (1994; 2006), Coutinho (1994) e Del Priore (2005), percebe-se que todos os ensinamentos passados para as meninas eram considerados imutáveis, como se as referidas características e funções fossem típicas, naturais da sua condição de sujeito feminino.

Seria uma simplificação grosseira não reconhecer que, nesse período, havia, no Brasil, concepções e formas diferentes de educar os corpos das meninas, mas a idéia de que elas nasciam para ser mães, esposas e donas-de-casa dedicadas era amplamente produzida e propagada pelos discursos religiosos, pedagógicos, científicos, jurídicos e faziam parte da mentalidade dominante do referido contexto histórico. Desse modo, esse estereótipo se fazia presente na maior parte dos processos educativos familiares. De modo geral, a menina tinha seu corpo orientado para que ficasse atenta a qualquer poeirinha que caísse sobre os móveis, atenta para adivinhar as vontades e insatisfações de seu pai e, depois, de seu marido, antes que estes as expressassem, atenta para saber qual parte da galinha cada membro da família merecia ganhar, atenta para atender as expectativas e necessidades das pessoas em sua volta.

Comumente, por essa época, não importava se a menina quando crescesse iria se casar com um homem de alto poder aquisitivo que pagaria os serviços de uma empregada para cuidar da casa. O esperado era que ela, independentemente de sua classe social, aprendesse desde a mais tenra idade a ter pleno domínio das atividades domésticas: soubesse ornamentar a casa com destreza, tivesse conhecimento de culinária, soubesse receber as visitas com requinte, dentre outras habilidades. Eis o caso de Dona Graça, mãe de Safira, e o da Dona Odete, mãe de Rubi, ambas nascidas em famílias abastadas, casaram-se com pessoas de alto poder aquisitivo, tiveram sempre empregados à sua disposição e dominavam as mencionadas atividades com destreza e se orgulhavam disso. Dona Graça até hoje faz questão de inspecionar os serviços das empregadas, baseada em seus conhecimentos "irretocáveis" sobre prendas do lar. Dificilmente elas conseguem corresponder às suas expectativas.

Segundo as referidas autoras, no tempo em que Rubi era uma menina, geralmente cabia mais às mães do que aos pais mostrar aos seus filhos a forma como seus corpos deveriam caminhar na vida. As filhas deveriam dedicar-se à apreensão desses ensinamentos para que seus corpos pudessem crescer sadios e aptos a trilhar "o caminho certo". As mães ensinavam às meninas a serem mães e esposas primorosas e aos filhos a trabalharem fora. E se, por acaso, estes teimassem e saíssem do rumo esperado socialmente, elas eram duramente criticadas, tachadas de irresponsáveis e negligentes, e uma culpa desmedida costumava recair sobre seus ombros.

A respeito disso, cito uma passagem da narrativa de Safira na qual ela relata a cobrança intensa de Dona Graça, sua mãe, para que se mantivesse sempre arrumada, enfeitada, limpinha e comportada. Afinal de contas, disso dependia o julgamento que os outros fariam a respeito de como Dona Graça desempenhava o seu papel de mãe. Um julgamento de valor inestimável para ela. Afinal, segundo as idéias correntes dessa época, uma mulher deveria ser duramente criticada se fracassasse no papel para o qual ela "nascera" para desempenhar, o de mãe. Relembre, leitor, o seguinte comentário de Safira: "Ave! Na cabeça da minha mãe, ela só podia ser vista como uma boa mãe se as pessoas me vissem assim como uma boneca de porcelana". Se atentarmos à passagem da narrativa de Esmeralda, que relata as críticas da vizinhança em relação ao seu comportamento, acusando-a de "menina sem limite" e apontando a educação negligente de sua mãe como o fator principal dessa conduta, podemos constatar que tais exigências que recaíam sobre a mãe ainda ocorrem nos dias atuais.

De acordo com as expectativas sociais mais correntes dos anos dourados, época em que Rubi vivenciou sua infância, a menina aprendia, desde muito cedo, que, além de ser

responsável pelo bom êxito do caminhar na vida dos filhos, era responsável pelo caminhar na vida do seu bem-amado e, para isso, deveria se empenhar ao máximo, inclusive ajudando-o a trilhar uma bela carreira profissional. Ela deveria colaborar com o vestuário do seu esposo, auxiliando-o a se vestir elegantemente, deveria ser especialista em organizar uma bela recepção em casa para que seu esposo pudesse levar os seus colegas de trabalho, deveria ter um comportamento elegante para acompanhá-lo nos locais públicos e em eventos, sabendo representá-lo socialmente. Tudo isso era decisivo na elevação social do seu marido.

Além de donas de casa, mães e esposas perfeitas, era esperado socialmente que elas fossem belas. Sant'Anna (1999), numa acurada reflexão que empreende sobre embelezamento feminino no Brasil, esclarece que, na primeira metade do século XX, a beleza era considerada socialmente como um dom concedido por Deus, algo natural, não uma conquista alcançada com esforço. Até porque a mulher que era muito afeita às praticas do embelezamento poderia, na visão corrente, ser considerada de moral duvidosa. Como expressa o seguinte ditado popular da época: "A mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta". Trago uma passagem da narrativa de Safira que se afina com esse pensamento: "A pobre [mãe dela] era muito submissa a meu pai. Pra ter uma idéia, ela não cortava o cabelo, não usava roupa curta e maquiagem tinha que ser muito discreta se não ele mandava ela limpar o rosto." Como afirma a referida autora: "[...] nestes tempos se esperava comprovar a austeridade do caráter e da virtude da alma por meio da manutenção de aparência pouco submetida à ação dos 'artifícios de sedução feminina." (SANTANNA, 1995, p. 125).

No entanto, ainda na primeira metade do século XX, havia, segundo Sant'Anna (2002), muitos apelos publicitários em torno da cura dos problemas de beleza, uma diversidade de remédios existentes para embelezar a mulher como num passe de mágica. A beleza era exaltada e vista como um critério relevante por parte de muitos rapazes na escolha de suas futuras esposas e, segundo Del Priore (2000, p.71-72): "[...] um controle sobre a aparência era exigido até nos empregos ocupados por mulheres. A chamada boa aparência impunha-se." Diante disso, algumas mulheres lançavam mão dos produtos de embelezamento, mas de uma forma velada, disfarçadamente, para que os efeitos parecessem naturais. Algo interessante que ocorria era que os segredos de beleza eram sutilmente partilhados entre elas. Como expressa Sant'Anna: "[...] a beleza era um acontecimento coletivo e feminino, um segredo vivido entre amigas, uma aventura entre mulheres, experimentadas em ocasiões especiais." (1995, p. 131).

Mas como a beleza é uma construção social e, por isso, dinâmica, se manifestando de formas diversas, e, aos poucos, se modificando ao longo do tempo, já na segunda metade

da década de 1950 a beleza passou a ser, como indicam os estudos de Sant'Anna: "[...] um direito inalienável de toda mulher". (1995, p. 130). Algo que poderia e deveria ser conquistado com disciplina e determinação. A beleza torna-se um dever de cada uma. E ai daquela que negligenciasse essa tarefa, pois seria facilmente tachada de desleixada. Esse era um ensinamento passado para as meninas desde muito cedo na educação familiar. Lembremo-nos, de Dona Odete, mãe de Rubi, a se arrumar diante do grande espelho de seu quarto olhando com altivez para a menina e a estimulando a ser bela.

Por esta época, os corpos começam a ser mais expostos nos momentos de lazer. Corpos com trajes um tanto mais ousados do que de costume desfilam na areia, corpos que se banham nas marés, que se rendem ao banho de sol no campo e que, por isso, são mais bem cuidados para que sua exibição seja avaliada positivamente. Mas Castro explica direitinho essa história:

> Devido à expansão do tempo de lazer e à explosão publicitária no pós-guerra, ser esportista passa a ser, cada vez mais, um imperativo: férias remuneradas, popularização do acesso às praias, dos campings, contribuem, a partir da segunda metade dos anos 50, para a revolução de veraneio, que imporá um novo conceito de férias de verão, em que a exposição do corpo ocupa espaço central. (2004, p. 3).

Nessa época Martha Rocha, Sophia Loren, Elizabeth Taylor, Marylin Monroe expõem suas imagens, nas páginas das revistas denominadas femininas e tornam-se referência para muitas mulheres que almejam não só ter uma forma física semelhante, mas também ter vestidos semelhantes aos delas. A publicidade teve uma intensa participação na propagação de práticas cotidianas de cuidado com o corpo, tanto em relação à beleza, à higiene, quanto a práticas esportivas. Muitas dessas atividades eram indicadas por médicos e moralistas burgueses, como contam as autoras Bessanezi (1994; 2006), Del Priore (2000; 2005) e Castro (2004).

Segundo Bessanezi (1994), as referidas revistas transmitiam muitas das normas e representações sociais referentes às idéias dominantes relativas à maneira como os corpos de homens e mulheres deveriam agir, pensar e conviver. Não só reproduziam como contribuíam para a construção dessas idéias.

Betty Friedan (1971), ao observar o cotidiano das mulheres americanas na década de 1950, constatou que os corpos das mulheres que eram submetidos às imensas exigências do papel de dona-de-casa, entre elas, serem esposas, amantes, mães, companheiras, cozinheiras, motoristas, enfermeiras, educadoras, consertadoras de utensílios, decoradoras, nutricionistas e belas acabavam tendo o bem-estar físico, emocional e social de suas vidas seriamente lesado.

Não quero dizer, com isso, que as mulheres donas de casa eram todas submissas, sofridas e subservientes, e seus maridos dominadores. Del Priore (1995) empreendeu um minucioso trabalho sobre as condições femininas, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia e Coutinho (1994), realizou um estudo muito detalhado sobre as relações familiares das mulheres no Brasil, enfatizando as décadas de 1950, 1960 e 1970, desnaturalizando a idéia do homem dominador e da mulher vítima, oprimida e submissa. Essa idéia é limitada, pois não compreende as formas sutis com que mulheres plurais lançavam mão para deter o poder e controlar os eventos que afetavam suas vidas e as vidas das pessoas próximas a elas. Quando suas vozes bradavam que homem não tinha nascido para cuidar de casa, que só sabiam atrapalhar o serviço doméstico, que não tinham o menor jeito com crianças, elas conseguiam garantir o controle sobre os maridos e os filhos. Além disso, essa visão reducionista, que pensa todo homem como dominador e toda mulher como submissa, desconsidera as mulheres que se recusaram a exercer a maternidade como era idealizada em tais períodos, bem como as lutas que muitas empreenderam para subverter os discursos vigentes e transformar as práticas que ditavam a forma como deveriam encaminhar suas vidas.

É importante destacar que, apesar de o processo educativo, no tempo em que Rubi, era criança, de uma forma geral, orientar fortemente as meninas para serem donas de casa exemplares, algumas construíam seu cotidiano de forma diferente. Havia mulheres pertencentes às famílias de camadas populares que eram obrigadas a trabalhar fora para garantir a sobrevivência e completar a renda familiar. Havia, ainda, aquelas que trabalhavam não só para complementar a renda, mas porque se sentiam mais plenas com isso. Havia outras que, mesmo tendo situação financeira confortável, não abriam mão de exercer uma profissão.

Como podemos notar no artigo de Oliveira e Numerato (1980), que objetiva discutir a representação das personagens femininas no cinema brasileiro: em 1930, a atriz Cléo de Verberana trabalhava produzindo o filme *O Ministério do Dominó Negro*. Para isso, ela chegou a vender suas jóias e propriedades. Carmem Santos e Gilda Abreu também trabalhavam como diretoras de cinema. Oliveira e Numerato (1980) mostram que, já em 1940, havia um número considerável de mulheres trabalhando no cinema como *script-girl*, como coreógrafas e, em menor número, como assistentes de produção, montadoras, assistentes de fotografia. Inclusive, Bassanezi (2006) mostra que, no referido período, o trabalho das mulheres era cada vez mais comum, mas era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho dos homens, o chefe da casa. (BASSANEZI, 2006, p. 608).

Margaret Rago (2006) empreende um estudo que mostra uma parcela significativa de trabalhadoras que ajudaram a construir o país já nas primeiras décadas do século XX. Muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas. Nas cidades, trabalhando no interior das casas como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, governantas. Havia aquelas que trabalhavam em escolas, escritórios, hospitais, asilos. Havia, também, as que circulavam nas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros, charutos e flores e as prostitutas. A referida autora conta, ainda, que, entre as jovens das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, escritoras. No entanto, ela aponta que o espaço público moderno foi definido como uma esfera essencialmente masculina. Partilha, assim, a mesma idéia de Bassanezi (2006), quando diz que os trabalhos das mulheres eram, por essa época, cercados de preconceitos e subsidiários ao do homem.

Sobre mulheres que trabalhavam fora de casa na referida época (os anos dourados), faço menção à mãe de Ametista, Francisca, que trabalhava, havia muito tempo, como parteira, mesmo à revelia de Vitelino, seu marido, que dizia de forma incisiva: “Mulher é pra ficar em casa cuidando das coisas!” Ametista conta que: “Na época, isso criava muito atrito com o meu pai, porque ele não via as outras mulheres dos outros maridos da idade dele trabalhando, mulher trabalhar fora de casa era difícil demais. Na época, pra ele era muita modernidade”. Aqui se desnaturaliza a idéia corrente de que as mulheres da classe pobre só trabalhavam porque eram obrigadas a manter seu sustento. Francisca é um exemplo de mulher de poder aquisitivo baixo, mas que recebia todo incentivo do marido para que ficasse em casa cuidando das coisas e, mesmo assim, lutava para exercer sua profissão.

Apesar de Francisca, e das referidas mulheres que dão vida ao artigo de Oliveira e Numerato e ao trabalho de Rago (2006), fazerem parte de um contexto em que, geralmente, os corpos das mulheres eram, desde a mais tenra idade, educados, estimulados, orientados para se voltarem ao trabalho doméstico, elas transgrediram essas expectativas, enfrentando as dificuldades que recaíam em quem decidia mudar o rumo, assumir uma direção diferente daquela proposta pelo senso comum da época, apresentada muitas vezes como o caminho natural, senão o único a ser seguido.

Assim, nunca é demais ressaltar que não podemos generalizar os comportamentos dos seres humanos simplesmente pelo contexto histórico em que viveram. É preciso uma observação cuidadosa das particularidades, das experiências singulares que o individuo vivenciou, levando em consideração sua situação econômica, social, cultural e, além disso, seus estilos, suas subjetividades e individualidades. Por isso, trabalhar com narrativas

biográficas é tão precioso! Porque podemos perceber que o movimento de traçar o caminho da vida não é algo dado, natural. Ao contrário, ele é uma construção que pode ser realizada de diferentes formas. O caminhar da vida das protagonistas desta pesquisa é construído a partir das escolhas de cada uma, das lutas que cada uma decidiu travar, das experiências e das relações que vivenciou, bem como de seus sonhos, de suas esperanças, do grito que abafou, de sua resignação. Há tantas possibilidades de se traçar o caminho da vida como há pessoas!

Quanto a Rubi, nascida e educada para servir, caminhou muitos anos de sua vida cuidando de seu pai. Havia uma cena comum na sua infância, até o começo de sua adolescência, que indicava essa postura solícita e servil: ele chegava em casa vindo do trabalho, ela corria para pegar o seu chapéu, tirava-lhe os sapatos e colocava-lhe os chinelos. Fez isso durante muitos anos. E também foi orientada, quando menina, a ter uma atitude igualmente servil e solícita em relação ao seu futuro esposo, que seria escolhido a dedo pelo seu pai. Mas um dia, quando já era uma mocinha, observou, numa reunião familiar, num almoço em família, que a maioria das ações de suas irmãs tinha como intuito servir seus esposos como costumavam servir seu pai, e, então, ela decidiu que não queria aquele caminho para ela e resolveu mudar o rumo de sua vida. Naquele momento, ela começou a amadurecer em seu íntimo a idéia de entrar para o convento. Decisão que provocou revolta, descrença, conflitos por parte de sua família, mas nada disso a impediu. Ao pensar na narrativa biográfica de Rubi, associo-a um pensamento de Robert Frost que diz: “Um caminho se bifurcou em uma floresta, e eu – eu segui o menos percorrido.”[15]

Já quanto ao ensinamento que o corpo de Rubi recebeu de Dona Odete, sua mãe, para ser bela a fascinava e o ensinamento de que ela era feita para gerar uma vida também. Desses dois ensinamentos, ela jamais abriu mão! Nem mesmo no convento, porque ela me confessou que durante todo o tempo de congregação esses dois ensinamentos sempre vicejaram nela. Por isso, foi severamente castigada pelas irmãs de sua congregação. Sobre isto falaremos mais adiante.

Por ora, vamos refletir sobre o que se passava nos idos de 1960, quando Safira e Ametista eram pequeninas e ensaiavam seus primeiros passos na jornada da vida.

Anos de efervescência quando surgiram movimentos sociais plurais por meio dos quais, como enfatiza Sant’Anna, jovens de toda parte do mundo reivindicavam o fim de todos os tabus relacionados ao corpo, lutando pela livre expressão do desejo e da expressão corporal que se queria cada vez mais liberada de máscaras, repressões, recalcamento. (SAN’TANNA,

[15] Tradução de Rubem Alves (2005) do poema intitulado a *Estrada não Trilhada* da autoria de Robert Frost.

2000, p. 238). Os protestos contra toda forma de discriminação ganham corpo, carne e sangue. Entre os movimentos sociais que levantavam essas bandeiras, estava o movimento feminista que, mesmo sendo criticado por suas propostas, buscava mostrar às mulheres que elas tinham alternativas concretas em seus papéis tradicionais de mãe, esposa e dona-de–casa. Tal movimento propagava a importância de as mulheres terem acesso aos estudos e conquistarem uma profissão e ele ganhava vida por meio de marchas, protestos públicos e, também, por uma produção literária que visava questionar os valores que a sociedade atribuía às mulheres: *O Segundo Sexo,* de Simone de Beauvoir; *A Mística Feminina,* de Betty Friedman; *A Mulher na Construção do Futuro*, de Rose Mari Muraro. É importante destacar que essse movimento repercutiu em ritmo e intensidade diferente, atingindo realidades diversamente localizadas.

Afirma Coutinho (1994) que, mesmo com esses movimentos sociais em curso, permanecia forte, em 1960, nos processos educativos, a orientação das meninas para uma vida no lar e para a conquista e a manutenção de um bom casamento. Coutinho (1994) relata que algumas mulheres passaram a fazer faculdade nesse período, mas muitas permaneciam no curso apenas enquanto esperavam um casamento, cientes de que o exercício profissional deveria ser interrompido, no máximo, com o nascimento do filho: “Afinal, era inconcebível, para a maioria das mulheres da época, que o interesse pessoal sobrepujasse o interesse pela família.” (COUTINHO, 1994, p. 111).

Margaret Rago (2006) enfatiza que a preparação dos corpos das meninas, por meio da educação familiar, para serem mães, donas-de-casa e esposas primorosas na década de 1960, continuava com grande força. Pelo menos até o final da década, no Brasil, acreditava-se que a mulher, sendo feita para o casamento e para a maternidade, não deveria fumar em público ou comparecer a bares e boates desacompanhada, e a política ainda era assunto preferencialmente masculino. (RAGO, 2006, p. 604).

Os estímulos, as exigências e os desejos em relação ao embelezamento dos corpos só aumentavam. Na década de 1960, ocorreram transformações aceleradas na história do embelezamento: “[...] modernização das técnicas de produção de perfumes e cosméticos, ampliação do mercado de produtos ligados ao conforto e aos cuidados corporais.” (SANT’ANNA, 1999, p. 130). A autora afirma que a conquista da beleza, nesse tempo, era uma batalha pessoal e cotidiana de cada mulher, não se restringindo as mulheres de elite.

A propósito, o ideal de beleza nos anos 1960 era um corpo macérrimo. Como aponta Del Priore (2000), ele é representado por criaturas esquálidas como Twiggy, modelo inglesa. Corpos magríssimos exibidos em jeans colados e minissaias. Diferentemente do ideal

de beleza dos anos 1950, em que as carnudas estrelas, como Martha Rocha, Sophia Loren, Elizabeth Taylor, Marylin Monroe, eram admiradas e exaltadas.

Clarice Lispector escreveu, sob a proteção de pseudônimos – Ilka Soares, Tereza Quadros, Helen Palmer –, páginas consideradas femininas para as publicações do *Correio da Manhã* e *Diário da Noite*, justamente em 1960.[16] Essas páginas ilustram bem como permanecia forte, nesse período, a intenção de se moldar a mulher para desempenhar os papéis de mãe, esposa e dona-de-casa exemplar. Com toda sutileza, ela dá conselhos para suas leitoras de como manter uma personalidade cativante para encantar seus esposos, como desempenhar bem o seu papel de mãe e dona-de-casa, mas, ao mesmo tempo, podemos observar, no conteúdo dos referidos textos, certas concepções "da mulher moderna, emancipada", aquela que possui sua opinião, valoriza o seu visual e reserva horas do dia para cuidar de si mesma. Aqui estão alguns temas que Clarice, ou melhor, Helen Palmer elegeu para orientar suas leitoras: "Arranjar marido", "Limpar a casa e ficar bonita", "O que os homens não gostam" "Orientação aos filhos", "Como tratar a empregada", "A arte de receber seus amigos", "A que não quer ser 'trouxa'", "Elas mandam", "Quando você discordar", "O que é sex-appeal?", "Segredo de beleza", "A beleza precisa ser cultivada", "Beleza durante mais tempo". Como reflete Nunes (2007), Clarice dava conselhos em tom de conversa íntima, ao pé do ouvido, orientando a forma como as mulheres deveriam cuidar dos filhos, do marido, dos amigos, da empregada, da casa e de si mesmas.

Safira e Ametista vivenciaram a infância nesse período, e passagens de suas narrativas revelam justamente que, desde pequenas, tiveram seus corpos educados para ansiar pelo casamento. Retomemos, a passagem da narrativa de Safira que aponta a expectativa de seu pai em relação a ela e a suas irmãs: "Queria [pai] que a gente crescesse e se tornasse dama, fizesse bom casamento e enchesse ele de orgulho". Destaco, também, a passagem na qual ela conta algo que ocorria cotidianamente com ela e suas irmãs: "Elas, já na fase de namorar, sonhando com o casamento perfeito, passavam o dia inteiro se arrumando, e eu só lá acompanhando" .Observemos, o conselho que a "veinha", ou melhor, a avó de Ametista, ofereceu para ela: "A veinha abria meus olhos me mostrando que a beleza era tudo na vida de uma mulher. Era importante pra ter a admiração das pessoas, pra arrumar um bom

[16] Conta Aparecida Nunes (2007), organizadora do livro intitulado *Correio Feminino*, que reúne os referidos textos de Clarice, que ela, já uma escritora consagrada, se protegia com os pseudônimos, pois temia comprometer seu nome mediante a produção de textos menos elaborados para jornais e afetar a imagem de esposa de diplomata. Além disso, temia que tais textos não fossem compreendidos e aceitos pelo público de seus livros. Temia uma reação acintosa. (NUNES, 2007, p.7-8).

casamento". Podemos vislumbrar que, além de serem estimuladas em seu convívio familiar para ansiarem o casamento, eram também estimuladas a cuidar da beleza física.

Safira e Ametista que, desde meninas, tiveram seus corpos educados para sonharem e se prepararem para o casamento, seguiram o caminho esperado (apesar de Ametista ter fugido para casar criando um grande transtorno em sua família!). Safira casou-se com o "homem certo". Certo na concepção de seus pais, que acreditavam que um homem bem-sucedido profissionalmente, cheio de posses e de "boa família", um "bom partido", faria Safira feliz para sempre. Já Ametista fugiu de casa com aquele que acreditava ser o seu príncipe encantado. Como boas meninas, com os corpos educados para serem mães, tiveram os seus filhos, que, aliás, segundo elas, são seus maiores tesouros. Como boas meninas estimuladas ao cuidado com a beleza, dedicaram parte das energias de suas vidas para isso.

Mas passados alguns anos, Safira viu que seus pais tinham se equivocado em relação ao seu ao "homem certo" e que a previsão do "feliz para sempre" foi um grande engano. Ametista percebeu que o seu marido não era nenhum príncipe encantado quando a abandonou e a seus filhos. Então, nesses momentos difíceis, cada uma teve que mudar o rumo de seu caminhar. Entre as mudanças: de donas-de-casa e mães passaram a ser donas-de-casa, mães e mulheres que trabalhavam fora do lar. Quanto aos estímulos para o embelezamento que os seus corpos vivenciaram na infância, estes nunca morreram, ao contrário, só se fortaleceram com o passar dos anos.

Passemos, agora, ao fim do século XX e início do XXI, tempo em que Cristal e, Pérola (1980) e Esmeralda (1990) vivenciaram suas infâncias. Tempo em que como diz Mirian Goldenberg (2002): "os corpos pavoneiam." Por essa época, no Brasil, de forma especial nas grandes cidades, ocorre uma glorificação do corpo. Os corpos são cuidadosa e detalhadamente preparados pelos atores sociais para serem vistos e exibidos; eles estão cada vez mais expostos. Com muita sutileza, Goldenberg (2002) mostra isso por meio da metamorfose ocorrida nos figurinos dos indivíduos: "Há menos de um século, apesar do calor tropical, os homens vestiam fraques, colete, colarinho duro, polainas e as 'santas' mulheres cobriam-se até o pescoço e as anatomias passam a ficar completamente à mostra." (GOLDENBERG, 2002, p. 25).

Mirian Goldenberg (2002) nos leva a refletir com base nas pesquisas que empreendeu sobre a cultura do corpo carioca sobre como essa exibição da anatomia que, aparentemente, pode ser considerada como um afrouxamento de uma moral nunca visto, o arrefecimento dos códigos de obscenidade e da decência, é antes o signo de uma nova

moralidade que, sob a aparente libertação física e sexual, prega a conformidade à determinado padrão estético, chamado boa forma.

Como aponta Le Breton (2003) (2006), roupas, cosméticos, atividades físicas formam uma constelação de produtos cobiçados destinados a ser o camarim em que o ator social cuida daquela parte de si que, em seguida, vai exibir como se fosse um cartão de visitas de carne e osso. Assim, quanto mais expostos os corpos, maior o controle incidido sobre eles, um controle demasiado sobre cada uma de suas partes para que ele seja percebido, avaliado de forma positiva, conforme os padrões estéticos vigentes.

Cristal, Pérola (1980) e Esmeralda (1990) nasceram em contextos em que o discurso vigente consistia em "Eu jogo com o meu corpo, ele me pertence, isso é uma certeza. Eu o economizo, eu o gasto. Eu invisto em sua beleza. Eu o mostro. Eu o escondo [...] ele é tudo o que tenho." (MALYSSE, 2002).

Sobre a década de 1980, Santa'Anna (2000) diz que se assistiu a uma massificação das academias de ginásticas e à banalização dos cuidados corporais, que incluem terapias, regimes e lazer. A imagem de um corpo malhado passa a se destacar intensamente no cinema, na televisão, nas agências de publicidade, nas reportagens dos jornais e nas revistas. Madonna é um ícone desse corpo trabalhado, musculoso, ágil, leve, sem flacidez, tão almejado no referido contexto. Sobre essa exposição dos corpos na mídia, retomo as discussões homéricas que a mãe de Pérola travava com seu pai, porque ele ficava de olho nos rebolados das chacretes[17], com seus figurinos para lá de curtos.

Já nos anos 1990, Sant'Anna conta que mulheres e homens turbinados continuam a fazer parte do cenário mundial, mas enfrentam dificuldades como estresse, depressão, colesterol alto, ansiedade, músculos distendidos, remédios falsificados. Segundo a autora, uma questão que ganhava importância nessa década era: "[...] como andar a pé, correr, andar de bicicleta, nadar, correr, em suma explorar as capacidades dos corpos morando em cidades cada vez menos solidárias com os pedestres e mais adaptadas aos automóveis?" (SANT'ANNA, 2000, p.240). O resultado dessa inquietação foi a criação de espaços e mais espaços privados, onde os corpos pudessem se liberar, como as academias.

Enfim, os corpos de Cristal, Pérola (1980) e Esmeralda (1990), no curso de suas infâncias, estavam cercados por esses discursos que propagavam a importância de cada pessoa se responsabilizar por seu corpo, manipulando sua aparência física para que se aproximasse dos padrões estéticos vigentes, e apesar desta idéia estar presente em suas vidas

[17] Elas eram as dançarinas de um programa veiculado pela TV Globo, denominado Cassino do Chacrinha.

cotidianamente por meio dos apelos dos meios de comunicação de massa, das indústrias do emagrecimento, do rejuvenescimento, do vestuário, entre outras, a idéia de que uma mulher já nasce vaidosa, que ela é naturalmente preocupada com a beleza, que é coisa da mulher gostar de se arrumar e cuidar da aparência era bem recorrente, inclusive nos discursos de suas educações familiares.

Nas narrativas de Cristal, Pérola e Esmeralda podemos encontrar, muitas passagens que mostram como, na infância, os seus corpos foram estimulados a seguir os padrões estéticos vigentes: as maquiagens que a irmã mais velha de Esmeralda ganhava da madrinha e que lhe causavam desespero porque ela não podia usar; a aflição da mãe de Pérola com o fato de ser obesa e as muitas recomendações que ela dava à filha para que pudesse tomar todas as precauções para não ser obesa também; a educação proporcionada pela mãe de Cristal que não a estimulava a cuidar da beleza e da aparência física. É interessante pensar que modos plurais de educar os corpos das meninas convivem numa mesma época. É relevante pensar, também, nos efeitos que essa educação diferente da maioria ressoava em Cristal. Ela se sentia sem graça, sem jeito, sem habilidade de cuidar da beleza. Almejava que sua mãe fosse como as mães das amiguinhas, que estimulavam suas filhas a serem vaidosas e a cuidarem do visual.

E quanto ao mercado de trabalho no período em que Cristal e Pérola (1980) e Esmeralda (1990) vivenciaram suas infâncias?

Uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas constatou que, a partir da década de 1970 e até os dias de hoje, a participação das mulheres no mercado de trabalho tem apresentado uma espantosa progressão. Se, em 1970, apenas 18% das mulheres brasileiras trabalhavam, chega-se a 2002 com metade delas em atividade. A referida pesquisa aponta, também, que as mulheres brasileiras adquiriram maior nível de escolaridade. Em 1999, 23% dos brasileiros e 27% das brasileiras puderam contabilizar uma trajetória escolar com nove anos de estudo a mais, correspondendo aos graus médio e universitário de ensino. Três anos depois, em 2002, as proporções de homens e mulheres que conseguiram chegar a esses níveis de escolaridade aumentaram, as mulheres brasileiras na frente: 31% delas e 28% deles.

O professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Rodolfo Hoffman, empreendeu, em 2004, uma pesquisa sobre a participação da mulher no mercado de trabalho brasileiro no período entre 1982 e 2002. Sua investigação apresentou dados semelhantes ao da pesquisa valizada pela Fundação Carlos Chagas. Ele afirma que, a partir da década de 1970, intensificou-se a participação das mulheres na atividade econômica em um contexto de expansão da economia com acelerados processos de industrialização e

urbanização. Prosseguiu na década de 1980, apesar da estagnação da atividade econômica e da deterioração das oportunidades de ocupação. Nos anos de 1990, década caracterizada pela intensa abertura econômica, pelos baixos investimentos e pela terceirização da economia, continuou a tendência crescente da incorporação da mulher à força de trabalho.

Há que se dizer que, por trás de todos esses números e estatísticas, há mulheres plurais que habitam regiões distintas e vivenciam realidades sociais, econômicas e culturais completamente diversas. Esses dados variarão de acordo com tudo isso. Deve-se notar, por exemplo, segundo a pesquisa da Fundação Carlos Chagas, a proporção significativamente menor de mulheres negras empregadas. Há que se dizer, também, que essa progressão da força de trabalho das mulheres está muito voltada para as atividades informais e, como aponta a pesquisa de Ferraz (2008), há que se atentar para o fato de o gênero atuar como um espaço marcador de diferença no mercado de trabalho. Devem-se observar, também, os casos em que as mulheres exercem a mesma profissão e ganham menos, o menor acesso que elas têm às garantias trabalhistas e a tantas outras coisas.

As narrativas apresentadas mostram que Pérola, Cristal e Esmeralda foram estimuladas a buscar uma atividade profissional em seu caminhar na vida. Note-se que um dos sonhos dos pais de Cristal era sua formatura. Lembremo-nos, ainda, de que a mãe de Pérola respondia ao ser indagada pela menina: “Por que a gente num mora aqui? [referindo-se às casas localizadas em bairros ricos em que sua mãe trabalhava]. A senhora me dá uma boneca daquelas? [referindo-se às bonecas das filhas de sua patroas]”. Ela respondia “Estude, estude muito para quando você crescer, você ter um bom emprego e conseguir morar numa casa assim e ter tudo." Recordemos, também, a voz tensa e preocupada da mãe de Esmeralda dizendo: “[...] rua num dá futuro pra ninguém! Esmeralda, na rua tu só vai encontrar o que num presta! Esmeralda, vai estudar pra tu ser gente”.

Essas falas indicam a esperança que os pais de Pérola, Cristal e Esmeralda depositavam nos estudos. Mesmo que vivenciassem um cotidiano de privações, de sérias dificuldades financeiras, eles não passavam para as meninas a idéia de que suas vidas estariam destinadas a permanecer naquela situação. Acreditavam no processo educativo, o estudo era a esperança que tinham de conseguir um bom emprego e, por meio dele, mudar suas condições de sobrevivência. Além de representar um instrumento que as ajudariam a estar livres das agruras materiais, o trabalho é representado, bem de acordo com a idéia vigente nos contextos sociais em que viveram seus processos educativos, como algo de extremo valor, que dignifica a pessoa, que confere honra ao ser humano, como diz a mãe de Esmeralda, que faz ser gente.

Se atentarmos à forma como elas constroem seus cotidianos atualmente, veremos que esse estímulo para o trabalho, veiculado no processo educativo, ressoou em suas vidas: Cristal está concluindo um curso universitário e já trabalha em projetos sociais. Pérola trabalha como diarista e vendedora ambulante e pretende fazer um supletivo e tentar vestibular para Marketing e Propaganda. Esmeralda, apesar de não ser muito aplicada aos estudos, expressou que deseja concluí-los e, vira e mexe, faz o exercício de se imaginar exercendo uma profissão. Ora expressa que deseja ser professora de educação física, ora quer ser *promoter* para organizar festas e eventos, ora quer ser dançarina de banda de forró para viajar muito, ora que ser veterinária.

O fato de as narrativas de Pérola, Cristal e Esmeralda indicarem que a idéia de que uma menina precisa estudar para conseguir alcançar um bom emprego ou uma carreira profissional se faz fortemente presente em seus processos educativos, no curso da infância, não significa dizer que os ensinamentos referentes às responsabilidades em relação aos cuidados com a casa não fizeram parte deles: Pérola, desde criança, auxiliava sua mãe a fazer salgados para vender; Esmeralda tinha como condição varrer a casa antes de sair para brincar; as próprias brincadeiras de boneca e de casinha, presentes nas narrativas de Pérola e Cristal, já indicam um estímulo ao exercício da maternidade e aos cuidados com as tarefas domésticas.

Em nossas longas conversas, as três revelaram que, apesar de acreditarem que uma mulher pode muito bem viver completa e realizada sem casar e sem ter filhos (idéia dissonante do pensamento mais comum nos anos de 1950 e 1960), “pessoalmente” elas afirmam que desejam vivenciar essas experiências. Cristal deseja construir sua família, mas não sem antes ter uma estabilidade profissional e financeira que lhe dê condições de participar, ativamente, das despesas da casa e da educação dos filhos. Pérola almeja encontrar alguém especial com quem divida a vida, uma pessoa que, sobretudo, aceite e ame seu filho, todavia não pretende abrir mão de sua profissão e nem dos seus estudos, caso venha a se unir com alguém. Até porque ela conta que se sentiu muito mal quando abandonou o trabalho e os estudos devido à vergonha do seu corpo, pois, além das necessidades materiais, ela sofria com as acusações da família e vizinhos que a apontavam como uma pessoa dependente e inútil. Já Esmeralda quer casar e ter filhos, sim, mas como ela falou: “[...] só beeeeeeemmmmm pra frente, depois de testar muitos candidatos... E tem mais, minha filha, tem que ser um bem estribado pra pagar a cirurgia plástica depois que eu tiver filho e ficar um bagulho, se não for assim não rola !”

No que tange aos seus discursos, elas não pretendem se submeter aos desmandos dos maridos, querem que eles as ajudem na educação dos filhos e nas tarefas domésticas ou,

então, que, juntos, contratem uma empregada para auxiliar nessas funções. Mas, em seus discursos, são fortes também as idéias de que mulher tem um jeito todo especial para cuidar dos filhos e da casa, de que mãe é mãe e que a responsabilidade da educação dos filhos acaba sempre sendo mais assumida pelas mães, que mãe é tudo na vida de um filho e de que uma casa sem o toque especial das mãos de uma mulher vira uma bagunça, que é preciso pensar bem no momento de casar, pois, quando isso acontecer, elas terão que se esforçar muito para cuidar da carreira profissional, dos filhos, da casa e do marido

Coutinho (2004) empreendeu uma pesquisa com 25 estudantes universitárias, de 18 a 28 anos, em que analisou seus discursos a respeito do casamento, da carreira profissional e da maternidade. Observei que as entrevistadas apresentam pontos de vista semelhantes aos de Cristal, Pérola e Esmeralda. Isso nos inspira a pensar que essas mulheres não estão soltas, suas opiniões não são somente de ordem individual, mas, antes, mostram um diálogo que está sendo tecido com as idéias correntes do contexto cultural em que estão inseridas.

Como se vê, atribuições, expectativas e pretensões que fizeram parte do processo educativo que Rubi vivenciou em sua infância nos anos 1950 e que Safira e Ametista vivenciaram em suas infâncias nos anos 1960, mesmo com uma nova roupagem, estão presentes nos processos educativos de Esmeralda, Pérola e Cristal. Algumas idéias permanecem, como a de que as mulheres têm *naturalmente um tino* para cuidar das crianças, para tornar a casa um lugar especial; de que o casamento exige da mulher uma maior atenção e responsabilidade com a casa, os filhos e o marido. Mesmo que padrões estabelecidos durante longo tempo tenham sido colocados em questão pelos movimentos sociais, e por elas mesmas em seus cotidianos, essas atribuições continuam. No caso de Esmeralda, Pérola e Cristal, além das referidas atribuições, é preciso também ser profissionais competentes, obstinadas e competitivas, sem jamais perder a “feminilidade”.

Também Rubi, Safira e Ametista buscaram ser profissionais competentes e assumir, elas mesmas, as despesas da casa. Isso ocorreu nas vidas de Ametista e Safira no momento em que se separavam de seus maridos e na de Rubi quando trabalhava como diretora de uma escola religiosa e fazia parte da congregação, mudando, posteriormente, desta para uma casa com sua filha adotiva, Carol, passando a gerir, assim, todas as despesas. Além de se esforçarem ao máximo para serem profissionais competentes, continuaram se esforçando intensamente para exercer, com zelo, seus papéis de mães e donas-de-casa. E se empenham muito para ficarem cada dia mais belas de acordo com os padrões estéticos vigentes. Para isso, usam toda sorte de cosméticos e medicamentos, praticam exercícios físicos, fazem ou sonham fazer cirurgias plásticas, entre outras coisas. As três estão em busca

de um amor, de um companheiro. Elas não abrem mão de algumas dicas que aprenderam em suas educações familiares, como conquistar alguém especial. No entanto, Safira e Ametista contaram-me que não querem mais ser companheiras de homens como seus ex-esposos. Elas os julgam dominadores, irresponsáveis quanto ao cuidado dos filhos e da casa e exigentes quanto ao seu aspecto físico – elas deveriam sempre estar lindas e no peso ideal. Rubi, que desde pequena não concordava com a idéia de servir a um esposo, fortaleceu esse ponto de vista com o passar do tempo. No entanto, ainda deseja viver um relacionamento desde que seu companheiro valha à pena. Assim como Cristal, Pérola e Esmeralda idealizam um companheiro compreensivo, que divida, de igual para igual, uma vida em comum. Atualmente, são adeptas do ditado popular que diz "antes só do que mal acompanhada". Observemos, portanto, como essas três vêm dialogando, se construindo em referência e vivenciando, em seus próprios corpos, as transformações culturais, políticas e tecnológicas que ocorrem ao longo do tempo.

Essas seis mulheres dialogam e constroem seus corpos em referência às idéias e aos discursos publicitários, científicos e médicos do tempo atual, século XXI. Hoje em dia, advoga-se que o corpo está aí para ser vivido, experimentado, exposto, mostrado (RAGO, 2004, p.11). Somos, a todo instante, convidados a administrar a própria aparência, a superar, a redesenhar as formas físicas (COUTO, 2004, p. 135). "A pele tonificada, alisada, limpa apresenta-se idealmente como uma nova forma de vestimenta, que não deve enrugar nem amassar jamais." (DEL PRIORE, 2004, p. 255). Hoje, assistimos a uma proliferação crescente de espaços e técnicas para o cultivo de um corpo belo, uma espantosa proliferação das cirurgias plásticas, incluindo intervenções em nome da beleza (SANT'ANNA, 2004, p. 111), em que proliferam o direito ao prazer, as relações afetivas baseadas no companheirismo, na igualdade, apesar de, na prática, isso não se ocorrer assim. Como diz Kofes: "[...] a cada momento tem-se este deslocamento entre o conjunto de atividades que aprisionam o corpo e aquelas que liberariam o corpo." (1994, p. 55).

Elas são plurais em muitos aspectos: no fenótipo, nas profissões, nos níveis de escolaridade, nos modos de vestir, falar, gesticular, interagir. Seus caminhos na vida começaram a ser construídos em diferentes paisagens, ou seja, em diferentes épocas e contextos, mas, a par de todas essas diferenças, elas vivenciam atualmente similaridades em suas andanças: buscam, ao máximo, ser mulheres lindas segundo o padrão de beleza dominante. No campo profissional, as que já são bem-sucedidas querem mais e mais conquistas; as que ainda não se firmaram no campo profissional estão fazendo o caminho para isso; as que têm filhos assumem sua criação e se empenham ao máximo para manterem seu

sucesso profissional e pessoal, as que não alcançaram esse êxito desejam conquistá-lo. Elas também cuidam de suas casas, se não pegando elas mesmas na vassoura, ao menos orientando e pagando os serviços das mulheres que exercem essas funções para elas. Pérola, Ametista, Cristal, Rubi e Safira buscam também viver um relacionamento firme com alguém especial. A única que não quer, por ora, se comprometer, ou como ela mesma diz “se amarrar a alguém”, é Esmeralda, mas esta deseja um dia firmar compromisso com um homem especial, compreensivo, companheiro e amigo. Ah! Estribado e sarado também.

E assim, cada uma vai construindo o seu caminho, tendo como referência o seu contexto social e cultural. Nesse ínterim, ora ficam cansadas com o acúmulo de atividades (administrando contas, preparando comida, orientando os trajetos dos filhos, lutando para se sentirem confortáveis na própria pele por meio de regimes, exercícios físicos, buscando ter abraços de alguém que as respeite e as ame); ora se sentem aquecidas pelo calor de suas conquistas diárias, seja no trabalho, no lar, nas relações sociais; ora encaram esse caminhar vital como uma dádiva, uma beleza, um presente, ora enfrentam esse caminhar, como diz Fernando Pessoa, como algo que chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger, dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão. Ao partilhar o cotidiano dessas mulheres, percebi que não importa se a paisagem é clara ou escura, elas persistem em suas jornadas para que seus objetivos e sonhos permaneçam vivos. Ao construírem os seus caminhos, elas se constroem física e subjetivamente, bem como criam a realidade que as cercam.

Há uma similaridade nos processos vividos por essas mulheres. É que, por mais que as capacidades e atribuições fossem orientadas aos seus corpos, quando crianças, pela via dos processos educativos, elas eram passadas e interpretadas como se fossem próprias à natureza da mulher, como se já nascessem aptas para caminhar de determinada forma na vida, como se viessem ao mundo prontas. Essas idéias correntes nos processos educativos naturalizavam papéis e funções dos seres humanos, procuravam normalizar e controlar socialmente os comportamentos, as formas de ver, de pensar e sentir, buscavam restringir as formas diversas de viver e pensar o corpo, legitimavam preconceitos. Enfim, essas idéias tinham um caráter universalizante a respeito de homens e mulheres. Desconsiderando, inclusive, as dores e as dificuldades que muitos desses seres sentem ao ter que se enquadrar e modelar seus corpos em determinado padrão de ser e viver.

1.2 Caminhos Traçados

> *O caminho do fogo é a água, o caminho do barco é o porto, o do sangue é o chicote, o caminho do reto é o torto, o caminho do bruxo é a nuvem, o da nuvem é o espaço, o da luz é o túnel, o caminho da fera é o laço, o caminho da mão é o punhal, o do santo é o deserto, o do carro é o sinal, o do errado é o certo, o caminho do verde é o cinzento, o do amor é o destino, o do sexto é o cento, o caminho do velho é o menino, o da água é a sede, o caminho, do frio é o inverno, o peixe é a rede, o do frio é o inferno, o caminho do risco é o sucesso, o do acaso é a sorte, o da dor é o amigo, o caminho da vida é a morte. E você ainda me pergunta aonde eu quero chegar.Se há tantos caminhos na vida.*
>
> (Raul Seixas)

Foi possível verificar que, por mais que os familiares mencionados nas narrativas estivessem inseridos em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e históricos, eles concordavam num aspecto: criança é para ser ensinada! Uma criança tem que se adaptar, se dobrar, se enquadrar aos comportamentos, aos hábitos, às atitudes, aos modos de ser e de sentir reconhecidos no grupo social em que está inserida.

A par de todas as diferenças nos processos educativos vivenciados pelas protagonistas desta pesquisa, há semelhanças em diversas características, expectativas e atribuições consideradas socialmente próprias e aptas para os corpos das meninas como: abnegação, docilidade, vaidade, reserva, discrição, calma, quietude, sensibilidade, graciosidade, fragilidade, docilidade.

O que as narrativas mostram é que, por mais que elas sejam "[...] compostas por tecidos e hormônios; ossos, músculos e vasos; tenham uma fisiologia mais ou menos comum aos mamíferos em geral." (STREY, 2004, p. 225), elas não nasceram prontas, com ações orientadas biologicamente. Ao contrário, elas são fruto de um aprendizado social. Podemos vislumbrar, em suas narrativas, seus familiares se esforçando, se empenhando intensamente para esculpir e trabalhar os corpos dessas meninas detalhadamente, sem folga, do acordar ao dormir. Corroboro o pensamento de Louro quando diz: "Através de processos culturais, definimos o que é ou não natural, produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente." (2001, p. 11).

E aqui cabe assinalar que para orientá-las a apreender as maneiras aceitáveis e desejáveis socialmente de ser uma menina pais, mães e familiares lançavam mão de posturas educativas diversas. Nas narrativas, podemos verificar posturas ríspidas, duras e rigorosas. O pai de Ametista prometia um "moi de peia" se ela o desobedecesse. Rubi menciona que seu pai era severo demais, que tinha uma "mão de ferro". Posturas vigilantes: os olhares

penetrantes, firmes e inquisitivos dos pais das duas avaliando a forma como brincavam. Olhares que eram textos! Que elas sabiam ler perfeitamente! Posturas coativas: Dona Graça e seu marido obrigavam Safira a estar sempre arrumadinha, perfumada, a fazer regime para emagrecer, a ter aulas de piano e etiqueta. Posturas que delimitavam suas movimentações corporais: o avô de Ametista batia com um pauzinho em suas costas para ela corrigir a postura; Safira revelou que sua mãe a "prendia" muito, tinha que ficar sentada, quieta, comportada; os pais de Cristal exigiam que ela agisse de forma discreta, ou seja, não podia gritar, pular, correr demais.

Os familiares também lançavam mão de conselhos para orientá-las: "Não tem nada demais a gente ser mais bonita, ficar mais bonita" diz dona Odete, mãe de Rubi, com seu jeito altivo; a mãe de Esmeralda, com o seu tom de voz preocupado, a orienta dizendo, "Rua num dá futuro pra ninguém!". Outra estratégia utilizada eram as negociações: Esmeralda poderia brincar na rua desde que arrumasse as coisas (tarefas domésticas). Às vezes, um tom de medo era produzido. Conta Pérola que sua mãe "plantava o terror", narrava histórias horríveis de pessoas que sofriam com a obesidade para que ela cuidasse do físico. Evidentemente, os familiares não se limitavam a apenas uma dessas posturas ou ações pedagógicas, mas fluíam entre as supracitadas e outras. De acordo com as experiências do cotidiano, eles iam dialogando, cerceando, estimulando, coagindo, elogiando para que elas assumissem, em suas vidas, o modo de ser considerado feminino, ou seja, que elas assumissem características e atitudes construídas culturalmente, creditadas como naturais.

É imprescindível mencionar que a aprendizagem não se dava só por meio de uma ação direta desses adultos significativos em relação a elas. Afinal, essas mulheres, quando crianças, flagravam as formas como os seus familiares se comportavam no dia-a-dia, suas conversas triviais com outros membros da família, suas escolhas diante da vida, suas posturas corporais sem que estes percebessem. Tudo isso se tornava uma referência para que elas construíssem seus cotidianos.

Basta atentar para o fato de que havia todo um esforço, por parte de quem realizava os processos educativos no âmbito familiar, para que as protagonistas deste trabalho assumissem as referidas características em suas vidas. Inclusive, há passagens nas narrativas em que elas demonstraram desconforto, insatisfação e tristeza diante da imposição desses comportamentos. Mas, em algumas passagens, podemos notar como algumas delas transgrediam, se rebelavam e escapavam a essas imposições.

Safira costumava ficar espiando, da janela da sua luxuosa casa, as crianças brincando na rua. Sentia uma vontade imensurável de tirar os chinelos, vestir uma roupa

confortável e juntar-se a elas. Vontade, categoricamente, proibida por seus pais. Porém, certo dia, ela resolveu rebelar-se, transgredir os limites impostos: tirou os sapatos de verniz, as meias bordadas, saiu porta afora e começou a correr, a girar, a pular, a gritar, a movimentar seu corpo, contrariamente ao que era estimulado cotidianamente. Safira burlava a vigilância de Dona Graça, a qual controlava sua alimentação com rigor, pedindo a Márcia, sua amiga, que trouxesse doces escondidos. Rubi praticava brincadeiras que aludiam a assuntos como parto, gravidez e sexo, temas, em seu contexto, proibidos para as crianças. Ela tinha consciência de que a mão de ferro de seu pai agiria se a visse brincando assim, mas ela enfrentava esse risco. A avó de Esmeralda proibia que ela andasse descalça, afinal de contas o pé de uma moça deveria ser delicado, fino, limpo, mas pelo grande prazer que era sentir a terra, ela ficava descalça. Esmeralda era fogo! Disse secretamente sua mãe que rezava a Deus para que ela se tornasse uma pessoa calma. As vizinhas também concordavam que Esmeralda era fogo e a criticavam pelo seu comportamento agitado e expansivo. No entanto, Esmeralda procurava ignorar as críticas.

Um exercício que considero importante é desnaturalizar a idéia de que as crianças estão meramente sujeitas a um processo de socialização e que recebem esse processo de forma mecânica e sem reflexão (FREIRE, 1997; DOLTO, 1999). Como enfatiza Sant'Anna (2004), o corpo que se tenta educar, disciplinar ou controlar nunca é uma massa inerte, "desinformada", ou, *a priori*, passiva. As crianças são sujeitos dos processos educativos que vivenciam. Elas dialogam, reagem, negociam, redefinem, transgridem ou reafirmam esse processo. Tanto é assim que os processos educativos são entremeados de conflitos, dilemas, tensões, dificuldades, desafios, transformações, aprendizados.

Não podemos deixar de frisar os ônus que recaíam sobre elas quando assumiam posturas que as desviavam dos caminhos traçados em seus processos educativos. A mão de ferro do pai de Rubi; o chicote que "comia de esmola" do pai de Ametista; Dona Graça que deixava Safira de castigo, horas sentada olhando para o teto; as fofocas da vizinhança que desqualificavam Esmeralda e a magoavam porque faziam sua mãe sofrer; a dureza e os carões da mãe de Pérola se ela comesse algo que a fizesse engordar. Menciono também Selma, uma amiga de Rubi no tempo de escola. Rubi conta que Selma gostava de andar livre, leve e solta no meio dos meninos, de brincar de correr, de pular. Era uma pimenta! E que, por isso, era "mal falada", ou seja, alvo de críticas, comentários pejorativos. Além disso, as coleguinhas não andavam com ela com medo de ficarem mal faladas também. Enfim, surras, carões, ameaças de castigos, desprezo dos seus pares, descrédito, o afastamento das outras pessoas marcavam, dilaceradamente, os seus corpos quando, ainda que por alguns instantes, tentavam

mudar o rumo esperado socialmente. Esses atos que provocavam dor, perplexidade, desamparo, tristeza, além de marcarem fisicamente cada uma, marcavam subjetivamente. Marcas que comunicavam que podia ser doloroso demais romper com as características “naturalmente femininas”, mudar o rumo do caminho traçado para uma mulher.

Constrangimentos também ocorriam com os meninos. Na maioria das vezes em que são mencionados, eles aparecem correndo de um lado para o outro, enfrentando as adversidades da natureza, realizando atividades que solicitam vigor, movimento, esperteza, força, cometendo algumas danações.

Semelhante ao que mencionei, em relação às meninas, os meninos também desde a mais tenra idade são orientados ora por meio do carinho, ora por meio da rigidez e da severidade a assumiram essas atribuições em seu caminhar na vida. Atribuições creditadas a eles como se fosse uma condição natural de suas existências. E, se decidirem não desempenhá-las em suas vidas, enfrentarão um ônus muitas vezes pesado demais. Veja o caso de Pulé, um menino mencionado na narrativa de Ametista. Ele não gostava de ficar correndo de um lado para o outro, realizando atividades que demandassem força e agressividade. Ele apreciava brincar de casinha, comidinha, boneca na companhia das meninas. Por isso levou uma surra de chicote e, segundo Ametista, Pulé “[...] ficou num estado de dá pena.” Sabemos que não era apenas a pele de Pulé que o seu pai pretendia marcar, mas outras dimensões de sua vida: seu olhar, suas escolhas, seu modo de lidar com o seu próprio corpo.

Retomemos, ainda, as brincadeiras de infância com suas emoções, desafios, criatividades tão rememoradas pelas protagonistas desta dissertação.

Lembremos de Rubi, juntamente com suas amiguinhas, brincando debaixo dos pés de sabiá do Crato. Com elementos da natureza bem ao alcance de suas mãozinhas: folhas, pedras, sabugos de milho, reproduzindo com muita imaginação o ambiente da fazenda. Cada criança tinha a sua própria fazenda com cavalinhos de sabugos de milho, e currais feitos de pedra. Lembremos de Ametista debaixo dos pés de figo do São João do Jaguaribe, juntamente com outras meninas, brincando de casinha, de fazer comidinha “desmanchava o alfenim para fazer rapadura”. Dividindo categoricamente os papéis, uma menina era a mãe, outra era o pai, outra era a filha. Enquanto isso, não muito distante dali, estava a casa de Ametista com personagens da vida real. Mulheres a limpar, a preparar comida, a cuidar da casa, a embalar seus filhos. Safira em sua casa luxuosa, brincando em cima dos tapetes caros com suas bonecas sofisticadas, também brincava como Ametista de fazer comidinha e alimentar as filhas enquanto Dona Graça tomava providências para tornar o seu lar perfeito. Safira também

brincava com seu *kit* de beleza, dramatizando que se arrumava para ir a uma festa ou para namorar no sofá, exatamente como faziam suas irmãs.

Pelas expressões de alegria e saudade com que relataram estas cenas, senti que elas apreciavam muitíssimo estes momentos de brincadeiras, mas as narrativas revelam também que em muitos momentos elas gostariam de brincar pulando, correndo de um lado para o outro, andando descalças livremente, agitando seus corpos, liberando seus movimentos, mas quando tentavam fazer isso, eram proibidas, podadas ou suas ações não eram endossadas pelos adultos cuidadores, os quais por meio de frases pedagógicas (Não faça isso! Não faça aquilo! Isso é tão feio para uma menina! Brincar assim é coisa de menino!), olhares cortantes ou ações mais severas, colocavam-nas "em seus devidos lugares". Desse modo, é possível observar que por mais solto e livre que pareça o ato de brincar ele é demarcado, limitado, estando bem definidos os papéis de homens e mulheres. Rubi, Ametista e Safira, ao dramatizarem em suas brincadeiras as cenas cotidianas, imitando atitudes, gestos, modos de ser e pensar dos pais, preparavam seus corpos para a vida adulta. Seguindo os ensinamentos de Oliveira (2006) penso que no ato de brincar a criança refina o manejo do plano interpessoal, na interação com outras crianças e adultos cuidadores, enquanto elabora sobre sua cultura, constituindo encenações de personagens que refletem as ações, as relações humanas vivenciadas em seu grupo social.

Altman (2004) ensina que refletir sobre as brincadeiras das crianças pode nos oferecer uma chave de compreensão de muitos aspectos de uma figuração mais ampla, que é a própria estrutura social, com suas desigualdades, hierarquias, completudes e incompletudes.

Trazendo as reflexões de Altman (2004.) e Oliveira (2006) para esta pesquisa, chamo atenção para o fato das narrativas de Rubi, Safira e Ametista permitirem pensar como o brincar estava inserido em seu processo educativo, servindo como um treinamento constante e diário de aprendizagem do modo de ser feminino. E isso não ocorria só com as meninas. Basta lembrarmos do corpo do menino Pulé marcado pelo chicote porque apreciava brincar de boneca. Os adultos orientavam as brincadeiras exigindo comportamentos específicos, obrigando que compreendessem os seus papéis sociais cabíveis, as suas condições de homem e mulher. Tanto é assim que as características e atribuições consideradas próprias, aptas dos corpos das meninas como abnegação, docilidade, vaidade, reserva, discrição, calma, quietude, sensibilidade, graciosidade, fragilidade, docilidade e aquelas consideradas próprias dos meninos força, agressividade, virilidade, desbravamento, altivez, despojamento, competitividade, e rapidez, são refletidas nos brinquedos e nos tipos de brincadeiras. As narrativas mostram como os adultos cuidadores, em referência às determinações sociais,

separavam meninas de meninos na hora da diversão. Para brincarem juntos era preciso a presença de alguém responsável. Certamente para garantir que as crianças, com seus corpos criativos e plurais, não quebrassem, questionassem, escapassem às regras de conduta vigentes.

Trago uma passagem da narrativa de Rubi que mostra como o processo educativo que vivenciou quando criança ressoa até hoje. Sobre o fato de o seu pai proibi-la de se movimentar, pular, correr nas brincadeiras, ela diz: “Acho que isso me trouxe prejuízo até na coordenação motora. Hoje eu tenho certa dificuldade de movimentar braços e pernas, ao mesmo tempo eu me atrapalho um pouco.” No entanto, isso não significa dizer que as marcas da educação sejam imutáveis, cristalizadas. Hoje, aos 61 anos, ela procura desenvolver estas habilidades nas aulas de dança de salão e nos bailes da vida – e com sucesso, diga-se de passagem.

Já Cristal, Pérola e Esmeralda tinham uma maior liberdade para movimentações mais agitadas nos momentos das brincadeiras. Em suas narrativas, brincadeiras como esconde-esconde e pega-pega são mencionadas, e estas exigem rapidez e muito fôlego! Vale notar outra diferença: a interdição de meninos e meninas brincarem juntos não foi mencionada. Brincadeiras como homem-pega-mulher e cai no poço mostram bem isso. As bonecas também ocupavam um espaço significativo em suas vidas, principalmente nas de Cristal e Pérola. Quanto a Esmeralda, não é que ela odiasse bonecas, é que com os recursos pra lá de escassos de sua mãe, ela quase não podia ganhar presentes, e quando ganhava preferia roupas e maquiagens. Cristal além das bonecas brincava com quebra-cabeça, jogos daqueles de pular uma casa, voltar duas casas, playmobil, de desenhar, de seriado japonês. Pérola tinha um grupo de dança; Cristal brincava de desfile. Pode-se vislumbrar em suas narrativas os seus corpos se movimentando freneticamente, suando, se exercitando, suas criatividades sendo trabalhadas de maneiras diversas. No entanto, vislumbramos em suas narrativas, ações restritivas dos adultos em relação a elas, fazendo com que seguissem também nos momentos das brincadeiras, os modelos e as normas do ser mulher. Os pais de Cristal diziam em alto e bom som: “Nada de extravagâncias!”; a mãe de Pérola só a deixava sair, na companhia dos seus irmãos homens; as vizinhas da mãe de Esmeralda aconselhavam a menina para que ela fosse mais calma, e a criticavam pelo seu comportamento extrovertido e expansivo.

Ao fluirmos por meio das recordações das protagonistas deste trabalho em suas infâncias, podemos notar, a par das diferenças, “[...] signos culturais e historicamente colocados às representações [...]” (WERBA, 2004, p. 173) dos modos de agir do menino e dos modos de agir da menina. Idéias correntes nos diferentes tempos e espaços em que

vivenciaram seus processos educativos giravam em torno de uma visão dicotômica. Dessa perspectiva, os comportamentos de homens e mulheres são encarados como sendo provenientes da natureza. Assim “toda mulher é naturalmente feminina” e “todo o homem é naturalmente masculino”.

Nessa concepção, ser feminina implica ter determinadas características que são consideradas inatas. Então, é da natureza da mulher ser abnegada, doce, vaidosa, reservada, discreta, calma, quieta, sensível, graciosa, frágil. Assim, como ser masculino implica ter determinadas características também consideradas inatas. Então, é da natureza do homem ser forte, viril, ativo, desbravador, provedor. Essa idéia corrente nos processos educativos de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda indica os comportamentos de meninos e meninas como homogêneos. Pode-se dizer, ainda, que, mesmo com as significativas mudanças que ocorreram e ocorrem nas atribuições sociais das características atribuídas a meninas e a meninos, essa é uma visão que continua sendo propagada pelo senso comum em nossa sociedade.

A divisão dicotômica homem/masculino e mulher/feminino já questionada pela antropologia desde a primeira metade do século XX quando da publicação da obra de Margareth Mead (1988) continua fortemente presente nas narrativas e dos processos educativos vivenciados pelas protagonistas desta pesquisa.

Seguiremos essa reflexão trazendo os trabalhos de alguns cientistas sociais que lançam mão do conceito de gênero, pois é importante abordar como esse conceito é visto, no presente, por estudiosos que se dedicam à compreensão das relações humanas de forma plural. Há estudiosos que encaram tal conceito como uma ferramenta extremamente frutífera para a reflexão das relações, um “denaturalizador potencialmente poderoso”. Há os que procuram desconstruí-lo, os que questionam sua visibilidade como ferramenta útil para análise e os que se dedicam a construir novas formas de lançar mão desse conceito. Piscitelli (1997) é uma autora que constrói uma cuidadosa análise sobre a ambivalência desse termo nas produções teóricas das feministas e Weeks (2001) faz uma apurada contextualização histórica sobre os termos gênero, sexo e sexualidade.

Dentre os autores brasileiros que se debruçam sobre a temática, Kofes (1992) se apóia no conceito de Marilyn Strathern, que diz sobre a amplitude dessa categoria no presente: “Por gênero, ela entende as categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências e tudo o que desenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as idéias das relações pessoais.” (KOFES, 1992, p. 22). Com as reflexões de Kofes (1992; 2001), Heilborn (1995), Costa (2002) e Jayme (2001)

compreende-se a necessidade de desnaturalizar os atributos de feminilidade e masculinidade e considerá-los como construídos culturalmente.

Retomemos a afirmação de Safira de que: “é natural toda a mãe cuidar de sua filhinha, com mais zelo, ensinando a cuidar do cabelo, ensinando a cuidar da pele, a regular o peso. Essa coisa toda! Porque menino não, a criação é diferente, a mãe dá um banho, penteia o cabelo e diz: - Vai brincar!” e notemos como pela socialização se dá a naturalização dos cuidados a serem dados a meninos e meninas e teremos mais argumentos para afirmar, junto com Heilborn, que “É a cultura que constrói o gênero simbolizando as atividades que são masculinas e femininas.” (HEILBORN, 1995, p. 103); “É a cultura que humaniza a espécie, e o faz em sentidos muito diferentes.” (HEILBORN, 1995, p. 102).

Da mesma forma esta postura está presente no desespero de Pérola e na sua ação violenta ao surpreender seu filho, ainda bem pequeno, usando batom e colocando salto, brincando de bonecas. Também no desprezo que Selma, amiguinha de Rubi do tempo de escola, enfrentava por gostar “de andar livre, leve e solta no meio dos meninos, de brincar de correr, de pular”; na dor de Pulé, primo de Ametista, que foi chicoteado porque gostava de brincar com as meninas; nas rezas da mãe de Esmeralda para que ela se comportasse de forma calma e na crítica da vizinhança em relação ao seu comportamento expansivo.

Ao fazer esse exercício de reflexão, podemos vislumbrar como os processos educativos dessas pessoas foram regidos pela visão dicotômica homem/masculino e mulher/feminino. Ao contrariarem as atribuições construídas socialmente e creditadas a eles como naturais, foram repreendidos rigidamente por meio da violência física e/ou por meio da violência vinda do desprezo, da indiferença, do juízo de valor pejorativo. Violências que geram renúncias e sofrimentos. O pai de Pulé, as vizinhas e a mãe de Esmeralda, Pérola e os adultos que orientavam as meninas a se afastarem de Selma procuravam encaixotar, enquadrar, limitar os corpos criativos e plurais das crianças mencionadas. Corpos criativos, inacabados, em constante transformação, com uma intensa capacidade de trânsito entre todas essas características mencionadas e com muitas possibilidades de expressão.

As autoras anteriormente citadas, além de nos ensinar, por meio de seus trabalhos, que é a cultura que informa as condutas humanas, nos convidam a repensar as categorias fixas homem/masculino e mulher/feminino, uma vez que elas são insuficientes para tratar com corpos sociais que estão a todo instante mudando, se refazendo, se construindo. Os trabalhos dessas autoras nos orientam a desnaturalizar a visão de que “o comportamento de todas as mulheres, por fazer parte de suas naturezas, são homogêneos” e “o comportamento

de todos os homens, por fazer parte de suas naturezas, são homogêneos". Elas mostram exatamente o contrário: a diversidade e a pluralidade relacionada à cultura.

A pesquisa de Kofes, tratando do cotidiano doméstico e das relações entre patroas e empregadas, é exemplar nesse sentido, pois chama-nos a atenção para as diferenças de comportamentos, visão de mundo e de experiência que há entre pessoas do mesmo sexo, no caso, mulheres. Na mesma linha se apresentam as reflexões de Costa (2002) ao afirmar que não existe um comportamento homogêneo para as pessoas do sexo masculino.

Essas duas autoras nos inspiram a pensar homens e mulheres como portadores de identidades fluidas e não essencializadas, de forma que não cabe reduzir a multiplicidade das categorias de gênero a formas únicas de referência sobre feminino e masculino, mas sim referirmo-nos a masculinidades e feminilidades como categorias múltiplas que podem transitar e oscilar a todo instante.

Desse ponto de vista, as ações e as atitudes corporais de Pulé, Lindenberg, Selma e Esmeralda passarão a ser vistas como ações de pessoas que estão transitando entre masculinidades e feminilidades, como nós o fazemos constantemente. Transitamos fluidamente, e de formas diferenciadas, entre a delicadeza, a fragilidade, a sensibilidade e a graça, que estão ligadas culturalmente ao feminino; como transitamos fluidamente entre a força, o vigor, a tenacidade e a bravura, que estão ligados culturalmente ao masculino.

Judith Butler (2001) em suas reflexões sobre corpo e sexualidade deixa claro que "os corpos não se conformam nunca, completamente, às normas pelas quais a sua materialização é imposta." (BUTLER, 2001, p.154). A autora considera imprescindível o exercício de questionar constantemente e com vigor não apenas os discursos do senso comum acerca de sexo e gênero, mas os decursos tidos como autorizados, ou seja, aqueles empreendidos pela própria ciência e também os que são proferidos pela mídia, religião e Estado. A autora propõe estarmos atentos às relações de poder que dão vida e movimentam esses diferentes discursos e acabam produzindo-os como se fossem cristalizados e inquestionáveis. Butler (2003) ainda estabelece um diálogo franco, crítico e aberto com grupos organizados de feministas e de "minorias" sexuais mostrando que os próprios movimentos são plurais. Critica a própria produção das estruturas binárias (sexo para natureza, gênero para cultura; homem-masculino, mulher feminino) em que se pensa o conceito gênero. Butler enfatiza que, assim como a categoria sexo, a categoria gênero também é ideologicamente construída e, sendo entendida dessa forma, a categoria gênero acaba muitas vezes se tornando tão fixa e determinada quanto a consideração de que a biologia é o destino.

De acordo com Butler (2001), o gênero é uma construção, que é fruto da repetição de atos que tenham algum vínculo com os significados, sentidos e normas regulatórias sociais e culturais. O gênero seria um modo de subjetivação dos sujeitos. Ele é uma ação e nunca uma verdade totalizante e por ser performático o gênero vivencia um constante movimento de construção, transformação, criatividade, transitoriedade em referência a contextos específicos de significação.

Sobre a performatividade, a autora enfatiza que o termo deve ser entendido não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. (BUTLER, 2001, p.154). A performance é plural, passiva de transformações e pode subverter a ordem vigente. No curso desse pensamento, entende-se que feminilidades e masculinidades são plurais e estão em devir.

Femenias (2003, apud GALLINAS, 2006), uma leitora dedicada dos estudos de Butler, afirma que para ela não há identidade de gênero anterior às suas performances. Só o que há é o disciplinamento do desejo que direciona a 'lógica' de uma atração binária dos 'opostos'. Se for desarticulado o caráter natural do binarismo sexual, os sexos/gêneros podem manifestar-se performativamente, pois o corpo já não será mais um dado biológico irredutível e sim um aporte subsidiário.

O trabalho de Butler inspira a pensar que as formas como as protagonistas deste trabalho se apresentam desde a mais tenra idade são construções referidas a diferentes discursos que, freqüentemente, são reiterativos das normas regulatórias do contexto social. Discursos plurais e variáveis da família, da escola, da medicina, da mídia, da religião, da tecnologia que estiveram e permanecem presentes em seus cotidianos, com o intuito de enquadrar, classificar, distinguir, delimitar, examinar, ordenar, nomear, definir os seus corpos apontam os caminhos que cada uma deve seguir e comunicam a cada uma até onde podem ir, no contexto da sua cultura. Butler faz-nos esclarecer que, para compreender essas mulheres, precisamos perceber e refletir sobre esses discursos.

Assim, sobre o exercício de reflexão das narrativas biográficas das protagonistas desta pesquisa, questionamo-nos: “Como os seus corpos são vistos, percebidos e sentidos nesses discursos?” “Como tais discursos permitem que seus corpos sejam construídos e utilizados nas atividades cotidianas?”.

No presente trabalho, apresento as narrativas biográficas de mulheres contemporâneas empreendendo um esforço para percebê-las como são. Não como pessoas com identidades fixas, não como pessoas restritas as suas anatomias que estão desde seus nascimentos prontas, programadas; ao contrário, busco percebê-las, e suas narrativas me

mostram isso, como pessoas inacabadas, plurais que se transformam em cada nova experiência e que desde suas infâncias vêm negociando dia-a-dia as construções de seus corpos em constante diálogo com os discursos, valores e significados sociais que ditam como os seus corpos devem agir, pensar e viver.

Outra autora importante para a reflexão sobre os processos educativos vividos pelas protagonistas desta dissertação é Louro (1997, 2001, 2003). Ela se dedica intensamente aos estudos das relações sociais, dos corpos, dos processos educativos, das sexualidades e dos gêneros e suas idéias se afinam com as de Butler, em muitos aspectos. Louro questiona a heteronormatividade compulsória da sociedade, "denuncia a lógica heterossexual\homossexual como um princípio onipresente regulador do conhecimento, do poder e da existência dos sujeitos." (LOURO, 2003, p. 7). Ela também reconhece que os gêneros e as sexualidades são produzidos cultural e historicamente e se fazem com as marcas particulares da cultura, com os recursos e signos específicos de um tempo e de um lugar.

Um aspecto que considero muito rico nos estudos de Louro é que ela volta o seu olhar para a reflexão sobre os processos educativos: tanto os que ocorrem em casa como na escola. Mostra que, muitas vezes, em nossa sociedade, no curso desses processos não se tem uma abertura para lidar com a multiplicidade e a fluidez do gênero. Ela não só descreve esses processos educativos, mas empreende um esforço de criar novas formas de pensar a educação, os corpos, a cultura. Como por exemplo, trazer para os currículos escolares questionamentos sobre a forma como os gêneros vêm sendo tratados, questionar os conhecimentos vigentes e abrir espaço para a multiplicidade. Em seu trabalho se percebe forte idéia da ciência como um instrumento de mudança social.

Outro autor que, assim como Butler e Louro, pensa a sexualidade como uma unidade ficcional e moldada por circunstâncias históricas e o gênero com o caráter transitório é Weeks (2001). Ele também nos convida a estarmos atentos aos discursos normativos que perparsam as relações sociais observando como eles as afetam e procurando questioná-los e enfrentá-los. "A consciência de que a forma como nós fazemos as coisas não é a única forma de fazê-las pode causar salutar abalo em nosso etnocentrismo, forçando-nos a perguntar por que as coisas são como são hoje em dia." (WEEKS, 2001, p. 45).

As narrativas das infâncias das seis protagonistas mostram que os adultos cuidadores, em referência ao meio social se valiam do seguinte pensamento: criança tem que se adaptar, se dobrar, se enquadrar aos comportamentos, aos hábitos, às atitudes, aos modos de ser e de sentir reconhecidos no grupo social em que está inserida. As narrativas apresentam que isso se expressava, muitas vezes, numa relação desigual entre adulto e criança. Adulto

fala e criança TEM que calar e acatar! Adulto manda e criança TEM que obedecer! Adulto traça determinado caminho e a criança TEM que seguir! Sob pena de castigos, carões, surras, impaciências, chantagens, olhares decepcionados ou sob ganho de elogios, olhares de orgulho, atitudes de carinho e amor. Recordações de suas infâncias em que suas vozes foram abafadas, seus movimentos corporais foram podados, suas asas foram cortadas emergiram com freqüência e intensidade em nossos longos diálogos.

No entanto, seguindo os ensinamentos de Butler, Louro e Weeks, penso que esta forma de educar os corpos e os discursos que conformam o processo educativo é apenas uma possibilidade entre tantas existentes e tantas outras que podem ser criadas.

Trago para este diálogo o trecho de uma obra que nos faz vislumbrar um tipo de processo educativo em que pais e filhos costumavam construir uma relação de igual para igual. Com a palavra, Malinowski:

> As crianças nas ilhas Trobriand desfrutam de uma liberdade e uma independência consideráveis. Cedo se emancipam da tutela dos pais, que nunca chegou a ser muito rigorosa [...] não existe nenhuma noção de disciplina regular nem qualquer sistema de coerção doméstica. Aconteceu-me mais de uma vez estar assistindo a um incidente de família ou a uma querela entre pai e filho e ouvir o primeiro dizer ao segundo “faça isto”, “faça aquilo”: em geral fosse o que fosse, era algo que se pedia como um favor, sem caráter de ordem - ainda que tal pedido pudesse apoiar, vez por outra, uma ameaça de violência. O mais comum é um pai, quando elogia seu filho, ou o repreende ou lhe pede algo, tratá-lo de igual para igual. Dar ordens, na expectativa de que os filhos as obedeçam, naturalmente, não é próprio dos pais nas ilhas Trobriand. (MALINOWSKI, 1983, p.79-80).

Malinowski conta que ele ao flagrar uma impertinência infantil sugeria aos Trobriandeses que seria uma boa lição para o futuro bater na criança ou castigá-la deliberadamente de alguma outra maneira. Diz Malinowski: “Tal conselho pareceu a meus amigos imoral e contra a natureza, e foi repelido na mesma hora, não sem um certo ressentimento.” (MALINOWSKI,1983, p. 80).

Como se vê, diferentes tipos de processos educativos resultam em diferentes tipos de ver, pensar, e sentir os corpos, as pessoas, as relações, a natureza, enfim a vida.

1.3 Nos Caminhos da Beleza

Se portas de aço e duras rochas
não podem vencer do tempo a tirania?
Onde ocultar meditação atroz
O ouro que o tempo quer em sua arca?
Que mão pode deter o seu pé veloz,
Ou que beleza o Tempo não demarca?
Nenhuma! A menos que este amor
Em negra tinta guarde o seu fulgor
(William Shakespeare)

1.3.1 Aprendendo a importância da beleza

Para darmos novos passos nas veredas desta pesquisa, há necessidade que retomemos algumas passagens das narrativas da infância das mulheres com quem interagi em pesquisa. Lembremos, assim, da menina Rubi sentada sobre a cama de seus pais, observando atentamente a sua mãe elegante e de olhar imponente, diante do grande e antigo espelho que pertencia a sua família há anos, estando a pentear os cabelos, a alinhar a roupa nos contornos de seu corpo e a passar uma maquiagem discreta. Devemos nos lembrar também da menina Safira, sempre curiosa e inquieta a acompanhar os movimentos de suas irmãs "magricelas, lindas e moças", que dedicavam horas de seus dias a se enfeitar. Estas viviam constantemente ocupadas em deixar os seus cabelos brilhosos e suas peles macias. Folheavam com avidez as revistas ditas femininas, com a intenção de encontrar modelos especiais que mandariam fazer, prontamente, por Dona Fátima, uma costureira finíssima. Tais modelos se juntariam aos muitos outros que cada uma delas tinha em seus guarda-roupas e que, para o desespero de Safira eram trancados, proibidos para ela. Continham toda sorte de produtos (perfumes, maquiagens, broches...), que faziam os seus olhos brilharem e seu coração apertar, pois na opinião de sua mãe, ainda era muito nova para usá-los. Agora, recordemos da menina Ametista, que esperava com toda ansiedade Joana, sua irmã mais velha, chegar de Limoeiro para bisbilhotar sua mala em busca das novidades de maquiagem que ela sempre trazia de lá. Havia também a menina Pérola, que acompanhava, com um misto de tristeza e medo, a luta diária de sua mãe com regimes. Tristeza era por sentir a mãe que tanto amava nervosa e preocupada. Também sentia medo da tal da sina que sua mãe tanto falava, a sina das mulheres de sua família, de serem gordas. E para que isso não acontecesse com ela, conversava com Deus baixinho. Lembremos da menina Esmeralda, acompanhando aflita e um tanto revoltada, o movimento de sua irmã mais velha que passava horas se produzindo para ir às festas. Afinal de contas, ela não entendia porque tinha que dormir tão cedo e porque a felicidade, ou melhor, aquilo que ela acreditava ser a felicidade era proibido para as crianças. Lembremos de Cristal olhando as suas amiguinhas sempre arrumadas, maquiadas, com um penteado diferente, uma roupa bonita e suas mães igualmente prontas. Olhava para elas e olhava para si e se sentia tão sem graça! Desejava do fundo do seu coração que sua mãe a ensinasse a se arrumar daquela forma, mas lembrava que ela era fechada demais. Recordemos que elas não só observavam adultas significativas, dedicadas intensamente

aos gestos que embelezam[18], mas nas diversas passagens de suas narrativas, em que podemos vislumbrá-las sendo estimuladas ou até coagidas a praticá-los.

Estas cenas expressam claramente que as protagonistas desta pesquisa, por mais que fizessem parte de tempos e contextos distintos, desde a mais tenra idade conviveram com pessoas que diariamente expressavam, por meio de gestos e palavras, uma intensa preocupação com a aparência. No fluir de seus cotidianos infantis, elas eram estimuladas a acreditar que uma mulher, para ser valorizada, deveria ser bonita e vaidosa. Assim, elas conviviam com muitos exemplos e ensinamentos para cuidarem de suas aparências físicas como uma prioridade, pois isto era fator importante para conseguir o olhar de admiração, o respeito do outro e a aceitação social plena.

Esta idéia tão propagada pelas mulheres significativas (irmãs, avós, mães, tias, vizinhas...) nos processos educativos das meninas Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda estava referida a sentidos e significados dos diferentes contextos sociais que vivenciaram. Ao contrário do que se pensa comumente, a idéia de que mulheres devem ser vaidosas, zelosas com seus corpos e dedicadas ao embelezamento de suas aparências, nem sempre foi propagada socialmente. Del Priore (2005) nos conta que no Brasil Colônia era preciso que a mulher não tivesse vaidades e ignorasse a beleza física, pois esta era temida, uma vez que se associava diretamente a mulher a um instrumento de pecado. (DEL PRIORE, 2005, p.30). Este discurso era propagado, sobretudo, pela igreja, que tinha à época uma forte influência em muitos lares.

Há uma vasta bibliografia das Ciências Sociais mostrando que, a partir da segunda metade do século XX, no Brasil e em seus mais diferentes contextos, propagavam-se com vigor discursos sociais que entendiam a aparência como uma "estratégia social de poder" e a beleza física, especialmente a das mulheres, era como algo que deveria ser exaltado, valorizado, exigido e buscado intensamente (BEZANESSI, 1994/2006; COUTINHO, 1994; DEL PRIORE, 2005; SANT'ANNA, 1999; CASTRO, 2004; WOLF, 1992). De lá para cá, tais discursos que incitam tanto as mulheres quanto os homens a empreenderem um trabalho meticuloso, atento e sistemático de embelezamento em suas imagens, vêm se intensificando cada vez mais, respaldados por muitas instâncias sociais: indústrias de cosméticos, do rejuvenescimento, do emagrecimento, medicina estética, meios de comunicação de massa e tantas outras.

[18] Esse termo foi utilizado pela historiadora Denize Bernuzzi de Sant'Anna (1995) e indica um conjunto de ações que visam o embelezamento do corpo, do rosto, do cabelo. Por exemplo, o se maquiar, a utilização de cosméticos, de adornos, os tratamentos em clínicas de estética [...]. Evidentemente, a historiadora esclarece que cada coletividade possui os seus conjuntos de gestos que embelezam de acordo com os seus valores.

As narrativas biográficas das mulheres com quem interagi em pesquisa apresentam que esses discursos tinham um lugar central nas vidas das mulheres que as ensinaram a dar os primeiros passos e tais discursos passaram a ser importantes em suas vidas também.

As tias, avós e irmãs mais velhas das protagonistas desta pesquisa, que manipulavam diariamente maquiagens, produtos de embelezamento, com elas sempre por perto, ali observando e aprendendo. Aqui, mais uma vez, reforço como as vivências na educação familiar são significativas para o modo como os indivíduos passam a olhar e a conviver com seus corpos. São significativas, mas não inexoráveis. Ametista que o diga. O salão de beleza dela, como já mencionamos, fica situado em sua casa. Sua filha, desde a mais tenra idade, conviveu em um ambiente onde os gestos que embelezavam imperavam e, para o desespero de Ametista, a menina não é afeita aos tratamentos de beleza, porém gosta de rock pesado, ama vestir preto, fazer maquiagens escuras. A mãe sofre e se desespera muito com o estilo da filha.

Uma pesquisa patrocinada pela marca *Dove*, da Unilever, com 3,3 mil mulheres de 15 a 64 anos, que foi divulgada pela *Revista Claudia* de fevereiro de 2007, p. 48, revelou que 90% das mulheres do mundo querem mudar algum aspecto em suas aparências físicas. Entre as jovens de 15 a 17 anos essa porcentagem sobe para 97%, certas que uma mudança em seu aspecto físico faria com que se sentissem melhor. Foi também perguntado a essas meninas qual a principal influência para a construção da imagem que possuem de seus corpos e 57% das brasileiras responderam que era a mãe, desbancando a mídia e amigas.

A referida reportagem, escrita por Lúcia Barros e Juliana Diniz, que divulgou a citada pesquisa traz ainda uma série de depoimentos que revelam como as mães influenciam as filhas quando pequenas aos cuidados com o físico e como isso ressoa na vida das meninas por toda a vida.

É importante frisar que a intenção desta pesquisa não é responsabilizar as mães pelas relações que as filhas têm com seus corpos e sim refletir sobre os sentidos e significados do meio social que orientam ou impõem tanto às mães quanto as filhas buscaram com tanta intensidade um padrão de beleza. Buscando pensar sobre o quanto esse padrão exige dos seres humanos, os interesses que estão por trás e questioná-lo, já que ele é restrito tanto física como subjetivamente diante da diversidade dos indivíduos.

1.3.2 Aprendendo a identificar um corpo belo

As narrativas biográficas estudadas nos fazem pensar que a busca da beleza está ligada a um ensinamento social, assim como nos leva a refletir sobre as características eleitas para definir um corpo belo. Já abordamos isto quando mencionamos sobre as mulheres carnudas, com coxas fartas e quadris volumosos, que tanto abrilhantavam as telas do cinema e as páginas das revistas femininas. Estas arrancavam suspiros por suas belezas nos anos 1950, tempo em que Rubi era uma menininha que brincava na fazenda de seu pai. Recordemos das mulheres esquálidas, que eram tão enaltecidas por suas formas físicas na década de 1960. Safira, que dava seus primeiros passos neste tempo, sofria porque a sua forma física se distanciava deste padrão. Observemos: “Só que eu era gordinha e eu sentia que minha mãe ficava triste com isso. Normal, ela queria que eu fosse admirada como minhas irmãs magricelas.” (Safira). Nas décadas de 1980 e 1990 a ausência de gordura localizada continuava a ser admirada, mas o padrão estético vigente ganhava contornos mais musculosos, esculpidos pelos exercícios físicos. Pérola, que vivenciou sua infância na década de 1980, comenta como seu corpo magrinho ganhava elogios de seus pares: “Eu era magrinha, bonitinha e o povo me elogiava, me chamava de linda e tudo mais.” (Pérola). Já Cristal e Esmeralda, que vivenciaram as suas infâncias nos anos 1980 e 1990, respectivamente, se incomodavam intensamente com suas magrezas que, em seus julgamentos e segundo elas nos julgamentos das outras pessoas em relação a elas, eram excessivas: “Eu era muito magra, tinha umas pernas finas, muito finas mesmo e, assim, eu era totalmente sem graça, sempre fui muito tímida” (Cristal). “Ei, eu era muito horrível quando era pequena [...]. Eu era uma tripa seca e com o cabelo pixaim, um dragãozinho, catrevage mermo [mulher feia, menina feia!] Sério!” (Esmeralda).

Evidentemente, não podemos deixar de mencionar que estes padrões citados eram apenas os mais admirados nestas épocas, mas certamente no interior de cada um destes referidos contextos conviviam outras formas de conceber um corpo belo. Trazemos uma passagem da narrativa de Ametista que deixa isso claro. Ela vivenciou a infância nos anos 1960, época em que uma vasta bibliografia voltada para o estudo do embelezamento aponta que a magreza era intensamente admirada. No entanto, no interior que Ametista vivenciou sua infância, um corpo gordo demais era considerado feio e um corpo magro demais era considerado mais feio ainda. Acompanhe o que ela diz: “Ela (avó de Ametista) me levava pra nadar no rio que era pra eu num ficar gordinha e me dava feijão e vitamina porque eu também num podia ser magra demais porque no interior, uma menina com o osso da perna batendo no

outro era pior do que ser gorda. As pessoas magras demais eram as pessoas mais horríveis do mundo. As pessoas famosas eram aquelas nem gordas nem magras, ter carne nos lugares certo, ser vistosa." (Ametista). Citamos também a mãe de Cristal que não era afeita aos cuidados com a beleza física.

A beleza, de acordo com o que afirmamos aqui, é estabelecida culturalmente. Para trazer vida a essa discussão, remetemo-nos às reflexões de Clarissa Pinkola Estés (1994). A autora nos mostra como a concepção de corpo belo permite interpretações diversas, variando de uma cultura a outra.

Estés conta que, desde sua infância, foi alvo de deboche por ter sua "[...] estrutura física próxima do chão e um corpo exuberante." (ESTÉS, 1994, p.252). A autora revela também que: "[...] diziam que o tamanho e o formato do meu corpo eram indícios de um ser inferior e desprovido de controle." (ESTÉS, 1994, p. 252).

A autora partilha com o leitor uma experiência inesquecível que viveu ao realizar uma viagem até o istmo de Tehhuantepec no México. Nessa viagem, Estés encontrou uma tribo de mulheres gigantes, fortes, brincalhonas e imponentes no tamanho. Entre essas mulheres mexicanas, o corpo de Estés era visto de uma maneira completamente diferente da forma como é visto na cultura norte-americana na qual estava inserida. Nas palavras da autora:

> Elas [mulheres de Tehhuantepec] me haviam dado tapinhas e pequenos puxões, observando abertamente que não estava suficientemente gorda. Eu comia o suficiente? Será que eu não havia andado doente? Elas falavam que eu devia me esforçar, pois as mulheres são *La Tierra*, redondas como a própria terra, pois a terra contém muito. (ESTÉS, 1994, p. 252).

Estés (1994) conta que, a partir do contato com as mulheres de Tehhuantepec, aprendeu a olhar seu corpo de maneira diferente: "Eu entendo que meu corpo não é separado da terra, que meus pés foram feitos para firmar minha posição, que meu corpo tem a forma de um recipiente feito para conter muito." (ESTÉS, 1994 p.253). Por meio dessa experiência podemos vislumbrar que a concepção de um corpo belo varia de cultura para cultura.

Para iluminar ainda mais essa questão, remetemo-nos ao historiador Vigarello (2006), que se dedicou com intensidade ao estudo da beleza física. Ele conduz o leitor a uma fascinante viagem na qual as paisagens são corpos múltiplos de diversos países ocidentais e suas diferentes concepções de beleza, construídas do Renascimento até os dias de hoje. Nessa viagem, conduzida por Vigarello (2006), aprendemos que a beleza física dos corpos corresponde às mudanças econômicas, sociais e culturais de cada momento histórico. A

beleza está muito além da simples geometria física. Ela é ação e comportamento ligados à dimensão social.

O estudo desse historiador nos permite muitas reflexões. Entre elas a de que, até numa mesma sociedade, podemos constatar, ao longo do tempo, diversas concepções do que é um corpo bonito. Ele conta que o rosto e as mãos eram o objeto primordial de beleza na Europa durante o século XVI e as pernas eram consideradas meros pedestais, meras bases de sustentação. O pensamento corrente consistia: “Que necessidade se tem de se preocupar com as pernas, já que não é coisa que se precise mostrar.” (VIGARELLO, 2006, p.16). Já no final do século XIX, além do rosto e das mãos serem importantes como critérios de avaliação estética, as pernas recebem atenção e cuidados especiais.

Ao fazer esta dissertação, pude observar que, ao longo do caminhar da vida, cada protagonista desta pesquisa vem, desde a mais tenra idade até os dias de hoje, dialogando com os padrões estéticos socialmente aceitos nos diversos contextos que vivenciaram. Elas vão pensando e construindo as relações com seus corpos, negociando com estes padrões. Ao longo destas páginas, o leitor poderá acompanhar como isso vai se dando em diferentes momentos de suas trajetórias.

No entanto, é importante mencionar como mesmo desde pequena, se esforçando para ter uma aparência física que ficasse o máximo possível em consonância com o que se entende como corpo belo, nenhuma delas, em tempo algum, queria ser exatamente igual a outras pessoas. Cada uma sempre desejou e vem desejando construir um corpo que chame a atenção por suas particularidades. Um corpo que brilhe ao chegar aos lugares, uma forma física que lhes proporcione características que possam distinguí-las dos outros e lhes proporcione uma ampla socialização.

1.3.3 Aprendendo as técnicas de embelezamento

Assim como os estímulos para a busca da beleza física e as características que a definem estão intimamente vinculados aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos de um determinado contexto histórico, as técnicas para alcançá-la também, e sobre elas discorreremos a seguir.

Riviére (1996) chama atenção para o fato de cada cultura construir estratégias diferenciadas para tornar os corpos dos indivíduos bonitos de se ver. “Alguns se cobrem de bosta de vaca, deformam os pés ou a caixa craniana, esticam o pescoço, ou transformam latas

de conserva em pulseiras.” (RIVIÉRE, 1996, p.194). Del Priore (2004) também nos permite refletir sobre isso, mencionando, inclusive, que comumente familiares de diferentes culturas lançam mão de técnicas para que o corpo da criança recém-nascida se harmonize com os padrões estéticos valorizados em seu grupo: “As mães africanas costumavam esmagar os narizinhos de seus pequenos, dando-lhes uma forma que lhes parecia mais estética.” (DEL PRIORE, 2004, p.86).

Nas narrativas biográficas das infâncias das protagonistas deste trabalho, o gesto de maquiar-se é compreendido como um gesto de embelezamento, de vaidade, um artifício para chamar atenção, conquistar olhares, como expressam as seguintes passagens narrativas: “Então eu lembro que eu botei batom muito cedo, até antes da hora. Então, porque aquilo já me fazia bem, eu achava que ali eu ia ser vista ser mais desejada pelos meninos, mais admirada” (Rubi); “Eu fui ficando cada vez mais vaidosa [...], vivia agarrada nas maquiagens da Joana, minha irmã mais velha.” (Esmeralda); “Eu acho lindo uma mulher que se maquia, quem faz assim uma pintura no olho, realça o olhar, acho lindo!” (Cristal).

No entanto, no livro intitulado *As mulheres de Cabul*, realizado pela fotógrafa inglesa Harriet Logan (2006), pode se perceber mulheres atribuindo um sentido completamente diferente ao ato de maquiar. A autora conseguiu captar em imagens fotográficas os dilemas, as dificuldades, as resistências, as esperanças de mulheres do Afeganistão que vivenciaram o regime repressor do Taleban, em 1996. Um regime que, dentre outras coisas, decretou a proibição das fotografias, das músicas, das danças, do riso em público, das brincadeiras com pipas e pássaros. As mulheres eram terminantemente proibidas de freqüentar escolas, trabalhar fora do lar, usar cosméticos, adornos e trajes elegantes. Vale mencionar que as fotos realizadas por Logan, foram feitas de forma secreta, no interior da casa de mulheres afegãs, com a cumplicidade destas. Segundo Logan, elas arriscaram suas próprias vidas ao desobedecer às leis do regime Taleban aceitando ser fotografadas “[...] porque acreditavam que o mundo tinha que saber o que acontecia com elas.” (LOGAN, 2006, p.14). E era neste contexto de repressão e dor que mulheres afegãs maquiavam seus rostos como uma forma de resistência. Acompanhemos o que diz Fersitta: “a maquiagem é proibida pelo Taleban, mas eu uso mesmo assim - lápis e batom. Fazemos disso um símbolo de resistência. É a nossa forma de desobedecer aos Talebans.” (LOGAN, 2006, p.13). Como o leitor pode observar, lábios e olhos são pintados como uma forma de resistência e de luta. O que não impede que elas se sentissem mais bonitas lançando mão das maquiagens também.

No curso das narrativas biográficas, podemos vislumbrar técnicas corporais criadas socialmente que visam o embelezamento de cada parte da aparência física. Da cabeça aos pés, nenhum detalhe escapa. O que se pode observar com muita recorrência, ao acompanhar as narrativas biográficas estudadas, é o fato dessas técnicas ou gestos que embelezam serem partilhados ou até mesmo impostos pelas mulheres mais velhas às mais novas.

Sobre isso, podemos citar os regimes que as mães de Pérola e Safira as obrigavam praticar. E a postura enérgica da avó de Ametista que a disciplinava para que se dedicasse aos cuidados da aparência: ela passava areia e juá em seus dentes para que o seu sorriso ficasse branquinho e impecável, assim como, diariamente, passava a água na qual o arroz tinha acabado de ser lavado como uma forma deixar o seu rosto livre de espinhas. A avó de Ametista também a intimava a nadar no rio para que a sua silhueta não ficasse obesa e a comer muito feijão com arroz para não ficar magra demais. Andar sempre calçada era outra exigência desta avó, pois pé bonito era o fino e o delicado. A mãe de Rubi a estimulava a andar sempre penteada e arrumada.

Pensando nos modos como as protagonistas deste trabalho eram conduzidas a cuidarem de seus corpos, por essas mulheres significativas em suas vidas relacionei os acontecimentos àqueles que Clastres (1978) relata quando descreve um ritual de iniciação vivido por alguns membros nas sociedades sem escrita.

Clastres (1977) conta que a comunicação entre os indivíduos e sua forma de expressar as leis estão escritas nas superfícies de seus próprios corpos. Cada membro da coletividade traz inscrito, em seus corpos, as marcas da cultura e do *ethos* tribal. O autor relata, em seu trabalho, os rituais de iniciação – passagem da criança para a fase adulta – nessas coletividades. Nos rituais, as pessoas que estão vivendo a passagem para a fase adulta são submetidas a uma série de atos que, em nossa cultura, classificaríamos como tortura: “Com furos pelo corpo e estiletes enterrados nas chagas, enforcamento, amputação, a derradeira corrida, carnes rasgadas.” (CLASTRES, 1978, p.126). As pessoas que ferem os jovens utilizam-se de inúmeras técnicas para causar a dor e o sofrimento. Fazem isso até o jovem, como eles diriam, ficar morto, ou seja, desmaiado. Para esses indivíduos, essas técnicas não são consideradas formas de tortura e os jovens iniciados vivem todo esse processo com serenidade e bravura. Fazem isso porque disso dependerá sua inserção no grupo. As cicatrizes vão proclamar um pertencimento social e todas as vezes que eles olharem uns às cicatrizes dos outros, nenhuma palavra precisará ser dita para que possam afirmar: “És um dos nossos e não te esquecerás disso.” (CLASTRES, 1978, p.128).

Os membros experientes da coletividade querem que o noviço viva uma série de aprendizados focalizados em seu próprio corpo. E a partir deste aprendizado vivido com cada parte do corpo, seja pintando-as, seja marcando-as com feridas, a pessoa sente-se integrada a seu grupo.

Nas narrativas aqui apresentadas vemos, justamente, que as mulheres mais experientes vão transmitindo para as mais novas as técnicas necessárias para os cuidados e embelezamento corporais. Vão transmitindo, além disso, o ensinamento de um novo olhar sobre o corpo. As protagonistas desta pesquisa, quando crianças iam aprendendo, de forma muitas vezes desconfortável e dolorosa, dia após dia, a dar atenção a cada parte do corpo de uma forma especial. Podemos verificar nas passagens narradas da infância, em que elas começam a avaliá-las, medi-las, compará-las com as partes dos corpos das outras crianças, das outras pessoas. Enfim, começam a discipliná-las. Então vemos que, ainda pequenas, passam a querer usar os produtos de beleza e roupas que as mulheres mais velhas usam, a praticar determinados gestos que embelezam e que aquelas praticam. E assim, a cada dia, elas vão tecendo um olhar sobre o seu corpo semelhante aos olhares que aquelas mulheres significativas em suas vidas tecem sobre os delas. E quando elas menos esperam estão completamente em harmonia com a linguagem, com as técnicas, com as angústias, desejos, dilemas e alegrias, que perpassam a busca de um corpo, considerado socialmente como belo e, mais do que isso, passam a vivenciar e construir, mais e mais, seu contexto social.

Inclusive, observamos que muitos dos elementos utilizados para embelezar os corpos como roupas e adornos podem ser comparados ao valor atribuído às cicatrizes das sociedades sem escrita mencionadas por Clastres (1978), pois a meu ver as protagonistas desta pesquisa expressam por meio de suas roupas, seus adornos os valores sociais inscritos em seus corpos. Da mesma forma vejo os músculos esculpidos pelos exercícios físicos. O corpo, como se vê, retém em si uma história a contar.

Vale enfatizar que, além das protagonistas deste trabalho aprenderem na educação familiar a cuidar dos cabelos, do rosto, da forma física, da pele, das unhas, para que cada detalhe pudesse se aproximar ao máximo dos padrões estéticos vigentes, algumas delas eram ensinadas a perfumar esse corpo, bem como a trabalhar uma postura para esse corpo. Que o diga Safira, com as aulas de etiqueta que vivenciava na infância. E também Ametista, que sempre que estava sentada de uma forma desleixada, sua avó vinha com um pauzinho e batia em suas costas para que ela se sentasse de forma considerada elegante.

Há uma idéia muito recorrente em nossa cultura de que um corpo belo não deve ser só aquele que porta atributos físicos que convergem com os padrões estéticos valorizados,

deve ser também um corpo limpo e perfumado, que se porta de uma forma elegante. Comumente se pensa a beleza como parte de um conjunto, como expressa Ametista ao explicar porque sempre era eleita nos concursos de beleza: “Além de ser bonita, eu sabia andar, sentar, ser graciosa, ser feminina, minha roupa tinha muito babado, meu cabelo era penteado. Aí tinha o ‘tchan’ do conjunto!”

Ainda refletindo sobre os gestos que embelezam, vimos que Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda enfrentavam situações financeiras difíceis, mas isso não as impedia de cuidar de seus embelezamentos com vigor e dedicação. Isso quebra uma idéia, que ainda é bastante corrente, de que a preocupação e investimento na beleza são coisas que só competem às pessoas mais abastadas. As narrativas mostram que elas lançavam mão da criatividade para desenvolver suas técnicas de embelezamento como a água do arroz para prevenir espinhas.

No entanto é fundamental chamar atenção para o fato destas receitas de beleza ditas mais baratas, caseiras também fazerem parte do cotidiano das pessoas com alto poder aquisitivo. Nas narrativas, vimos as irmãs de Safira, que pertenciam a uma das famílias mais abastadas da cidade de Fortaleza, passando abacate para o cabelo ficar brilhoso e casca de banana no rosto para tirar as manchas. Vale observar que a época não havia a quantidade extraordinária de produtos de embelezamento que temos atualmente, mas mesmo hoje as receitas caseiras continuam sendo utilizadas.

Mencionemos o caso de Safira, que atualmente manda trazer de fora do país, alguns de seus cosméticos, mas não abre mão de pepinos cortadinhos colocado sobre as pálpebras para tirar as olheiras. Rubi também compra produtos caríssimos para ficar mais bela, mas não abre mão de passar babosa no cabelo para ficar brilhante. E com todos estes anos que dediquei a observar as mulheres e os seus gestos que embelezam tanto nas academias de musculação, como fora delas, posso afirmar que estas receitas caseiras estão presentes no cotidiano de mulheres pertencentes aos mais diferentes segmentos de nossa sociedade.

É importante que se diga que, da mesma forma que não podemos generalizar afirmando que estas tais receitas de beleza mais baratas só estão nas casas de pessoas de baixo poder aquisitivo, não podemos também dizer que produtos caros divulgados pela mídia só estão na posse de pessoas ricas. Acompanhei de perto pessoas que tinham recursos tão escassos que sentiam dificuldades de comprar alimentos, mas que, ainda assim, se esforçavam ao máximo para obter alguns destes produtos.

É preciso sempre lembrar que o fortalecimento dessa idéia tão recorrente de que “a beleza é fundamental” há muito vem fomentando com intensidade uma indústria de

cosméticos, do rejuvenescimento, do vestuário, entre outras. A historiadora Rúbia Sant Anna (2008) aponta que, na sociedade ocidental, desde o pós-guerra, a indústria e os meios de comunicação de massa passaram a difundir vigorosamente a importância dos gestos que embelezam e junto disso, lançavam toda sorte de produtos. Ela diz que especialmente as mulheres, consumidas pelas imagens de beleza que os meios de cultura de massa difundiam e pelas promessas de felicidade que os produtos portavam tornavam-se outras, adquiriam *status* social e a importância entre os seus pares.

De lá pra cá, essas indústrias só se expandiram. A cada dia criam mais e mais produtos que prometem tornar os corpos mais belos e saudáveis. Muitos indivíduos, seduzidos por essas promessas, vão consumindo demasiadamente. Castro (2003) enfatiza em sua pesquisa sobre culto ao corpo que, "[...] enquanto quase todos os setores industriais perderam sistematicamente postos de trabalho, o setor de higiene, perfumaria e cosméticos aumentou o nível de emprego." (CASTRO, 2003, p. 7).

Alguns dados divulgados pela instituição ABIHPEC (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos): o Brasil é o terceiro mercado mundial de cosméticos, perfumes e higiene pessoal. Em 2007, o Brasil consumiu em torno de R$ 19,6 bilhões - R$ 2,1 bilhões a mais que em 2006, denotando um crescimento de 12%. Nos últimos 12 anos, a indústria cosmética alcançou um crescimento médio de 10,9%, enquanto que o Produto Interno Bruto (PIB) Total e o mercado em geral cresceram de 2,8%. A ABIHPEC também chama atenção para o crescimento dos setores de importação e exportação dos produtos de embelezamento. Obtiveram crescimento médio de 19,7% e 21,5%, respectivamente, nos últimos cinco anos.

É importante perceber os efeitos dos discursos desta megaindústria da beleza no dia-a-dia das pessoas, porque nem sempre eles causam somente satisfações, bem-estar, melhoria da qualidade de vida, mas ocasionam, certas vezes, desconforto, inseguranças, dificuldades, tensões. Principalmente porque o indivíduo, depois de tanto se esforçar para seguir o que esses discursos impõem e consumirem toda sorte de produtos, não conseguem atender às expectativas dos padrões estéticos impostos. Assim, muitos acreditam que estar em harmonia com esses padrões é fundamental para ter uma vida feliz, realizada. Ao refletir sobre as narrativas biográficas de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda, neste trabalho, pretendemos justamente mostrar e refletir, entre outras coisas, sobre os efeitos desses discursos, sobre os bastidores desta busca pela beleza física vista como ideal.

1.3.4 Aprendendo a olhar e avaliar o próprio corpo

Até o momento conversamos sobre como Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda, no cotidiano da vida familiar, nos cursos de suas infâncias, aprenderam que a beleza é algo fundamental na vida de uma mulher, aprenderam a identificar as características de um corpo socialmente belo, aprenderam as técnicas para aproximar os seus corpos o máximo possível desse padrão. Pois bem, as narrativas biográficas indicam que diante de todos esses ensinamentos, elas ainda crianças disciplinavam os seus olhares em relação aos seus próprios físicos e praticavam cotidianamente uma auto-avaliação. E é justamente sobre as angústias, as incertezas, as inseguranças, as alegrias e satisfações que vivenciavam nestes momentos de auto-avaliação de suas imagens que conversaremos a seguir.

Recordemos as passagens das narrativas de Rubi e Ametista em que elas partilharem momentos de suas infâncias nos quais ficavam mirando suas imagens frente aos espelhos: “Quando eu era menina eu me olhava tanto no espelho, me achava linda, era aquela vaidade mesmo bem forte, e as pessoas diziam que eu era bonita, e eu corria lá no espelho pra ver se eu era e acabava me convencendo” (Rubi). “Eu adorava me arrumar, botar lenço na cabeça, gostava demais de botar lenço na cabeça. As meninas não podiam se pintar não, mas eu me pintava. Eu subia numa cadeira (para alcançar o espelho), eu passava *rouge* nas bochechas.” (Ametista).

Vale ressaltar que quando cada uma delas está diante do espelho, no aconchego de seu lar, mesmo que pareçam tão sozinhas naquela ação, estão presentes naquele momento todos os ensinamentos culturais que serão importantes para a avaliação de sua própria forma física. Cada uma mira detalhadamente sua imagem frente ao espelho e a avalia, em referência, a forma particular de seu contexto social lidar e ver os corpos sociais. Naqueles espelhos que Rubi e Ametista se miravam, também era refletida a cultura a qual os corpos das mulheres geralmente são percebidos e classificados na vida cotidiana em função de certos critérios estéticos (MALYSSE, 2006), a qual para as mulheres a beleza é representada como um dever (NOVAES & VILHENA, 2005).

Os gestos da pequena Ametista frente ao espelho como passar batom, passar *rouge* nas bochechas e brilhantina para, segundo ela, “o cabelo ficar engomado, duro” eram gestos muito praticados pela sua irmã mais velha, Joana, e pelas outras mulheres presentes no seu cotidiano infantil. Da mesma forma, os gestos, as atitudes, as posturas de Rubi diante do espelho a alinhar a roupa nos contornos de seu corpo e a passar uma maquiagem se assemelhavam às práticas corporais que sua mãe realizava. Estas cenas mostram os

ensinamentos que estas meninas receberam referentes aos modos como deveriam tratar seus corpos ganhando cor, ganhando vida! Tais cenas também remetem a Mauss (1974), quando desenvolve o conceito de imitação prestigiosa que consiste justamente no fato dos indivíduos, desde a mais tenra idade, imitarem os comportamentos, as atitudes e os corpos que em seu grupo social alcançaram êxito e que viram ser bem-sucedidos. (MAUSS, 1974, p. 215).

Pelo que pude constatar, esse gesto de analisar o rosto e o corpo de forma minuciosa (de frente, de lado e de costas) diante do espelho é um gesto contundente para as vidas dessas mulheres. É um momento em que avaliam as transformações físicas que já ocorreram e as que estão ocorrendo com a prática da musculação e com os demais gestos que embelezam. Muitas comentaram que ao olharem suas imagens refletidas pensam nas mudanças físicas desejadas. Para algumas mulheres, mirar-se no espelho é um momento de parar e refletir sobre a passagem do tempo. Muitas fazem planos para reorganizar seu comportamento, com o objetivo de conseguir um corpo mais belo ("Vou melhorar minha alimentação", "vou freqüentar a academia com mais freqüência", "vou cuidar mais da minha pele, do meu cabelo"…). A maioria delas faz daquele momento um momento de preparação minuciosa de si para o olhar do outro. Enfim, é um instante que pode acarretar alegria ou tristeza, alívio ou desconforto, segurança ou insegurança, baixa auto-estima ou alta auto-estima.

Diz Pereira (2006, p. 129) que o espelho permite não só vermo-nos mas tentar ver-nos como somos vistos e darmo-nos a ver como entenderíamos ser vistos. Por outro lado, há uma tomada de consciência do próprio corpo que é consubstanciada numa comparação constante com os demais. (PEREIRA, 2006, p. 128).

Um dado observado nas muitas andanças que empreendi pelas ruas dos bairros Jangurussu e Palmeiras tanto para a realização de pesquisas de campo (PONTE, 2005) como para vivenciar as atividades de um projeto social da prefeitura da qual fiz parte como facilitadora, situado no Palmeiras, é que os discursos acima mencionados não chegam apenas ao ciclo de pessoas abastadas.

Para Medeiros (2008), que empreendeu uma pesquisa sobre a representação da imagem e os significados que as classes populares fazem do corpo e da beleza, a estética da beleza já é no Brasil um padrão nacional que passa por todas as classes, idades, e agora também sexo. Medeiros reflete sobre um sentimento de igualação, necessidade de afirmação social de todas as classes, que passa pela necessidade de identificação com valores estandardizados na sociedade dominante. (MEDEIROS, 2008, p. 3).

Retomemos a interpretação sobre as meninas Rubi e Ametista e suas avaliações sobre seus físicos diante dos espelhos. As suas narrativas da infância indicam que elas se consideravam belas e isso era motivo de felicidade e orgulho para suas vidas. Afinal, aprenderam na educação familiar desde o início de sua caminhada na vida, que ser bela é motivo de celebração. No entanto, é importante chamar atenção para o fato de que mesmo se considerando belas, elas diariamente "consultavam os espelhos." O fato de se sentirem belas não as tornava completamente relaxadas. Verificavam seus aspectos físicos constantemente e empreendiam gestos que embelezavam para proteger e aumentar sua beleza, mesmo que estes fossem enfadonhos e cansativos.

Por mais que sejam consideradas bonitas, atraentes, dignas de todos os olhares, elas sempre sentem que têm algo a melhorar em seus físicos e nunca tomam o fato de serem consideradas belas como algo pronto e acabado, estão permanentemente preocupadas, vigilantes, atentas em empreender ações para manter e/ou ampliar a beleza. Desse modo, chamo a atenção para o tamanho dessa exigência pela busca da beleza e corroboro com Wolf (1992), quando diz que, "muito além de ditar as características físicas do corpo, o mito da beleza dita os comportamentos." (WOLF, 1992, p.17).

Pérola, uma das protagonistas, em uma de nossas longas conversas, mostrou-me fotos de seu tempo de infância. Aproximadamente oito fotos, que ela guarda dentro de uma caixinha como se fossem verdadeiros tesouros. Contou-me, também, a dificuldade que era, no seu tempo de criança, tirar fotos. Segundo ela, máquina fotográfica era coisa cara e quase ninguém que conhecia possuía uma e os fotógrafos profissionais que apareciam nos eventos de que participava, segundo ela, cobravam "o olho da cara numa foto." Disse também que insistia muito com seu pai para que ele fizesse um esforço e pagasse os serviços dos fotógrafos.

Em um de nossos encontros ela foi mostrando as fotos e narrando os acontecimentos e fez isso com um evidente ar de orgulho, que expressava o quanto se sentia linda quando criança: ela dançando no seu grupo das "paquitas", ela desfilando, ela à beira do mar catando conchinhas, algo que amava fazer e que abandonou recentemente por vergonha de usar biquíni. Em todas as fotos reluziam os seus olhos negros e a covinha na bochecha que fica bem acentuada quando sorri.

Mas por detrás desse sorriso havia medo e insegurança. Pérola revelou-me em sua narrativa que vivia com medo de que essa beleza se desfizesse e temia muito que a tal da "sina" da obesidade, que sua mãe tanto comentava, adentrasse em sua vida de um momento para o outro. Chegou a ter pesadelos com isso: "Eu sonhava que eu tava gorda e aí acordava

apavorada, em tempo de botar os ‘bofe’ pra fora, aí pegava no meu braço pra ver se tava fino, na minha bochecha” (Pérola). Outra sensação muito recorrente em sua infância era a culpa. Sempre achava que não estava fazendo o suficiente para se manter bela e por mais que procurasse comer pouco para não engordar, sempre achava que acabava comendo mais do que deveria. Seu comentário: “Eu me sentia assim, tipo culpada”. Este sentimento que Pérola vivenciou e vivencia é melhor compreendido quando voltamos o olhar para o meio social que, como apontam Novaes e Vilhena (2005), tem como um de seus imperativos a idéia de que cabe ao indivíduo a responsabilidade no agenciamento de si, determinando, vigiando, balizando e vigiando suas próprias ações e seu comportamento.

Esse sentimento de culpa que tanto afligiu Pérola na infância e a acompanha até os dias atuais e também aflige as outras protagonistas dessa pesquisa e muitas outras mulheres com quem interagi em pesquisa, segundo Castro (2003), tornou-se uma exigência social.

Acompanhemos agora como Esmeralda se avaliava do ponto de vista físico quando criança. Ao contrário de Pérola, que transmitia orgulho ao mostrar suas fotos, Esmeralda fez questão de escondê-las. Ela disse-me: “A mãe tem umas fotos [...], eu com cinco, seis anos. Eu já disse pra ela, que se ela num guardar bem guardadinha, eu rasgo ‘tudim’, que nem eu fiz com as outras”. Com um tom de voz, uma expressão facial e uma expressão corporal que expressavam nitidamente incômodo e insatisfação, ela tece suas características na época: “Eu era uma tripa seca com o cabelo pixaim, um dragãozinho, ‘catrevage mermo’ [mulher feia, menina feia]! Sério!”

Depois que Esmeralda empreendeu uma transformação em sua aparência física, inclusive tornando-a esculpida pelo exercício e transformando seu cabelo, que era castanho e um tanto crespo para louro e liso, ela decidiu rasgar e queimar muitas fotos da época que antecedem esse momento de sua vida, como uma forma de esquecer e até de negar a sua antiga forma física. As poucas fotos que sobraram de sua infância, foi sua mãe quem fez questão de guardar.

O gesto de Esmeralda, de queimar e rasgar as fotos tem todos os componentes que marcam simbolicamente a situação de passagem. Van Gennep ensina que: “A idéia contida no ritual de passagem é a de que a pessoa sai do mundo anterior para entrar em um mundo novo.” (VAN GENEPP, 1977, p.36). Assim, observo que Esmeralda sai de um mundo onde ela se avaliava como “tripa seca, dragãozinho”, para um mundo novo, no qual se sente bem, com auto-estima elevada, bonita e se considera digna de ser admirada. Assim, por meio da transformação da sua aparência física ocorre uma mudança em seu modo de viver. Campos nos fala sobre isso: “O corpo narcísico é a fonte de alimento do nosso amor próprio, e é, ao

mesmo tempo, usado como imagem de troca tornando-se um indicador do sujeito do qual dependerá a aceitação e a inclusão social.” (2004, p.12).

Pensemos também na seguinte passagem da narrativa biográfica de Esmerada: “Por isso que eu sempre digo, era muito mais fácil ter nascido filha de uma ‘lorona’ [aumentativo de loira] e de um ‘lorão’ alto, olho azul, cabelo liso. Aí pronto, eu nem precisava penar tanto pra ser assim [bonita, sarada,]!”.

O casal que Esmeralda gostaria de ter sido filha possui características físicas que se aproximam das “imagens-norma” transmitidas socialmente tanto pela mídia, como pelo mercado da beleza. O antropólogo Malysse (2006), que empreendeu um estudo minucioso sobre alguns usos sociais do cabelo *megahair* no contexto particular de Salvador, Bahia revela que, “No Brasil, como em muitas outras culturas, o loiro e o liso dominam a escada estético-social da beleza capilar.” (MALYSSE, 2006, p. 21). Vale dizer, que na concepção de Esmeralda as palavras ‘lorona’ e ‘lorão’ não estão referidas somente à cor dos cabelos e da pele, mas também à forma física. Isso ficou evidente pela gesticulação de Esmeralda ao mencionar a palavra ‘lorona’ quando partilhava o seu pensamento: ela movimentou as duas mãos desenhando no ar os contornos de uma silhueta, algo parecido como os contornos de um violão.

Wolf (1992) nos fala que o mito da beleza faz com que as mulheres queiram se parecer cada vez menos com suas familiares e passem a desejar ser parecidas com mulheres consideradas belas que estampam as capas de revistas, por exemplo. Muitas vezes, mulheres desejam se tornar parecidas com modelos que se diferenciam demasiadamente de suas próprias estruturas físicas. A esse respeito, cito aqui um acontecimento ocorrido em uma das vezes em que visitei a casa de Esmeralda: sua mãe se encontrava, como de costume, debruçada sobre uma máquina de costura, trabalhando concentrada, e Esmeralda estava andando de lá para cá com uma escova, a pentear de forma frenética o cabelo, me dizendo que a raiz do seu cabelo precisava ser pintada e estava aborrecida porque sua mãe não tinha o dinheiro para ela comprar a tinta. Neste ínterim, Esmeralda disse: “A culpa é dessa aí (se referindo à mãe), porque esse cabelo ‘véi’ ruim, eu puxei dela”. E nesse momento, a mãe de Esmeralda voltou o olhar para a menina suspirou fundo, fez uma expressão de cansaço e tristeza e voltou a costurar. Diante disso, acredito que é importante que se faça uma reflexão sobre o quão contundente é essa imagem-norma que faz com que Esmeralda, que demonstrou muitas vezes gostar de sua mãe, deseje ser filha de outra pessoa para herdar suas características físicas.

Outro ponto da fala de Esmeralda revela que a anatomia não é o destino e como diz Malysse, “o corpo é um produto social e mesmo se as suas características morfológicas parecem ser dadas pela natureza, elas são (re)modeladas pela cultura, pelos tipos de vida” (MALYSSE, 2006, p. 9). Também Le Breton (2003) afirma “A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento.” (LE BRETON, 2003, p. 27-28). Podemos vislumbrar o quanto Esmeralda transformou, esculpiu o seu físico. E para isso, como ela mesma diz, precisou penar, ou seja, dedicar tempo, energia e dinheiro. E no caso de Esmeralda, que enfrenta muitas limitações financeiras, este último item foi ainda mais complicado. É importante mencionar, o tom, a postura de Esmeralda ao partilhar em sua narrativa, o que durante muito tempo ela fez questão de esconder, “o fato de ela ser feia na infância”. Mais do que um desabafo, seu tom e postura traduziam certo poder e orgulho, porque o seu corpo era fruto do seu trabalho, ela fez dele o que bem quis.

Assim como Esmeralda, Cristal também se incomodava intensamente com o seu físico na infância. Com os olhos marejados, ela revelou:

> Bom, assim, eu sempre fui uma criança magra até, mais ou menos, os onze anos. Eu era muito magra, tinha umas pernas finas, muito finas mesmo e, assim, eu era totalmente sem graça, sempre fui muito tímida. Desde criança, eu sempre fui muito tocada pela questão de achar que as pessoas não gostavam de mim, eu achava: ah! Todo local que eu chego ninguém me percebe, ninguém me nota, ninguém gosta de mim e, se ninguém gosta de mim, eu associava alguma coisa que tinha a ver com feiúra. (CRISTAL).

Não só as palavras, mas a expressão corporal de Cristal, ao narrar como se sentia em relação ao seu físico no tempo da infância revelam um sofrimento pungente. Ela se sentia feia e só. Uma solidão que acreditava piamente ser fruto “de sua feiúra”. O modo de pensar de Cristal se harmoniza com sentidos e significados expressos no meio social que, como enfatizam Novaes e Vilhena (2005), é um contexto em que a feiúra é uma das formas mais presentes de exclusão social. Cristal se sentia “desapercebida”, “apagada”, “sem graça” num contexto social em que aparecer, brilhar, chamar atenção, principalmente pelos atributos físicos, é um imperativo, é algo importante para a aceitação social plena.

Algo bem marcante nas narrativas da infância de Cristal é justamente o fato de ela desejar com intensidade a atenção, o olhar de admiração de seus pares. O desejo de ter uma faixa de rainha revela bem isso. Afinal de contas, conquistar uma faixa de rainha significa ser eleita, escolhida, o centro das atenções, admirada. Retomemos uma passagem da sua narrativa que revela o quanto almejava essa faixa: “Meu sonho era ter uma faixa! É tanto quando uma

amiga minha foi rainha da escola dela, eu ficava pegando na faixa, não com inveja, mas com aquela vontade de ter uma faixa. Poxa! Quando eu vou ter uma faixa!?".

Cristal cansou de esperar e resolveu ela mesma organizar, juntamente com suas amiguinhas da vizinhança, um desfile em que a premiação era uma faixa. E como ela mesma diz: "uma faixa muito feia de papel higiênico, que era horrível mesmo, porque a gente mal pegava e já rasgava e era um cuidado pra fazer bem bonito o com o nome 'rainha'. Eu queria tipo que fosse como as faixas da escola, bem trabalhadas". Enfim, para Cristal não importava tanto a beleza da faixa, mas a beleza do que ela acreditava que vinha com ela, a popularidade e o olhar de admiração de seus pares. E ela tinha esperanças de conquistá-la.

No entanto, mesmo criando a idéia do desfile e estando à frente de sua organização, Cristal conta com tristeza na voz que, nenhum dos meninos que integravam o júri votou nela: "Eu tirei o último lugar e eu rasguei a faixa com muita raiva. Foi um dia muito ruim pra mim! Percebi que este dia ficou marcado em sua vida!" Tanto é assim, que o relato desse dia foi tecido com a voz frágil e pastosa e o semblante tenso.

Diante disso, é de extrema importância avaliarmos cuidadosamente os efeitos que os imperativos da beleza causam nas subjetividades das pessoas. Não podemos deixar de associar a menina Cristal, que passou esse dia ruim e que mais tarde seria uma moça que colocaria a saúde em risco pela busca do corpo perfeito, tomando vinagre mais do que podia suportar, praticando regimes severos, se exercitando em excesso.

Outro fato que destaco na narrativa de Cristal, consiste na auto-avaliação que empreendia sobre o seu corpo, não ligada somente aos seus atributos físicos. Ela empreendia constantemente uma auto-avaliação a respeito da forma como seu corpo estava vestido e adornado.

Não só Cristal, as narrativas biográficas da infância das demais protagonistas desta pesquisa, mostram que elas se avaliavam não só fisicamente, mas estavam constantemente preocupadas com vestidos e adornos.

Sobre o modo como Safira avaliava sua aparência física no seu tempo de infância, observemos como relata que tinha tudo para ser a menina mais feliz do mundo, pois teve os brinquedos, as roupas, as viagens que desejou. Porém, não era tão feliz assim porque até os doze anos se considerava "[...] uma menina muito gordinha". Uma das dores mais contundentes para ela, nesse tempo de sua vida, era o fato de sua obesidade entristecer sua mãe. Ela se sentia culpada e triste porque enxergava com muita facilidade nos olhos da sua mãe a decepção pelo fato de ela não ser magrinha como suas irmãs. Inclusive, Safira revelou que costumava observar os corpos de suas irmãs e observar seu corpo num movimento de

comparação e isso costumava resultar: “numa forte dor no peito”. Safira reflete que não era inveja e sim uma infelicidade em relação a sua aparência, pois o que ela via refletido no espelho a desagradava: “Mesmo quando eu era só uma menina, a primeira coisa que vinha na minha cabeça, assim que eu acordava, era: eu tenho que emagrecer (silencia um pouco), virei mocinha, me tornei mulher e ainda hoje esse é o meu primeiro pensamento do dia.”

A trajetória de Safira aponta que esse desconforto intenso que ela vive desde a infância em relação ao seu corpo, não está ligado a questões físicas e de saúde somente, mas, sobretudo ele é proveniente do modo como um corpo obeso é visto em nosso contexto. Como diz Campos: “O desconforto com o corpo está principalmente relacionado com a gordura, ao excesso de peso, ao que é esteticamente inadequado e ao que dificulta uma boa performance, além de representarem riscos à saúde.” (CAMPOS, 2004, p. 12).

Safira aprendeu desde pequenininha, tanto com dona Graça, como com sua professora em suas aulas de etiqueta, que o corpo bonito e elegante é o corpo magro e que ela deveria se esforçar, lançando mão de regimes e exercícios para conquistá-lo. Mas enquanto Safira não alcançava esse corpo determinado socialmente como ideal, ela aprendia já na infância com sua mãe e sua professora de etiqueta a disfarçar, a esconder suas formas. Dona Graça escolhia a dedo o tecido, a cor, o modelo dos figurinos de Safira tudo com a intenção de disfarçar suas “gordurinhas”. Sua professora de etiqueta ensinou a como trabalhar a postura e a respiração para que sua barriga ficasse mais delgada. Aprendeu também como sentar de modo a não deixar mais evidentes as gorduras. Ou seja, Safira era constantemente estimulada a não aceitar o seu corpo, a disfarçá-lo como se ele fosse algo negativo. Chegou um tempo em que a menina não queria mais freqüentar a escola com vergonha do seu corpo.

Na infância, mesmo se sentindo insatisfeita em relação ao seu corpo, a menina Safira não resistia aos doces. Ela burlava a vigilância ferrenha que sua mãe exercia em relação à sua alimentação, fazendo com que sua amiga Márcia, que freqüentemente visitava sua casa para brincar, levasse doces escondidos. Em troca, Safira deixava a amiga e cúmplice ficar horas brincando com suas bonecas sofisticadas e luxuosas. Notemos aqui a transgressão de Safira. Ela não era apenas subserviente, inerte; ao contrário, com criatividade ela construía sua infância.

Venho refletindo, baseada nas recordações de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda, sobre suas meninices, acerca das angústias, incertezas, dores, preocupações que elas vivenciavam quando se avaliavam do ponto de vista físico. No entanto, é importante frisar que essas vivências não foram somente áridas, sombrias e dolorosas. Os momentos lúdicos construídos com alegrias e criatividade estiveram presentes em seus

cotidianos infantis: prazer de vestir uma roupa nova (mesmo tendo ela sido usada pela filha da patroa), de calçar um sapato novinho, de se fazer bonita para algumas festinhas, de brincar de se conhecer diante dos espelhos.

Acrescento, ainda, que a intenção neste exercício de reflexão não é de forma alguma vitimizá-las e considerar os atores de suas educações familiares como algozes. Pretende-se, sim, compreender, por meio das narrativas, as tramas transbordantes de sentidos e significados que faziam parte de seus processos educativos, principalmente das implicações destes para a construção dos olhares dessas meninas em relação aos seus corpos e aos corpos dos outros. Essas seis meninas que conhecemos por meio das mulheres que são hoje, estavam longe de se portar totalmente passivas em seus processos educativos. Elas eram participantes! Eram questionadoras, construtoras de seus cotidianos e não vivenciavam somente momentos de peso e dor em relação aos seus corpos, também vivenciavam momentos de luz e encantamentos: brincadeiras, cantos, sorrisos, danças, descobertas. Ora o aprendizado do caminhar na vida vinha por meio da dureza, da dor, ora ele vinha por meio da doçura e do encantamento.

Remeto-me à Wolf quando reflete sobre a nova ditadura, a do mito da beleza. Uma ditadura que a par das diferenças de contextos históricos, culturais, sociais que as meninas Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda vivenciaram em suas infâncias, encontramos pontos bem semelhantes: a centralidade que a aparência física assumia em suas vidas, as avaliações que elas teciam sobre suas imagens eram realizadas em referência ao modelo de beleza proposto socialmente; a idéia tão viva em seus cotidianos de que tinham que empreender um constante e intenso esforço para conquistar, manter, ampliar suas belezas físicas; o sentimento de culpa que sentiam, pois acreditavam que, por mais que se esforçassem para conquistar a aparência física socialmente considerada como bonita de ser vista, achavam que se esforçavam aquém do esperado. Pelo que pude constatar no curso da pesquisa, não só as protagonistas deste trabalho, mas muitas outras praticantes de musculação, com as quais tive a alegria de interagir, além de outras mulheres do meu ciclo de convivência, vivenciam esse modo de ver, perceber e lidar com o corpo – e isso se dá desde a mais tenra idade levando-as a vivenciar o que Wolf (1992) designa de nova ditadura, a do mito da beleza que na concepção da autora, se constitui de forma dura e perversa, uma vez que muitas mulheres se encontram permanentemente insatisfeitas com seus corpos, obcecadas com suas próprias imagens, com o pânico de envelhecer, de engordar e de estarem muito aquém da aparência física idealizada socialmente. Para Wolf (1992), essas mulheres ficam presas nelas mesmas, pois estão sempre tensas, ocupadas, pressionadas com uma intensa rotina de cuidados com

cada parte do corpo e, por mais cuidados que empreendam, geralmente sentem que seus físicos não são suficientemente belos. Isso as fere e angustia, já que acreditam, desde a mais tenra idade, que a beleza física tem uma dimensão importante para alcançar a felicidade. Ela destaca que essa ditadura é a mais contundente já vivida pelas mulheres, pois elas, motivadas ou pressionadas por uma série de exigências sociais, se tornam as censoras, os algozes de si mesmas.

Wolf (1992) afirma, com veemência, que muitos são os prejuízos do mito da beleza nas vidas das mulheres, entre eles o aumento de distúrbios alimentares, como a anorexia e a bulimia, o preconceito contra a velhice e a obesidade, o fato de minar suas energias e concentrações para lutar por possíveis conquistas nos âmbitos legal, profissional, pessoal, entre outros. A autora é firme quando diz que tudo isso atende a interesses de instâncias sociais como os da indústria da beleza e da mídia que se beneficiam com uma venda demasiada de produtos e técnicas para os cuidados do corpo. Devo dizer que essas indústrias de embelezamento acabam movimentando um mercado de trabalho grandioso, que abrange uma mão-de-obra diversificada advinda de diferentes segmentos sociais: manicures, vendedoras ambulantes, representantes de cosméticos, costureiras, cirurgiões plásticos, esteticistas e outros.

Dialogando com Wolf (1992), acredito que é preciso muita prudência para não generalizar os comportamentos das pessoas diante dos apelos do mercado da beleza, da mídia e da medicina estética. Não se pode dizer que todas as mulheres agem diante desses apelos de forma acrítica e inerte, nem que existe entre elas uma interpretação homogênea acerca desses apelos. Ao contrário, os indivíduos, a partir de suas trajetórias, de suas situações sociais e culturais, conferem sentidos diversos a esses ditames da beleza impostos pela sociedade. Outro ponto que considero importante destacar é que o mercado da beleza não pode ser visto como algoz e os consumidores e consumidoras como vítimas.

Para enriquecer nosso diálogo, trago uma reflexão de Louro (2003) que se dedica aos estudos das relações dos indivíduos com seus corpos. Ela diz ser imprescindível admitir que o sujeito não é um mero receptor de pedagogias exteriores a ele, mas sim que ele participa, ativamente, desse empreendimento. Essa autora reconhece que os discursos produzidos e veiculados pelos institutos oficiais de saúde, pelas revistas e jornais, pelo cinema, pela internet ou pela moda, produzem certamente efeitos sobre os corpos e as mentes dos indivíduos. No entanto, enfatiza que seus efeitos não são previsíveis, irresistíveis ou implacáveis. Louro (2003) nos leva a compreender que os sujeitos não somente respondem, resistem e reagem, como também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes,

decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas. (LOURO, 2003, p. 5).

O modo como Louro (2003) desenvolve suas reflexões remete-me a Foucault e às suas preciosas contribuições para pensarmos as relações dos indivíduos com seus corpos, atentando para os múltiplos discursos disciplinadores que se fazem presentes em suas vidas ou que "as atravessam."

Formulações teóricas elaboradas por Foucault (1997) nos permitem refletir sobre os múltiplos discursos disciplinadores e suas capacidades de gerar e manter formas de dominação. Discursos desenvolvidos pelos institutos oficiais de saúde, principalmente da medicina estética, moda, mídia, que visam disciplinar, normalizar a forma como os indivíduos lidam com seus corpos. Esses discursos visam incutir nos sujeitos a idéia de que é imprescindível estar constantemente vigilante aos mínimos detalhes de sua aparência física, que é fundamental empreender um autocontrole minucioso acerca das ações referentes a cada parte de seu corpo e que o indivíduo deve tomar conta de si mesmo. Relembremos das protagonistas desta pesquisa frente aos espelhos pensando detalhadamente o que deveriam vestir, como deveriam se pentear, na forma minuciosa como pensavam suas apresentações. Pensemos em Pérola controlando, com rigor, o que comia. Foucault (1997) nos estimula a um entendimento, como afirmam Navaz e Nardi (2007), das complexas redes de tecnologias e de sistemas disciplinares normalizantes da educação, da modernidade, da medicina, e acrescento da moda, da mídia.

Considero que, nesse ponto, ou seja, mostrar como são contundentes os discursos disciplinadores nas vidas de muitos indivíduos, os pensamentos de Woolf (1992) se aproximam aos de Foucault (1997). Aliás, ambos os estudiosos se preocupam em problematizar a realidade, não tomando as formas de pensar, sentir, vivenciar os corpos sociais como algo dado, e sim como algo construído socialmente. Ambos se dedicavam a refletir sobre as forças políticas que dão vida aos discursos disciplinadores.

Foucault (1997), além de nos permitir refletir sobre todo o poder desses discursos disciplinadores, faz-nos refletir sobre todo o potencial criativo dos corpos sociais frente a eles. É justamente nesse ponto que as reflexões de Louro (2003) e as de Foucault (1997) se aproximam. Ambos nos conduzem a pensar que os indivíduos não ficam totalmente inertes frente ao poder desses discursos disciplinadores. Pereira (2006, p. 117) afirma que Foucault considera fundamental compreender o papel dos indivíduos no interior das relações de poder, sugerindo que o exercício do poder pressupõe liberdade, pois é possível que o sujeito, alvo do poder, possa agir de mais de uma maneira.

Outro aspecto a destacar é que além de Foucault (1997) permitir pensar nos mecanismos de poder dos discursos disciplinares para que os indivíduos se dediquem com afinco a uma série de gestos que embelezam, que se esforcem para se enquadrar numa imagem-norma, que consumam desenfreadamente produtos e técnicas para esse fim sem questionar todos esses apelos, ele também permite pensar essas práticas corporais sob outro viés, ou seja, a partir da perspectiva das técnicas de si. Essas técnicas permitem aos indivíduos efetuar certo número de operações sobre seus corpos a fim de transformar a si próprios.

Foucault (1994) descreve como essa idéia do cuidado de si era vivenciada com afinco na cultura grega antiga. Para os gregos, as práticas de cuidado de si tomam a forma de um preceito: "tomar conta de si", "ter cuidado consigo", "preocupar-se", "cuidar de si" configuram, no contexto grego, uma das grandes regras de conduta de vida social e pessoal, cuidar de si mesmo não era um mero dever, mas uma maneira de viver (FOUCAULT, 1994, p. 53). A maestria de si e o governo de si estavam relacionados à necessidade dos gregos do exercício do poder e à construção de uma existência bela. A construção de uma existência de direitos, em que cada um pegava as rédeas de sua própria vida.

Trazendo essa reflexão para esta pesquisa, é possível refletir que o sujeito social que empreende essa cultura do cuidado de si, ou seja, aquele que pensa seu corpo nos mínimos detalhes, que o regula, o examina, o elabora, não no sentido de sujeito docilizado, mas no sentido do sujeito que reconhece a si mesmo, tem toda condição de escapar ou confundir normas estabelecidas. Makula (2003 apud PEREIRA, 2006) afirma que é por meio das tecnologias de si que o indivíduo começa a reconhecer a si próprio como sujeito e, nesse sentido, pode entrever certa resistência da sua parte em relação às tecnologias de poder. Makula (2003) considera que as tecnologias de si podem ser conceptualizadas como práticas que libertam os indivíduos do controle disciplinar e, conseqüentemente, como práticas que conduzem à transformação.[19]

[19] É importante mencionar que a Ciência Social, assim como a vida, é criativa, fluida, plural e abarca formas diversas de ver, pensar e sentir. Os cientistas sociais possuem concepções e abordagens múltiplas em relação aos diversos assuntos pertinentes à nossa vida em sociedade. As posições teóricas de Foucault são interpretações possíveis entre tantas outras existentes. E a recepção a essa teoria também é plural. Há os que concordam integralmente com as idéias desse autor e aqueles que concordam em parte. Há os que criticam, há os que se dedicam à sua interpretação. Narvaz e Nardi (2007) empreendem um trabalho que visa problematizar alguns aspectos da obra de Foucault a partir de um diálogo entre esse teórico e os estudos feministas. Eles afirmam que, mantidas as diferenças e as tensões que lhes são constitutivas, acreditam que as feministas podem operar, a partir das ferramentas conceituais desenvolvidas por Foucault, na desconstrução hegemônica acerca dos sexos e dos gêneros, tanto quanto os foucaultianos podem igualmente enriquecer suas análises mediante a incorporação das problematizações feministas às suas reflexões. Em determinada parte do referido texto, os autores tecem uma crítica ao fato de Foucault ter pensado em ética da existência a partir da Grécia antiga, onde imperava uma assimetria com outros, em especial com as mulheres e com os escravos, considerados passivos e não cidadãos. Diante disso, eles questionam: Não haveria uma contradição importante na busca de uma existência bela, por uma ética como estética da existência e como prática da liberdade a partir do modelo sexista e escravagista da Grécia Antiga? Que nova ética poderia ser construída com base em relações tão desiguais?

Há autores que vêem as técnicas de si, e aqui podem se enquadrar a ginástica, a musculação, as dietas e muitas outras técnicas de embelezamento como algo que subordina os indivíduos às imagens-normas. Já outros as vêem como algo que pode gerar criatividade e transformação dos indivíduos, gerando liberdade. Há aqueles que refletem justamente sobre essa ambivalência. A meu ver, todas as vezes que pensarmos se os indivíduos estão num movimento de subordinação ou de liberdade é preciso saber: De qual indivíduo se está falando? Em que contexto social está inserido? Qual sua história de vida? Como foram as vivências de seu processo educativo? Acredito, também, na importância de cada um de nós estarmos sempre questionando não só os discursos disciplinadores acerca dos corpos sociais, mas nossas vivências em relação a eles. Até onde nos faz bem? Até onde nos faz mal? Oprimem-nos? Adoecem-nos? Melhora a nossa qualidade de vida? Realizando esses questionamentos, desvencilhamos as técnicas de si de uma aparente naturalidade e passamos a percebê-las como construções sociais e, por isso, perfeitamente passíveis de mudanças e aperfeiçoamento.

Relembro ao leitor a seguinte passagem da narrativa de Safira: "Eu tenho uma sobrinha de seis anos, uma coisa! Só quer ser adulta. Faz prancha no cabelo, quer ganhar roupa e maquiagem de presente. É uma coisa! Muito precoce, até demais pro meu gosto". Assim como as protagonistas deste trabalho na infância se preocupavam intensamente com sua aparência física e muitas vezes se angustiavam com isso, afirmo que muitas outras crianças, atualmente, se comportam da mesma maneira. Os inúmeros comentários que escutei no curso dos anos em que pesquiso as relações das mulheres com suas aparências físicas confirmam isso. Escutei uma praticante de musculação comentando que sua filha de cinco anos se recusava a tomar o mingau porque dizia que estava gorda. Sua mãe insistia com a menina, dizendo que ela era linda. A menina retrucou: "Mãe, olha o tamanho da minha barriga!" Outra mãe também praticante de musculação, comentou que a filha de sete anos perguntava, com ar de insatisfação e angústia, se havia alguma cirurgia para retirada das sardas dela. Menciono também o caso da filha de uma praticante de musculação, de seis anos, que se recusa a usar sandálias baixas, pois só quer usar as com saltinho. Ainda conto sobre outra mãe que relatou que sua filha de oito anos só sai com o conjunto de maquiagem na bolsa, não importa para onde vá. Toda essa vaidade acaba acarretando exorbitantes lucros para as indústrias de embelezamento.

O site "mídia saúde"[20] divulga uma pesquisa da Associação Brasileira de Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC) que revela que as linhas infantis de

[20] www.midiasaude.com.br

cosméticos cresceram mais de 40% em dois anos. Segundo a associação, esse crescimento representa um movimento de aproximadamente R$ 200 milhões na economia.

É imprescindível mencionar que esse desejo por parte de muitas crianças de alcançar determinada beleza física, muitas vezes, ocasiona males à saúde. O site "guia da semana"[21] traz o alerta da alergista e diretora secretária da Associação Brasileira de Alergia e Imunopatologia, Maria de Fátima Fernandes, que chama a atenção para os possíveis problemas do excesso da vaidade infantil, que podem atingir tanto o âmbito psicológico quanto o físico. O uso incorreto de certos cosméticos e acessórios, como bijuterias, pode desencadear uma forte reação alérgica. O uso do salto alto pode ser prejudicial à coluna da criança, e, cada vez mais, elas estão procurando alisar os cabelos, o que pode ocasionar irritações no couro cabeludo e na pele, como ressecamento, descamação e até dermatite atópica.

Diante disso, acredito na importância de acolhermos o que Wolf (1992) diz sobre a importância da construção de um novo olhar em relação à beleza física. Um olhar que não instaure nas pessoas um sentimento de insuficiência, de culpabilidade e de vergonha, e sim de aceitação. Acredito que essa construção pode começar por meio de questionamentos como os que agora proponho sutilmente.

A nossa sociedade é composta por pessoas diversas. Somos diferentes em inúmeros aspectos, inclusive no físico. Diferentes formatos de rosto. Cores variadas de cabelo: preto, amarelo, vermelho, cinza; diversos tipos capilares: lisos, ondulados, crespos, longos, curtos, volumosos; ou simplesmente com pouquíssimos cabelos ou nenhum. Pessoas altas, outras baixas, algumas nem altas e nem baixas. Silhuetas variadas, peles de tantas cores... Diante disso, fico a me perguntar: Como pode existir um imperativo que procure homogeneizar algo tão heterogêneo? Elegendo só um tipo de corpo para admirar, não estaríamos perdendo o que há de belo nessa diferença? E seguir esse imperativo do corpo magro, sarado e jovem não estaria nos deixando pouco tolerantes a ponto de não reconhecermos o que existe de belo em nós e nos outros?

Pergunto-me também: Esta valorização demasiada da aparência física não vai tornando os indivíduos insensíveis para perceberem o que há de realmente precioso no outro e que não é possível de ser encontrado na dimensão da estética. Afinal, um ser humano é ou não é muito mais do que ele vê refletido em um espelho?

[21] www.guiadasemana.com.br

CAPÍTULO 2 – E NOS PASSOS SEGUINTES: O TEMPO DAS CURVAS

Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania. Depende de quando e como você me vê passar
(Clarice Lispector)

Acompanhemos, num movimento de reflexão, uma outra fase instigante das vidas de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda. Nesta fase, pouco a pouco, as meninas Pérola e Safira foram ressignificando as bonecas com os quais gostavam de brincar. Aquelas com as quais Pérola passava horas e horas brincando, agora passaram a ser peças de decoração de seu quarto. As de Safira foram encaixotadas e levadas para o espaço em sua casa dedicado aos objetos que já destoavam da decoração ou que já estavam na família há anos. Não se entusiasmando tanto com bonecas, Safira já começava a dar lugar aos elementos que faziam parte do guarda-roupa de suas irmãs mais velhas, como maquiagem e certos adornos. Rubi, pouco a pouco, também foi abandonando as brincadeiras debaixo dos pés de sabiá do Crato, onde ela brincava de fazenda com elementos da natureza (sabugos de milho, pedras, folhas), e passou a interessar-se em manipular a máquina de costura de sua mãe a fim de fazer roupas para vestir na missa do domingo, nos dias de quermesse ou nas voltas na pracinha. Ametista não queria mais comprometer a delicadeza e a beleza dos seus pés, assim começava a evitar andar descalça. Já Cristal, que reclamava de sua magreza, paulatinamente viu seu corpo ganhar nova forma e Esmeralda, que há muito batia nos peitos com a colher de pau para eles crescerem, começou a ver resultados. Aliás, os corpos de todas elas tanto física, subjetiva e socialmente passavam por mudanças nesse momento. Assim, mesmo em diferentes tempos e contextos, as protagonistas destas páginas tinham em comum a certeza de que novos desafios e descobertas abriam-se em seu caminhar na vida.

Rubi, Safira e Ametista narraram momentos de suas puberdades e adolescências com grande emoção e, a propósito, suspirando muito. Suspiros plenos de saudade! Safira, ao falar adolescência, tocou sua face com as duas mãos e repucha a pele como se quisesse desfazer "as descosturas do tempo" e mencionou: "[...] eu sinto falta mesmo é de colágeno[22] ou (risos)"; Rubi suspirou com saudade da sua cintura que era tão fina nessa fase; Ametista conta sobre uma grande vantagem desse tempo que consistia em comer generosas porções de

[22] O colágeno é a classe mais abundante de proteínas do organismo humano e representa mais de 30% de sua proteína total. Estas proteínas são formadas por diversos tipos de aminoácidos, provenientes da origem animal. No corpo humano o colágeno está presente em várias funções como, por exemplo, na união e fortalecimento os tecidos. Com o passar do tempo o corpo pode sofrer algumas privações. Durante os primeiros anos, até a puberdade, essas não são visíveis. A falta de colágeno vai se tornar mais visível e perceptível quando a pessoa entra na fase da maturidade em diante, quando há uma possibilidade maior de sofrer fraturas e que começam a parecer as rugas devido a pele não ter mais a mesma elasticidade de antes (http://www.dieta.cyberdiet.com.br).

doce de leite, feito por sua irmã mais velha, e isso não ressoar tanto em seu peso. Ao contrário de hoje que, a seu ver, “uma colher de doce é um pecado mortal”. Interessante ressaltar que, elas três, ao mencionarem determinados atributos físicos de seus corpos na juventude, os exaltam, os valorizam. No entanto, o leitor acompanhará que, ao rememorarem as vivências com seus corpos na referida fase, revelam como eram moças ansiosas, preocupadas e muitas vezes inseguras em relação à sua aparência física.

Rubi, Safira e Ametista também rememoraram, com suspiros de saudade, os encontros que as fizeram sonhar, os namoros de sofá sob a vigilância ferrenha de um adulto cuidador, bem como as técnicas para burlar essa vigilância. Também havia a turma de amigas com quem compartilhavam não só as festas, mas a vida e as descobertas, incertezas e belezas que dela brotam. Relembraram a emoção da primeira vez que vestiram um sutiã, da primeira vez que beijaram, da primeira menstruação. Mencionaram, cada uma a seu modo, sobre a candura de acreditar que aquela juventude era eterna. Recordaram também de momentos difíceis, parafraseando Drummond, das pedras no meio do caminho. Pedras que, juntas, às vezes formavam muros que elas lutaram para transpor em busca de novos caminhos e nessa luta, ora fracassaram, ora prosperaram. Independentemente disso sempre aprendiam coisas novas. Falaram de responsabilidades Safira, Rubi e Ametista, quando mencionaram os estudos. Ametista rememorou a responsabilidade com as tarefas domésticas no curso de sua mocidade.

Cristal e Pérola, que gradualmente estão conhecendo, descobrindo, vivenciando a vida adulta, falaram da juventude diferentemente de Safira, Ametista e Rubi. Observa-se tal fato não com ar saudoso de um tempo longínquo, mas como quem diz: “Nossa, isso aconteceu ontem!”. No entanto, isso não faz com que elas relembrem com menos entusiasmo de suas adolescências e puberdades. Relataram o espanto e a fascinação que sentiam ao acompanhar suas mudanças físicas em frente ao espelho. Compartilharam experiências que tiveram desde o namoro firme ao moderno “ficar”. Recordaram as trocas afetivas com suas turmas, narraram a busca vivenciada nesse momento de conquista e do reconhecimento de si mesmas (busca que também se faz presente nas outras fases de suas caminhadas da vida). Também partilharam os encantamentos e os dissabores dessa fase, assim como falaram de deveres. Cristal conta que tinha por obrigação ajudar nas tarefas domésticas e Pérola que devia ajudar sua mãe a fazer docinhos e salgadinhos para contribuir nas despesas familiares. Sem falar no dia-a-dia escolar, que pedia disciplina e empenho.

Já Esmeralda não só recorda as cenas de sua adolescência como, atualmente, as protagoniza. Ela vive a adolescência como uma aventura inebriante. Geralmente, ao mirar

Esmeralda, percebe-se uma movimentação frenética, planejando a próxima festa, como se estivesse com uma sede intensa de viver cada segundo como se fosse o último.

Há uma frase de Clarice Lispector muito apropriada para Esmeralda: “Não tenho tempo para mais nada, porque ser feliz me consome muito.”[23] Entretanto um olhar mais sutil dado pelo longo tempo de convivência é capaz de flagrar atrás daquela voz estridente, daquela gargalhada debochada, daquela movimentação alegre do seu corpo, dores. A dor de ter um pai que sumiu quando ela ainda era uma menininha, o medo do futuro, o sofrimento por causa das dificuldades financeiras e tantas outras coisas que a afligem.

As adolescências de Rubi, Safira, Pérola, Ametista e Cristal não foram constituídas apenas de momentos conturbados e tensos (estados que o senso comum atribui a essa fase). Também vivenciaram momentos alegres e vivazes. Também experimentaram responsabilidades.

Os modos como elas vivenciaram ou vivenciam a juventude são extremamente plurais. Há que se considerar, por exemplo, que na época em que Rubi, hoje com 61 anos, tinha 15 anos era muito comum ver várias mulheres dessa idade já casadas. Atualmente, tempo que Esmeralda vive sua adolescência, isso é concebido comumente como uma atitude precipitada.

As vivências e os modos como elas pensaram e hoje pensam suas juventudes são bem diferentes e bem particulares. No entanto, é importante frisar que algumas vezes observa-se semelhanças em algumas de suas idéias no que tange a corpo, sexualidade, família. Houve momentos em que a moça de 17 anos, hoje se expressando com todas as suas gírias, transmitia idéias que se podia remeter ao pensamento e ao discurso de Rubi, que tem 61 anos. Coloquemos-nos atentos tanto às divergências como às semelhanças, aos diálogos e às reedições entre os modos como vivenciaram suas adolescências. Isso nos ajudará a compreendê-las e entender melhor o contexto em que viveram, assim como o contexto que hoje vivenciamos. E no caso daquelas que já vivenciaram a adolescência, sugiro atenção às pontes que se estabelecem entre as vivências com seus corpos na adolescência e os modos como os vêem hoje.

Van Gennep ao estudar os ritos de puberdade, enfatiza que não se pode datar a passagem da infância à adolescência exclusivamente tomando como referencial essas modificações anatômicas e fisiológicas. Chama atenção para o fato de tais modificações ocorrerem de forma variada entre os indivíduos: “o aparecimento do primeiro sangue não

[23] Descoberta do Mundo (1999).

acontece, na mesma idade, nas diversas raças entre os diversos indivíduos. Estas variações são extremamente consideráveis." (VAN GENNEP, 1997, p.71). Para refletir sobre a passagem da infância à adolescência é preciso designar o conjunto dos ritos, cerimônias, praticas de toda espécie que marcam nos diversos povos tal passagem. Para o autor é importante o exercício de reflexão, de "distinguir a puberdade social da puberdade física, assim como se distingue, o parentesco físico (consangüinidade) e o parentesco social, a maturidade física e a maturidade social (maioridade), etc." (VAN GENNEP, 1997, p.72).

Ruth Benedict, assim como Van Gennep, também destaca que existem maneiras diferentes, em diferentes sociedades, de conceber a adolescência e a puberdade. Na Columbia Britânica, descreve a Antropóloga que "as raparigas transportam água de fontes distantes ou deixam cair pedras entre as roupas e o corpo, para que seus filhos nasçam com tanta facilidade como as pedras caem." (BENEDICT, s/d, p.39). Benedict diz ainda que, nesta sociedade, os ritos de adolescência são um treino mágico para todas as ocupações, e isso tanto em relação às moças como em relação aos rapazes.

Sobre a adolescência na sociedade ocidental, Ariés (1978) expressa que este momento singular no caminhar da vida de um indivíduo surgiu gradualmente depois que se fez a distinção entre criança e adulto. Para ele adolescência foi uma fase designada na idade moderna e, por volta de 1890, começou a se consolidar um interesse por esta fase.

A este respeito, remeto-me a Hareven (1999) que, tratando das experiências na adolescência, particularmente de alguns dos problemas e tensões a ela associados, afirma terem sido percebidas nas vidas privadas de indivíduos que alcançaram a puberdade justamente naquele período (segunda metade do século dezenove).

As reflexões de Benedict, Van Gennep, Áries e Hareven apontam a adolescência como uma construção sócio-histórico-cultural e da mesma forma as adolescências das protagonistas destas páginas vão muito além da idade cronológica e das mudanças físicas que este momento da vida proporciona.

Outro autor considerado significativo para pensar a adolescência é Viana (1997), que de maneira minuciosa voltou o seu olhar para a juventude do Rio de Janeiro nos anos 1990. Viana cita o trabalho de Abramo (1994), no qual esta autora tece uma síntese crítica acerca dos estudos empreendidos por antropólogos, sociólogos, cientistas políticos sobre a juventude. A partir de tal síntese, Viana reflete que apesar da bibliografia ser completamente plural há um ponto em comum. Esse ponto diz respeito ao entendimento da juventude como um estado de rebeldia, revolta, transitoriedade, agitação, tensão, possibilidade de ruptura, crise psicológica, conflito.

A respeito disso, Viana (1997) mostra que não existe uma uniformidade de valores, comportamentos, ponto de vista em toda juventude de um país. E isso diz respeito tanto à diversidade nos modos de viver e sentir, que vai se desenhando de geração a geração, como também na pluralidade de viver e sentir, que convive num mesmo tempo histórico. Ele é enfático ao afirmar que a juventude, acima de tudo "deve ser caracterizada por sua diversidade e não pela busca daquilo que é uniforme." (VIANA, 1997, p. 14). Assim, não se deve enquadrar ou delimitar todos os jovens nessa forma de ver a juventude, tão enfatizada na bibliografia visitada por Abramo. O autor também nos leva a pensar que um mesmo jovem pode se transformar muitas vezes no caminhar da vida e seguir diferentes estradas: "Punk se transforma em crente, o crente em surfista, o surfista em empresário e o empresário em traficante de armas ex-soviéticas." (VIANA, 1997, p.7-8).

Calligares é um outro autor que ajuda a quebrar a idéia, tão recorrente no senso comum, que adolescente é sempre igual, que são todos problemáticos, difíceis de conviver ou que levam todo o tempo para arranjar confusões. Este autor nos ajuda perceber os adolescentes como pessoas plurais, "que amam, estudam, brigam, trabalham, batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam [...]. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham." (CALLIGARIS, 2000, p. 9). A propósito, há muitos trabalhos antropológicos, como os de Benedict e Mead, que há muito mostram como a adolescência, em outras coletividades, é vivenciada sem crises demasiadas.

Sigo as orientações de Viana (1997) e Calligares (2000) para refletir sobre a adolescência nas narrativas biográficas das protagonistas deste trabalho. Busco empreender um esforço para quebrar as pré-noções construídas referentes a este momento da vida, evitando encaixá-las, moldá-las, enquadrá-las em definições teóricas. Procuro perceber sutilmente as pontes que se faz entre o que elas viveram neste momento e o que vivem hoje. Trago também, de maneira bem clara, o pensamento de Frota (2007), de que não se pode ver a adolescência como uma verdade cristalizada, esperando para ser conhecida e domada, um entendimento universal que se faça fora da história da sociedade. (FROTA, 2007, p.154).

Coutinho **(**2005) destaca que no mundo contemporâneo a adolescência tornou-se um ideal de cultura que muitos desejam alcançar e nele permanecer eternamente e enfatiza que isso está intimamente ligado com a cultura do consumo e do liberalismo. A esse respeito, Viana (1997) ressalta que ser jovem ou manter-se jovem (de corpo e alma) passou a ser um objetivo permanente, pois "tudo aquilo que é considerado jovem, que cai no corpo do jovem, passa a ter uma maior chance de ser um produto sedutor para consumidores de todas as faixas etárias." (VIANA, 1997, p. 8)

As reflexões de Coutinho (2005) e Viana (1997) são importantes para interpretar as narrativas biográficas das mulheres com quem interagi em pesquisa. Pode-se notar desde a descrição do perfil de tais mulheres, o quanto não querem deixar a juventude morrer (já que lutam com tudo que podem contra as marcas do tempo como as rugas). Nem a juventude "do corpo", nem a da alma, pois se afinaram com uma idéia corrente no nosso contexto social de que é preciso manter um espírito jovem, o que significa ser vívido, animado, encorajador, desafiador. Como expressa bem essas passagens de suas narrativas. Rubi declarou "Eu me sinto com um espírito muito jovem"; Safira disse "A idade, Vanessinha, é coisa da cabeça da pessoa e, francamente, às vezes me sinto uma debutante." E Ametista partilhou:

> É o que eu digo toda vida pras minhas clientes tem que tentar ficar jovem não só por fora, mas por dentro. Não adiante nada eu me garantir tapando os 'buraco' da cara delas, disfarçando prega com um quilo de pó, pintar tudo que é de cabelo branco se elas não se acham jovens. E se num se acham, continua tudo horrorosa, que eu num sou nem santo pra obrar milagre.

Tudo isso reforça a idéia de que é preciso olhar a juventude, bem como as outras fases da vida, para muito além do relógio, para muito além do tempo uniforme e linear porque isso vai depender justamente dos sentidos e significados que cada indivíduo constrói em relação a essa fase. Então se a idade depende do espírito, do modo de ver e sentir a vida é possível, portanto, falar de adolescência aos 61 anos, por exemplo.

Com o olhar orientado pelos autores referidos, busco refletir, sobre as seguintes questões: Como essas mulheres elaboraram simbolicamente as mudanças físicas que aconteciam em seus corpos na pré-adolescência e adolescência? Como agiam face aos discursos da família, da escola, da mídia, do mercado estético, todos ditando as maneiras corretas de ser uma moça? De que forma cada uma delas, quando adolescentes, se relacionava com o seu corpo? Quais os sentimentos que emergiram dessa vivência? O que isso comunicava sobre o contexto em que estavam inseridas? Quais as pontes entre o modo como lidavam com seus corpos na adolescência e o modo como lidam atualmente?

Com as narrativas de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda. Viajemos à diferentes tempos, lugares e contextos econômicos, sociais e culturais e vejamos como elas sentiram, pensaram, temeram e viveram suas adolescências.

Revisitemos a fazenda da família de Rubi, situada no Crato, por volta do ano de 1958, para vislumbrar as mudanças que aconteciam no seu corpo e seu pensamento ao vivenciar a adolescência.

Heráclito com toda sua genialidade disse: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. Com sensibilidade, ele nos leva a refletir que, quem entra no rio nunca é banhado pelas mesmas águas, pois estas mudaram e o próprio banhista também se modificou. Esse pensamento ocorre forte para apresentar uma nova fase da vida de Rubi. Pois, os banhos que a menina cratense tomou no açude, constituíam um momento tão especial em sua infância, que ela chorava para um adulto acompanhá-la, para que pudesse vivenciar sempre o contato com aquelas águas. O tempo fluiu, as águas mudaram, o açude sangrou e ela também mudou, se construiu uma moça. Foi com uma euforia madura, movimentando delicadamente suas mãos enrugadas pela ação do tempo que ela comentou sobre sua mocidade:

> Eu acho assim, que a mocidade arrebata a vida da pessoa e isso foi assim no passado, é assim hoje e vai ser sempre, entende? É uma fase bonita, mas ao mesmo tempo difícil porque tudo muda [...] O pensamento muda, o corpo, a alma (silêncio). O que eu lembro assim, bem forte, é que eu vivia cheia de pergunta. É uma parte da vida que surgem muitas perguntas, né? *(Perguntei: ‘Me conte’ sobre essas perguntas, elas eram sobre o quê?)* Ah! As dúvidas que toda menina que ‘tá’ ficando mocinha tem: as mudanças do corpo.

Rubi, com um ar queixoso, revela que em sua mocidade não ousava esclarecer tais perguntas com sua mãe, pois a forma como era construído o seu processo educativo não dava abertura para isso. No entanto, ela conta que sua mãe procurava transmitir determinados ensinamentos, no intuito de prepará-la para aquele momento da vida, mas fazia isso de uma forma não muito clara, sem tocar abertamente no assunto:

> Eu não tinha uma abertura para conversar sobre essas coisas. A minha educação foi muito repressora. O convento pra mim não foi um fechamento, porque a minha educação foi tão fechada! Sabe aquela história, eu não trocava de roupa na frente da minha mãe. Não me sentia a vontade pra conversar sobre assunto íntimo com ela. Hoje em dia mudou muito, aquele tempo era muito carregado. Era interessante, ela ensinava tudo a gente sem ser clara. O povo mais simples tinha a história de não tomar banho quando estava menstruada e minha mãe nunca achou isso certo. Ela dizia assim: olhe só, não pode tomar banho se tiver com febre ou uma doença grave. Coisas que acontecem com a moça, com as mulheres, não deve deixar de tomar banho, se não tomar banho fica com mau cheiro. Mesmo antes de eu menstruar ela dizia isso. Ela dizia assim: tal coisa não era considerada doenças. Toda minha formação foi assim e a gente entendia.

Ela expressou que compreendia as sutilezas dos ensinamentos de sua mãe sobre as mudanças que ocorriam com seu corpo no curso da puberdade, mas a primeira menstruação de Rubi foi um momento difícil constituído de forte sentimento de desalento:

> Quando menstruei a primeira vez foi muito difícil. Eu escondi e tudo porque eu tinha vergonha da minha mãe. Me senti assim, perdida, sozinha. Eu fiquei assim, calada e com vontade de chamar alguém, mas no fundo eu achava que eu não devia chamar e nem contar. Foi muito difícil.

Rubi rememora como conseguiu lidar com aquele impacto que a primeira menstruação ocasionou em sua vida e conduz a sua fala para comentar como a primeira menstruação de Carol, sua filha, foi vivenciada, por esta, com tranqüilidade. Ela ressalta que isso se deu graças a educação que ofereceu a sua filha, que tem como premissa a abertura para o diálogo.

> Mas aí fui juntando as coisas que minha mãe falava [...]. As coisas que eu percebia em casa, ali com minhas irmãs mais velhas, entende? E alguma coisa que as coleginhas que estudavam comigo, que tinham passado aquela situação, diziam. Aí eu fui acalentando o meu coração, parando de chorar e encarando aquela situação. Com Carol, eu fiz diferente. Conversei abertamente com ela, justamente pra ela não sofrer o que eu sofri. Desde pequena eu procuro orientar Carol de forma bem clara e amiga. Eu acho que sempre deu certo.

Mas a narrativa do seu tempo de mocidade não foi só constituída de momentos difíceis. Com um sorriso maroto ela se delicia rememorando como era vaidosa, como apreciava ficar horas e horas diante do espelho, admirando as novas formas do seu corpo e se enfeitando. Diz que em sua maturidade, ao fazer terapia, descobriu o porquê da sua vaidade ser tão exacerbada naquele momento:

> No meu tempo de mocinha eu era vaidosa demais, demais mesmo. Eu ficava me admirando no espelho!Eu era muito feminina! Gostava porque eu tinha uma cintura bem fininha. Era desse jeito *(faz um gesto com as duas mãos, como se quisesse mostrar a largura da cintura).* Era tão vaidosa, gostava de me arrumar, muito mesmo! Gostava de ter os cabelos longos, cuidar muito da pele, usar batom. E por quê? Para defender minha feminilidade. Depois eu descobri isso em terapia. Eu só fui aceita se eu fosse mulher. Então eu queria marcar bem isso! Entende?

Essa vaidade intensa gerava conflitos entre Rubi e os seus pais. Ela conta que o seu pai era exigente com as filhas. Quando crianças eram obrigadas a permanecer sempre comedidas nos modos de falar, andar, vestir, se expressar. Quando se tornavam moças, a vigilância dele redobrava. Já sua mãe era menos rígida, achava que uma menina deveria primar pela beleza e vaidade. No entanto, esta também considerava que Rubi passava dos limites nesse sentido. Aos 12 anos, por volta de 1959, Rubi decidiu que queria vestir blusinhas de alça. Achava que tal modelo valorizaria sua cintura e a deixaria mais bonita:

> Na época, a minha mãe que costurava pra gente, e ela dizia: roupa de alça eu não faço pra você! Naquele tempo as coisas eram diferentes de hoje. Ela dizia: mas se você aprender a costurar [...]. Eu, como mãe, tenho minha consciência. Eu não vou fazer roupa pra você mostrar seu corpo. Como mãe, eu tenho que fazer o que eu acho que tá certo. Ora, depressa eu aprendi a costurar. Amava vestir roupa nova! Me sentia linda! Me sentia admirada. Tanto ele *(pai)* quanto ela *(mãe)* achavam ruim eu me vestir daquele jeito, mas eu tinha aquela coragem e usava.

Aos 13 anos, entretanto, começou a cogitar intensamente a idéia de ir para o convento. Com sua voz suave e compassada, ela explicou como surgiu essa idéia e a reação de seus pais diante daquele plano:

> Quando eu tinha 13 anos, despertou a vocação. Minha mãe disse logo que não ia porque eu era muito vaidosa. Ela falava: você não vai dar pra freira e eu acho tão feio essas meninas que vão pro convento, depois volta pra casa com a cara lisa. Meu pai não aceitou de jeito nenhum e me proibiu até de ir pra igreja com medo que o padre ou alguém da igreja fizesse a minha cabeça. Então me contentei. Porque o meu pai era tão austero, tão severo que quando ele dizia não a gente não ousava nem tentar! Ele dizia não só com olhos e o que ele falasse era lei. Porque criar aquele tanto de filho. Entende? Todos deram pra o que é bom. Foi preciso muita dureza da parte dele, mas todo mundo ama ele, pois ele era muito responsável e nunca deixou faltar o necessário. Ele pegava no pé da gente mesmo e me proibiu de tocar nesse assunto *(Eu disse: você pode me contar como surgiu a idéia do convento. Ela silenciou um pouco e falou).* Vontade do diferente, de uma vida de oração, de silêncio e tinha também uma coisa bem forte. Meu pai era um homem muito religioso, mas ele não ia pra igreja, ele tinha o jeito dele de conversar com Deus e eu, naquele tempo, achava que meu pai não ia se salvar por isso aí. Como eu amava muito ele, eu quis entrar no convento pra salvar meu pai. Hoje eu vejo que a religião do meu pai é que tava certa.

Ela conta que pelo menos por algum tempo aquela vontade de ir para o convento arrefeceu e, assim, começou a trilhar um caminho semelhante ao de outras moças do seu tempo:

> A finalidade da mulher na nossa época era casar e ser mãe, principalmente no interior. Eu não sou muito antiga, mas eu fui do interior, né? Nas capitais, as mulheres já estavam assumindo cargos, mas no interior não tinha essa perspectiva. Nem para os homens, que às vezes tinham que ir pras capitais [...]. Toda minha formação, meus pais me diziam que eu tinha que namorar um rapaz direito e casar. [...] Aí eu comecei a namorar. Me arrumava toda, passava horas me emperiquitando pra namorar, era uma graça. Com 15 anos, eu tive um namorado que eu queria muito até os 16 anos. Foi pouco tempo de namoro, só foi ele que eu gostei. Teve outros, mas eu não gostei. Desde 15 anos já aparecia casamento por causa da criação do meu pai. Eu sabia o que era ter um namorado, eu sabia o que era um beijo, não era o beijo da boca que tem hoje, mas tinha aquele beijo roubado e aquilo aflorava tudo! Aquele beijo que a gente dava na hora que minha mãe levantava para ir ao banheiro ou fazer qualquer coisa. O coração [...] (Faz uma expressão de emoção, euforia excitação).

No entanto, Rubi expressa em sua narrativa que a idéia de se desviar do caminho que sua família tinha idealizado para ela desde a infância passou a se tornar cada vez mais

intensa e a cada dia ela reavaliava com mais vigor sua rotina, questionava as regras e amadurecia dentro dela a idéia de uma vida nova:

> A idéia de casar não me seduzia. Olhava as minhas irmãs que casaram bem, com muitos filhos [...]. Aquela vida rústica e eu não queria aquela vida pra mim. Pensava eu não quero essa vida pra mim. Teve um dia que ficou marcado na minha vida. Aquele dia ali foi um divisor de águas. Um almoço lá em casa. Todo mundo junto! Eu tinha oito irmãs e eu prestei atenção, elas se desdobrando para agradar os maridos, faziam as comidas, ajeitavam a mesa, tiravam as louças, lavavam e eles lá sentados. Eu vi que aquilo não era pra mim, entende?

Então, mesmo à revelia de seus pais, a moça Rubi começou a viabilizar seu novo caminhar e tudo isso ela conta com um olhar obstinado e uma expressão orgulhosa:

> Aí, eu fui procurar saber como era a vida de freira. O que elas faziam como freiras e tudo. Aí quando eu descobri, eu disse: Ah! É isso que eu quero! Eu disse, quando chegar na idade eu vou fugir do convento. Comecei a me comunicar com as freiras. Mas aí, mesmo antes, o vigário de lá era muito amigo do meu pai e o vigário ficou com medo que ele ficasse com raiva dele e ele decidiu falar com o meu pai. E eu tinha certeza que falar não dava certo, mas Deus tem seus desígnios. Se bem que o padre não disse logo que eu ia ser freira, disse que eu ia fazer um curso e que depois eu poderia até ser [...]. Ele preparou e ai meu pai aceitou numa boa.

O seu desejo e a sua batalha de uma vida nova eram tantos, que ela conquistou o que queria! Perto de completar 18 anos, a jovem Rubi começou a trilhar o caminho que idealizou para si. É justamente sobre esse momento que ela nos conta a seguir, revelando como foi sua passagem para o convento, o aprendizado de reconstruir seu corpo, seu estilo, sua subjetividade e suas crenças para seguir naquela nova estrada:

> Quando foi no dia 4 de abril, que no dia 10 eu ia fazer 18 anos, eu entrei na congregação. Aí teve o tempo de estágio, que é o desejo e o aspirantado conhecimento e depois o postulado, que já é um passo a mais e você usa uma roupa diferente. À medida que eu ia ficando, o meu pai e minha mãe ficavam felizes. A gente não podia ter contato de visita, a gente só podia escrever. Justamente porque a idéia era desapegar da família, porque a idéia do hábito queria dizer: esquecer quem a gente foi. Você deixou sua família pela família religiosa. É tanto que a gente se chamava de irmã, porque minhas irmãs eram aquelas. Cada uma de família diferente, de vida diferente. E a gente fazia muito sacrifício pra poder viver bem ali. Nesse tempo eu tive que aprender a esquecer do meu corpo, das músicas. Eu era incapaz de deixar uma música penetrar em mim, incapaz de dançar. E eu procurava pegar ao pé da letra as exigências da congregação. E era duro, principalmente pra mim, porque tudo lá era pra fugir da feminilidade. A gente usava um corpete para achatar o busto e apagar, esconder toda forma feminina. Em relação ao rosto também. Nem pensar de batom e nem de nada, o cabelo bem curtinho, o cabelo quase pelado e o sapato era de homem para não ser vista como mulher e como mulher bonita, piorou.

Esse novo caminho também guardava paisagens sombrias. Rubi revela, com o semblante tenso, como foi duro seu momento de formação, principalmente porque os seus questionamentos e a sua intensa vontade de entender os porquês, não eram bem vistos naquela instituição:

> O período de formação foi duro e eu não concordava com certas coisas. Porque a gente (ela e sua irmãs noviças) tinha que, inclusive, prestar atenção na vida dos outros e denunciar qualquer coisa que a gente visse. Toda semana a gente tinha uma hora, na quarta-feira, que a gente tinha que dizer o defeito de alguma pessoa. Às vezes a gente até combinava. Deixa eu dizer isso de ti? Tu não fica com raiva não? A gente tinha que combinar, porque não tinha nada pra dizer. E se não falasse alguma coisa a madre superiora dizia assim: 'eu não acredito nesse povo que não vê nada, será que esse povo que não vê nada, vê a Deus?' Aquilo me incomodava, ter que falar mal das pessoas que eu gostava, mas eu não desisti, porque eu sou assim, quando eu vou para um lado eu vou mesmo com tudo [...]. E o sacrifício era a identificação com Jesus e era o que queria. Assim, eu fui ficando, fui ficando, fui me apaixonando. Eu sublimei e fui ficando. [...] Sempre me dei muito bem com as irmãs. A madre pegava no meu pé. Ela me achava rebelde, porque eu questionava certas coisas. Eu não era rebelde, simplesmente eu perguntava, questionava certas coisas. Algumas madres não queriam que eu fizesse voto, porque achava que eu não tinha vocação, que eu era vaidosa, feminina, sensível. Na época que era pra ser votada, pra saber se eu ia ser promovida ou não, ela dizia 'não', porque achava que eu era leviana. E aquilo me machucava porque eu esqueci o meu corpo pra tá ali, eu fazia tudo certo. Só que eu questionava. Quando dizia não pode, eu dizia por quê?

Numa passagem de sua narrativa do tempo da juventude, ela reflete que tudo que vivenciou em sua mocidade a fortaleceu para persistir naquela nova jornada: "Eu tive mais condições de ser mais fiel aos meus votos porque eu sabia exatamente o que estava deixando: eu namorei, eu beijei, eu fui a festinhas. Poucas, mas fui. Então eu sabia o que tinha deixado pra trás!"

Em sua narrativa, Rubi comunica que começou a depositar a energia de sua mocidade para lidar com a vida que pensou para si, vivenciando as suas belezas e dificuldades. Relata que, para sua felicidade, chegou uma nova madre superiora na congregação e que esta conseguia conviver bem com o seu espírito questionador. Foi aí que se iniciou mais um novo momento de sua vida. Ela conseguiu se firmar na congregação, trilhando inclusive uma profissão, diretora de uma renomada escola, mas isso o leitor acompanhará em um outro momento deste trabalho.

Foi com um intenso carinho que Rubi, aos 61 anos de idade, narrou as vivências de sua mocidade. Lembrando dos sabores, gostos, cores, descobertas dessa passagem da vida. Ao lembrar da sua juventude, Rubi suspira fundo e reflete sobre maturidade, sobre vida e, assim, diz que a juventude é um momento muito especial, mas deixa a desejar por causa da falta de experiência:

> A compensação de a gente envelhecer é a experiência, mas mesmo assim tem dia que dava tudo que eu tenho pra ser jovem. Ser jovem é muito especial. As coisas têm outro sabor, tem outro gosto, mas hoje eu me sinto muito jovem. Eu tô recuperando o tempo perdido. Uso creme pra esticar a pele e tento ser feliz para deixar só espírito sempre jovem.

E ao refletir, com seu jeito vivido, sobre sua mocidade vi como ela tece fortemente os elos da mulher que ela é hoje com a mocinha que um dia foi.

Por ora, deixemos a obstinada Rubi e, visitemos mais uma vez o casarão da família de Safira, situado num dos bairros mais luxuosos da cidade de Fortaleza, por volta do ano de 1974, para acompanhar os seus passos na adolescência.

Já não era mais aquela menina miúda, que tinha que se esforçar para que seus pequenos e gordos dedinhos alcançassem as teclas do belo piano de cauda de sua mãe. Seus dedos se alongaram e seu corpo também, embora permanecessem um tanto rechonchudos. Nesse momento, Safira era uma mocinha que, com o corpo talhado pelas aulas de etiqueta vivenciadas obrigatoriamente no curso de sua infância, sentava-se ao piano com porte e elegância. A ferro e fogo aprendera direitinho a lição com sua mãe, exímia pianista, sobre tudo o que era preciso para produzir um belo som naquele sofisticado instrumento: a postura correta das mãos, dosar o peso dos dedos com destreza, realizar as trocas dos dedos com atenção, tocar com a alma. Tanto aprendeu a lição que geralmente era requisitada para tocar uma ou duas peças para abrilhantar as festas grandiosas realizadas na mansão onde vivia desde a infância. A relação da menina, ou melhor, da mocinha Safira com a música não parava por aí, já que sua mãe impôs, desde que ela completou 10 anos, que praticasse aulas de *ballet* com uma exigente professora, que ministrava as aulas na própria casa de Safira. No começo, Safira pediu a sua mãe para não fazer tais aulas. Achava chato, mas dona Graça não abria mão, principalmente depois que um dos tantos médicos a que levou no intuito de fazê-la emagrecer receitou, além do controle da alimentação, a prática de exercícios físicos. A moça ficou sem saída diante da voz da "Ciência". No começo, as aulas eram um tormento para a mocinha. Afinal de contas, fazer um *arabesque*[24] com aquele corpo rechonchudo não era tarefa fácil e manter o *aplomb*, ou seja, o aprumo, o controle perfeito do corpo e dos pés, conseguido pelo bailarino ao executar o movimento, também não. Além de ter que se esforçar nas aulas de *ballet*, Safira tinha que se esforçar nas aulas de educação física, no colégio. E dona Graça ia pessoalmente falar de forma esporádica com a diretora, no intuito de que esta

[24] Arabesque significa – Arabesco. Palavra originária do árabe, significando ornamento. Posição na qual o peso do corpo é sustentado numa só perna enquanto a outra encontra-se esticada para trás, geralmente no ar (podendo, também, estar pousada no chão) e com os braços dispostos de maneira harmoniosa.

recomendasse ao profissional da área que desse atenção especial a Safira, para que ela pudesse fazer as aulas com empenho. Acompanhe o que diz Safira:

> Vanessinha, ela (mãe) queria aos trancos e barracos (de qualquer forma) me ver magra! Era uma questão de honra pra ela! E quando eu fiquei mocinha foi um problema, porque eu não crescia só pra cima eu crescia pros lados também (risos) [...]. Eu fiquei mocinha muito cedo. Eu lembro que com 9 anos o meu corpo foi tomando forma. Aí era *ballet* em casa, ginástica no colégio, regime. Ave! Era dose! Mas graças a Deus teve um médico que conseguiu o milagre de me fazer perder peso e aí deixei de ser gordinha e passei a ser só fofinha, gostosinha, sabe? Nem gorda, nem magra.

Em 1973, a menina Safira vivenciou sua primeira menstruação e é com riqueza de detalhes que ela tece essa passagem de sua vida:

> Eu tinha 10 anos quando eu fiquei menstruada. Eu tava com um vestido acinturado clarinho [...]. Tomei um baita susto! Minha mãe nunca tinha conversado sobre isso. Uma mentalidade [...]. Achava que tocar nesses assuntos era pecado. Coisa típica daquele tempo! Então o que eu sabia, eu sabia assim, por alto, por causa das minhas irmãs. Ah! Eu fiquei tão preocupada! Dez anos! O primeiro dia foi terrível! Poxa! Eu fiquei menstruada na frente das outras meninas, nenhuma na minha sala é mocinha ainda [...]. Elas vão me evitar [...]. Fui ao banheiro, vi e aí eu chamei minha irmã mais velha e eu disse: Ednira, me empresta aquele negocinho quando acontece isso contigo.[...]. A Rafaela [filha de Safira] foi outra história. Ela tava totalmente preparada porque eu expliquei que ela não sentisse vergonha, porque isso era a coisa mais natural do mundo. Significava que o corpo dela estava se preparando pra ter filho. Ah! Eu conversei muito com ela sobre isso. Só foi triste pra ela, porque ela não tava em casa, tava na casa da tia, mas aí eu disse: peça pra vir embora, venha, venha que eu cuido de você. Aí eu passei o final de semana com ela.

Safira rememora que por esta época ocorreu um burburinho no tradicional colégio onde estudava, o qual era freqüentado só por pessoas de alto poder aquisitivo, devido ao fato da instituição querer incluir na grade curricular aulas de educação sexual:

> Minha primeira aula no colégio sobre educação sexual [...]. Ave Maria! Teve uma reunião dos pais e todo mundo foi contra, foi terrível! Ave! Um escândalo, porque todo mundo era contra. O colégio ainda insistiu, mas teve que parar, porque os pais continuavam sendo contra. Isso foi um 'bafafá' tão grande! Uma repercussão grande mesmo! *(Perguntei: e os alunos o que achavam sobre isso?)* Ah! A gente ficava torcendo pra ter, mas também ninguém tinha coragem de dizer isso assim.

Um momento que Safira traz muito vívido em sua memória sobre o seu tempo de mocidade é sua festa de 15 anos. Ela conta sobre o simbolismo do evento:

> Desde novinha, a menina sonhava com a festa de 15 anos! Era um momento de *glamour*! De pompa! [...]. Desde novinha, eu adorava ouvir minha mãe falando a história da festa, a importância da festa, eu já sonhando com aquele momento. (*Me conte um pouquinho sobre o que ela dizia*). Ela dizia que era o momento de apresentar a filha pra sociedade, de comunicar pra todo mundo que ela não era mais

> uma menininha, simbolizava que aquela menina se tornava uma mulher e estava pronta para viver uma vida adulta. Na minha época, eu sentia que tinha uma disputa entre minhas colegas do colégio pra ser a debutante mais bonita, pra usar o vestido mais maravilhoso, pra ter a festa mais cara e bonita. Isso era muito comentado. *Status*! Sem falar que tinha muitos pais que tratavam ali mesmo no dia da festa de apresentar um bom partido. As meninas já saiam de lá com casamento engatilhado! Ave! Terrível! Parece negócio, né? Tão diferente de hoje. Minha filha quis foi uma viagem para Londres.

Safira disse que sua festa de 15 anos foi preparada com muita antecedência. Dona Graça, sua mãe, se encarregou dos mínimos detalhes, com extremo esmero e sofisticação. Cada detalhe foi pensado para ser inesquecível, para ser o melhor da sociedade. Uma preocupação intensa de dona Graça e da própria Safira: era que a debutante ficasse bela no vestido! Nesse intuito, Safira, que nesta época vivia o efeito sanfona (engorda, emagrece, engorda, emagrece) se submeteu a uma dieta intensamente rigorosa. Participemos, por meio da fala de Safira, de sua festa:

> Passei dias sem comer direito! Eu mesma fiz questão de não comer! Eu queria brilhar! Tinha esperado aquele dia desde pequena. Vanessinha, eu consegui viu. Fiquei bem mais magra. As pessoas ficaram impressionadas! Só elogios! Mas também teve aquele lado ruim, porque no dia eu fiquei enfadada, indisposta, sei lá enjoada. Faltou aquele ânimo. Até hoje eu não sei o que foi aquilo. Sei lá, era uma mistura de fome com cansaço, com impaciência com tanto rebuliço, mas o saldo foi positivo. A festa passou a ser referência para outras. Um sucesso total! Ah! Nesse dia, meu pai me faz dançar com o Armando (ex-marido e pai de seus dois filhos). Ave! Ele tava elegante, cheiroso. Meu pai sempre fez gosto da gente junto. Naquela hora, eu te juro nem passou pela minha cabeça em namorar com ele. Não senti aquela emoção! Eu dancei só pra agradar meu pai.

Safira, com uma expressão corporal eufórica, confessa que sentiu a tal "emoção", mas foi com outro rapaz, Francisco José, que conheceu na tertúlia na casa de uma amiga. Com um sorriso no rosto, ela me explica que tertúlia era uma festa dançante noturna que ocorria em residências de pessoas amigas. Os jovens animavam as festas com discos de vinil e o repertório era variado, desde música "disco", aquela acelerada, acompanhada por efeitos sonoros eletrônicos até às românticas. Contou também que um elemento imprescindível neste evento era a luz negra.[25] E, geralmente, as meninas tinham que estar de volta às suas casas às dez horas, com seus pais, que também iam deixá-las. Para sua tristeza, Safira ia a pouquíssimas tertúlias, pois seus pais não permitiam. Inclusive, criava algumas estratégias para conseguir fazer parte das tais festas. Conta, por exemplo, que pedia para suas amigas pedirem para suas mães, senhoras distintas e conhecidas pelo seu alto padrão aquisitivo e

[25] A luz negra se parece com uma lâmpada fluorescente ou incandescente normal, mas faz algo completamente diferente. Acenda uma e suas roupas brancas, dentes e várias outras coisas brilharão no escuro, enquanto que o bulbo propriamente dito emite apenas uma fraca luz roxa.

social, para que estas falassem com dona Graça para permitir a ida da menina. Enfim, acompanhe a tertúlia em que Safira conheceu Francisco José:

> Ah! Eu caprichei. Uma blusinha bem coladinha, uma calça bem coladinha, uma faixa no cabelo. Aí conheci o Francisco José e me apaixonei. Foi amor à primeira vista. A tertúlia na casa da Julinha me deu sorte. Eu era menor de idade, fui acompanhada da minha irmã [...]. Tava dançando uma música bem pra cima e ele me deu um esbarrão. Ele riu, pediu desculpa. Trocamos olhares. Ele me chamou pra dançar e aí a gente conversou. Ele tinha um sorriso, uma voz de radialista! Era muito simpático, aquele tipo de rapaz fino, gentil. Ave! Aquele negócio foi muito forte! Ele me achou bonita. Disse que eu tinha um sorriso lindo, que eu dançava bem. Meu coração acelerou de verdade.

Aquele esbarrão rendeu um namoro de "sofazinho". Safira se encheu de coragem e anunciou para seu pai que Francisco José iria visitá-la para pedi-la em namoro. O pai, a princípio, foi resistente e dona Graça também. No entanto, ao colherem informações sobre o referido rapaz e saberem que "ele era de boa família" acabaram aceitando:

> O namoro era de sofazinho. Com a Dona Graça ali perto, de olho! Disfarçando, fazendo um bordado [...]. Depois ela passou a confiar no Francisco José pela postura dele. A pessoa mais maravilhosa que existia nesse mundo. Quando me levava pra passear, sempre levava minha irmã ou minha mãe com a maior satisfação, sem nenhum problema. Era cuidadoso comigo. Comprava presente. Só que acabei terminando.

E com um ar melancólico e envergonhado ela conta o motivo do fim desse namoro:

> Eu terminei porque ele era muito feinho. Ele era um amor. Só que achavam que ele era muito feio. O corpo era até que bonitinho. Todo mundo falava do cabeção dele. O nariz feio. Minhas amigas, meus familiares diziam: Ah, o Francisco José é feio! Como é que tu namora um rapaz tão feio desse jeito! Esse menino é feio demais pra ti! Quando vocês tiverem um filho, a cabeça ô! (gesto com as duas mãos sinalizando que a cabeça ia ser grande). Isso me desestimulou muito. Era muita pressão! As minhas amigas diziam que ele era feio, eu tinha vergonha de sair com elas por causa disso. Eu era menina véia, tinha 15 anos. Aí uma menina bonitinha, novinha e ficava todo o tempo escutando que o cara é feio, que o cara é feio, que o cara é feio [...]. Aí eu disse: quer saber de uma coisa? Terminei. Aí, quando terminei [...] Ave! Eu senti uma pena dele e eu me arrependi muito! Sofriiiiiii, mas não teve volta!

Depois desse momento difícil, Safira narra que ficou um tanto desestimulada com namoros e passou a se dedicar com afinco aos estudos. Passou a se interessar pelos negócios do pai. Entender o que ele fazia. Como era a vida de um empresário do ramo imobiliário. No começo ele reagia com impaciência. Aquilo não era coisa para mulher, mas pouco a pouco ele percebeu que ela era esperta, fazia perguntas inteligentes e passou a partilhar aqueles assuntos com ela. Ela confessa que, no começo, isso foi um pretexto para se aproximar mais do pai,

mas depois achou tudo aquilo muito fascinante e começou a alimentar dentro dela a idéia de ter uma profissão. Aí, numa reunião de negócios apareceu Armando na casa de seu pai, aquele que dançou valsa com ela no baile. E este se mostrou interessado em Safira, confiante no apoio de seu velho pai. Safira resolveu namorá-lo e depois de pouco tempo deu um novo passo em sua estrada até o altar. Igreja decorada, casamento luxuoso e uma certeza no coração:

> Eu me casei com 19 anos, Ave Maria! A emoção de poder entrar na igreja toda bonita! Pura! Eu casei de camponesa. Era um vestido branco, soltinho, com a manga estufadinha, um chapéu de lado, cheio de florzinha e tipo uma sombrinha. Eu tava linda. Na época eu me achava gordinha, mas eu nem era! Naquela hora que eu entrei naquela igreja de braço dado com meu pai. Dentro de mim eu sabia que minha vida ia mudar.

Safira conta que ao voltar da lua-de-mel começou “a viver uma vida de dona Graça”, dedicada com afinco às atividades do lar e às obrigações sociais. No entanto, no seu intimo existiam sonhos para além do casamento. Almejava ter uma profissão. Estava certa que para alcançar tal objetivo seria preciso empreender uma caminhada de esforço e dedicação. Uma caminhada a contragosto de Armando, seu esposo, que achava que isso poderia comprometer a harmonia do lar e a respeitabilidade de seus nomes em sociedade. Diante disso, ela deu a entender que desistiu do sonho, mas sempre que suas obrigações de dona-de–casa e esposa permitiam dedicava-se aos estudos e planejava o futuro discretamente, mas isso o leitor acompanhará em um outro momento deste trabalho.

Foi com orgulho e emoção que Safira, aos 45 anos, teceu sua narrativa sobre a mocidade, pois ela disse que foi nesse momento da sua vida que ela começou a sonhar em pegar as rédeas do seu destino nas mãos.

Agora, vamos nos dirigir novamente a São João do Jaguaribe, por volta de 1979, onde Ametista viveu parte de sua juventude.

Já não era mais aquela menininha que precisava subir no banco para se admirar melhor no espelho, no quarto de sua irmã mais velha, Joana. Ametista se transformou numa mocinha, a propósito, bem mais alta do que as coleguinhas de sua idade. Também não precisava mais “viver agarrada nas maquiagens da Joana (irmã)”, ela já tinha o seu batom e seu próprio rouge e sabia manipulá-los com destreza. Aliás, em matéria de técnicas de embelezamento, a destreza não lhe faltava. Aprendera muito bem as lições com sua avó e foi desta que ela ganhou o seu primeiro “califon”. Era assim que esta senhora chamava o sutiã. Por esta época, as faixas de *mini-miss* e de criança mais bela, guardadas com todo esmero, já

estavam um tanto amareladas pela ação do tempo. A que reluzia e estalava de nova era aquela que ganhou em 1979, nos seus 13 anos, "A princesa São Joense". Faixa que ela fitava e mostrava com orgulho, mas dentro de si aquela não era a mais importante e sim aquela que ainda não tinha ganho, a de Beleza estudantil.[26] Se preparava com afinco para isso. Já por este tempo arrancava suspiros dos rapazinhos que a admiravam pela sua beleza, mas havia um forte motivo para que eles não se aproximassem. O forte gênio do pai da moça, tão comentado na região. E à proporção que Ametista crescia, também aumentava a rigidez e os cuidados desse pai, que não admitia em hipótese nenhuma ter uma filha mal falada e muito menos ter um filha "bulida" antes do casamento. Já a mãe e a avó de Ametista lutavam para arrefecer a fúria de Raimundo e o convenciam que Ametista precisava viver a sua juventude. Elas argumentavam que Ametista tinha que desfilar, ir vez ou outra para tertúlia, namorar. Como dizia a mãe de Ametista: "ora, se mãe natureza tava dando asas para ela é porque tinha de voar."

Ametista, com o seu jeito expansivo, relata como seu pai se portava diante das filhas que estavam ficando mocinhas:

> Meu pai era uma fera! A rédea dele com as filhas era bem curtinha! Era um homem pobre, mas tinha fortuna de honra. A preocupação todinha dele era que a gente ficasse mal falada ou que a gente se perdesse antes de casar [...]. É porque era obrigado a gente ser virgem! Era muito importante ser virgem! Num tinha essa arrumação de hoje em dia não! Só pra ter uma idéia teve uma vez que ele pegou a Graça, minha irmã, conversando com um meninote [...]. Aí deu um tabefe nela tão grande, que a pobre viu foi estrela. Foi, nega véa! Te juro! Colocou a Graça no ombro e ameaçou o menino. Disse: da próxima vez, cabra sem vergonha, que tu chegar ao meno perto dela, eu arranco teus ovos fí duma égua! [....]. Com meu pai tinha que ter lei, se quisesse conversar com a gente tinha que pedir pra ele. Aí num sei como é que a gente num ficou tudo vitalina! Credo! Só ia quem tava muito apaixonado mesmo, gente apaixonada fica corajosa. Meu pai num batia assim do nada, mas quando o sangue subia na cabeça dele, aí o coro comia de esmola. Mulher, comigo é que o negócio era brabo mesmo [...]. Ele me achava apresentada por causa dos desfile, me achava vaidosa demais, nunca gostou disso, tinha ciúme. Aí pra mim sair, fazer qualquer coisa, tinha que ser minha mãe e a veinha domando a fera.

Com um tom orgulhoso e emocionado, ela relata que a sua mãe, por meio de diálogos francos "sobre as coisas da vida" possibilitou que ela vivenciasse as transformações que estavam acontecendo em seu corpo de forma tranqüila. Na passagem a seguir, ela também conta que, no contexto que vivenciava, a menstruação era cercada por interdições:

---

[26] Alguns colégios do Ceará situados nos municípios de São do Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Morada Nova e Tabuleiro do Norte elegiam suas rainhas. Depois, estas meninas participavam de um concurso de beleza maior, que ocorria em Limoeiro, no clube denominado Associação Limoeirense. Era uma grande festa para escolher a mais bela estudante.

> Minha mãe me ajudou muito quando eu tava pra ficar mocinha. Nêga véia, ela era muito moderna pro tempo dela. Me explicou as coisa da vida tudo bem direitinho. Minha mãe disse que eu ia deixar de ser criança, ia ser mocinha, que ia vir a primeira regra. Ela disse que aquilo era a mãe natureza avisando que eu tava virando mulher formada. Que eu já podia ter filho. Ela falou desse jeito! Nunca me esqueci! Quando desceu foi tranqüilo. Eu já tava avisada e também comigo aconteceu foi tarde, eu já tinha 14 anos. Naquele dia que desceu, me senti moça de verdade, verdadeira. Naquele tempo, era na base dos panim, num tinha essa história de 'sempre livre', abas. Era os panim, mas tudo muito bem cortadinho, muito limpo, escaldado em num sei quantas águas. Em Fortaleza já devia ter, mas onde eu morava era na base dos panim. Minha mãe me falou, antes de acontecer comigo, tudo que eu tinha que fazer, botar os panim. Disse que eu tinha que me assear direito. Porque tinha gente que num tomava nem banho. Acredita? Era mesmo que ta de resguardo. Parecia doença [...]. Era tanta da coisa que num podia, num podia andar descalço, num podia pular, num podia correr, num podia comer limão, nem manga, nem ovo, nem carne de porco (eu disse: mas assim tinha algum motivo pra evitar esses alimentos?). Limão, manga, coisa azeda, pra num vim muito, aquele rio. Num podia comer ovo, carne de porco, pra num ficar com mau cheiro.

Apesar de Ametista ter vivenciado sua primeira menstruação com tranqüilidade, sabia o que estava acontecendo e como deveria proceder. Ela relata que sentiu um forte desconforto quando isso ocorreu:

> Pra onde eu ia eu chamava muita atenção. O povo ficava só me bilando e quando isso aconteceu, eu achava que todo mundo tava notando que eu tava, aí eu ficava envergonhada. Eu também me enfezava muito porque minha barriga ficava inchada, eu me sentia feia com a barriga inchada. Ficava toda desenchavida *(sem graça)* E desde nova eu sinto cólica. Podre!

Ametista crescia e com ela crescia a sua vaidade, a sua vontade se de manter bela e de se tornar cada vez mais linda. A seguir, ela conta cheia de propriedade como cuidava de sua aparência na adolescência e se vangloria porque conseguia por meio da força de vontade e criatividade superar as condições financeiras adversas e arrumar meios de se colocar bela:

> Mulher, quando eu era moça, eu era muito vaidosa com cabelo, mas assim, era naquelas condições sem dinheiro [...]. Era na base mesmo do abacate, do óleo com semente de uva. Eram as coisas assim! Existia xampu, mas era caro! Na época, o xampu era 'Colorama' de ovo ou de lanolina. Tinha uma tia que passava gema de ovo no cabelo e o cabelo dela era bonito, brilhoso que só. Aí eu usava [...]. Sempre tive preocupação com rosto, sempre botei coisas no rosto. O pessoal do interior sempre ensinava que gema de ovo tanto era bom pro cabelo como pro rosto. Aí eu usava. Eu passava aveia também. A aveia que era distribuída em cesta básica. Aquilo deixava o rosto limpo e macio. Fazia tudo escondido do meu pai, porque se ele me visse gastando comida pra vaidade, ele ficava uma fera! Era o jeito! Tudo pela beleza! Por isso eu me dano quando chega cliente aqui no salão toda horrorosa, com uma pele parece um maracujá. Aí eu vou brigar. Porque eu brigo mermo. Vem com desculpinha esfarrapada a tititititi Não porque num tem dinheiro, num tem tempo. Aí eu digo sabe porquê? É preguiçosa! É desleixada! Porque eu era pobre de Jó e desde moça eu me cuido. Falta de uma veinha na vida delas. Minha avó colocava um espartilho pra afinar minha cintura. O bicho era tão acochado, tão acochado que eu quebrei duas costelas. Eu sentia era falta de ar! Cintura fina era tudo!

Ametista conta que um dos dias mais marcantes da sua vida foi quando participou do concurso “A mais bela estudantil”, que ocorreu na cidade de Limoeiro, no ano de 1982. A emoção de se preparar para o desfile, de viajar para outra cidade, de vivenciar aquela noite de festa e a emoção de conhecer o rapaz que a faria mudar o rumo de sua vida:

> Mulher, ô agonia! Dias antes do concurso eu desminti (torceu) o pé. Era morrendo de dor e ensaiando andar com elegância com o pé todo lascado (imita um caminhar desengonçado) [...]. A veinha ficou doidinha atrás de mandar fazer o vestido. Tinha que ser longo, a gente desfilava de vestido longo e de maiô, mas como minha mãe era muito querida na região, num instante a gente conseguiu tudo do bom e do melhor. Era naquela base, escondido do meu pai, porque ele num queria que a gente pedisse nada a ninguém. Deu certo! [...]. Mulher, nesse Limoeiro era tanta mulher bonita, de toda parte e o concurso era conhecido, besta! Saía até gente daqui de Fortaleza pra assistir. Eu tava uma pilha de nervo! Desfilei. Botei pra quebrar! Só deu pra mim! Foi o dia mais lindo da minha vida! Todo mundo me elogiando! Uma rainha mesmo! Eu, bem feitinha [...]. Aí no meio da festa eu vi aquele rapaz com os olhos parecendo uma bila, olhando pra mim. Olhava, olhava, olhava! Era bonito, o danado! Aí ele chegou e disse: ‘oi minha noiva’. Mulher, eu nem conhecia ele e ele me chamou de noiva [...]. Eu tinha 16 anos, a cabeça do tamanho do grão de arroz, e num tinha dado nem um beijo na boca ainda! Acredita! Aí eu beijei. Minha cabeça rodou. Fiquei perturbadinha. Ali eu disse: ‘danou-se nêga do doce’! *(Falei: e esse rapaz danado morava onde?)* Ele morava em Limoeiro, mas vivia resolvendo umas coisa pro pai dele em São João. Pois é, aí ele disse que ia falar com meu pai e ‘tititiri’. Fui logo dando o cartiado, dizendo como era meu pai. Ave, ele num saiu da minha cabeça! Loca, fiquei loca. Eu pensei que ele tava só brincando, que ele num ia não!

No final de semana seguinte, Zé Carlo, o rapaz danado, bateu à porta de Ametista para falar com o senhor Raimundo. Ela relata que ficou muito nervosa, nem tinha sido avisada da visita.

> Era fim de tarde, camisa branca, pano passado. Eu corri logo pra saia da Veinha. Fiquei loca, morrendo de medo. Eu já sabia que num ia prestar. Dito e feito! Meu pai num foi com a cara dele de jeito nenhum, não engoliu de jeito nenhum [...]. Nêga véa, ele dois eram igualzinho, aquele tipo de homem orgulhoso, teimoso, cabeça dura, num podia prestar! Aí ele disse que num aceitava. E eu me acabei de chorar, pensei que num fosse mais ver a criatura.

Mas como diria Dante Alighieri, na *Divina Comédia*: “é o amor que move o sol e as outras estrelas”. Assim, os dois jovens começaram a mover o mundo e passaram a se encontrar escondidos. Viam-se na missa e com ajuda das amigas de Ametista, conseguiam as formas de estar juntos ainda que rapidamente:

> Eu tinha minha turminha de amiga: a Fátima do tio Coraci, a Tereza de Raimunda Ramo, a Margarida do Manuel do Dandão. Minhas amigas de verdade! Aí ficava cada uma numa ponta pastorando. Era uma arrumação tão grande! Nêga véia, pense numas bichinha alcoviteira. Saudade delas! Eu via o Zé Carlo na missa. Ele ia pra São João todo domingo. Meu pai já tava estranhando eu tão rezadeira, todo domingo

> saía era cedo de casa pra ir pra missa, arrumada [...]. Num dia ele *(Zé Carlo)* chegou e perguntou se eu tinha coragem de vir com ele pra Fortaleza. Se eu topava fugir com ele. Falou que queria sair da casa do pai dele, que vinha pra cá e ajeitar uma casa pra ele por aqui, que aqui tinha emprego. Que eu num me preocupasse com nada que ele me dava de tudo [...]. Da primeira vez eu disse, não! Umas três tentativas dele eu disse, não! Na quarta eu disse, sim! Pensei assim, eu queria ter uma casa. Eu queria conhecer a cidade! Eu era loca por ele! Queria ficar bem muito tempo com ele! Aí, bichinha a gente combinou.

E assim colocaram em prática o combinado! Ametista, antes de continuar a narrativa, acende um cigarro e é com voz embargada que conta como se sentiu ao trilhar o novo caminho que resolveu abrir para si:

> Foi de madrugada [...]. Eu peguei uma triste muda de roupa, uns bregueço. Eu tinha me arrumado toda de vestido florido [...]. Ele passou lá e eu me mandei. No meio do caminho, diz aí que eu me arrependi. Chorei! Pedi pra ele voltar. Ele disse que tava sem jeito [...]. Só pensava na pobre da veinha, na minha mãe, na Joana, na vergonha do meu pai. Pensava assim, pra onde é que eu vou? Eu era uma criança ia completar 17 anos (silêncio). *(Então eu disse: me conte como os seus pais souberam).* Mulher eu deixei uma carta pra cada um. Mesmo pros que num sabia ler eu deixei. Explicando, dizendo. Combinei com a Fátima pra entregar no outro dia bem cedim. A Joana disse que meu pai quase morre. Queria ir atrás da gente, ir atrás da família dele, jurou ele de morte, disse que ia me matar de uma surra, confusão muita. Só depois de muito tempo foi que ele foi se conformando.

Ametista conta que adiou por alguns dias a sua primeira relação sexual, pois sentia um forte sentimento de medo e de culpa:

> O Zé Carlo foi meu primeiro homem. Eu lembro que ele passou foi dias, depois que a gente fugiu tentando, mas eu num queria, num conseguia. Sei lá, lembrava do meu pai, eu me sentia errada, uma culpa martelava o meu juízo. Sei lá. É como se eu fizesse aquilo, nunca mais minha família fosse me aceitar.

Num misto de tristeza e orgulho ela rememora as pedras no caminho que precisou transpor para sobreviver quando saiu de São João, no ano de 1983, e chegou em Fortaleza:

> Mulher eu fiquei nessa cidade bolando prum lado, bolando pro outro com esse homem. Ariada, ariada como diz lá no São João. [...]. Morando num canto mais letreca que o outro [...] Sabe o que foi ... Um monte de gente que prometeu pra ele as coisa e nada aconteceu. Sabe aquele povo que é que nem sabonete só aparece o nome no começo. Diziam que ele podia vir (para Fortaleza) que era bom, que podia contar que ia dá certo e na hora todo mundo sumiu! Ah! Nêga véa! A gente penou! Num gosto nem de me lembrar [...] Eu falava pra gente voltar por interior e pedir ajuda pro pai dele, mas ele era uma mula de tão teimoso. Sempre foi! Eu fui acreditar naquela historia que ele ia me dá tudo e eu me lasquei[...]. Menina véa num notei que ele também era menino. Ele só era cinco anos mais velho do que eu. Graças a Deus arranjou um emprego no comercio, foi na época que a gente veio pro Palmeira e as coisa ficaram menos ruim.

Observa-se, assim, a dificuldade de vivenciar a vida de casada, desalento por não ter condições de comprar “as coisas” para embelezar seu corpo e a estratégia que ela criou para contornar esta situação. Com a voz emocionada ela conta:

> Ai que fiquei naquela vida que ninguém merece, o tempo mais infeliz da minha vida. Ficava esperando o Zé Carlo voltar do trabalho, cuidava da casa. Me ajeitava pra ele. Quem disse que ele notava. Uma vez ele veio dizer que eu só queria viver que nem burro de cigano, toda enfeitada. Aí eu queimei ruim! [...]. O que eu achava pior era depender dele pra tudo. Eu ficava desesperada quando faltava xampu, água de colônia, minhas coisa pra eu me ajeitar. Mulher, aquilo era mesmo que me matar! No interior, eu era pobre de Jó, mas tinha a Veinha, a Joana, que fazia de tudo pra me ajudar. Aí eu disse: ‘ai é?’. Eu quero estudar, eu quero trabalhar. O Zé Carlo nunca me deu força pra isso. Disse, ah! Que mulher dele tinha que ficar em casa, que quem ia fazer as coisa? E titititi. Mas aí eu desafiei ele! Vanessinha, eu desafiei meu pai, num ia desafiar o Zé Carlo? Mas me conte! Pedi uma vizinha minha, que trabalhava de empregada na casa de uma senhora, eu pedi por tudo que fosse mais sagrado que ela me arranjasse um dinheiro pra comprar uns esmalte e aí pintei numa madeira com minha letra: “Faz-se unha”. Aí o dinheirinho que aparecia, eu fazia as minhas coisa. Não era um trabalho, trabalho, como eu tenho hoje, mas dava pra fazer alguma coisinha.

Ametista conta, também, sobre a emoção de, aos 19 anos, preparar dentro de si uma criança.

> Era uma alegria, ao mesmo tempo um desespero! Eu ia ser mãe! Passava o dia olhando prum calendário que tinha um bêbe e ele era muito lindo, que era pro meu bebe nascer lindo também. Tinha certeza que era um menino! Eu amava o meu barrigão, mas fazia das tripa coração para arranjar óleo de amêndoa pra num criar estria.

Assim como sua avó, Ametista também era boa de adivinhar o sexo da criança. Como previra nasceu um menino. Ela colocou o nome de Raimundo, nome do seu pai e voltou ao seu interior para apresentar a criança a sua família. “No caminho daqui pra São João, eu ficava só pensando se meu pai ia querer me receber. Graças a Deus ele quis”.

Certa vez, ao deslindar sobre a sua adolescência, sua vinda para Fortaleza, sua vida de casada revelou que se sentia como uma “fruta arrancada do pé sem tá pronta e que tem que amadurecer a força.” Este sentimento perpassou toda sua narrativa da adolescência, motivo que deixou os seus olhos grandes e agateados tantas vezes marejados ao falar dessa fase da sua caminhada, mas neles podia se ver nitidamente, além das lágrimas, um orgulho, daquele que se encontra nos olhos das pessoas que se refazem. O leitor poderá acompanhar em um outro momento deste trabalho este processo de amadurecimento de Ametista.

Vamos nos dirigir a Fortaleza, mais precisamente à periferia desta cidade no ano de 1990, para conhecer as vivências da moça Pérola.

Pérola chegou do Colégio bem antes do esperado. Entrou em casa correndo e aos prantos se jogou na cama de sua mãe. Soluçando disse que nunca mais voltaria lá. Sua mãe ficou assustada com o choro da filha, perguntou o que tinha acontecido e esta se recusou a dizer. Sua mãe insistiu, em vão. Preocupada, a mãe de Pérola foi ao Colégio perguntar o que tinha acontecido. A professora relatou que Pérola tinha se sentido envergonhada devido uma brincadeira de mau gosto que os meninos fizeram com ela na hora do recreio. É que a blusa da farda era transparente e os meninos perceberam que os seios de Pérola estavam nascendo e começaram a falar isso bem alto e a brincar. Sua mãe voltou e não disse uma só palavra apenas colocou em cima das coisas da menina um sutiã. Aliás, esta peça já estava no guarda-roupa de sua mãe, pois há algum tempo tinha vindo junto no saco de roupas usadas que uma mulher rica, para quem a mãe de Pérola passou alguns meses trabalhando, lhe presenteou. Em 1990, aos 10 anos de idade, Pérola ganhou seu primeiro sutiã que, inclusive, ficou bem folgado nela.

Pérola, de uma forma muito carinhosa, fala sobre a relação de amizade e companheirismo que partilhava com sua mãe, mas revela que não se sentia à vontade para conversar sobre as mudanças acorridas em seu corpo nesse momento da vida.

> Sempre fui apegada a minha mãe. Ela sempre foi assim, tipo amiga. A gente fazia ginástica junta. Eu lembro que a gente ligava um radim véi do meu pai e ficava na sala, se acabando de pular, de suar [...]. Caminhava com ela [...] *(Essa caminhada que você tá falando era, assim, passeio ou caminhada [...] exercício físico?)* Era pra ela perder peso e pra num ter risco d'eu engordar. Era nessa fase, perto de ficar moça, que as minhas tias e minha mãe começaram a engordar quando eram nova. Era uma fase perigosa! Eu morria de medo! Minha mãe morria de medo! [...] É o tipo da coisa eu sabia que se eu perguntasse, assim, sobre esses assunto (menstruação, sexo), ela ia falar alguma coisa, ela numa ia negar, nem ia me bater, ia tentar responder lá do jeito dela, mas eu num tinha coragem de perguntar. Morria de vergonha e eu achava que ela sentia também. Tinha medo que ela achasse que eu tava com conversa imoral. O que eu sabia era do colégio, mas assim, mais das amigas, tinha até aula sobre isso, mas aquelas aulas sem futuro que num diz nada com nada. Que a gente faz é dormir. Que quando a professora vem com milho os aluno já tão tudo voltando com o bolo de milho, prontim! Eu também tinha uma carrada de irmã mulher, aí a gente vai olhando.

Aos 12 anos, ela já não precisava mais observar ou imaginar, pois chegara o seu momento de vivenciar física e subjetivamente a experiência da menstruação. Ela fala sobre isso detalhadamente:

> Tava tomando banho, aí senti uma dor valendo no pé da barriga. Aquela coisa quente escorrendo na minha perna. Acho que tinha uns 13 anos. Uma vergonha! Tipo, eu num queria que tivesse acontecido. Eu lembro que eu tentava colocar bem muita água pensando que saía tudo na mesma hora. Quanto mais água eu botava, mas saía. Passei uma hora no banheiro. E meu irmão já tava era tempo aperreando pra entrar. E eu lá. E o pior que o banheiro num tinha porta era só aquela cortina assim. [...] Hei! Morrendo de medo de alguém entrar e vê. Aí eu chamei minha mãe

> ela me ajudou [...]. Aí minha mãe, com um pedacim, começou a espalhar a notícia, disse pra minhas irmãs, disse pras vizinhas, o bairro todo sabendo. Ei! Eu fiquei passada! Sem saber onde enfiar a cabeça [...]. Depois veio com uma historinha que eu tinha que tomar cuidado com a vida dali em diante, que num podia dá liberdade pra menino e num sei que lá, num sei que lá. Tudo por cima! Uma pressão! Mas eu sabia que meu pai cobrava dela que ela fizesse isso. Por ele, ele guardava as filha tudo debaixo de sete chaves! Depois que minha irmã ficou grávida bem novinha, aí é que a pressão aumentou!

O medo de engordar que Pérola sentia em sua infância tornou-se ainda mais intenso na adolescência. Em diversos momentos do seu cotidiano ela sentia uma necessidade imperativa de se recolher em locais reservados, como banheiros da casa e da escola, para exercitar o seu corpo no intuito de não engordar. Entre gestos, suspiros e silêncios ela partilha sobre isso:

> Eu fiquei muito viciada em exercício quando eu era mais novinha, na sexta série por aí. Eu ficava todo tempo repetindo os exercícios que eu fazia com minha mãe o tempo todo (silêncio*) (Eu disse: o tempo todo? Me conte um pouquinho sobre isso, flor).* É, (suspiro profundo) tipo, quando eu ia tomar banho, quando eu tava sozinha em casa, tipo, pedia pra professora me deixar ir no banheiro na hora da aula. Aí eu ia e fazia, fazia, fazia. Aí eu sentia muita dor nas costa, na batata da perna, na barriga. Hei! Eu ficava morta de cansada! Minha mãe me pegou no flagra umas vezes, tava desconfiada [...]. A professora, maior cabueta, chamou ela pra dizer que eu queria viver no banheiro, num prestava atenção mais. Eu era boa aluna, aí deixei de ser [...]. Aí minha mãe disse que eu parasse de fazer aquilo que ela me botava na academia, ai foi passando.

No ano de 1994, Pérola passou a freqüentar a academia diariamente. Com ares de festa e euforia ela conta sobre isso:

> Dava maior valor fazer academia naquela época. Verminosa não, o cão! Contava era os minutos pra chegar a hora de ir. Num tinha um pingo de preguiça de ir [...]. Fiquei sarada, valendo mesmo! Meu corpo era assim, perfeito. Num é me gabando não, Vanessinha, pode perguntar. Todo mundo falava. Tinha assim de menino apaixonado por mim. Tempo bom! Eu ia todo dia!

Entre os rapazes que admiravam a beleza de Pérola estava aquele que era considerado o mais bonito do Colégio e foi com ele que Pérola, uma semana antes de completar 15 anos, teve sua primeira relação sexual:

> Dava em cima de mim demais! E as meninas ficavam só instigando, porque todo mundo queria ele. Elas diziam que a gente ia ser o casal mais bonito. Era loirinho, olho claro, fortim [...]. Eu nem gostava tanto dele, mas como todo mundo achava ele bonito, eu fiquei com ele algumas vezes e aí acabou rolando. Foi a primeira vez [...]. E num sabia muito das coisa, pensava que num dava pra engravidar de primeira. Depois, quando eu contei pras meninas elas disseram que dava, que eu tinha vacilado! Eu fiquei morrendo de medo! Um sufoco, mas aí veio a menstruação.

Pérola partilha, com um tom melancólico, que desde novinha sonhava com sua festa de 15 anos. Esse sonho tornou-se forte, porque certo dia, ao acompanhar sua mãe em seu trabalho de diarista, viu uma festa de 15 anos sendo preparada na casa de uma das patroas de sua mãe e ficou encantada com a beleza da decoração, das lembrancinhas, do vestido.

> Eu disse a minha mãe, que se num fosse pra ser daquele jeito, era melhor num fazer e também a vida era tão difícil. Num queria que ela tivesse despesa. Meu pai já tava doente nessa época. Mesmo assim, minha mãe fez um bolinho, uns salgado pra minhas amigas, mas num tinha vestido, lembrança. Mas o melhor mesmo desse dia é que eu pedi de presente pra sair com as menina e ai foi ótimo! (...) Mas quando eu tiver uma filha eu vou fazer os 15 anos dela valendo! De princesa, se Deus quiser! Daqui pra lá vou estudar, me formar pra ter um emprego que preste, aí eu quero é vê se eu num faço.

Foi aos 19 anos, que Pérola conheceu um rapaz por quem seu coração bateu forte. Ela ficou muito apaixonada e, a seguir, ela conta emocionada como essa paixão, no início, foram ‘só flores’ e depois ‘só espinhos’, desespero e decepção:

> Mulher, a gente passou um ano só ficando e depois começou a namorar firme. Ele ia lá em casa. Eu era apaixonada por ele! Tipo, eu jurava que a gente ia casar, aí acabei engravidando. Eu num queria, num queria mesmo. *(Com quantos anos, querida, isso aconteceu?)* 21. Aí foi só eu contar pra ele, que ele sumiu no mundo, me abandonou. Foi se esconder lá nas brenha do interior dos pais dele. Covarde! Eu fiquei louca varrida, louca de pedra mesmo, não sabia o que fazer. Eu não queria engravidar e ainda o desgraçado me deixou sozinha, mulher, lascada com um menino no bucho. Fiquei tão doida que comecei a comer tudo o que eu via pela frente.

Perola relata que a sua gravidez foi um momento muito duro, pois além do abandono de seu companheiro, ela sofria intensamente com as mudanças que a gravidez ocasionou em seu corpo:

> Eu engordei muito, fiquei uma baleia. Não tinha coragem nem de me olhar no espelho. Sair de casa era a pior coisa. Era dose ter que agüentar todo mundo ficar comentando como eu era linda e como eu tinha ficado horrorosa. Cara cheia de espinha, era estria comendo de esmola. Hei! horrorosa! Cheguei no sétimo mês e num tinha ido atrás de uma fralda pra ele ainda fiquei perdida, me sentindo horrorosa sem um pingo de vontade de sair de casa pra nada.

Os meses que seguiram ao nascimento da criança foram extremamente dolorosos para Pérola. Tristeza em relação a seu físico, fortes sentimentos de vergonha, desamparo e desesperança, falta de ânimo para as tarefas diárias. Com olhos marejados e os dedos trêmulos ela relata essa passagem da sua vida:

> Foi o tempo mais triste da minha vida. Eu tava enorme de gorda! Muito feia! Parecia que ia estourar. Vanessinha, eu tinha tanta vergonha e tanta tristeza porque eu tava daquele jeito. Parecia um pesadelo! Num queria que ninguém me visse feia daquele jeito. Fiquei trancada em casa meses! O povo chegava pra visitar meu filho e eu fazia era me esconder. Louca! Louca varrida! Eu num tinha coragem nem pra fazer aquela obrigação de todo dia da mulher, passar vassoura numa casa, lavar um prato, eu num tinha coragem pra nada a pobre de minha mãe ficou fazendo tudo só. O povo daqui de casa em tempo de me matar, dizendo que pra quê que eu tinha parido que eu era preguiçosa, irresponsável. O que mais me dói é que (olha para o lado para ver se o filho está por perto) eu nem pegava no bichim (filho) direito, passava uma nuvem negra na minha cabeça que dizia que eu tava feia daquele jeito por causa do bichim, que nunca mais alguém ia me querer na vida porque eu ia ficar horrorosa pra sempre e a culpa era dele. Ai nem pegava nele. Ele chorava de um lado eu chorava do outro. Ninguém sabia qual era o que chorava mais. Ave Maria! Mais meu filho é tudo pra mim. Tudo!

Passados alguns meses Pérola decidiu que venceria sua vergonha, pois já não agüentava mais acompanhar diariamente a dificuldade de sua mãe para garantir a sobrevivência da família, nem ver seu filho precisando de alimentos, roupas, remédios e não ter condições para comprar. Sobre esse momento de sua vida, ela disse: “Eu deixei de ser criança nessa hora, chega uma hora que a ficha cai!” Num outro momento deste trabalho será possível acompanhar a saída de Pérola do “casulo.”

As entrelinhas das falas de Pérola sugerem que se por um lado foi duro tudo que lhe aconteceu em grande parte de sua mocidade, por outro foi positivo, pois entendeu que podia enfrentar o que mais temia: a obesidade. E sabendo que ela era mais forte do que seu medo teve condição de reeesignificar a sua vida. Embora atualmente o medo ainda a acompanhe, aos 28 anos de idade, ela avalia que pode lidar com ele.

Vamos conhecer mais aventuras do caminhar de Cristal, que também viveu sua adolescência na mesma casa de periferia onde vivenciou sua infância. Ano de 1993.

Mas antes de conhecermos as vivências de sua adolescência deixe-me relatar algo recorrente em sua infância. Cristal, desde pequenina, gostava de escutar as conversas dos adultos. Ficava por ali pertinho fazendo de conta que nem estava ouvindo, mas no fundo estava não só ouvindo, mas tentando entender o que eles falavam. Principalmente os tais assuntos de “gente grande”. “Cristal, essa conversa num é pra você”. “Menina, tu tá ouvindo essas coisas? Vá brincar!”. Era o que expressava a voz enérgica de sua mãe. Ainda brincava de bonecas, quando em meio uma reunião familiar, perguntou bem espontânea: o que é sexo? Todos silenciaram e fizeram expressões escandalizadas e seus pais fizeram aquele olhar de reprovação que ela conhecia tão bem. Sentiu-se culpada e muito constrangida. Algo mudou a partir daquele momento. Nas palavras dela:

> E a partir daquele momento eu fui me tocando que sexo era uma coisa ruim que eu não deveria querer saber, perguntar, ter curiosidade. Eu lembro que toda música que falava de amor, a palavra amor eu já ligava a outra coisa. Na época o Wando e o Elymar Santos[27] faziam sucesso (risos) e assim eu morria de vergonha quando tocava as musicas deles dentro do ônibus ou em casa mesmo eu tinha vontade me esconder. Eu achava que era vergonhoso eu sentia culpa porque estava naquele ambiente. Meu pai ouvindo aquele tipo de música e eu ouvindo também [...]

Ela cresceu, completou 10 anos de idade e deixou de tocar nesses assuntos, ou melhor, de falar nesses assuntos, mas tentava descobrir tudo ao seu modo.

> Eu usava os absorventes da minha mãe sem nunca ter menstruado. Então, assim eu lembro que a primeira vez que eu coloquei [...] na época, os absorventes não eram como esses anatômicos de hoje, fininhos, mas discretos com perfume e tal Antigamente os absorvente eram uns tijolos aí eu roubava uns da minha mãe [...] lembro que da primeira vez que eu coloquei um (risos) eu coloquei a parte do adesivo pra cima e na época (diminui o tom de voz) eu tava com os pêlos pubianos aí deu uma dor imensa, aí eu pensava nossa como é que usa esse negocio? Eu ate lia as instruções na embalagem, mas não compreendia.

Por esta época, Cristal começava a se interessar por garotos, no sentido romântico. Conta que sentia um misto de raiva e bem-querer por Leonardo, seu primo, que vivia se insinuando para ela:

> Tinha uns quadros antigamente. Eu não sei se tu lembra. Assim que era M. ponto Martinelle, uns quadros assinados por esse artista. Toda casa de periferia tinha um quadro desse e tinha um que era uma seqüência era o cavaleiro beijando a mão da moça depois ela olhando pra ele com a cara de apaixonado e ultimo ela indo no cavalo com ele. E, às vezes, minha mãe me deixava na sala com ele (primo) e ia fazer alguma coisa na cozinha e ele dizia olha esses ai nós dois."

Mas não eram só os sentimentos de Cristal que estavam mudando, o seu corpo passou por uma grande transformação física. Conta que seu corpo se desenvolveu de tal forma (seios grandes, pernas grossas), que as outras crianças não queriam mais brincar com ela, pois ela já tinha jeito de mocinha. E se sentia muito constrangida, pois já era alvo de "cantadas" de pessoas mais velhas. Nas palavras dela:

> Depois dos onze, deu aquela explosão mesmo da puberdade, aí eu engordei assim horrores e eu não me reconhecia mais no espelho [...]. Dos 11 até os 13 anos eu não tinha roupa. As minhas roupas eram doadas pelas minhas tias, ou pela minha madrinha ou pela minha vó ou roupas da minha mãe, que minha mãe na época era

[27] Wando e Elymar Santos são cantores brasileiros e trago aqui trechos de músicas muito interpretadas por eles para melhor compreensão do que Cristal expressa em sua narrativa. "Enquanto tão louca me beija na boca, me ama no chão...." (Wando) "Se o corpo quer assim, assim coladinho pra lá, pra cá do nosso jeitinho me traz, me faz, me roça e deixa acontecer . E o que me importa o que eles vão pensar de mim eu quero mais comer o fruto até o fim ...."

> mais magra que eu só que eu não gostava porque era tudo fora de moda. Eu queria um número adequado a minha idade e ao meu pensamento e não um tamanho 44, mas não tinha roupa na moda e pra criança desse tamanho.

Cristal conta que se sentia triste por ser chamada de esqueleto humano em sua rua e em sua escola e passou a sofrer preconceito por ser gorda:

> Eu sofria muito preconceito na minha rua e eu sofria muito preconceito na escola, as pessoas riam, eu não podia nem merendar em paz na escola, porque se alguém me visse comendo dizia: Ah! É por isso que ela é gorda!Eu não podia assistir uma aula de programa de saúde que tocava na questão da obesidade, tava na apostila o professor tinha que tocar, eu achava que era comigo. Uma vez ele chegou a dizer assim essas meninas que os pais não cuidam elas vão chegar aos 30 arrochando mesmo, como quem diz assim elas nunca vão emagrecer, elas vão engordando cada vez mais. Se os pais não cuidarem da alimentação delas [...]. Nessa época eu lembro que a sala toda rodou na minha cabeça, eu sentia tanta vergonha, porque ser gorda é como seu carregasse uma culpa dentro de mim.

Foi a partir desse momento que a sua batalha contra a obesidade começou a tomar conta de seu cotidiano. Com um forte desejo de emagrecer, dos onze aos treze anos começou a submeter-se a uma série de dietas. Nas palavras dela: “Dieta da lua, dieta disso, dieta daquilo, comprava aquelas revistas de horóscopo que ensinavam, sem sucesso!”.

E foi, aos 13 anos, numa viagem que Cristal vivenciou com seu pai para Almofala[28], que ela conheceu, por meio da prima do seu pai, aquilo que estava buscando com tanta obstinação: uma receita para o emagrecimento.

> Eu fiquei na casa de uma prima dele (pai) e ela tomava vinagre. Todos os dias ela levantava de manhã, escovava os dentes e tomava um negócio na geladeira, com a porta da geladeira aberta e eu muito curiosa né? Descobri que era vinagre. Aí comecei a tomar também, uma colher de sopa. A prima do meu pai já estava percebendo, mas não dizia nada porque eu era visita e uma colher de vinagre não ia fazer falta a ela.

Cristal relata que o vinagre surtiu um efeito que nenhuma dieta tinha conseguido. Logo nas primeiras semanas as mudanças em seu físico começaram a ocorrer. Com muita emoção, ela relembrou a alegria que sentiu com as tais mudanças:

> Nas primeiras semanas o meu maxilar já ficou bem fino e essa parte aqui do meu osso a clavícula começou a sair e eu comecei a me achar linda. Porque, assim, pode parecer uma coisa boba, quando você vê seu osso aparecendo, mas quando você é bem gordinha que vê o seu osso aparecendo, que você sente sua coluna mais leve, você sente que vai poder usar uma calcinha mais cavadinha, aquela que é só com uma cordinha do lado, ai você ver que ela não tá mais enrolando e que seus seios já não te dão mais problemas quando você vai dormir então isso já é uma benção ne?!

[28] Almofala situa-se no litoral oeste do Ceará.

Ao voltar de Almofala, Cristal trouxe “na mala” a idéia de continuar a tomar vinagre. Quando chegou a Fortaleza, empolgada, começou a comprar suas próprias garrafas de vinagre. Gradativamente, aumentou a dosagem.

> Quando eu percebi que o negócio tava dando resultado e que eu cheguei em Fortaleza, cheguei das férias eu comprei uma garrafa de 700ml eu acho de vinagre de álcool Lord. Né? Eu só comprava o Lord e aí comecei a tomar misturado com água, tomei assim mais ou menos meio copo de 200ml aqueles copinhos de padaria que a gente toma café as vezes, aí pronto, fiquei comendo normalmente. Só que aí quando eu fui vendo os resultados que eu tava emagrecendo, eu tava me sentindo bonita, que todo mundo tava percebendo tal e tal. Como você esta bonita! Como você emagreceu! Ai eu passei pra um copinho de café de vinagre cheio puro.

À medida que Cristal se sentia aceita e admirada, se empenhava mais e mais em emagrecer. O vinagre virou o seu “companheiro” do dia-a-dia, pois o levava até para o colégio. E, além disso, iniciou um controle rigoroso da alimentação:

> Nessa época, acho que eu fazia sexta ou sétima série. E cheguei ao ponto de levar o vinagre na minha bolsa, na minha mochila. Na hora do intervalo a merenda que minha mãe me dava eu jogava no aparelho sanitário e tomava o vinagre escondido no banheiro ou na casa de um zelador que tinha no colégio. Na época, até o pessoal cogitou a possibilidade de eu estar tendo um caso com esse zelador porque eu ficava na casa dele, mas não era isso eu ia pra tomar.[...] A minha doença de emagrecer era tamanha que eu contava as calorias de cada alimento. Pegava o meu livro de biologia para ver as calorias dos alimentos. Assim, o alface tem tantas calorias, a batata tem tantas.... E eu dizia assim: olha eu só vou comer o que tiver menos calorias possível. A batata nem pensar, o pão carioquinha nem pensar, eu ficava preocupada até com o tamanho da folha da alface.

Não eram só os elogios das pessoas que ela estimava que constituíam uma forte razão para continuar sua disciplina de emagrecimento, mas também pensava naquelas pessoas que a feriram profundamente com apelidos e críticas. De um jeito altivo expressou:

> Na época eu quis me vingar de todas as pessoas que me trataram com preconceito e então que foi que eu fiz? Eu passei por todas as ruas, todos os lugares, todos os colégios que já havia estudado pra ver todos que um dia disseram ai que você é gorda, você é mal feita, você não fica bem com as roupas tais. Então assim, eu fiz questão de passar por todas essas ruas só para me exibir o meu corpo como um troféu. Eu ganhei a luta que eu travei comigo mesma. Eu fiz questão de fazer isso e todas as pessoas ficaram passadas com a transformação!

Cristal, num tom alegre, fala como foi sua entrada na academia:

> Por mim eu viveria na academia, porque eu acho academia muito massa, eu adoro malhar, eu me sinto muito feliz quando malho, parece que milhares de substância de felicidade entram no meu corpo e isso é provado cientificamente. Na época que entrei já passava a malhação, quando era uma academia mesmo. Nessa época era moda só se falava nos jovens que malhavam. Eu lembro que era muito magra que o

> instrutor foi tirar minhas medidas e deu 22 de braço e ele começou a rir de mim. Foi na época também da explosão do tchan Carla Perez com um corpo incrível, coxas enormes. Todo mundo queria aquele corpo. O instrutor dizia que se eu quisesse ganhar massa eu teria que comer meio pacote de leite por dia com um copo de vitamina de cenoura, beterraba.

A seguir, Cristal expressa que começou a projetar cada ação do seu dia no intuito de emagrecer. Tece a seguinte passagem narrativa com um ar angustiado:

> Eu sentia vontade de dormir para não sentir fome, pra não comer, mas ao mesmo tempo eu não dormia porque na época eu li numa revista que a gente gasta menos calorias dormindo. Hoje em dia eu sei que não é verdade porque eu li em outra revista que se você dormir bem você queima calorias, mas na época eu achava isso. Porque eu achava que dormir era coisa de preguiçoso, portanto coisa de preguiçoso era coisa de gordo. Outra coisa, eu li também numa revista que tomar banho queimava calorias então eu passava horas no banho. Ficar em pé gasta mais calorias que ficar sentada então eu fazia questão de ficar em pé até no ônibus. Trabalhar numa casa, varrer, lavar roupa gasta calorias então eu metia o pau em varrer, passar, fazer tudo. Outra coisa que aconteceu foi como eu estava conseguindo ser magra eu tinha que manter o meu visual bonito. Eu tomava muito banho eu pegava a esponja e passava o sabonete e esfoliava a minha pele todos os dias a ponto de arranhá-la, a deixar vermelha porque eu tinha que ser muito limpa. Escovava os dentes assim com uma pasta de dente pequena que só dava pra dois banhos usava a metade em um banho e a outra no outro. Eu comecei a me limpar muito porque eu achava que as pessoas prezam muito a limpeza então se você limpa seu corpo, você se livra dos excessos da gordura, das sujeiras você é bem aceito então eu tomava muito banho eu gastava muita água muito sabonete, muito condicionador, muito xampu. Tudo para mim era um excesso em termos de cosméticos. Comecei a ser também a pessoa mais organizada. Eu pensava ah eu vou arrumar tudo porque gordo também é desleixado, como eu não sou gorda eu não podia ser. Às vezes eu tomava um vidro de magnésio para colocar tudo para fora, tomava muito leite de magnésio, lacto purga qualquer coisa que desse desinteria. Tomava chá de boldo tudo que eu comia tomava chá de boldo que o chá é diurético ajudava a emagrecer. Eu tinha a impressão que o meu rosto ficava marrom de tanto chá de boldo. Se eu tivesse indo ao banheiro direto era um alívio que eu tô colocando tudo para fora.

No entanto, passados alguns meses que Cristal ingeria diariamente vinagre, fazia dieta e exercitava seu corpo na academia, ficou tão magra que as opiniões das pessoas sobre sua aparência física começaram a divergir.

> Muitas pessoas me achando realmente bonita, dizendo para eu não engordar mais, porque eu tava bem, mas algumas pessoas achavam que eu estava doente. Na época, o pessoal da minha rua achou que eu tinha tido uma doença, tinha tido um aborto ou que eu tava com Aids ou tuberculosa ou qualquer coisa do tipo. Porque a transformação foi muito grande e muito rápida. Porque, Vanessa, o vinagre é tão poderoso. É da noite pro dia. É tiro e queda, literalmente falando.

Ela ignorava completamente as críticas. Aos 15 anos, ao persistir no uso do vinagre e na dieta radical...

> Eu fiquei mesmo assim só o couro e o osso, e assim eu não tinha mais cor, assim minhas bochechas não tinha mais cor, meu cabelo tava muito fino, parecia assim sei lá linha de costura, com a fibra muito fina, os cortes que eu levava, às vezes, assim, sei lá que eu me machucava o sangue era da cor de abóbara não era mais vermelho, sentia dor no estômago, tontura e assim eu comecei a sentir outras coisas né com o vinagre porque no inicio eu não sentia nada eu sentia só aquele gosto horrível [...] Aí eu comecei a sentir coisas piores. Que foi o que? Assim muito choro, choro intenso, É... Insônia, às vezes eu queria dormir para poder não sentir fome, pra poder não comer, mas eu não conseguia dormir porque me dava uma insônia enorme, falta de ânimo, nervosismo, a minha concentração não tinha mais eu não conseguia mais decorar algumas coisas porque na época a gente ainda estudava geografia história decorando né?, E assim sentia muito nervosismo, muita irritabilidade, medo da comida. É uma vez eu lembro que tive uma crise de choro porque comi três bolachas amanteigadas porque assim era um desejo meu, mas eu sabia que eu não podia porque se eu não lutasse contra aquele desejo eu ia engordar tudo de novo e eu não queria mais voltar a estaca zero.

Os pais de Cristal ficaram desesperados com a sua situação. Principalmente porque a situação financeira daquela família dificultava o custeio com médicos, mas o pai, funcionário público, por meio de amigos, conseguiu um tratamento para a menina.

> Aí meus pais perceberam que eu estava no fim da linha. Então, eles me levaram para uma equipe multidisciplinar que foi um médico, um endocrinologista, um psicólogo, um assistente social foi uma equipe que me atendeu. Na época eu acho que eu tinha 16 anos e na época eu fui atendida por essa equipe e ai contei meus problemas para essas pessoas, assim um de cada vez, não foram os quatro não, aí eles disseram cada um a sua visão. O que mais gostei da época foi do psicólogo e da assistente social porque o médico e endocrinologista eles são muito de falar assim na base mesmo do conceito que eles têm de clínica de tratar você como a doença e o psicólogo e assistente social não te tratam mais como humano, como uma garota que estava passando por problemas na adolescência que foi uma fase que eu não aproveitei bem porque passei a minha adolescência toda pensando só no meu corpo em ser aceita pela sociedade em ser aceita pelos meninos de ser aceita por mim eu era muito cruel comigo assim. Ai, quando fui para essa equipe de médicos, né. Eles me ouviram eu comecei a ter uma dieta para engordar então eu até me sentia lisonjeada porque um dia eu queria tanto emagrecer e agora eu estava normal agora eu tinha dieta para emagrecer, eu me sentia uma Lolita, sabe. Todo mundo cuidando, todo mundo se preocupando.

Cristal relata que seus pais se esforçaram muito para comprar os alimentos e medicamentos prescritos pela referida equipe médica, mas a sua vontade de permanecer magra era tão forte que ela acabou boicotando o tratamento, o que gerou muitas dores e conflitos nela e em seus pais. Com os olhos marejados conta:

> Depois que passei a ser tratada pelos médicos, mas o problema não acabou só gerou outro porque como eu tinha medo de engordar então eu comecei a esconder as comidas quando meus pais não tava em casa e minha mãe eu conseguia enganar. Eu embrulhava a comida num papel oficio, fazia um bolinho, colocava lá no fundo do cesto que tinha no meu quarto, e enchia a lixeira de papel, às vezes colocava num saco e jogava no quintal do vizinho. Eu pegava as garrafas de vinagre e jogava as garrafas fora e colocava o liquido no vidro de nescafe como se fosse um mimetismo mesmo porque ninguém ia achar que um vidro de nescafe tem vinagre, eu escondia

> no guarda-roupa. e a aí minha mãe descobria e era aquele bafafá, aquele sermão! meu pai ficava com ódio de mim. Meu pai me forçava a comer e eu vomitava tudo! Eu recogitava tudo! Ele batia muito em mim! Ele tava desesperado. A gente tinha uma relação péssima. A minha opinião não batia com a dele. Ele queria que eu ficasse gorda, feia. Ele não entendia o meu desespero e eu não entendia o desespero dele. A minha mãe sempre ficava do lado dele. Chegou o ponto da minha mãe chegar a ir nas mercearias do bairro todo e dizer se vier uma menina com o cabelo tal, do jeito tal não vendam vinagre, pois se eu morresse ia ser culpa deles e aí o pessoal ficava com medo! Eu fiquei sozinha passando por um momento difícil. Ai eu chorava, chorava.

Aos 17 anos, Cristal decidiu dar uma trégua. Ela se permitiu não ser tão rígida com a alimentação e diminuiu consideravelmente as dosagens de vinagre. Recorda desse momento com um tom mais animador:

> Ah! Aí chegou um ponto que eu pensei assim. Já que eu sou magra e todo mundo tá querendo que eu engorde. Já que eu sou uma pessoa normal, então eu posso andar em qualquer lugar que ninguém vai me taxar de gorda. Então eu posso namorar, tomar coca-cola, que era uma coisa que eu não tomava. Eu tomava coca-cola bem geladinha no recreio. Eu dizia assim: gente eu tô tomando coca-cola e ninguém tá me olhando com olhos ruins. Tô podendo dormir, comer batata rufles, me livrar um pouco de fazer tarefa doméstica exaustivamente, tô podendo bagunçar um pouquinho minhas coisas, porque o psicólogo disse que era saudável bagunçar um pouquinho, relaxar um pouco, porque eu sou normal, eu sou magra. Eu ia pra loja com o meu pai e era maravilhoso, porque eu não experimentava, simplesmente colocava na sacola porque tudo caía bem. Era só pegar os 38 e as blusas “P”. Normal! Dei uma trégua pra mim e pra minha família!

E no que ela relaxou o amor chegou à sua vida. João Paulo chegou trazendo paz, harmonia e leveza para sua vida. Com um sorriso largo e luminoso ela conta:

> Só que nesse de relaxar um pouco aos 17 anos encontrei o meu primeiro namorado, o meu primeiro beijo. A gente fez tudo junto! Ele foi o meu primeiro namorado e eu fui a primeira namorada dele. Passamos no vestibular juntos, perdemos a virgindade juntos. Durante esse período ele foi o meu suporte para que eu não ficasse tão noiada com o corpo. Eu já estava vivendo melhor, nessa época!

Mas, à medida que foi ficando mais apaixonada por João Paulo, começou a nutrir uma forte insegurança, achando que se ela engordasse, ele iria deixá-la. Chegava a marcar encontros quinzenais com seu namorado para poder fazer dietas e tomar vinagre nesse intervalo de tempo. Ela queria se apresentar magra para ele.

> Aí comecei aquela nóia. Eu pensei que agora eu tenho namorado, agora que eu tenho que me cuidar bem. Quando eu comecei a namorar com o João Paulo a gente se encontrava no North Shopping. Então era assim eu duas semanas sem vê-lo porque nessas duas semanas eu ficava em jejum. A gente se encontrava nas sexta as quatro da tarde no North Shopping. Quando chegava sexta-feita e eu não agüentava mais então eu comia meio pacote de biscoito de morango da richester só pra não ir assim

> tão bamba. Aí eu me encontrava com ele linda, maravilhosa e para ele eu dizia que eu estava ótima, muito bem. Ele não sabia nada. Ai quando eu chegava em casa morta de fome eu atacava um monte de coxinha com refrigerante, muito doce e pensava ai que bom que hoje eu estou podendo comer, hoje e amanhã, mas quando for segunda-feira eu começava o regime porque daqui a duas semanas eu ia ter que encontrar com a criatura e quando eu achava que não consegui o meu objetivo eu arranjava uma desculpa qualquer para ele. Eu dizia ah! Não vai dar. Aí eu pedia mais uma semana pra ele e aí era morrendo de fome bebendo só água porque o vinagre estava confiscado mesmo.

Com o tempo de convivência, Cristal foi se sentindo à vontade para partilhar as dores que sentia com João Paulo e, então, ele começou a ajudá-la a construir um novo olhar sobre si mesma:

> Lá para os dois anos e meio o J.P. começou a perceber. Então, comecei a me abrir. Quando vi que ele era meu namorado, que ele era uma pessoa amiga, meu companheiro aí eu resolvi me abrir com ele. O J.P. começou a me dar força. Ele dizia você não é gorda, você não tem a barriga grande, às vezes eu conversava assim com ele prendendo o ar pra não ter barriga ai ele dizia menina respira, faz mal não respirar, Quando ele me via tonta ele dizia tá sem comer, né? Aos poucos, com o tempo eu fui relaxando.

Em diversas vezes, quando anunciei as falas de Cristal, mencionei frases como olhos marejados, tom angustiado, no entanto afirmo que isso não implica que ela seja, ou aparente ser uma pessoa frágil. Penso que como Orfeu que desceu ao inferno em busca da luz, do amor de Eurídice. Cristal desceu ao inferno (doenças físicas, emocionais) para buscar o corpo que ela acreditava ser sinônimo da aceitação social plena, o olhar de admiração do outro. Ela narrou suas passagens da infância e adolescência com muita obstinação e desenvoltura querendo explicar os detalhes, as nuances de cada passo que deu, por mais que eles remetessem a dores, ela queria falar e falar e eu ouvir.

Agora, vamos rumo a um bairro da periferia da cidade de Fortaleza vislumbrar as trilhas da moça Esmeralda.

Finalmente chegou o momento que ela tanto esperava. Aos 12 anos, Esmeralda vivenciou a sua primeira menstruação. Para ter uma idéia de como esse dia foi aguardado com ansiedade e impaciência, basta contar que ela nem tinha completado sete anos de idade ainda, quando sua mãe a surpreendeu com uma gilete tentando cortar-se numa tentativa de apressar o tal momento. Quando ele chegou foi recebido por ela com ares de festa e também com a tranqüilidade de quem sabe exatamente o que deve fazer. Inclusive, já havia pego, meses antes, um absorvente de sua irmã mais velha e tinha guardado escondido em suas coisas. Quando vivenciou os primeiros momentos de sua menarca, sentiu-se alegre. Mas sua alegria não estava completa. Para isso, era preciso partilhar com as amigas. Foi o que fez. Tomou um

banho, se arrumou e saiu em busca da cumplicidade e carinho da sua turma. Sobre isso, relata: "Eu achei massa quando rolou, aff! Eu esperei muuuuito! [...]. Saí voada pra espalhar a novidade pras menina. Porque da gente, só num tinha rolado comigo e com a Irislene. Também as outra era um pouco mais velhas!"

Ela expressou, em sua narrativa, que vivenciar a primeira menstruação significava deixar definitivamente de ser criança. A partir disso, sentia-se uma moça. Aliás, uma moça que levava horas a se olhar no espelho. E até os quatorze anos de idade não gostava muito do que via, como as espinhas e uns cabelos castanhos um tanto crespos, que teimavam em ficar volumosos e assanhados e, principalmente, não gostava do que não via, pois em sua opinião, faltavam-lhe curvas, seios, pernas grossas, bumbum avantajado. Sentia-se: "maga véia, a carne que eu tinha não dava um pastel, eu era seca que doía."

Seus depoimentos revelam que ela se sentia uma pessoa apagada, quase invisível: passava no bairro e ninguém prestava atenção nela. Mas aos quatorze anos de idade começou a vivenciar um espaço que ela brincava de ter o corpo que sonhava: a internet. Esmeralda selecionava fotos de meninas que achava bonitas, isso implicava em mulheres 'saradas', com cabelos longos e lisos, olhos claros, pele bronzeada. E colocava para ser a foto de apresentação do seu MSN.[29] Da mesma forma construiu um 'orkut[30]' falso. "Eu tinha a manha de só colocar 'Gata show'. Aquelas assim, pra pirar os gatos mais gatos por cima dos gatos. Ficava tudo babando."

De sua "personagem virtual" só alterava as características físicas. Ela preservou seus valores, seus gostos. Em suas vivências virtuais, se descrevia como uma pessoa simpática, vaidosa, alegre e que ama a família, características que a traduzem bem. Esforçava-se no intuito de conseguir um dinheiro para ir à 'lan house[31]' de seu bairro. Encantou-se pela brincadeira! Pelo menos durante os instantes em que estava diante da tela do computador, sentia-se poderosa, amada, bela, com vários fãs. Então, poucas semanas antes de completar os seus 15 anos de idade, pediu antecipadamente a sua mãe e ao seu irmão, um presente: o pagamento da mensalidade da academia. A situação financeira da família era precária, mas Esmeralda insistia, prometeu que faria melhor as tarefas domésticas, que cuidaria do seu sobrinho para sua irmã ir atrás de emprego, que se dedicaria mais aos estudos, etc. Ela

[29] *Microsoft Network* ou, simplesmente, MSN é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela multinacional Microsoft em suas estratégias envolvendo tecnologias de Internet.
[30] O orkut é uma comunidade virtual afiliada à multinacional de informática Google, criada em 22 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkokten, engenheiro do Google. Sistemas como o adotado pelo projetista, também são chamados de rede social.
(http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060723120946AARBrIa).
[31] Local onde, comumente, as pessoas usam computadores em rede para diversos fins.

conseguiu! Aliás, certa vez revelou: “Mulher, pra conseguir o que eu quero, eu dou nó até em fumaça”. Foi então, por esta época, que Esmeralda começou a se transformar fisicamente na personagem virtual que criou:

> Entrei instigaaaaada na academia! Joguei logo a real com o Josué. Sheila Melo! Igualzinha! Gostosa! Sarada! Lorona de aço! (risos). Mas aí, ele queria alisar a minha série. Pense num bicho paia! [...]. Disse que eu tinha que começar devagar, era novata. Essas frescurada [...]. *(Você seguiu a série que ele passou?)* É ruim! Fui logo botando pra baixo! Aumentava a série por minha conta. Empurrava anilha! Tinha uma lá, que me deu o toque da alimentação. Disse pra comer batata doce, rapadura, macarrão pra aumentar. Num instante eu peguei massa. Todo dia malhação pesada!

Aos 15 anos passou a fazer parte de um projeto do Governo Federal, o qual lhe dava direito a uma bolsa que, para sua satisfação, lhe possibilitou continuar pagando as mensalidades da academia. Ela conta que, com seis meses de exercício físico, sua aparência física estava completamente mudada, não só na aparência, mas a sua vida:

> Aí fui vendo o resultado ligerim, me instigando mais. Malhando pesado, me alimentando direito [...]. Aí, aí eu virei essa gata moral, gata show! (risos). Sério, tu nun tem noção! Eu fecho o tempo! Todo mundo pira em mim! Todo mundo piiiira! (risos). Todo mundo, vírgula. Tem muita gente invejosa por aí [...]. (*Depois que você se transformou nessa gata moral mudou alguma coisa no seu dia-a-dia?*) Tudo! Gatão fazendo fila. Já quero! Mais animada no colégio, na *night*. Outro esquema! Adooooro!

E quanto mais ela ficava satisfeita diante do que mirava face ao espelho e com os elogios de seus pares, mais se sentia estimulada para cuidar do corpo, cabelo e pele. Para isso, se valia de muitas estratégias para conseguir os recursos para cuidar de sua imagem. Certa vez pediu a sua mãe que conversasse com uma cabeleireira vizinha e amiga, que parcelasse em suaves prestações uma ‘texturização’, um tratamento estético capilar, que visa pintar e alisar os fios. Como tudo isso sairia muito caro, a mãe de Esmeralda, que é eximia costureira, ofereceu os seus serviços e, assim, pagou parte da transformação dos fios de moça com dinheiro parcelado e a outra em costura. Foi assim que Esmeralda ficou loura, de fios lisos e longos. Esmeralda comentou em uma de nossas conversas: “Meu cabelo num tinha nada a ver comigo, minha alma é loira!”

A seguir, Esmeralda conta como a sua vaidade acabou comprometendo sua saúde. É preciso dizer que ela não anuncia isso com um ar triste ou arrependido, e sim, com um indisfarçável ar orgulhoso e de desafio, que denuncia que é capaz de tudo pra ficar bonita:

> Acho que tem pegar pesado mermo! Num que dá luz alta por aí! Num quer abalar as estruturas? Então tem que se jogar com tudo no exercício. Pensa que bunda grande cai do céu! É ruim minha filha! Eu malho na academia e em casa. Mais de uma vez fui bater no posto por causa de uma dor 'foda' nas costas e no joelho. Tive luxação, contusão, tudo 'ão', mas, ah! Toma uma injeção, passa! Enfaixa uns diazinho, passa. Fica deitada umas hora, passa! O Josué e minha mãe é que ficam buzinando no meu ouvido. Dizendo que vão me proibir de fazer academia, que no futuro vô tá alejada. É ruim, minha filha! Ta aí, num tem nem perigo de num ir. Sou viciada, mulher! Adooooro demais!.

Com o seu visual mudado, ela passou a ter o 'orkut' cheio de fotos agora suas. Com muitas poses e sorrisos! Certa vez, fiquei impressionada com o número diferente de roupas com que Esmeralda aparecia vestida nas tais fotos. Também pensei como ela conseguia ter tanta roupa, aparentemente caras, com a condição financeira tão precária que vivencia? Com a longa convivência, descobri que, além de trocar os figurinos com as inseparáveis amigas (emprestam roupa, adornos, acessórios umas para as outras constantemente), elas costumam, esporadicamente, ir a grandes lojas de departamento, no centro de Fortaleza, escolhem os figurinos da moda, vão ao vestiário, levam um celular que fotografa e ali mesmo, com discrição para as vendedoras não descobrirem, começam a fazer caras e bocas. Fazem muitas fotos e saem da loja sem levar uma peça sequer e com novas fotos que embelezarão seus 'orkuts'. Eu mesma já estive presente em uma dessas vezes. Nem preciso dizer que as tais fotos sempre passam por uma criteriosa seleção e algumas modificações com os recursos do computador. E por falar em 'orkut', foi Esmeralda quem me apresentou a este universo, já que eu, até então, só ouvia os comentários. Ela me explicou tudo. Inclusive me falou que uma estratégia boa para conhecer a pessoa é olhar para as comunidades[32] dela. Em suas palavras: "Dá pra você ver qual é a da pessoa! Se tu tá a fim de um gatão, aí tu num sabe nada dele, aí tu vai lá nas comunidades dele. E se tu vê assim, eu amo homens [...], tu sai correndo, sai voando (risos)". A partir dessa explicação de minha professora para assuntos virtuais, pedi para que ela me mostrasse as comunidades dela, pois o que eu mais queria era "saber qual era a dela." Tomei nota de algumas que ora apresento no intuito do leitor conhecê-la mais ou conhecer como ela gostaria de ser conhecida:

> Bonita é você, eu sou linda. Calma, tô quase pronta! Eu piro em mim mesma! Eu pego no ar! Não risisto a um espelho. Uso *blush* rosa! Dormi de *rímel*, virei um panda. Short branco sem calcinha. Adoro minissaia. Eu tenho mel, fazer o que neh! Pode admirar, eu deixo! Existo, logo incomodo! Afff [...] Tudo isso é inveja. Pense o que você quiser. PUTZ! Pára de encher o saco! Fale menos e faça mais! Vaca, o meu orkut não é pasto! Estado civil: feliz! Eu tomo a iniciativa! Mordidas de amor! Lugar de mulher é no

[32] A comunidade virtual é um conceito aplicado numa tentativa de explicar os agrupamentos humanos surgidos no ciberespaço. Elas podem funcionar com fóruns de interesses comum. (RECUERO, 2005, p, 3)

> tanque.[33] Homem que trai, o pipi cai! Homem sarado também tem conteúdo! PSIU, caladinho! Saudade meu bem? Volta pra fila! Já dancei ao som do paredão. Eu já fiz loucuras pela balada. Carnaval mais vezes ao ano. Se me viu, mentira, não era eu. Caaaaalma, eu tenho um plano! Eu perco os brincos na balada. Eu tenho uma amiga bêbada. Lula: queremos a bolsa balada. A preguiça mata? Morri! Ouço mil vezes a mesma música. Amo a minha mãe. Amo minha família. Eu confio em Deus.

A narrativa de Esmeralda expressa que as festas ocupam um lugar muito importante em sua vida. Dedica-se com intensidade durante a semana para vivenciar estes momentos. Costuma dizer que é "casada com a *night*", o que acaba gerando conflitos com sua mãe e irmãos, que desaprovam as suas constantes saídas. Segundo Esmeralda o fato de gostar de festas também gera muita fofoca na vizinhança e ela acredita que, até mesmo no colégio, desaprovam o seu comportamento. Esmeralda, num tom de desabafo e reflexão partilha:

> Odeeeeeeeio quem me persegue! Aff! Sou perseguida! Certeza! Minha mãe até hoje só dorme quando eu chego. Tenho pena da bichinha! Meu irmão só quer ser meu pai. Dá ódio! Eu já disse que ele num é meu pai, meu pai sumiu no mundo faz é eras! Sumiu! Mulher, ele (irmão) quer mandar em mim! Fica me perseguindo, fica com historinha que vou ficar mal falada, que eu num vô arrumar homi que preste. Ele pensa que eu num sei qual é a dele. Ele me quer aqui morta e viva dentro dessa casa. É ruim! Num tem nem perigo deu ficar. Deles ainda vá lá a perseguição, sai na urina! E dessas vizinha faladeira. Bando de Bruaca! Fica dizendo coisa de mim, esticando. [...] Sabe nem que eu sou direito, acho assim quer falar mal de mim me conheça primeiro, que falar mal mermo assim então vem falar na cara. Que eu acerto as conta. [...] Tu pensa que é só aqui na rua [...]. No colégio tem uma professora que faz a minha fama. Fica dizendo que eu só quero saber de festa, que eu levo as outra menina pro mau caminho, que eu num quero nada com a vida. Ela ta dentro da minha cabeça? Pra saber? Tá? Num tá! Então, quer saber. Ah! Que se dane. É inveja. Aquela história sua inveja faz a minha fama! Eu vivo! O que eu num vô é me arrepender de num fazer as coisa que eu quero fazer. Tem nem perigo deu fazer isso pra agradar os outro! O esquema é que pena amor, cai fora!

Nas narrativas de Esmeralda sobre as festas de forró, bailes *funk* e *reggae* que gosta de freqüentar, ressalta o prazer de ver e ser vista, de dançar, de celebrar a vida com as amigas, de conversar e de beijar muito. Foi numa dessas festas, aos 16 anos, que conheceu o rapaz, com quem teve sua primeira relação sexual. Sobre isso disse:

> [...] Foi no forró. Eu olhei pra ele, aí eu disse: já quero! A gente passou a noite dançando, conversando. Ele é de Recife. Veio passar só férias em Fortaleza. A gente passou o mês ficando e, antes dele voltar pra Recife, rolou. Era pra ser com ele mermo! Gatão! Gente boa! Sabe considerar a menina. Valeu demais. Amo de paixão! Por um lado é até bom que ele num mora aqui, senão era namoro certeza! E agora eu num tô a fim. (A seguir começa a cantarolar e dançar uma canção de forró). Só quero ficar, não quero compromisso com ninguém. Ficar, beijar na boca não é namorar, ficar. Seu corpo é minha fonte de prazer, só tô ficando com você [...] Adooooro! Amo de paixão! Beeeeeeijo muuuuito! (risos)

[33] A foto que ilustra essa comunidade é de um homem sarado com a barriga de tanquinho, ou seja, desenhada pelo exercício físico, sem gordura localizada. Assim, o "tanque" que a comunidade se refere está longe de ser aquele de lavar roupa!

É, mas o mundo dá voltas! Esmeralda tinha completado 17 voltas ao sol quando conheceu aquele que mudou a sua idéia de só querer ficar. Arranjou um "namorado famoso" no bairro. O namorado de Esmeralda é conhecido no bairro São Cristóvão como "o cara", "o que dá as cartas", "aquele que faz as coisas acontecerem", "bicho solto". Ele lidera uma gangue no bairro. Vale mencionar que "os caras que dão as cartas" no bairro só namoram mulheres bonitas. Isso é praticamente uma lei entre eles. Uma questão de *status*. Esmeralda disse em tom orgulhoso:

> Ele [o namorado] já pegou tudo que foi mulher, mas a mais gostosa sou eu. Eu me acho! A real é que no começo eu fiquei com ele, porque ele era muito considerado, mas aí, depois eu fiquei balançada. Adooooro demais. A gente tá junto. Coisa séria. Ele pira em mim, mas eu sei que ele só num é 100% galinha porque ninguém é perfeito! Mas, eu já fiz foi cantar pra ele: "Fique você sabendo que eu não sou de ferro, eu não nasci pra perdoar, não sou de brincadeira o negócio é sério [...], cuidado pra não vacilar sou do tipo de mulher que é fiel demais, mas se ferir meu coração, te dou o troco e [...] bye. É toma lá da cá. Sou capaz de tudo pra te ver feliz, mas também sei cortar o mal pela raiz não tem colher de chá [...] Meu bem um amor pra mim só tem valor assim não venha me enganar [...] porque se não bateu... bateu [...] bateu [...] bateu levou vou descontar com outro amor!" Comigo o esquema é esse.

Esmeralda firmou o compromisso com ele, mas ainda não o levou em casa para apresentá-lo a sua mãe. Teme que seu irmão a proíba de sair de casa e que sua mãe se decepcione. Afinal, tudo que esta não queria é que ela namorasse com o cara que 'dá as cartas' como seu marido um dia foi. No entanto, confessou-me que deseja assumir logo o namoro, porque

> tá ficando sério demais. Ele gosta de 'namorar' sem camisinha. A boca dele é dizer que é que nem chupar bombom com papel [...] (Com a voz mansa perguntei: Linda, vocês usam, não usam, usam de vez em quando?) De vez em quando. Eu pego no posto! Tenho medo de engravidar! Mas tem vez que a gente num usa e ele dá o jeito dele [...].

Para além da academia, festas, namoro conheça um pouco mais Esmeralda. Cursa a sexta série numa escola pública e na sala de aula gosta de se sentar lá atrás, lugar estratégico que permite acompanhar a movimentação de tudo o que acontece na turma e facilita a comunicação com as suas inseparáveis amigas. Costuma estudar só nas vésperas das provas. Nas suas palavras: "Quando falta dois dias eu dou o gás." Muito requisitada, pela coordenação, para empreender as festas da escola. Segundo a diretora, com quem

conversei[34], tem uma força vital que envolve as pessoas e uma notável criatividade para fomentar tais eventos.

A partir da sua vivência no projeto social, ela criou, juntamente com outros participantes do projeto, um teatro de fantoches com o qual realiza apresentações, para as crianças da comunidade nos postos de saúde, nas creches, nos colégios. Nas peças costuma trabalhar temas que visam melhorar a qualidade de vida da comunidade como prevenção da dengue, preservação da natureza, importância da reciclagem entre outros.

Em casa, mesmo a contragosto, ajuda a sua mãe nos afazeres domésticos, dedica-se a essas atividades com mais afinco só quando se aproxima o final de semana tencionando "amansar" os corações de sua mãe e de seu irmão para ir às festas sem mais reclamações. Sente dificuldades com a situação financeira precária de sua família e procura ajudar fazendo uma feira de 15 reais todos os meses, parte de sua bolsa do referido projeto. Revelou em sua narrativa que pretende oferecer melhores condições de vida a sua mãe no futuro. Ressente-se com o abandono do pai que ela tanto esperou. (Quando tinha 11 anos de idade, ouviu um de seus irmãos pedindo a sua mãe que mudasse de casa. Desesperou-se e fez todos mudarem de idéia, pois ele poderia voltar a qualquer momento.) Quem vê o seu sorriso fácil, o seu jeito agitado, nem imagina as adversidades que enfrenta. Conta as passagens de sua vida, sejam duras ou alegres, com intensidade, descontração e desprendimento.

2.1 Vivências no Tempo das Curvas

> *Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.*
>
> (Cecília Meireles)

Retomemos algumas das passagens narrativas da adolescência sobre a menstruação. Rubi se sentiu perdida e sozinha nesse momento. Apesar de ter sentido uma necessidade de solicitar ajuda optou por esconder o que tinha acontecido. Safira se sentiu assustada e avaliou o tal momento como terrível. Pérola relatou ter sentido vergonha desejando que tal momento não tivesse ocorrido quando na sua aflição "tentava colocar bem muita água pensando que saía tudo na mesma hora (fluxo menstrual)."

[34] Como facilitadora de uma das unidades do projeto social na comunidade, eu sempre estava em conversação com as diretoras, professores, funcionários dos colégios das redondezas. E certa vez sem que eu nem ao menos pedisse a diretora teceu a referida observação sobre Esmeralda.

Acredito que é possível encontrar uma chave de compreensão para o despreparo e os sentimentos de angústia, desamparo e vergonha que emergem tão fortemente nesses trechos de suas narrativas ao voltarmos olhar para a socialização familiar e escolar vivenciadas por elas.

Acompanhe o que Rubi, hoje com 61 anos, deslinda em sua narrativa biográfica sobre o seu tempo de mocidade: “Eu não tinha uma abertura para conversar sobre essas coisas. A minha educação foi muito repressora.” Diversas passagens dos relatos desta protagonista da pesquisa demonstram que temas relativos ao corpo como a menstruação e o sexo eram em seu tempo e contexto social, mantidos na esfera do ocultamento e do desconhecimento. Isso se dava, como bem mostrou Alves et al (1980) porque muitas mulheres procuravam corresponder ao modelo de pureza, descrição e recato tão fortemente propagados na época. A idéia corrente consistia que quanto mais ignorância e desconhecimento elas demonstrassem ter sobre esses temas, mais seriam consideradas socialmente respeitáveis. “O desconhecimento, o silêncio sobre a sexualidade não é um vazio. É um silêncio simbólico, na medida em que transmite um modelo do ‘ser mulher.’ (ALVES et al, 1980, p.258).

A mãe de Rubi lançava mão da estratégia de não tocar abertamente no assunto para partilhar com ela os ensinamentos sobre a menstruação. Como indica a seguinte fala: “ela ensinava tudo a gente sem ser clara.” Sobre isso, Alves expressa: “não se trata da ausência de um discurso sobre a sexualidade e sim de uma forma específica de discurso, onde esta sexualidade é ‘falada’ através do próprio ocultamento ou da utilização de metáforas ou formas eufemísticas de abordagem.” (ALVES et al, 1980, p.259).

Rubi reflete sobre a mocidade como “uma parte da vida que surgem muitas perguntas” [...] “dúvidas que toda menina tem”, entretanto, ela não encontrava em seu cotidiano familiar e nem no escolar um espaço de confiança e acolhimento necessário para os esclarecimentos de tais dúvidas. Diante disso, não fica difícil entender porque a sua primeira menstruação foi um momento difícil constituído de um forte sentimento de desalento. Mesmo sentindo vontade de chamar alguém para ajudá-la naquele momento, ela escolheu o silêncio e o ocultamento.

A seguinte passagem narrativa da adolescência de Safira, hoje com 45 anos: “achava [mãe dela] que tocar nesses assuntos era pecado. Coisa típica daquele tempo!” Indica que, tal como Rubi, ela também não encontrava um espaço para diálogo sobre as mudanças que ocorriam no seu corpo. No seu processo educativo aprendera que os temas referentes à sexualidade eram pecaminosos, imorais e que desagradavam a Deus. Abordar esses assuntos comprometia uma sólida formação católica. Em uma de nossas conversas sobre a vida, Safira

relatou que uma expressão que dona Graça, sua mãe, costumava usar muito para moldar o comportamento dela e de suas irmãs era: “Cuidado! Deus castiga!”

Chamo a atenção para outra passagem da narrativa de Safira que mostra como em seu contexto era recorrente o silêncio em relação aos temas da sexualidade. Ela relata que a sua primeira aula de educação sexual no colégio se tornou um escândalo, pois muitos pais foram radicalmente contra esse tipo de assunto constar na grade curricular de seus filhos. Nas palavras dela: “Teve uma reunião dos pais e todo mundo foi contra, foi terrível!” Diante da pressão dos pais, a escola acabou suspendendo tais aulas. Em contrapartida, Safira relatou que tanto ela como os outros alunos torciam para que esses assuntos se tornassem presentes nas salas de aula, mas “ninguém tinha coragem de dizer isso assim.”

A este respeito, remeto-me a instigante reflexão de Louro (2001) acerca do processo de escolarização dos corpos. Esta autora nos convida a pensar que a escola para muito além dos ensinamentos das ciências, das letras, dos conteúdos programáticos passam aos seus alunos ensinamentos e orientações sobre a forma como as identidades sociais, especialmente as de gênero e sexual devem ser construídas “enfatiza que tal instituição está preocupada com a produção de um homem ou de uma mulher, capazes de viver em coerência e adequação a sociedade.” (LOURO, 2001, p.18) A autora deixa claro que não pretende atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sexuais, muito menos de determiná-las de forma definitiva. No entanto, nos diz que é preciso reconhecer que suas proposições, suas imposições, e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais. (LOURO, 2001, p.21)

Seguindo as trilhas de Louro para interpretar a passagem narrativa de Safira a respeito do conflito que a sua aula de educação sexual causou, reflito que a suspensão de tais assuntos do cotidiano escolar deixava algo claro para os alunos: os temas referentes à sexualidade eram alvos de censura e controle. Deste modo, os estudantes deveriam conter qualquer anseio de compreender melhor sobre as transformações que estavam ocorrendo com seus próprios corpos, qualquer vontade de entender os temas que se referiam às suas próprias vidas. Acredito que a suspensão das aulas não ressoou efeitos somente na grade curricular daqueles jovens e sim na própria constituição de suas subjetividades e nos modos como veriam e se relacionariam com os seus corpos. Podemos ver os efeitos de tantos silêncios e ocultamentos na própria vida de Safira que se mostrou completamente despreparada diante de sua menarca. Qualificou-a como horrível.

É importante mencionar que, apesar de todas as prescrições no ambiente familiar como no escolar para que Safira e Rubi se abstivessem dos assuntos referentes a sexualidade,

elas não deixavam de encontrar formas para entender melhor tais assuntos e conseqüentemente para saber mais um pouco sobre si mesmas. Safira relata que ficava observando suas irmãs trocando a roupa, que as surpreendia utilizando os absorventes, burlava a vigilância de sua mãe e ficava discretamente observando escondida algumas de suas irmãs nas vivências do namoro. Rubi cita que além da observação do que ocorria no cotidiano de suas irmãs mais velhas, as brincadeiras de infância que ela e suas amigas empreendiam escondidas dos pais eram momentos em que simbolicamente vivenciavam: menstruação, gravidez, parto, namoro.

Diferentemente de Rubi e Safira, Ametista, hoje com 42 anos, relata que sua menarca foi vivenciada de uma forma inteiramente tranqüila. A sua narrativa indica que a sua forma de encarar esse momento teve uma forte relação com a educação que recebeu de sua mãe. Nas palavras dela: “Minha mãe me ajudou muito quando eu tava pra ficar mocinha. Nêga véia, ela era muito moderna pro tempo dela. Me explicou as coisa da vida tudo bem direitinho.” Aqui é importante frisar como num mesmo contexto social há diferentes formas de ver, perceber e experimentar a vida. Mesmo que esses temas fossem fortemente cercados de interdições e considerados inadequados para serem abertamente pronunciados pela boca de mulheres honestas, a mãe de Ametista, parteira famosa, empreendia um olhar diferente: acreditava na importância de possibilitar à sua filha uma conversa aberta sobre, como narrou Ametista, “as coisas da vida”.

Já a narrativa de Pérola, hoje com 28 anos, infere que diferentemente de Safira e Rubi ela acreditava que não seria recriminada por sua mãe se perguntasse algo sobre sexo e menstruação, no entanto se sentia profundamente envergonhada de tocar nesses assuntos e percebia que sua mãe também nutria um forte sentimento de vergonha em relação a esses temas. Diante disso, optou por calar. Em contrapartida, revelou que sua mãe resolveu quebrar o silencio ”espalhando a noticia” da sua primeira menstruação entre suas familiares. E nesse caso, a quebra do silêncio fez com Pérola se sentisse profundamente invadida e envergonhada.

Diferentemente de Safira, Pérola diz que em seu cotidiano escolar ela vivenciava na matéria de Biologia aulas de educação sexual, sobre as quais ela teceu uma crítica ferrenha: “aquelas aulas sem futuro que num diz nada com nada. Que a gente faz é dormir. Que quando a professora vem com milho os alunos já tão tudo voltando com o bolo de milho, prontim!”

Altman e Martin (2006) enfatizam que apenas a partir dos anos 1990, houve uma forte inserção da educação sexual nas escolas e isso se deu devido ao aumento dos casos de gravidez e da recorrência de HIV e outras DST’S entre adolescentes.

Os referidos autores chamam a atenção para o fato de a educação sexual que vem vigorando nas escolas estar sendo fundamentada, em grande parte, num discurso oriundo da área médica. As aulas de Ciência e Biologia constituem principal espaço onde a escola trata da sexualidade e as professoras que ministram as aulas são formadas geralmente em Ciências Biológicas ou Biologia. Altman e Martin (2006), afirmam também que o livro didático tem forte influência da medicina. Geralmente traz um capítulo intitulado *Reprodução* que versa sobre as células reprodutoras, a união do óvulo e do espermatozóide, o sistema reprodutor humano, com os aparelhos reprodutores feminino e masculino, o ciclo menstrual, o período fértil, a instalação do embrião na mucosa interina, a gravidez e o parto. Ao final do capítulo, há uma parte complementar falando sobre controle de natalidade e sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Altmann e Martin nos levam a questionar sobre até que ponto essa abordagem pedagógica possibilita esclarecer as dúvidas dos estudantes relativas à sua sexualidade, se contribui para que os jovens se conheçam mais e se relacionem de uma forma consciente e saudável com seus próprios corpos, se essa abordagem realmente fomenta o direito a diferença, o respeito pela pessoa do outro, especificamente seus valores, suas escolhas no âmbito sexual.

Cristal, hoje com 25 anos, assim como Pérola não se sentia à vontade para conversar sobre os temas referentes à sexualidade nem no ambiente familiar e nem no escolar. Ela sentia-se envergonhada e culpada quando de alguma forma esses assuntos eram manifestados em seu cotidiano. A sua narrativa indica também despreparo e desinformação como mostra a passagem de sua narrativa em que desconhecia a utilização do absorvente.

Já Esmeralda, hoje com 17 anos, conta que sua primeira menstruação foi vivenciada com segurança e tranqüilidade. Esse modo seguro de encarar esse momento não se deu devido à socialização familiar e sim à convivência com um grupo de amigas mais experientes. Desde pequena, ela almejava intensamente se tornar uma mulher. Seu ciclo de amizades era constituído de meninas mais velhas e a grande maioria já tinha vivenciado a primeira menstruação. A sua narrativa indica que ela esperava com demasiada ansiedade e expectativa a sua primeira mestruação porque representaria uma verdadeira passagem a uma condição, que, frente ao seu grupo de referência, a tornaria “igual” as suas companheiras. Ela não seria mais uma criança e sim uma mulher. A vivência da menarca significou para ela um momento de definição do “ser mulher”, a entrada num novo estágio. Significou aquisição de status frente a seu grupo de referência.

A este respeito, vale trazer para o nosso diálogo os trabalhos de Salles (2005), Rangel (1999), Frota (2007), Knauth (2006) que destacam a ambigüidade existente em relação à pessoa se considerar e ser considerada socialmente como adulto ou criança. Os autores mostram como isso é cotidianamente negociado nas relações sociais. A narrativa biográfica de Esmeralda evidencia que ela desejava se sentir mulher, para passar a noite acordada em festas e viajar sozinha, mas se sente criança demais para arrumar um emprego, assumir as despesas da casa e incorporar outras responsabilidades em seu cotidiano vistas socialmente como pertencentes à vida adulta. Esmeralda tirou seus documentos, está em idade de votar, iniciou sua vida sexual, mas não define sozinha o que deve ser feito dos seus próprios horários e do roteiro de suas atividades diárias, pois nestas definições estão sempre presentes as interferências de sua mãe e do irmão mais velho. Assim, os referidos autores nos conduzem a refletir que os limites fisiológicos e jurídicos são insuficientes para compreender essa passagem da menina à mulher. A compreensão dessa passagem vem de uma compreensão de sua historicidade, da tentativa de ver como isso acontece de forma particular na vida dos diversos indivíduos.

Diante do que foi dito, é possível afirmar: as narrativas apresentadas neste trabalho indicam que se constitui forte a relação entre a forma como elas vivenciaram o evento da menstruação e outros eventos relativos aos seus corpos com a forma como se desenvolveram seus processos educativos tanto no âmbito escolar e familiar. As mulheres que vivenciaram educações familiares e mantiveram os temas referentes a corpo e a sexualidade no ocultamento, no silêncio, na esfera do pecaminoso acabaram desenvolvendo fortes sentimentos de aflição, angústia, culpa, vergonha, desalento e desconhecimento em relação aos seus próprios corpos. Em contrapartida, aquelas que tiveram a oportunidade de manter no âmbito familiar diálogos francos sobre os temas vivenciaram com mais tranqüilidade a menarca e a relação com os seus corpos.

Foi possível refletir também sobre a educação nas escolas, em que os ensinamentos referentes a corpo e a sexualidade estão permeados por um discurso médico, da biologia, da fisiologia.

Outro ponto a destacar, diz respeito às queixas sobre os efeitos dos dias de menstruação para suas belezas. Reclamam que se sentem mais gordas, com os abdomens inchados, que as espinhas afloram mais, que se sentem mais abatidas e o fato de se sentirem mais feias nesses dias mexe muito com elas, às vezes até evitam eventos para não apresentarem suas imagens.

Rubi e Safira partilharam que os seus pais que já eram exigentes quando elas eram crianças, passaram a ficar ainda mais quando elas vivenciaram suas menarcas. Eles exigiam que elas expressassem mais comedimento, descrição, reserva, pureza em cada um de seus gestos. Ametista também partilha que à proporção que crescia, aumentava também a rigidez e os cuidados de seu pai Raimundo, que não admitia em hipótese nenhuma ter uma filha mal falada e muito menos ter uma filha "bulida" antes do casamento. Levando em consideração os contextos sociais que essas três mulheres vivenciaram é possível afirmar que esse controle ferrenho por parte dos pais se dá porque é "na menarca que se revela o potencial da procriação. Conseqüentemente é necessário despertar para a necessidade de se resguardar esse potencial, controlá-lo, circunscrevê-lo, impedir sua realização fora da legitimidade." (ALVES et alli, 1980, p.259).

Em nossas conversas, essas três protagonistas também mencionaram uma série de interdições e recomendações em relação à menstruação. Como expressa bem a fala de Ametista: "Era tanta da coisa que num podia, num podia andar descalço, num podia pular, num podia correr, num podia comer limão, nem manga, nem ovo, nem carne de porco [...]. Limão, manga, coisa azeda, pra num vim muito, aquele rio. Num podia comer ovo, carne de porco, pra num ficar com mau cheiro." Tanto Ametista como Safira e Rubi revelam que no tempo de suas adolescências a menstruação era vista de forma recorrente com a dimensão de algo desconfortável, de doença, de perigo, de fragilidade, de resguardo. Como fica claro, elas agora emanam perigo e precisam ser resguardadas como garantia de manutenção da ordem pelo controle do corpo. (DOUGLAS, 1976)

Como venho frisando, a menstruação para muito além de um fenômeno biológico é um fenômeno de dimensões sociais e culturais. Diversas sociedades empreendem construções simbólicas distintas a cerca deste momento.

Benedict destacou que em algumas coletividades o período menstrual é envolto de uma fonte de poder, um período de dádiva, de benção. Sendo que as pessoas que estão nesse período são vistas como vivenciando um momento especial.

Já Del Priori (1993) em sua análise do contexto da sociedade colonial brasileira destaca que vigoravam discursos dos médicos europeus, que tanto influenciaram os médicos luso-brasileiros, sobre a menstruação como fonte de poder perigoso, sujeito à poluição e contaminador. Nesses discursos médicos, "o sangue menstrual era considerado como o mais infecto, rubro e nauseabundo que havia no corpo." (DEL PRIORE, 1993, p. 227). Imperavam as desconfianças que tinham em relação ao corpo da mulher. Os referidos médicos diagnosticavam moralizadoramente as hemorragias como "resultado da infelicidade que

sobrevinha aos pecados cometidos ou a má inserção do corpo feminino na ordem natural das coisas.” (DEL PRIORE, 1993, p. 230). Segundo a autora, o tempo da menstruação, nesse contexto, era considerado um tempo perigoso, um tempo de morte simbólica no qual a mulheres deveriam se afastar de tudo que era produzido ou que produzia. Suas propriedades malfeitoras tinham o poder de arruinar, deteriorar e contaminar.

No entanto, é importante mencionar que em diversos discursos vigentes nessa mesma época o sangue menstrual era tido como um instrumento curativo. “Misturado a manteiga de vaca, abrandava as dores ou as pústulas do rosto. O sangue menstrual untado ao corpo curava sarna e embebido tratava apostemas, carbúnculos e erisipelas.” (DEL PRIORE, 1993, p. 234).

A autora destaca que foi a partir do século XVIII que algumas mudanças se fizeram e os médicos passaram a substituir o discurso baseado no temor pelo discurso baseado no cuidado. Algo bem parecido com os discursos presentes nas narrativas de Rubi, Safira, Ametista acerca de como a menstruação era encarada nos contextos de suas adolescências. Tal momento era vivido repleto de restrições alimentares e repousos.

Algo importante que Del Priori e Benedict trazem a reflexão é que a forma como a menstruação é vista acaba revelando muito sobre como as relações de gênero são vivenciadas em determinado contexto. A análise de Del Priore, referente ao contexto da sociedade colonial brasileira, revela que todas essas interdições acerca da menstruação acabam mostrando os papéis que a própria sociedade atribuía às mulheres. Todas essas interdições destacam como esses discursos médicos tinham como intuito uma domesticação, uma delimitação do corpo da mulher nos valores sociais vigentes.

As reflexões de Mary Douglas também são preciosas (1976) para nos ajudar a interpretar o fato da menstruação ser vista como algo impuro. A autora expressa que cada coletividade constrói sua noção de sujeira e contaminação, assim como a noção de pureza; e deixa claro que não existem noções de pureza ou impurezas absolutas. Estas duas noções estão em muitos sentidos conectadas: a noção de pureza é estabelecida a partir do que a coletividade classifica como sujeira.

Respeitando essas noções, ou seja, procurando evitar a sujeira e mantendo a pureza (tendo a consciência do que é permitido e do que é proibido) estamos tentando evitar a desestabilização social. Pelas noções de puro e impuro passam as regras sociais. Mary Douglas nos mostra que limpar a sujeira do nosso ambiente, cuidar da assepsia corporal são movimentos de ordenamento. Nesse sentido, a autora nos diz que não existe nada de

amendrotador em evitar a sujeira e manter a pureza, mas uma questão muito importante para pensar é que essas classificações acabam se estendendo para grupos sociais e para as pessoas.

A partir disso, reflito como essa concepção do sangue menstrual como impuro, sujo, algo a ser escondido se estende ao modo como as mulheres são concebidas socialmente. E neste caso as noções de sujeira e limpeza estariam sendo utilizadas para restringir a diversidade e gerar preconceitos. É importante refletir sobre como as classificações simbólicas do puro, do poluído, do perigoso ressoam nas práticas sociais.

Com o olhar orientado pelas autoras referidas, interpreto todas essas recomendações, interdições, representações simbólicas sobre a menstruação presentes nos contextos em que Rubi, Safira e Ametista vivenciaram suas adolescências como discursos que procuravam definir comportamentos. Grande parte dessas interdições e recomendações levava as moças a terem recato nos gestos, cerceamento de movimentos, uma postura de se resguardar em casa e tudo isso como acompanhamos ao longo desta pesquisa eram comportamentos considerados socialmente adequados a uma mulher nos contextos vivenciados por elas em suas infâncias e adolescências. Bem no sentido do que afirma Butler (2003) de que o sexo adquire sua materialidade através de um discurso engendrado.

Outro ponto importante nas narrativas, quando se referem à adolescência e a virgindade e o casamento.

A narrativa de Rubi mostra que ela não almejava a vida que era recomendada às mulheres à sua época. Expressou que sentia vontade do diferente. Trilhar um caminho distinto tornou-se o seu sonho. Ela o realizou. Mesmo a revelia de seus pais foi viver o seu caminhar da vida no convento.[35] Nas palavras dela: “A idéia de casar não me seduzia. Olhava as minhas irmãs que casaram bem, com muitos filhos [...]. Aquela vida rústica e eu não queria aquela vida pra mim. Pensava eu não quero essa vida pra mim”. Passagens em sua narrativa indicam como ela se sentia mais livre no convento do que em casa sob a educação vigilante e exigente de seus pais.

Sobre essa mudança de rumo de Rubi é importante mencionar como ela conseguiu reesignificar a relação com o seu corpo. De uma moça que era considerada e se considerava

[35] Há um interessante artigo de Nunes (2006) que versa sobre as freiras no Brasil. Mostra que os conventos não tinham a mesma significação para todas as mulheres. Algumas mulheres que se refugiavam nos conventos devido a noivados rompidos, a fortunas perdidas. Havia as enclausuradas à força. Outras insubmissas que escapavam à autoridade e ao controle dos pais e maridos, rejeitando as normas de condutas que lhes eram impostas. Aquelas que queriam escapar de casamentos mal desejados. O autor conta que muitas das mulheres encerradas nos conventos por motivos alheios a proposta de uma vida austera, de piedade e de oração reagiam seu enclausuramento com criatividade, transformando esses lugares, supostamente sombrios e tristes, em locais de festas e alegria. (NUNES, 2006, p. 487-488)

extremamente vaidosa que usava blusinha para realçar suas formas à noviça comedida que usava um corpete para achatar o busto e apagar, esconder toda forma feminina.

Safira casou de véu, grinalda, virgem, mas não quis só a vida de dona de casa como todos a recomendavam. Ela quis adentrar a universidade, mas se abalava intensamente porque todo o seu esforço para fazer bem o trabalho doméstico e a sua carreira profissional não era reconhecido. Mesmo assim se sentia culpada e triste, pois não tinha o reconhecimento do seu marido em relação a ela ser uma boa dona de casa.

Ametista fugiu de casa, aos 16 anos, para viver as dores e delícias de uma vida a dois com Zé Carlo. Entretanto, ela expressou no curso de sua narrativa que vivenciou esse momento movido por fortes sentimentos de culpa e arrependimento. Partilhou também que adiou por vários dias a sua primeira relação sexual, pois se lembrava das palavras de seu pai e segundo ela uma culpa "martelava" o seu juízo. Sentia um profundo medo de que se ela vivenciasse a sua primeira relação sexual a sua família não a aceitaria mais.

Agora, vale chamar atenção para o fato de essas seis mulheres estarem no curso de suas vidas ora concordando, ora negociando, ora dialogando, ora transgredindo em relação às praticas e os discursos vigentes em seus contextos que procuravam traçar seus caminhos.

É importante dizer que, com o curso do tempo Rubi, Safira e Ametista teceram reflexões a cerca dos ensinamentos que receberam e elaboraram criticas acerca de determinadas interdições, recomendações e tabus. A maior prova disso é que elas além de passarem a vivenciar a menstruação e, mais do que isso, a construção de suas sexualidades de formas diferentes procuram passar para suas filhas, por meio da abertura de diálogos, esse novo olhar.

É importante notar que Pérola, Cristal e Esmeralda também destacaram que depois de suas menarcas a vigilâncias em suas casas aumentou muito. Pérola, Cristal e Esmeralda também destacaram em suas narrativas da adolescência que seus familiares empreendiam uma intensa vigilância e cobrança para que elas vivenciassem e vivenciem seus corpos, suas sexualidades de determinada maneira. Pérola mencionou que quando ocorreu sua menarca sua mãe disse enfaticamente que ela não poderia "dá liberdade para os meninos", ou seja, permitir maiores proximidades e disse também que se seu pai pudesse guardaria suas filhas debaixo de sete chaves. Cristal, num tom de queixa, expressou que seus pais queriam controlar o seu modo de vestir. Já Esmeralda disse que se sente "perseguida", pois sua mãe só dorme quando ela volta da festa e seu irmão freqüentemente empreende carões para que ela seja uma menina mais discreta, caseira e calma, pois na concepção dele o comportamento

extrovertido da moça a deixaria “mal falada” e conseqüentemente afastaria dela a possibilidade de encontrar um rapaz que quisesse um compromisso sério. Esmeralda expressa também que no colégio sofre criticas parecidas**.**

Vale mencionar que os discursos acerca da menstruação vêm se modificando. Nos contextos sociais em que Pérola, Cristal e Esmeralda viveram a adolescência a concepção do período menstrual como um tempo de resguardo, recato, repouso já não condiz com a visão vigente. Isso fica bem evidente nos comerciais de absorvente. Beleli (2007) nos mostra em sua pesquisa sobre corpo e identidade na propaganda que as mulheres nos anúncios de absorventes são apresentadas como pessoas felizes, despreocupadas e ativas. Segundo ela, na maioria das vezes tais anúncios permitem inferir um subtexto que poderia ser lido como “apesar de estarem menstruadas, as mulheres podem ser felizes e competentes.” Beleli enfatiza que nos últimos vinte anos, as imagens produzidas pela publicidade que evocam diferenças de gênero já não exibem mais o cenário da domesticidade predominante nos anos 50 – mães zelosas, esposas dedicadas, donas-de–casa eficientes – os cenários atuais reforçam o embaralhamento dos limites entre público e privado ao trazer a cena imagens de mulheres no trabalho, nos lares, nas ruas.

Diante disso, é possível inferir: ao mesmo tempo em que os corpos de Cristal e Pérola e Esmeralda, no curso de suas infâncias e adolescências, estavam cercados por discursos que propagam o fim de todos os tabus relacionados ao corpo, a livre expressão do desejo e da expressão corporal suscitados pelos movimentos sociais e muitas vezes propagados pelos meios de comunicação de massa, elas também estão cercadas em seus processos educativos tanto no âmbito escolar como no familiar de discursos que se assemelham aos propagados nos anos 1950: a mulher deve estar atenta ao seu comportamento para não ficar “mal falada” e conseguir um bom casamento, que o ciclo menstrual deve ser dissimulado e a este respeito destaco as seguintes falas de Pérola. Uma referente à justificativa que deu por optar não conversar sobre temas referentes à sexualidade com sua mãe: “Tinha medo que ela achasse que eu tava com conversa imoral”. E o seu relato sobre as dificuldades que sentiu com as transformações físicas que a gravidez lhe causou: “Eu num tinha coragem nem pra fazer aquela obrigação de todo dia da mulher, passar vassoura numa casa, lavar um prato.” Aqui se nota tanto os temas referentes à sexualidade vistos na esfera do pecaminoso como o reforço de divisão do trabalho, sendo as tarefas domésticas responsabilidade e obrigação da mulher.

As narrativas inferem que Esmeralda, Cristal e Pérola vão transitando entre esses discursos. Isso fica claro quando as três iniciaram suas vidas sexualmente ativas e decidiram

esconder esse fato da família. As narrativas apontam que isso se dá porque além de não se sentirem à vontade para partilhar esses assuntos com seus familiares, temem que eles ao saberem controlem ainda com mais a rigidez seus comportamentos.

Chamo a atenção para as seguintes passagens narrativas: Esmeralda relatou que mantém relações sexuais sem preservativos. Pérola disse sobre sua irmã que ficou grávida bem jovem e também revelou que na "sua primeira vez" não usou qualquer método contraceptivo e de prevenção. Essas passagens acabam chamando, entre outras coisas, a discussão da gravidez na adolescência.

Altmam e Martin (2006), Heilborn (2002), Gonçalves e Knauth (2006) e Scott (2001), que se dedicaram ao estudo da gravidez na adolescência, afirmam como esse tema tem mobilizado a atenção dos poderes públicos, dos organismos internacionais, da sociedade civil e como ele tem visibilidade freqüente nos meios de comunicação de massa como jornais, revistas e televisão e, de uma forma geral, é considerado um problema.

Uma idéia muito recorrente em nosso meio social é que a juventude é considerada uma etapa da vida vinculada à imaturidade e à instabilidade o que não combina com a gravidez que demanda do indivíduo uma condição mais madura e estruturada no que tange aos âmbitos profissional, econômico e pessoal. Assim, como expressa, Scott, quando a adolescente engravida prepara-se para ouvir "uma litania de acusações sobre irresponsabilidade, descuido, desleixo, falta de visão do futuro, desorganização. Parecem ter ofendido uma ordem ideal estabelecida de aguardar o tempo certo para ter um filho e para casar."

Entretanto, os referidos autores nos mostram a importância de não homogeneizar a situação relativa à gravidez. Ela não deve ser concebida como uma realidade biológica imutável, e sim como decorrência de um processo social e cultural.

Tanto é assim que em determinados períodos históricos as mulheres de forma recorrente engravidavam mais cedo, numa idade que atualmente seria vista como precoce. No contexto social em que Rubi viveu sua infância muitas meninas, aos 13 anos, já eram mães e isso não era visto como algo escandaloso. Acerca dessas transformações que ocorrem no curso do tempo, Scott chama atenção para o fato de que se antes era bastante freqüente uma filha começar a parir antes que sua mãe tivesse encerrado sua carreira reprodutiva, hoje ocorre bem menos. Mães que encerraram suas carreiras reprodutivas vão olhar mais para as carreiras profissionais e reprodutivas de suas filhas.

Outro aspecto que é importante desnaturalizar é que toda a gravidez na adolescência é algo inesperado que ocorre sem o desejo do jovem casal e que toda gravidez

nesse período acaba resultando em relações desgastadas e inconseqüentes, em especial, porque o pai se nega a assumir a responsabilidade com o filho. Heilborn et al (2002) afirmam que nem sempre isso procede. Ela pode ser fruto de uma programação, pode resultar em vínculos, em relações estáveis e duradouras.

Os estudos de Altmam e Martin (2006), Heilborn et al (2002), Gonçalves e Knauth (2006) e Scott (2001) apontam que em alguns casos a gravidez na adolescência pode representar uma transição positiva para a\o jovem. Há casos em que os adolescentes ao experimentar a paternidade ou a maternidade buscam alcançar uma estabilidade e uma maior estrutura afetiva e econômica por causa da criança. Pérola que engravidou relativamente cedo, aos 21 anos, motivada pelo desejo de proporcionar uma vida boa para o seu filho deu outro sentido a sua vida, passou a se aplicar no trabalho e a fazer planos de se comprometer com seriedade nos estudos.

Heilborn (2002) nos aponta que classe social e gênero são vetores importantes para compreender como esse fenômeno é vivenciado de forma distinta pelos adolescentes. Para compreender tal fenômeno é preciso levar em consideração também as trajetórias de vida de cada adolescente, as redes familiares que os cercam e seus rearranjos. E estar atento como a gravidez na adolescência ressoa nesses diferentes indivíduos nos seus cotidianos em suas atividades escolares, profissionais e de lazer.

Exercitando o que nos sugere Heilborn e os outros autores citados, é possível quebrarmos as visões simplificadoras e estereotipadas sobre a gravidez na adolescência que tendem a tratá-la como problema e até como epidemia. Passamos também a desenvolver a consciência, como anunciam Altmam e Martin (2006), que o que está em questão não é apenas o drama dessas jovens, sua saúde ou a suposição de que isso arruinaria suas vidas e futuros. Não se trata somente de uma questão individual, trata-se também de uma questão populacional que deve ser objeto de políticas públicas.

Desfazendo esses estereótipos é possível conhecer melhor os diferentes sentidos e significados da gravidez na adolescência o que já ajuda a relativizar as vivências da condição juvenil nos universos sociais o que dá forte subsídio para pensar políticas que viabilizem uma melhor qualidade de vida para esse universo tão plural.

Trago a seguinte situação narrada por Esmeralda. Ela relatou que vai ao posto de saúde em busca do preservativo. O projeto social do qual ela faz parte incentiva a ter essa postura. No entanto, vez ou outra ela mantém relações sexuais com o seu namorado sem usar contraceptivo, porque ele afirma que ter relações com preservativo é como “chupar bombom com casca”, metáfora que indica que o preservativo interfere no prazer da relação sexual.

As formas de agir de Esmeralda e de seu namorado falam muito sobre as representações e construções de gênero vigentes em nosso meio social, no qual a contracepção é geralmente percebida como uma atribuição que cabe às mulheres. Como afirmam Victoria e Knauth (2004) há todo um investimento cientifico na produção de métodos anticoncepcionais destinados a mulheres. Já no que diz respeito ao masculino a indústria farmacêutica e o conhecimento médico dão destaque a esfera da sexualidade e empenham-se em desenvolver ou incrementar a potência sexual masculina por meio das pílulas e outras técnicas. (VICTORIA E KNAUTH, 2004, p. 85).

Esmeralda teme que deixando de ceder às vontades de seu companheiro ele a abandone. E mesmo que saiba da importância da prevenção e mesmo que ela saia de casa e vá ao posto buscar o preservativo e mesmo que queira usar ela abre mão. Sobre isso Heilborn nos fala muito bem, ao dizer:

> As mulheres encontram-se em posição desvantajosa para negociar o uso da camisinha, em função do cenário das relações de gênero: sendo estas estruturadas com base em uma assimetria de prestigio e autoridade particularmente reveladora no encontro sexual, o exercício da decisão feminina torna-se problemática. (HEILBORN, 2002, p. 56)

Assim, acredito na importância de estarmos atentos as construções e representações de gênero vigentes e seus impactos no bem-estar físico, emocional e social dos jovens.

2.2 Quando a Beleza e a Saúde não Caminham Juntas...

Ó beleza! Onde está tua verdade?
(Shakespeare)

Uma idéia que há muito vigora em nosso contexto social e que se faz necessário ser desnaturalizada é a de que “um corpo bonito é necessariamente um corpo saudável.” Goldenberg (2002), Castro (2003), Del Priore (2000), Santanna (2004) Sabino (s|d), Cabeda (2000), Malysse (2002) e Couto (2004) demonstram em suas pesquisas que indivíduos de diferentes segmentos sociais, para buscarem a beleza física que vigora em nossa cultura como um capital extremamente valorizado investido na busca de sucesso e aceitação, empreendem práticas corporais que colocam em risco suas vidas. No curso da presente pesquisa é possível vislumbrar isso em diversas passagens narrativas da maioria das protagonistas desta pesquisa.

Safira, que no começo de sua adolescência, se mostrava um tanto aborrecida e cansada com as exigências de sua mãe para que praticasse exercícios físicos e dietas, decidiu “por livre e espontânea vontade” se esforçar, se planejar e se disciplinar ao máximo para estar linda no dia de sua festa de 15 anos. Diga-se de passagem, que na sua concepção, “estar linda” era e continua sendo sinônimo de “estar magra”. Em prol desse objetivo ela se submeteu a um rígido regime. Em suas palavras: “Passei dias sem comer direito! [...] Eu queria brilhar!”

Para Safira ficar plenamente realizada em sua festa não bastava a garantia de que os mínimos detalhes seriam impecáveis e luxuosos. O que ela realmente queria, nem mesmo o seu abastardo pai podia comprar. Almejava os elogios, o prazer de ter o seu físico admirado, o qual ela tanto se empenhou para conseguir. Em suas palavras: “As pessoas ficaram impressionadas! Só elogios!” Entretanto, ela revela que não se sentiu bem em sua festa. Estava extremamente cansada, desanimada e enjoada em decorrência dos dias sem se alimentar adequadamente. Aqui fica evidente que, em prol da beleza, Safira comprometeu sua saúde. Esta é apenas uma passagem de sua adolescência, mas ao longo da vida elas vêm constantemente praticando dietas abusivas. Outra protagonista que lançou mão de severos regimes no curso de suas adolescências foi Cristal. Pérola também exercia um forte controle com a alimentação em sua mocidade.

Aliás, pelo que pude constatar, tanto em relação às protagonistas deste trabalho, como em relação a muitos outros praticantes de musculação com os quais tive o privilégio de interagir em pesquisa, a extrema recorrência da prática de regimes. Diariamente ouvi pessoas reclamando, pois “não resistiram” e comeram um sanduíche, um doce ou qualquer coisa que os faça perder esse controle sobre a alimentação. Resistir e evitar são palavras muito utilizadas por eles.

Dessa maneira, essas pessoas acabam estabelecendo uma nova maneira de conceber a alimentação, que passa a ser objeto de cuidados no sentido de não se renderem aos “seus encantos”. Alguns alimentos, como os doces e as frituras, são vistos como perigosos e tentadores. Procuram a todo custo ficar longe deles, por medo de não resistir e porque colocam em risco o controle que estão diariamente exercendo sob seus corpos. Muitas vezes esse olhar não é direcionado unicamente para os alimentos muito calóricos, mas para todo e qualquer alimento e esse é o caso das pessoas que, como Safira e Cristal faziam uma alimentação precária e acabavam sentindo-se tontas, fracas e com outras complicações de saúde. Fazem isso não por falta de apetite, mas porque imaginam que qualquer alimento poderá prejudicar o regime.

É importante destacar que cada coletividade tem a sua forma particular de tratar, de preparar, de apreciar e de consumir os seus alimentos que vão além das necessidades físicas, tornando-se elemento importante de situações, como naquelas tão bem descritas por Malinowski, por ocasião dos “sagali”, as grandes festas de distribuição de alimentos que ocorrem durante o kula. (MALINOWISKI, 1978).

O controle da alimentação é difícil de ser desempenhado, pois os alimentos são importantes nas celebrações e nos cerimoniais. Rituais importantes como aniversários, casamentos e batizados são ocasiões em que se oferece festas e onde a presença dos “comes e bebes” é muito importante. Por menos recursos financeiros que a família tenha, é comum o esforço para receber os convidados se não com fartura, ao menos com algo especial para comer, como uma fatia de bolo, por exemplo. Quando uma visita chega a nossa casa nos preocupamos em oferecer algo para comer e para beber. Nos momentos de lazer, geralmente a alimentação está presente, bem como demonstrações de amor e carinho (dias dos namorados, das mães, dos pais, páscoa, natal). O alimento é presença fundamental nos momentos mais cotidianos ou especiais.

Ademais dia e noite estamos expostos a propagandas em rádios, televisão, jornais, revistas, *outdoor*, que colocam estampadas as mais diferentes iguarias alimentícias e o endereço onde podem ser consumidas. No caso de Fortaleza, Ceará, as lanchonetes estão espalhadas por toda a cidade, desde aquelas que são construídas nas garagens das casas até as multinacionais do ramo alimentício. Deste modo, pode-se imaginar como deve ser um exercício de muito controle este de manter regimes severos diante de tantos apelos do mercado.

Quais são as conseqüências desses conflitos? Por todos os diálogos que ouvi, tanto das seis protagonistas dessa pesquisa, como de muitas outras pessoas a esse respeito, muitas vezes a ansiedade, a tensão, a vigilância permanente e a frustração por não conseguir manter a dieta são recorrentes.

Retomo a seguinte passagem da narrativa de Ametista: “Minha avó colocava um espartilho pra afinar minha cintura. O bicho era tão acochado, tão acochado que eu quebrei duas costelas. Eu sentia era falta de ar!” Relembro também a narrativa de Cristal, que além dos severos regimes, tomava vinagre de forma abusiva, a ponto de prejudicar seriamente sua saúde física e psicológica. Estas narrativas mostram como é a equivocada a idéia tão corrente em nosso meio social de que a beleza, a saúde e o bem-estar sempre estão necessariamente vinculados.

Como Cristal, há inúmeras mulheres que obcecadas na busca de um corpo esguio, começam a ter uma visão distorcida de seus próprios corpos. Por mais magras que estejam e

por mais que todos digam isso para elas, quando se olham no espelho vêem suas imagens gordas. Acreditam que suas silhuetas estão deformadas devido à gordura localizada. Sentem-se, por exemplo, com a barriga e os seios grandes demais. Extremamente incomodadas com que vêem refletido, elas submetem-se a dietas radicais que acabam comprometendo suas saúdes. Tais mulheres vivem um distúrbio alimentar chamado Anorexia.

Segundo Giordani (2004) a incidência da anorexia nervosa tem aumentado nas culturas ocidentais nas ultimas décadas. A autora enfatiza que este transtorno alimentar pode levar à morte se não diagnosticado a tempo, porque a pessoa não percebe que seu corpo está debilitado e precisa de nutrientes. Complemente preocupada com o peso corporal, e acreditando que a magreza de sua silhueta lhe proporcionará o sucesso e a felicidade, a mulher com anorexia utiliza várias técnicas para alcançar o corpo magro, como o excesso de exercícios físicos e o uso, geralmente escondido, de diuréticos, laxantes e pílulas para emagrecer.

A anorexia é uma doença grave. Pede um cuidadoso tratamento psicológico e uma orientação nutricional. Esta provoca muitas complicações clínicas: Metabólicas: hipotermia, desidratação, perda de potássio, magnésio, cálcio, fósforo, aumento de colesterol, hipoglicemia. Cardiovasculares: hipotensão, bradicardia, arritmias cardíacas, Imunológicas: baixa resistência a infecções. Gastroenterológicas: cáries, erosão do esmalte dentário, hipertrofia de glândulas salivares, obstipação intestinal, cólon irritável. Hematológicas: anemia, diminuição de proteínas, etc.

Dunker e Philippi (2003) empreenderam um estudo dos hábitos alimentares de 279 adolescentes do sexo feminino em uma escola particular de São Paulo. Um dos dados deste estudo foi que 21% das jovens entrevistadas possuíam sintomas de anorexia nervosa. E revela também que o crescimento desta doença muito se justifica pela ampla valorização do corpo esguio em nossa cultura.

> O aumento da incidência de anorexia nervosa - que praticamente dobrou nos últimos vinte anos - se deve à ênfase na magreza feminina como expressão de atração sexual. Segundo os pesquisadores, a sociedade valoriza a atratividade e a magreza em particular, fazendo da obesidade uma condição altamente estigmatizada e rejeitada. A associação de beleza, sucesso e felicidade com um corpo magro tem levado à prática de dietas abusivas e de outras formas não saudáveis de regular o peso. (DUNKER e PHILIPPI, 2003, p. 2).

Outro distúrbio alimentar que é causado por esta busca excessiva do corpo tido como ideal é a Bulimia nervosa. Uma mulher com bulimia ingere compulsivamente os alimentos. Com uma voracidade incontrolável ela vai ingerindo grande quantidade de

alimento em um curto espaço de tempo e depois de cometer este excesso, sente-se extremamente culpada e induz o vômito. Há aquelas que consomem de forma abusiva laxantes e diuréticos e fazem jejum. Elas agem assim, para que os alimentos não sejam ingeridos pelo organismo e as suas formas físicas não sejam afetadas. Segundo o *site* www.mentalhelpe.com.br, a bulimia pode ser independente, ou fazer parte da evolução da Anorexia.[36] Os vômitos excessivos podem acarretar em grandes problemas de saúde como distúrbios metabólicos, além de proporcionar destruição do esmalte dentário, lesões no céu da boca e na garganta. A obsessão por exercícios físicos também é uma característica das pessoas que possuem este transtorno alimentar.

Uma reportagem publicada na *Revista Veja*, de 11 de fevereiro de 2004, p.90, fala justamente sobre esta enxurrada de informações divulgadas em *sites* que procuram produzir nos leitores uma admiração em se ter anorexia e bulimia e que é bom frisar, são entre as doenças psicológicas as que mais ocasionam mortes. Segundo a reportagem, "há mais páginas na Internet incentivando a anorexia e a bulimia do que *sites* de orientação médica sobre o assunto." (p.90). Observe o que divulgam estes sites:

> Os sites dão dicas de dietas ultra-radicais, ensinam o que fazer para driblar a fome e até mesmo como enganar os pais para que eles não percebam o problema. Também trocam experiências sobre o uso de diuréticos, laxantes, hormônios de tireóide e pílulas para emagrecer. A anorexia é tratada como uma 'amiguinha' a quem chamam carinhosamente de Ana. A bulimia [...] é tratada de Mia. Ambas são tidas como aliadas no sonho de alcançar um corpo esquelético. [...] As páginas são ilustradas com fotos de mulheres magérrimas, ossos a mostra e algumas celebridades femininas de notável magreza. (*Veja*, 11 de fevereiro de 2004, p.90).

A reportagem traz ainda o depoimento da psiquiatra Paula Melin, diretora do departamento de transtornos alimentares e obesidade (Nuttra), do Rio de Janeiro, onde ela expressa que estes *sites*, em prol destas doenças, indicam uma idéia corrente propagada em nosso meio cultural: a valorização exacerbada da estética: "Vivemos na era da satanização do gordo" comenta a psiquiatra. "Os jovens tem medo de ser discriminados e excluídos por estarem acima do peso. Daí a obsessão por perder peso rápido." (*Veja*, 11 de fevereiro de 2004, p 91).

Diante do exposto, acredito que não podemos apontar as ações de Safira que passou dias sem comer para ficar bonita em seu vestido, nem Ametista que usava um espartilho tão acochado que mal a deixava respirar e nem Cristal que jogava sua merenda na

[36] Vale ressaltar que tanto a mulher que sofre de bulimia como a que sofre de anorexia devido a falta de nutrientes causada pelos radicais regimes têm seu ciclo menstrual alterado, muitas vezes o ciclo é interrompido.

descarga, escondia garrafas de vinagre em sua mochila como frívolas, inconseqüentes, loucas e sim como práticas sociais que estão em referência aos valores, significados e exigências sociais em relação aos corpos.

Esmeralda também é outra protagonista que se exercita em excesso. No começo de sua adolescência se considerava e era considerada feia passou a brincar nesse espaço com o corpo que sonhava. Elegia fotos de mulheres 'saradas', com cabelos longos e lisos, olhos claros, pele bronzeada. Ela sentiu-se maravilhada com o fato de ser tão cortejada e tão admirada no mundo virtual e quanto mais sentia a satisfação de ser admirada e cortejada pela personagem que criou, mas sentia-se angustiada e fracassada com o seu próprio corpo. Assim, depositou toda sua energia para transformar radicalmente o seu físico. Acredito que é preciso pensar mais cuidadosamente na idéia de no espaço virtual seu corpo.

Matriculou-se na academia, disse ao instrutor que queria focar igual a Sheila Melo[37] e começou a empreender uma abusiva rotina de exercício físico, tão abusiva a ponto de ter que ser atendida várias vezes no posto de saúde com fortes dores musculares e com contusões. Mesmo sofrendo com essas dores ela defende a importância de continuar se exercitando intensamente. Nas palavras dela: Acho que tem pegar pesado mermo!

Esse dado remeteu-me à reportagem *Espelho do perigo*, veiculada pela revista *Metrópole*,[38] que fala sobre jovens que praticam musculação e buscam obstinadamente uma forma física que consideram bonita de ser apreciada. Essa matéria traz o depoimento do professor do Departamento de Ciência e do Esporte da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Paulo Roberto de Oliveira, que nos revela como, cada vez mais, a busca deste corpo bonito está sendo mais valorizada que a saúde:

> O discurso estético, de fato, prevalece hoje sobre o treinamento funcional. A promoção da saúde e da qualidade de vida, por meio da prática da musculação não são mais os objetivos que norteiam a execução do exercício físico" *(Metropole, CorreioPopular*,31 de outubro de 2004, p.32). "A lógica é treinar para exibir o corpo perfeito, que esteja de acordo com os padrões estéticos vigentes. E os praticantes estão dispostos a pagar qualquer preço para atingir esse objetivo. *(Metropole, CorreioPopular*, 31 de outubro de 2004, p.32).

[37] Trata-se de dançarina brasileira que tem sua imagem divulgada constantemente nos meios de comunicação de massa. Ela personifica em revistas, em comerciais, em programas de tv, em *outdoors*, imagens que conjuga três elementos muito valorizados em nossa sociedade a juventude, a saúde e a beleza. Sua aparência física é transmitida ou vendida por estes meios e concebidas por muitos indivíduos como ideais. Inclusive, Sheila faz propaganda de inúmeros produtos, desde roupas até cosméticos, propagandas que prometem aos possíveis consumidores a obtenção de um corpo considerado tão "magnifico" como o delas. Uma aparência física que garantirá sucesso, poder e felicidade. Essas informações vendidas pela mídia e pelo mercado da beleza são extremamente eficazes.

[38] Esta revista é parte integrante do jornal *Correio Popular* de 31 de outubro de 2004, de Campinas, SP.

No curso da pesquisa monográfica (PONTE, 2005), logo percebi que alguns freqüentadores das academias, na ânsia de conseguir com rapidez o padrão de beleza vigente, se submetem ao uso de anabolizantes, mesmo que estes sejam proibidos pelos danos que podem causar a saúde[39] Remeto-me a César Sabino (s/d), que pesquisou um grupo de freqüentadores de musculação em três academias situadas na cidade do Rio de Janeiro. Segundo o autor, um número significativo dos freqüentadores prejudica suas saúdes com anabolizantes.

O autor, a partir de sua pesquisa de campo, enfatiza que está surgindo um novo consumo de "novas drogas" que é crescente desde a década de 1980. Esse novo consumidor geralmente apresenta atitudes e uma visão de mundo que difere das atitudes e das visões de mundo apresentadas pelos consumidores tradicionais de tóxico:

> Diferente de drogas como a maconha, cocaína, heroína, entre outras, consideradas substâncias causadoras da perda do auto-controle, ocasionando irresponsabilidade e violação de imperativos morais básicos (BECKER, 1971), sendo responsáveis pela concepção, por parte da sociedade e das instituições em geral, de que seus usuários são pessoas com conduta sem freio, beirando a loucura, em fim a conduta que poderiam ser denominada dionisíaca, os anabolizantes [...] ao contrário o operam em processo inverso. Seus usuários constroem, associando tais drogas a pesados exercícios físicos imagem de controle, de autodomínio, disciplina e racionalidade. Imagem apolínia. (SABINO,s.d, p. 2).

Ele considera os anabolizantes drogas apolíneas, pois ao contrário das dionisíacas, que de forma recorrente são vinculadas à quebra das regras, visam uma preocupação de integração à cultura dominante. "A utilização destas drogas proibidas para a construção de um corpo musculoso se faz não com o objetivo de subversão sistemática, mas sim como tentativa de se harmonizar com os padrões estéticos." (SABINO, s.d, p.5).

Aqui mais uma vez é possível notar como essa vontade de aceitação social plena, de se integrar, de se encaixar nessa cultura que valoriza tanto as formas magras, lisas,

---

[39] Em homens adultos e adolescentes os anabolizantes podem causar redução da produção de esperma, impotência, dificuldade de urinar, calvície e crescimentos das mamas. Em mulheres adultas ou adolescentes, o anabolizante pode causar o aparecimento de sinais masculinos como o engrossamento da voz crescimento excessivo de pêlos no corpo, perda de cabelo, diminuição dos seios, aumento de pelos faciais. Em pré-adolescentes e adolescentes de ambos os sexos, o esteróide finaliza, prematuramente, o crescimento deixando-os com estatura baixa para o resto de suas vidas. Em homens e mulheres de qualquer idade, os anabolizantes podem provocar o aparecimento de tumores no fígado, perturbação da coagulação do sangue, alteração no colesterol, ataque cardíaco, acne, oleosidade do cabelo e aumento de agressividade (*Metropole, Correio Popular*, 31 de Outubro de 2004, p.34).

esculpidas pelos exercícios pode levar indivíduos a terem suas vidas seriamente comprometidas e isso não só no âmbito da saúde física.

Que diga Pérola, que desenvolveu uma necessidade imperativa de se recolher em locais reservados, como banheiros da casa e da escola, para exercitar o seu corpo e não engordar e isso, além de causar danos a sua saúde física, causou danos emocionais, pois não conseguia mais se concentrar, ficava extremamente ansiosa e excessivamente cansada. Seu rendimento escolar baixou consideravelmente por causa disso. Não podemos pensar na ação de Pérola desvinculada do fato de quando criança acompanhar sua mãe e suas tias sendo alvos de chacota, preconceito, comentários maldosos porque eram gordas.

Vale mencionar que beleza física e a saúde podem perfeitamente caminhar juntas.

No decorrer da pesquisa de campo nas academias, também percebi que várias pessoas que praticam atividades físicas de maneira prudente melhoram a qualidade de vida. Eles passam a se sentir mais dispostos e a conhecer melhor os seus corpos. Há aqueles que controlam a alimentação, mas o fazem por meio de uma dieta equilibrada fundamentalmente a base de frutas, vegetais, cereais, vitaminas e minerais; em menor quantidade, o consumo de produtos derivados do leite, carnes magras, aves e peixes; e o consumo eventual e reduzido de gordura, óleos e doces o que beneficia as saúdem de seus corpos.

É de extrema importância destacar toda satisfação e bem-estar que as mulheres com quem interagi em pesquisa sentem ao comprar uma roupa nova, ao freqüentar o salão de beleza, comprar adornos, ao dedicarem um tempo para cuidar de si. Há o lado na busca da beleza que proporciona às mulheres prazer e satisfação e conseqüentemente saúde.

Como afirmou Sant’Anna (2007) numa entrevista para revista eletrônica de Jornalismo cientifico “ser belo é principalmente um direito. Um direito amplo que ao contrário das épocas passadas inclui adolescentes, idosos, ambos os sexos e todas as camadas sociais.”

CAPÍTULO 3 – EU VOU FAZENDO O CAMINHO E O CAMINHO VAI ME LEVANDO

Aqueles que impedirem minha passagem passarão e eu passarinho.
(Mário Quintana)

Acompanhemos, num movimento de reflexão, outros passos que as caminhantes Rubi, Safira, Ametista, Pérola e Cristal empreenderam nessa grande aventura humana que é a vida. Passos, que como os tantos que deram na vida, possibilitaram a elas crescer e mudar.

Rubi passou de noviça a freira e começou a prestar serviços em uma escola, o que fez por um ano. Em seguida, prestou vestibular para Pedagogia, foi aprovada e com 24 anos de idade, assumiu o cargo de vice-diretora na mesma escola em que dava aulas. Sobre este momento ponderou: "Ali eu tava me firmando como pessoa"!

Safira, aos 21 anos de idade, deu vida a um antigo sonho: entrar para a universidade. Fez isso mesmo a contragosto do marido e de seus pais. Sobre essa passagem ela comenta: "Foi um momento crucial na minha vida. Pela primeira vez senti que eu era a dona da minha vida".

Ametista, aos 20 anos de idade, retorna à casa de sua família da qual tinha fugido para viver um amor, no intuito de apresentar o seu filho recém-nascido para seus pais e de se reconciliar com eles. Foi nesse momento que ela revelou ter se sentido plena para assumir com propriedade a vida que escolheu na madrugada do dia em que fugiu de casa.

Pérola, aos 22 anos de idade, vendo seu filho passar necessidades e sua mãe se esforçando ao máximo para supri-las, se encheu de garra e decidiu trabalhar como diarista e sacoleira para oferecer melhores condições de vida às pessoas que tanto amava. Relatou essa passagem: "Eu deixei de ser criança nessa hora. Chega uma hora que a ficha cai!".

Cristal, aos 21 anos de idade, por meio da Universidade da qual faz parte, realizou uma viagem de um mês pelo Sertão Central acompanhando o movimento "Sem Terra[40]". Dessa viagem, que inclusive desagradou um pouco a seus pais, ela menciona que não voltou a mesma pessoa, que seus pensamentos e sentimentos mudaram intensamente: "Nossa, eu sou tão guerreira! Eu sou tão grande! Posso me virar sozinha!"

[40] Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social brasileiro cujo objetivo é a implantação da reforma agrária no Brasil. O MST declara buscar a redistribuição das terras improdutivas

Por mais que as vivências mencionadas acima ocorressem com pessoas, tempos e paisagens inteiramente diferentes, elas guardam semelhanças entre si. As narrativas das protagonistas indicam, nesta pesquisa, que tais vivências constituíram momentos marcantes em suas vidas. Momentos que as fizeram enxergar o mundo, o outro e a elas mesmas numa outra perspectiva. Momentos em que cada uma delas compreendeu que era preciso empreender mudanças em sua vida e que isso deveria ser feito com a força de suas mãos, de seu corpo, de sua subjetividade. Cada uma, ao seu modo, ao relatar tal momento, o expressava como se fosse uma encruzilhada, no sentido de que era preciso fazer uma importante escolha, inclusive, em alguns casos, tendo que escolher entre o que todos em suas redes de relações achavam o que era o caminho coerente para cada uma seguir e aquele que cada uma desejava trilhar. Em outros casos, tiveram que forçar a passagem. Segundo elas, esses momentos foram tão significativos que marcaram suas entradas para a vida adulta.[41] E é justamente sobre essa passagem da adolescência para a vida adulta que proponho dialogarmos a seguir à luz de alguns autores das Ciências Sociais.

No curso da pesquisa, compreendi que essa passagem é vivenciada de forma plural pelos indivíduos. Algo que se mostrou muito forte é que a idade cronológica por si só não é a chave de compreensão de como se constitui tal passagem.

Evidentemente, seguindo as orientações que Debert (1999) tece com base em Meyer Fortes (1984), é importante considerar "os critérios e normas da idade cronológica que são impostos nas sociedades ocidentais que inclusive são exigências das leis que determinam os direitos e deveres do cidadão." (DEBERT, 1999, p.47). Há uma idade que o Estado estipula para designar que o indivíduo atingiu a maioridade, por exemplo. A referida autora nos convida a pensar que existem expectativas sociais em relação às idades da vida e que isso acaba ressoando como forte imposição sobre as pessoas. Afinal de contas, para obter a aceitação dos seus pares as pessoas não podem viver de maneira completamente arbitrária, sem qualquer limite. Acredito ser imprescindível que haja o reconhecimento dos limites impostos a cada idade, assim como o empreendimento de um constante movimento de reflexão sobre os mesmos, especialmente, para questioná-los.

A idade cronológica não define por si só a passagem da adolescência à vida adulta porque, como venho enfatizando ao longo deste trabalho, a passagem do tempo não é

[41] É importante esclarecer que os acontecimentos que elas elegeram como significativos para marcar a entrada para a vida adulta pode ser perfeitamente passível de mudança. Elas estão constantemente reavaliando suas vidas. Por exemplo, Cristal considerou a viagem com o MST como algo significativo para sua entrada na vida adulta, isso não significa que se eu conversar com ela daqui a dez anos sobre tal passagem, ela manterá esse evento como um marco definidor para a passagem da sua adolescência à vida adulta. Isso pode ou não ocorrer.

percebida, concebida e vivida pelos indivíduos de maneira uniforme. Hareven (1999) e Bossit (2002) mostram claramente em seus trabalhos como é difícil delimitar até mesmo quando um indivíduo se torna adulto. Acompanhe uma passagem do trabalho de Hareven (1999) que expressa bem isso:

> Os critérios da vida adulta variam significativamente entre culturas, classes e períodos históricos seus significados não podem ser definidos meramente em termos de um estágio específico. Diferente da adolescência que representa a passagem de uma pessoa pela puberdade, a passagem a vida adulta não pode ser claramente demarcada em termos biológicos. Em um mesmo grupo de idade, seu significado social e as funções a ela associadas variam entre culturas e segundo condições psicológicas. (HAREVEN, 1999, p. 23).

Nesse exercício de reflexão acerca da passagem da adolescência à vida adulta considero importante questionar uma visão muito corrente em nosso contexto social, que propaga que o fato do indivíduo adentrar o mundo do trabalho e/ou sair de casa para constituir sua família e/ou vivenciar a paternidade ou maternidade já é o bastante para considerá-lo adulto. A meu ver esta visão é limitada, pois não contempla as distintas vivências que os indivíduos elegem, em referência aos valores e significados de seus contextos, para marcarem essa passagem. Por meio das protagonistas deste trabalho podemos vislumbrar isso. Vejamos:

O fato de Pérola ter sido capaz de fecundar e gestar uma vida não fez com que ela, de imediato, se sentisse adulta. Ela marca a sua passagem para a vida adulta depois do seu filho ter mais de um ano de idade, quando decidiu se esforçar para sustentá-lo. O fato de Ametista ter fugido de casa para constituir uma família ao lado de Zé Carlo, não constituiu o momento que ela apresentou em sua narrativa como o marco da passagem da adolescência à vida adulta, e sim quando foi mãe e resolveu apresentar seu filho à sua família numa tentativa de reconciliação. No caso de Cristal, não é a entrada na faculdade e no mundo do trabalho, nem mesmo o fato de ela passar a contribuir com as despesas da casa de seus pais que a mesma destaca em seus depoimentos como momentos que marcaram sua passagem para a vida adulta, mas uma viagem que empreendeu com o MST. Aliás, aqui se faz importante salientar que nas andanças que empreendi nos bairros do Jangurussu e Palmeiras, considerados de periferia, para a realização do trabalho de campo da pesquisa ora presente, percebi que muitas crianças e jovens, por uma questão de sobrevivência da família, acabam entrando para o mundo do trabalho informal, “fazem bicos” e isso não necessariamente os fazem ser considerados e nem mesmo eles se considerarem adultos. Assim, penso que o casamento, a saída da casa dos pais, a maternidade ou paternidade, a entrada para o mundo do trabalho podem ou não ter alguma correlação direta com o fato da pessoa se ver como adulta.

Afinal de contas, são diversos os acontecimentos e rituais que podem marcar essa passagem na vida dos indivíduos: uma viagem, a perda de alguém especial, a tomada de algumas responsabilidades, seja no sentido familiar e profissional, uma forte decepção na vida ou até mesmo uma grande conquista.

A partir disso, no exercício de reflexão sobre a fase adulta, com base nas narrativas apresentadas, não busquei eventos estanques que marcassem a passagem para esse momento da vida, mas procurei compreender como cada uma das protagonistas entende, baseadas em seus valores, seus estilos de vida, suas classes sociais e de seus contextos vividos, tal passagem. Coloquei em prática um frutífero ensinamento de Geertz (1989) que diz: “o importante é procurar compreender o que eles (protagonistas da pesquisa) pensam sobre o que eles fazem”. A partir disso baseei a referida reflexão nos seguintes questionamentos: O que elas entendem por vida adulta? Que momentos escolheram para marcar essa passagem? Quais as particularidades de suas vivências no trânsito entre adolescência e vida adulta? Quais sentimentos marcam esse momento de suas vidas? Que conseqüências isso trouxe para suas vidas? Como vêem, sentem, convivem com seus corpos na fase adulta? Vê se respondi!

Não posso deixar de mencionar algumas idéias que a intrépida Esmeralda, no auge de seus 17 anos, expressou em sua narrativa sobre como ela se imagina na vida adulta. No curso dos seus depoimentos ela se mostra adepta da idéia de que cada minuto que passa não volta mais, então deve ser aproveitado ao máximo. Por isso ela prefere viver o presente e deixar para pensar no amanhã quando este chegar. Está sempre muito ocupada em viver o presente para pensar no futuro. No entanto, em alguns momentos ela faz projeções, mesmo em tom de brincadeira, dizendo que se vê casada sobre um homem o qual ela terá total domínio. Como expressa a sua comunidade do Orkut por ela escolhida: “Psiu! Caladinho! Ele será sarado e rico e vai bancar uma babá”, pois ela odeia fazer tarefas domésticas e pagará também cirurgias plásticas principalmente depois da gravidez. Imagina-se trabalhando, e a todo o momento, além de se ver numa profissão diferente, ela se imagina oferecendo melhores condições de vida a sua mãe. É assim que esta moça acredita que será sua vida adulta.

Nesta pesquisa, a fase adulta à luz dos referidos autores das Ciências Sociais é concebida como uma construção social. Em cada época e em cada lugar há uma forma particular tanto de marcar a passagem para essa fase como para vivenciá-la.

É importante chamar a atenção para o pensamento de Debert. A autora frisa em seu trabalho, designando ser uma das marcas da cultura contemporânea, a criação de uma

série de etapas no interior da vida adulta: [...] “a idade da loba”, “meia idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa.” Debert nos ajuda a entender a finalidade dessas novas etapas:

> Desafiar comportamentos convencionalmente considerados como expressão da maturidade, como um estágio claramente definido que deve ser conservado ao qual todos devem ascender. Trata-se, antes, de encorajar a variedade de experiências em um contexto no qual a idade cronológica é pura maleabilidade, receptáculo de um número praticamente ilimitado de significações e, por isso, um mecanismo extremamente eficiente na constituição de novos mercados e de atores políticos. (DEBERT, 1999, p. 65).

A propósito, cabe aqui citar algumas expressões que no curso da pesquisa ouvi tanto nas academias como fora delas, em relação às mulheres na fase adulta: “balzaquiana”, “mulher madura”, “mulher bem conservada”, “panela velha”, “coroa”. Considero fundamental refletirmos sobre essas expressões, se são discursivamente produzidas, assim como quais são as relações de poder que as regem. Mais do que isso, acredito na importância de empreender uma reflexão a respeito de como tais expressões ressoam nos cotidianos das mulheres. Como elas se sentem em relação a elas? Como as manipulam? Como essas expressões se refletem na relação com seus corpos?

Então, convido o leitor a continuar a viajar, por meio das narrativas expressas nestas páginas, para tempos e espaços diferentes, em que poderemos encontrar as mulheres Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda. O intuito é que, neste exercício, possamos refletir, com o apoio dos autores das Ciências Sociais, a respeito de como se relacionaram com seus corpos no caminhar da vida adulta, os sentimentos que constituíram nessa relação e o que isso comunica sobre o tempo e o espaço em que estavam inseridas. Sigamos em frente!

Retornemos ao Crato no ano de 1967 para acompanharmos Rubi e a sua vivência no convento. Vislumbremos os novos caminhos que ela foi tecendo para sua vida:

Aos 20 anos de idade Rubi continuava lutando para se adaptar à vida na congregação. Para isso, precisou transpor momentos difíceis como o dia em que foi descoberto que ela deixou o seu cabelo crescer e foi severamente castigada por isso. Uma das maiores dificuldades que enfrentava nesse momento de sua vida era o fato de sua vocação ser sempre questionada pelas madres e outras noviças, que diziam ser uma questão de tempo seu abandono da vida religiosa. Mas ao passo que desacreditavam na sua relocação ela contrariamente, acreditava e lutava pela sua permanência e lançava mão de certas estratégias para melhorar sua qualidade de vida naquele ambiente. Brandamente, ela falou sobre isso:

> Eu sempre tentei aproveitar qualquer espaço para defender minha feminilidade. Eu fazia o seguinte: se não dissessem que não podia eu fazia de conta que eu podia. Se

> reclamasse eu dizia: Ah, eu não sabia que não podia!E a madre dizia: Mas ninguém disse que podia, irmã! Eu sabia que se eu pedisse a elas antes elas não me permitiam fazer. Era um jeito que eu arrumei pra viver melhor ali. Tentava negociar.

Em sua narrativa, ela revelou que um dos momentos cotidianos mais difíceis dessa fase de adaptação no convento era o banho. Aquela mulher que quando menina apreciava tanto o contato com as águas dos açudes do Crato e que em casa passava muito tempo no banho, agora tinha que vivenciar esta prática corporal de uma forma completamente diferente.

> Elas (as madres) já diziam que a gente tinha abertura demais em tomar banho sem roupa porque as outras antes de mim tomavam banho vestidas [...], a gente recebia recomendação para não se tocar. Porque naquele tempo a masturbação era um pecado grave! Primeiro a gente fazia preces para não ter maus pensamentos. A gente entrava no banheiro assim como se fosse uma criança. Fazia aquela higiene. Não tinha *shampoo* era só o sabonete... o cabelo era bem curtinho igual o de homem, né, até pra facilitar porque o tempo de banho era mínimo era 15 minutos pra gente enxugar o cabelo e colocar o véu. Porque se a gente colocasse o véu com o cabelo molhado mofava. Então esses 15 minutos já estava incluído esse enxugar do cabelo e o se vestir. [...] Esse tempo curto não nos dava direito de tocar, de ver, de olhar o corpo. No convento só tinha um espelho que só dava pra ver o rosto no banheiro. Aquilo era um sacrifício principalmente pra mim que era vaidosa. Era um sacrifício! A gente achava que isso nos santificava. Hoje o sacrifício que eu acho mais válido é em prol de alguém e não um sacrifício vazio. Entende?

Com muita emoção, ela explica que, com o passar dos dias, “o lado da vaidade” foi ficando adormecido:

> Então quando a gente vai pro convento é com um desejo imenso de ser Santa, pelo menos naquela época. Porque a gente não queria só fazer o bem queria ser Santa. O exemplo principal era o de Nossa Senhora, sem vaidade, pura. Eu passei muitos anos com essa parte da vaidade meio adormecida. Aí nesse tempo eu só me olhava no espelho mesmo para ajeitar o véu.

Rubi relata que certo dia viu uma madre, com uma expressão leve e simpática, que havia chegado de outro Estado adentrando a porta da congregação. Naquele instante nem supôs o quanto aquela pessoa contribuiria para mudanças em sua vida. A tal madre, de pronto, se afinou com o espírito questionador de Rubi e persuadiu para que as outras permitissem que esta passasse de noviça a freira. Sorrindo e de olhos marejados, Rubi comenta sobre o dia desse ritual: “Um momento inesquecível, uma emoção bem forte! Difícil de expressar nas palavras [...]”. Mas essa foi só a primeira entre as muitas transformações na vida de Rubi que ocorriam com a chegada da referida Madre. Com o seu apoio ela, ainda freira, começou a trilhar os caminhos da profissão e com entusiasmo nos conta sobre isso:

> Depois entrou uma madre que gostava de mim. Ela acreditava em mim, me deu logo encarte. Você vai ser educadora. Ela percebia que eu gostava de gente, de criança muito mais. Ela disse pra eu ir morar no colégio que ela ia ser diretora lá. Passei um

> ano trabalhando no colégio. No fim do ano eu fiz vestibular pra pedagogia e eu passei. E com 24 anos eu já fiquei com cargo de vice-diretora. Eu me senti muito feliz porque ali eu tava me firmando como pessoa, crescendo [...] Tudo isso quando eu terminei a faculdade me deram um contrato do Estado. Foi minha sorte. E eu assumi a noite. Eu dizia: Ah! Que maravilha! Eu tava saindo todo dia da congregação pra estudar e agora eu ia sair todo dia pra trabalhar. [...] Foi um rebuliço na congregação porque a congregação não quer que você tenha condições de ficar todo tempo saindo pra rua. Entende? Agora o dinheiro que eu recebia do Estado enquanto eu estivesse lá era pra congregação. Ficava todo lá. [...] Elas (algumas madres da congregação) me apontavam, me criticavam muito diziam assim essa daí quando terminar a faculdade vai sair. Terminei, fiquei essa aí quando arrumar um emprego vai sair arrumei um emprego, continuei ficando!

Rubi, com expressão facial em que transparecia orgulho, contou que se sente uma pioneira por ter tido coragem de abrir as portas para obter a permissão para exercer o lado profissional no tempo e contexto em que viveu e disse que conseguiu isso agarrando com determinação as oportunidades que apareciam:

> Eu fui uma pioneira! As mulheres na minha época não tinham essa atividade. Primeiro, não tinham o incentivo e nem a oportunidade, e comigo foi assim... Nada me foi oferecido de bandeja se tinha uma brechinha eu passava, transformava a brechinha em porta pra eu passar. Mesmo no convento... Quando tinha uma oportunidade, uma palestra, um congresso, um curso... A madre perguntava: quem quer ir? Eu tinha dificuldade de ter alguém pra ir comigo. Eu cansei de ir só. Que as outras nem pra ir comigo! Até porque no convento tinha uma orientação da gente num sair só. Sabe? Tinha que ta sempre acompanhada, mas se num tinha ninguém pra ir comigo eu ia só. Eu me lancei pra São Paulo, pro Rio pra tudo! Eu fui muito agraciada com a minha coragem porque se tinha uma oportunidade nunca deixava passar. E eu era tímida. Eu cansei de ficar em congresso sozinha em hotel. Ficar três ou quatro dias sozinha e num fazia uma amizade, tamanha timidez.

Aliás, foi em uma dessas excursões que Rubi tentou quebrar mais uma vez as regras. Decidiu ousar e vestir uma calça jeans, o que causou um grande alvoroço:

> A primeira a vestir calça comprida na congregação fui eu, pra viajar. Era uma excursão pra um convento em São Paulo. Eu não sei fazer nada escondido. Aí eu pedi permissão, mas a congregação não deixou. Na hora que era pra entrar no ônibus, eu apareci de calça comprida. A madre geral disse, por favor, vista um vestido porque por mim eu dava licença, mas eu não posso chegar lá com você vestida assim, porque a direção do convento em São Paulo não permite. Elas não deixaram! A madre disse que por ela dava permissão, mas as regras de convento de São Paulo, não. [...] Eu queria usar a calça comprida por causa da liberdade, da liberdade do movimento, mas elas não gostavam porque mostrava as formas do corpo, as pernas grossas, minhas pernas sempre foram grossas.

Ela deslindou que trilhou o seu caminho profissional com êxito. Por 18 anos foi vice-diretora e nesse ínterim só não assumia o cargo de diretora pela timidez. Nas palavras dela: “era muito tímida e não tinha coragem de me apresentar como diretora, mas quem fazia todo o trabalho era eu. Era assim, eu planejava toda a reunião de pais, mas quem aparecia era

ela (a madre diretora que a ajudou). Mas a gente se dava muito bem". Com a sua gana de aprender sempre coisas novas começou a cursar, aos 38 anos, em 1985, especialização em Psicomotricidade e a fazer terapia. Partilhou que esses novos passos foram fundamentais para quebrar a sua timidez. Pouco tempo depois, a madre resolveu sair da escola e ela assumiu a diretoria. A seguir, ela nos fala orgulhosa, sobre o seu trabalho:

> Era um colégio de maternal até o terceiro ano. Uma clientela muito diversificada! Eu tinha que entender o gosto da clientela infantil, os jovens de quinta a oitava e dos jovens mais jovens que é dito adolescentes era uma tarefa entanto. Mas graças a Deus eu fiz muitas mudanças positivas na escola.

Algo que Rubi considera muito marcante em sua vida foi o trabalho social que desenvolvia. Ajudava jovens que engravidavam à revelia da família. Mas se ressente, porque esse trabalho não era bem visto na congregação. Ela tece a passagem a seguir, expressando orgulho pelo trabalho e com um tom raivoso devido ao modo como era visto na congregação:

> No meu contrato de Estado eu trabalhava como orientadora educacional. Eu dava acompanhamento doméstico. As meninas que vinham do interior e engravidavam na cidade [...]. Acontecia que as meninas vinham do interior e ficava com os boyzinho da cidade. Eles se aproveitavam da ingenuidade delas. Eu dava educação para que elas não transassem e se transarem usassem preservativo e se por acaso engravidassem não abortassem por nada desse mundo que eu assumia a gravidez. Eu ia atrás do rapaz, eu ia atrás da família. Acredita que as freiras nunca consideravam esse trabalho! Ao contrário isso era alvo de critica! Eu era queimada por isso! Graças a Deus eu tinha o contrato com o Estado porque eu podia fazer esse trabalho. Quantos abortos eu evitei! Tinha casos que as meninas queriam se matar com medo da família. Eu fazia esse trabalho! Arranjava um jeito de encaminhar a menina voltava para o interior. Primeiro eu fazia de tudo pra mãe ficar. A maior condição pra mãe ficar com o filho é amar, mas quando ela demonstrava ódio da criança eu fazia um encaminhamento pra uma família que queria adotar. Só uma coisa que eu pedia a família que dissesse que ela (criança) era adotiva. Eu passava de dez dias com crianças lá em casa. Cuidando! Quando encaminhava a criança era tudo sem problema para a mãe biológica e para a mãe que ia receber.

As vivências nesse trabalho social, juntamente com a terapia e alguns momentos do curso de Pisicomotricidade fez surgir um desejo imenso de ser mãe.

> [...] Aí eu despertei muito esse desejo maternal, não era nem o desejo da relação sexual propriamente dita, era da maternidade. Foi muito aguçado e uma coisa vem com a outra e pra ser mãe eu teria que ter relação também então eu comecei a pensar, a desejar essa parte, mas seguindo a orientação da igreja porque para a igreja a relação tem como fim a procriação. Quando eu tinha 40 anos eu comecei a sentir um vazio! Eu queria muito ter um filho principalmente uma filha. Eu tô sofrendo porque eu não tinha uma filha pra chorar no meu pé d'ouvido. As mães chegavam reclamando que passavam a noite sem dormir por causa dos meninos e eu não dormia porque não tinha um filho... Como é que eu ia sair com 40 anos pra ir atrás de homem pra ter um filho? Não era assim que eu queria.

Há uma frase de um escritor anônimo que diz: “aquilo que buscamos também nos procura”. Então, no ano de 1987, contou como Carol chegou a sua vida. Disse que certo dia, uma jovem chegou desesperada com uma menininha frágil e pequena de poucos meses de vida, dizendo que, se ela não recebesse a bebê, ela iria jogar a criança na rua. A referida moça contou que trabalhava como empregada doméstica e engravidou de um rapaz de família tradicional, que já estava de casamento marcado com outra. Rubi procurou a família do rapaz, tentou convencer a moça a ficar com a menininha, procurou pessoas que a adotassem. Todas essas tentativas fracassaram. Nesse meio tempo, Rubi se afeiçoou irremediavelmente à criança e decidiu ser a mãe dela.

> Quando eu olhava para o rostinho da Carol eu ficava apaixonada! Foi uma gestação espiritual. Eu não sei como não criei leite. Só faltou criar leite. Juro por Deus. E aí eu pensei a mãe solteira agora sou eu! Ai eu lembrei todos os dilemas daquelas mães solteiras pra ter coragem de assumir uma família. Eu pensava: eu vou sofrer, vou ser recriminada pela congregação, pela minha família, por tudo.

Como previa, a adoção de Carol causou tumulto na congregação, mas mesmo assim, Rubi não desistiu de seus votos e continuou lutando por sua permanência na congregação. Rubi temia que as madres lhe tirassem a criança, mas pediu o apoio das mães da escola para que isso não acontecesse. Carol era conhecida no colégio como a “filha da freira”. De um modo altivo narrou:

> Eu pedi às mães para que a Carol fosse irmã dos filhos dela. As mães do colégio me deram de tudo do bom e do melhor: andajar, sapatinho, tudo do bom e do melhor. Teve uma grande confusão na congregação por causa disso. Nunca se admitiu uma freira com uma filha, mas a madre não tinha coragem de tirar ela de mim porque ela ia ser recriminada pela cidade.

De uma forma extasiante ela revela as mudanças que vivenciou em seu corpo, em sua vida com a chegada de Carol.

> Foi aí que eu me senti mulher. Ave Maria! Com tudo aquilo eu me redescobri. Eu acho que comecei a viver assim não a adolescência era como que a maturidade da jovem. Apesar dos 40 anos, eu comecei a me sentir jovem. Cheia de vitalidade! Ai vinha o conflito no convento porque as freiras achavam que eu num queria ser freira que eu queria arranjar um namorado, mas não era isso é que eu me senti tão bem como mulher.

Rubi contou que pediu permissão à congregação para morar numa casa separada com Carol. A sua família tinha posses e a ajudaria nesse sentido. O Juiz que viabilizou a adoção de Carol disse que por ela ter uma filha registrada legalmente, ela

poderia ter uma casa para garantir o futuro da menina. Essa mudança de moradia intensificou ainda mais as mudanças que estavam ocorrendo na relação de Rubi com seu corpo, modificou seu olhar em relação à vida.

> E eu me sentia cada vez mais mulher. Quando eu fiquei morando só com Carol, quando eu me sentia mãe dela, o carinho com ela, o toque. Eu sentia que no colégio eu era freira e em casa eu era gente. Eu chegava depressa do colégio só pra abraçar minha neném. Ela só dormia comigo [...]. Depois que eu fiquei morando com Carol eu passei a ficar mais e mais vaidosa. Comecei a me permitir comprar as coisas pra mim, passei a fazer uns exercícios físicos sozinha no quarto. Porque as mães das colegas delas eram muito novas, né? E eu tinha que ser nova, tenho que ser nova e bonita pra minha filha ter orgulho de mim [...]. Ai tinha espelho em todo canto. Comecei a me amar mais [...]. Comecei a encurtar as mangas porque eu não achava nada demais mostrar meus braços, comecei a fazer as blusas no cotovelo, ah eu fui muito criticada porque as irmãs eram muito conservadoras, me chamavam de leviana. Aí eu me arrumava mesmo. O cabelo branco comecei logo a pintar, roupas mais atualizadas, mesmo compridas. A dignidade não fica abalada por a gente se ajeitar, por a gente se cuidar como pessoa, cuidar da aparência, cuidar do corpo, cuidar do físico cuidar do espírito [...]. Eu queria fazer essas mudanças mesmo na congregação. Queria mostrar pra elas que aquilo não era leviandade.

Ela relatou que, com o passar do tempo, sentiu-se um pouco cansada com as severas críticas que recebia por questionar algumas convenções da congregação. E percebeu que sua missão naquela instituição estava cumprida. Sentia orgulho, pois ninguém acreditava que ela trilharia por tanto tempo aquele caminho religioso. E ela tinha conseguido fazer isso por mais de 30 anos de sua vida, sentindo-se feliz com algumas mudanças que tinha conseguido estabelecer no próprio pensamento de muitas integrantes da congregação. Apesar das mágoas, das cicatrizes que estavam dentro dela com tantos conflitos, no curso desses anos, ela avaliou positivamente sua passagem na congregação. “Eu passei momentos dolorosos, mas eu não posso esquecer que parte do que eu sou e das coisas que eu sei devo ao tempo que vivi na congregação. Eu vivi belos momentos!”

Rubi, mesmo depois que saiu da congregação, continuou exercendo sua profissão e a certa altura de sua vida disse que queria respirar novos ares, trilhar novos caminhos e então ela veio com sua filha Carol para Fortaleza. Passou a morar em um confortável condomínio, com dois apartamentos por andar. Com elas também passou a morar uma jovem responsável pelas tarefas domésticas.

Chegando a Fortaleza, aos 56 anos de idade, Rubi iniciou um novo movimento em seu caminhar da vida. Ela decidiu se dedicar com afinco ao cuidado de sua saúde e de sua aparência física. Menopausa, pele menos rija, alguns quilinhos que julgava a mais, cansaço físico foram estímulos para essa decisão.

Ela partilha também que redobrar os cuidados em relação a si mesma foi uma estratégia para lidar com o fato de Carol, alvo de grande parte de suas atenções e cuidados por muitos anos, ter se tornado uma moça que logo, logo alçaria vôos, construiria uma vida independente. A possibilidade do afastamento de sua filha causava dor em Rubi, mas ela procurou lidar com isso justamente cuidando mais de si. Suavemente disse:

> Eu me dediquei tanto, me doei tanto a Carol, era tanto amor que a possibilidade dela se afastar de mim era muito dura, só de pensar chegava a partir o meu coração [...] ficava controlando ela como se eu pudesse ter ela aqui debaixo da minha asa sempre, entende? Mas aí na terapia eu vi que isso era prejudicial para o crescimento e a saúde da minha filha e da minha. Eu tinha que cuidar de mim, porque tinha muita coisa que eu não tinha feito que eu tenho vontade de fazer antes de cumprir minha missão aqui na Terra.

Assim, em seu cotidiano vivenciava constantes visitas a médicos, clínicas de estética, salão de beleza, lojas de cosméticos e longas caminhadas. E em meio a isso se esforçava para dar vida a uma série de sonhos como: realizar algumas viagens, aprender a dançar, encontrar um amor e muitos outros.

Há algo bem recorrente nas narrativas de parte da vida adulta de Rubi. O seu orgulho de sempre ter estado aberta às possibilidades que a vida pode oferecer. Sem medo de se reformular para vivenciar caminhos mais belos e prósperos.

Vamos agora visitar, no ano de 1983, Safira, que permanecia morando no mesmo bairro luxuoso da cidade de Fortaleza em que viveu sua infância e adolescência, só que agora habitava uma luxuosa casa com o seu marido.

Ao retornar da “lua-de-mel”, se viu diante de uma casa tão grande para administrar, quanto a casa que morava com sua família. Procurava seguir o exemplo e as recomendações de dona Graça, sua mãe. Afinal, ela era uma referência em manter um lar em perfeito estado, pois cada detalhe era precisamente pensado. Safira, no entanto, não se sentia tão habilidosa e nem entusiasmada em relação aos cuidados domésticos como sua mãe, e seguia tentando fazer o melhor que podia. Procurava se esforçar também para seguir os conselhos de sua mãe, no que dizia respeito ser uma boa esposa, e isso incluía estar sempre bela, buscando o peso ideal, elegantemente vestida para agradar Armando e fazer “bela figura”’ diante dos familiares e amigos dele. Nesse intuito, submetia-se a regimes, remédios e tinha uma professora particular de ginástica que a fazia suar horas para perder calorias.

Desde que voltou de sua viagem de lua-de-mel, se sentia cobrada para ter um filho. Era cotidianamente interpelada por familiares, amigos e conhecidos que perguntavam: “Quando chega o bebê?”, ”Quando vão receber a visita da cegonha”, “E o primogênito?” Os

meses iam passando e essa cobrança se tornava cada vez mais forte. Chegou o momento em que Safira teve que lidar com a maior cobrança de todas, em sua opinião, a dela mesma. Nas suas palavras: “Toda vez que a menstruação vinha, eu me sentia a última das mulheres, era uma decepção! Eu achava que tinha alguma coisa errada comigo e eu perguntava por que logo comigo?” Dias antes de completar 20 anos, em 1984, sentiu-se radiante. O exame comprovou que ela estava grávida:

> Quando eu soube que tava grávida, Ave! Eu me apaixonei desde o começo e eu me achava linda grávida, eu não escondia minha barriga, eu adorava minha barriga. Eu sentia que era uma menina. Conversava toda noite com ela passando a mão na barriga. Ô filhinha linda você vai nascer com tanta saúde! Mamãe te ama tanto! Eu queria menina porque é mais companheira da mãe, mais amiga, confidente. Eu tava vivendo um sonho.

Para o desespero de Safira a vida lhe despertou desse sonho de uma maneira dura! Aos cinco meses de gestação sofreu um aborto espontâneo. Com sua face banhada em lágrimas rememora:

> Eu fiquei abalada. Eu já tinha feito o quartinho. É muito, muito doloroso, não só fisicamente como emocionalmente, você passar cinco meses gerando uma criança amando, querendo, desejando aquela criança [...]. É como se tivesse tirado uma parte de mim e jogado fora. Eu olhava pra minha barriga e dizia eu tenho certeza que meu bebê tá aqui (toca, aperta a barriga). O pior era que o meu peito tava cheio de leite. Aquilo era um martírio. Eu não queria nem me esforçar mais pra emagrecer porque é como se ele estivesse ali ainda. Ave! Mais eu fiquei arrasada! Tão arrasada que num tinha o menor apetite e acabei perdendo peso.

Mas como diz um ditado popular, ”tudo passa”. Ou pelo menos, é re-significado. Depois de um período de grande sofrimento, quando mal consegui levantar da cama, Safira resolveu retomar sua vida. Juntamente com Armando decidiram se prevenir de outra gravidez até que Safira se sentisse revigorada novamente para dar esse passo. Nesse tempo, seu marido, aliado ao pai de Safira, ficou cada vez mais atuante na profissão e começou a viajar bastante. Diante disso, Safira começou a ocupar o seu dia com os cuidados com a aparência física e também com os estudos, dando vazão ao seu sonho de ter uma profissão. Assim, aos 22 anos, sem contar para ninguém, passou na faculdade de Direito. Quando divulgou a notícia, não recebeu muito apoio de sua família, principalmente de Armando, que argumentava, entre outras coisas, que isso poderia comprometer o bom andamento do lar, desestruturar o casamento, além de se incomodar com fato dela ficar saindo sozinha. Com muita firmeza disse:

> Foi um momento crucial na minha vida. Pela primeira vez senti que eu era a dona da minha vida. Até aquele momento é como se eu tivesse brincando de casinha. Fazendo tudo que a minha mãe mandou, mas eu decidi que o que eu queria de verdade era cursar uma faculdade. Sempre gostei de estudar, desde nova. Fui em frente.

Safira revelou que foi preciso bastante persistência para se formar, pois tudo conspirava para que ela abandonasse os estudos. Sentia-se negligente em relação ao seu casamento. Armando cobrava bastante a sua presença e sempre ficava exaltando as mulheres de seus amigos, que eram mães e esposas dedicadíssimas. Mas o pai de Safira, que no começo não deu apoio à iniciativa da filha de seguir a carreira acadêmica, passou a consultá-la, a pedir sua ajuda em certas negociações de sua empresa. Então, ela exercia seus conhecimentos para auxiliar nos negócios do pai, fato que a fazia se sentir muito bem e útil. Já estava formada quando, aos 25 anos, em 1988, ficou novamente grávida.

> Eu fiquei muito feliz, mas ao mesmo tempo com aquele medo, a preocupação. Será que vai chegar até o final? Será que não vai? Então eu ficava bastante de repouso. Parei com os exercícios e aí redobrei os cuidados justamente para não ficar feia, vivia de sutiã, passava óleo de amêndoas. Eu tinha cuidado para não ter estrias, não engordar muito, cuidado com a pele [...]. A Rafaela nasceu de 8 meses. Na hora que ela nasceu ali foi tudo na minha vida e ela era tão bonitinha. Tinha tanto medo que levassem ela de mim, que trocassem ela. Eu pedi pro Armando ficar pastorando! Minha filhinha era a coisa mais linda desse mundo [...].

Em sua narrativa Safira expressou que Rafaela ainda nem tinha começado a andar, quando seus familiares, amigos e conhecidos começaram a cobrar um irmãozinho para formar um casal. Então Rafaela, aos três anos de idade, recebeu a chegada de seu irmão Armandinho.

> Eu tava tão apaixonada com a idéia de ser mãe, de gerar uma vida que eu resolvi deixar por conta da natureza. Se fosse da vontade de Deus eu ter outro filho [...]. A gravidez do Armandinho foi a mais difícil. Eu sofri ameaça de aborto e tive que ficar praticamente a gravidez toda deitada e fora que eu fiquei tão ansiosa que eu comi muito. Engordei horrores. Mas Graças a Deus meu filho nasceu!

Aos 28 anos, Safira, que mede 1,62m de altura, chegou a pesar 102 quilos. Ela contou que:

> Eu comecei a engordar, engordar, engordar e engordava cada vez mais! Eu me achava imensa de gorda. Me olhava no espelho e me achava horrorosa, me achava muito feia. Gordura sobrando em tudo quanto é lado, num tinha roupa que ficasse bem... Eu sofria tanto que eu acabava comendo mais e engordando cada vez mais. Eu não podia sair na rua que todo mundo fazia questão de jogar isso na minha cara com maldade. Nossa mulher como tu engordou! Por que tu tá fazendo isso? Por que tu não se cuida! Eu sentia as pessoas falando mal de mim pelas costas. Era mesmo que enfiar uma faca em mim! Ave! Eu não tinha paz! Olhavam pra mim como quem olha prum bicho estranho. Eu num me sentia a vontade de comer na frente de ninguém porque parecia que eu tava cometendo um crime. .

Com uma expressão angustiada, ela partilhou que a obesidade trouxe muitas limitações para seu físico, provocando dores na coluna e nas pernas, dificuldade de respirar, pressão alta. Safira, no entanto, confessa que, apesar de os danos físicos serem penosos, foram os danos emocionais os mais prejudiciais. Sua vida foi marcada pelo preconceito. E segundo ela, uma das suas maiores angústias, é porque vivenciava isso em relação a uma pessoa que amava:

> [...] O Armando passando na minha cara que eu tava gorda, que eu não era a princesinha que ele tinha conhecido Ele passou várias vezes na minha cara que eu era gorda, que eu era feia. Que ele não tinha mais tesão em mim porque eu tava gorda. A gente passava seis meses sem transar porque eu tava gorda. Ele dizia que não sentia vontade de chegar perto de mim. E eu tinha amor por ele. Eu passava a noite acordada chorando. [...] Chegou a me humilhar fazendo piadas com a minha aparência na frente de nossos amigos. Um pesadelo! [...] Ele só fazia me criticar, me criticar, eu me sentia arrasada com os comentários deles, passava a noite acordada chorando. [...] Ele chegava altas horas em casa dizia que era trabalho. Eu sabia que era mentira! Eu ficava imaginando ele com uma menina bem magrinha, bem feitinha. Eu me sentia excluída, largada, abandonada só porque eu era gorda. Ele me traia com qualquer desqualificada. Eu sofri demais. Anos da minha vida fiquei consumida com esse sofrimento. Anos! .

Nesse ínterim, Safira travou uma verdadeira batalha contra a obesidade: remédios, dietas, cosméticos nacionais e importados, exercícios físicos. Com um semblante cansado partilhou:

> Sinceramente, tiveram dias que eu achei que ia morrer se eu não conseguisse emagrecer. É muito louco isso! *(silêncio)* Eu vivi pra emagrecer. Sabe o que é uma pessoa viver pra emagrecer? Investi muito dinheiro nessa causa. Ah! Meu Deus tanto dinheiro jogado fora! Ave! Imagine todo creme redutor de gordura do mundo, pois eu já comprei, mandava trazer de fora. Dieta... Perdi foi as contas do tanto de dieta que eu fiz. Tomei todo tipo de remédio que você possa imaginar... Os que tinham no mercado. Professora de ginástica, professora de tudo que há nesse mundo eu contratei. O que vendesse pra acabar com meu sofrimento eu comprava! Nada disso adiantava. [...] Perdia um pouco de peso e encontrava todos eles e ainda achava muito mais. Ave! Era dose! Eu tinha muito dinheiro e nenhuma chance de comprar uma coisa que me fizesse parar de sofrer.

Um dia que ela relata que ficou marcado em sua vida como um dos mais tristes, foi uma festinha do Dia das Mães, no colégio de seus filhos. Nessa época, Rafaela tinha dez anos e Armandinho, sete. Com uma expressão triste ela contou:

> Eu procurei caprichar nesse dia. A roupa eu tinha providenciado especialmente pro dia, o sapato. Passei horas no cabeleireiro. Eu queria que eles se orgulhassem de mim, mas senti os dois envergonhados, porque os outros meninos ficavam rindo do meu peso. Criança pode ser muito cruel! Tem uma sinceridade implacável! Francamente, eu tive vontade de sumir pra eles não passarem aquela aflição. Ave! Um horror! Eu tava com minha auto-estima no chão! Quando atinge filho a gente fica transtornada! Quando você for mãe você vai saber!

Aos 39 anos, em 2002, após ter enfrentado tantas tormentas, buscou algo que desde sua infância foi uma fonte de luz e alegria para ela: os estudos. Conta que resolveu cursar Administração. Até porque há muito seu pai vinha sinalizando que gostaria que ela tomasse a frente dos negócios.

Por esta época, o casamento de Safira persistia em crise. Viviam sob o mesmo teto, mas há algum tempo algo entre eles havia se quebrado e a relação não fluía harmoniosamente. Decidiram permanecer morando juntos por causa das crianças, mas havia um acordo tácito entre eles: cada um poderia fazer o que lhe conviesse. Então, Safira já não o importunava devido às saídas noturnas e ele não a importunava em relação aos seus estudos e planos profissionais. Sobre isso, Safira disse: “Era um casamento de aparência, de fachada, como tantos que existiam naquele tempo.” No entanto, a aparência se esvaiu, a fachada caiu e quando Safira tinha 43 anos de idade, Armando foi embora de casa e como as relações profissionais com o pai de Safira já andavam estremecidas devido a questões pessoais, Armando pediu demissão: “Quando ele bateu a porta, ave! Eu me senti morta. Chorei dois dias seguidos. Me sentia fracassada e culpada pelo fim do casamento, mas depois entendi [...] Que casamento? Há anos ele não existia mais. Era fachada, só aparência.”

Assim ela decidiu seguir a estrada por novos rumos. Tomou a frente dos negócios de seu pai. Continuou lançando mão de uma série de práticas corporais para emagrecer. Ela, que estava mais acostumada a fazer exercício físico em casa, com orientação de professores particulares, decidiu, aos 43 anos, entrar na academia de ginástica. Tinha vontade de contato, de conhecer pessoas novas. Segundo ela, a saída de Armando a motivou ainda mais a buscar a aparência física que considerava bela. Seu intuito era fazer Armando se arrepender amargamente pelo fim do casamento. Partilhou várias outras razões para intensificar a tal busca: vontade de se sentir bem na própria pele, a conquista de um novo amor, ser mais respeitada e admirada pelos seus familiares e amigos do trabalho. Só que a sua ânsia de emagrecer foi exagerada a ponto de prejudicar sua saúde. Sobre isso ela partilhou: “Fiquei dias praticamente em jejum aí passei mal em pleno trabalho. Fiquei morta de vergonha”. Então, refletiu bem sobre as dificuldades que enfrentava por viver insatisfeita com o seu corpo e decidiu: “Aí decidi radicalizar. Mudar de uma vez por todas. Decidi fazer a cirurgia [redução de estômago]. Decidi não só por mim, mas pelos meus filhos e pela minha mãe. Eles sempre sonharam em me ver magrinha.”

Safira partilhou as muitas fases da cirurgia e como foi que ela enfrentou cada uma delas:

> Primeiramente tem a fase pré-operatória. O acompanhamento de uma psicóloga pra pessoa colocar tudo em carta branca, falar sobre trauma, problema. Tem que preparar a cabeça da gente, pra gente parar de ser compulsivo porque se continuar com o mesmo pensamento depois da cirurgia engorda tudo de novo e corre risco de vida. Tem que ter uma preparação muito boa. A minha orientação foi de primeira. Só escolhi os bam-bam-bam [...]. Nessa fase enfrentei uma bateria interminável de exames. Ave! Muito cansativo! Mais tinha que ser feito. Eu estava com obesidade mórbida. [...] Na hora da cirurgia, antes de entrar na sala dá aquele medo de morrer, aquele frio, tive medo de deixar meus filhos sem mãe. Mas graças a Deus deu tudo certo! A cirurgia não é muito dolorosa o que é doloroso é o pós-operatório. Um processo muito penoso! [...] Tive que tomar só liquido por um mês. Sabe aquele copinho de café? Metade daquele copinho! Só liquido! Nada pastoso nada sólido. Só chá, água de coco... Até a sopa era preciso coar naqueles panos antigos de café. E tem mais durante o dia você tem que comer rigorosamente de dez em dez minutos. Tinha hora que eu não suportava mais ouvir o despertador tocar. Um martírio! Tive que dormir de rede porque você não consegue se esticar. Era mais confortável ficar encolhida. Eu fiquei cheia de dor. Fora as vitaminas que você tem que tomar o resto da vida. O estômago é grampeado, tira uma parte e grampeia. Ele existe. Ele tá lá e a única parte cortada é na parte do intestino e aqui no esôfago. Na parte que é feita o corte é justamente a parte que absorve o alimento, a pessoa não consegue tirar dos alimentos as vitaminas necessárias. Então é obrigado a tomar Zinco, ferro, milhares de coisas. Se você não tomar pode chegar a óbito [...].

Após algumas semanas da cirurgia, Safira já notou uma significativa perda de peso. E o que a incomoda agora é a flacidez, mas para isso já tem uma solução em vista. “Quando eu me recuperar totalmente da cirurgia, vou fazer uma plástica para tirar a flacidez. Já botei na minha cabeça. Quero ficar linda!”

Safira, aos 45 anos de idade, lida com a iminência da menopausa, com as mudanças que o tempo e a vivência no seu caminhar da vida ocasionaram em sua pele, em seu organismo e em seus cabelos, que agora estão sempre pintados. No seu dia-a-dia submete-se a várias técnicas de embelezamento e a tratamentos médicos que visam proporcionar uma vida longa e uma aparência física que ela acredita ser a bela e que desde pequena almeja alcançar.

Nesse momento da sua caminhada, ela começa a sentir espaços em branco em sua agenda. Principalmente porque Armandinho e Rafaela que tanto necessitavam de seus cuidados e atenção agora são jovens mais independentes que estão sempre às voltas com atividades escolares, momentos de lazer, fins de semana longe de casa. Embora Safira sempre repita a frase “a gente cria os filhos para o mundo, não pra gente” confessou que há momentos em que teme a solidão. Mas esse sentimento não a impede que ela dê novos passos desejando que a vida a retribua com paisagens felizes. Num momento de reflexão sobre si mesma revelou:

> Vanessinha, foi contra tudo e contra todos que eu não virei uma mulher de Atenas. [*Referência a música de Chico Buarque, cantor brasileiro*] Eu tinha tudo pra ser! Mas graças a Deus não sou. Tenho gosto e vontade, uma porção de defeito e qualidade, medo, medo de muita coisa, de doença, da morte, da solidão, mas também tenho um monte de sonho. Parando pra pensar, colocando numa balança,

> sério mesmo, eu acho que eu tenho mais sonho hoje com 45 anos do que quando eu tinha com 15. Rodar o mundo, ser vovó, encontrar um amor, ficar com o corpo da Vera Fischer (risos).

Ela relatou parte das vivências de sua vida adulta com uma expressão orgulhosa por jamais ter estagnado e nem ter perdido as esperanças de uma vida melhor, mesmo com tantos momentos difíceis que enfrentou em seu caminhar como o aborto, o fim do seu casamento, os preconceitos em relação ao seu físico.

Vamos agora para a periferia de Fortaleza, no ano de 1993, acompanhemos mais passos da jornada de Ametista:

Com a viagem que empreendeu, aos 20 anos de idade, a São João, no intuito de apresentar seu bebê para sua família e tentar uma reconciliação depois de ter fugido de casa, sentiu-se mais plena e em paz para abraçar a vida que escolheu ao lado de Zé Carlo. Com bastante convicção ela expressou:

> Eu tive que ser muito mulher pra pisar no São João de novo! Eu podia ser renegada com meu filho nos braços, meu pai podia dá as costas pra mim, nem me deixar entrar pela vergonha que eu fiz ele passar, mas ele sentou meu menino no colo. [...]. Eu pedi perdão a ele e ele me estendeu a mão. A gente se resolveu antes dele partir. Eu só podia ter paz pra viver a minha vida depois que eu fizesse aquilo.

Ao retornar para Fortaleza, depois da referida viagem, vivenciava seu dia-a-dia cuidando do filho pequeno e das tarefas domésticas, procurando injetar entusiasmo e paixão em seu casamento, atendendo às mulheres que, esporadicamente, iam atrás de seus serviços de manicure. Confessa que, nesse ínterim, sempre sentiu saudades do brilho de sua vida de *miss*. “Eu sentia uma falta medonha dos desfiles. Às vezes dava vontade era de voltar no tempo”. Quando seu filho completou dois anos, ela engravidou novamente. Contou que Zé Carlo reagiu de forma ríspida ao saber que seria pai pela segunda vez e a repreendeu dizendo que ela deveria ter se prevenido. Ela relata que foi um momento difícil, pois além da reação de seu companheiro, temia as transformações físicas que a segunda gravidez acarretaria.

> Homi é bicho ruim só quer fazer! Na hora de criar [...] é um boneco danado! Ele num me procurava mais, num me tratava direito. Ah! Nêga véa eu penei! Penei porque era besta! Mas agora é ruim deu sofrer por homi, é ruim! [...] Ainda tava toda desmantelada da primeira gravidez. Aquele buchim horroroso, uns peito mei mucho. Aí, na segunda vez eu disse, pronto! Agora é que cai tudo de vez. Fiquei morrendo de medo de virar um tribufu, tinha medo de amamentar e os peito ficar lá nos pés [...] eu fazia umas caminhadinha. E eu tinha um desejo danado de comer recheado de morango. Acabava num minuto. Pedia pro Zé Carlo trazer. Mas eu tentava controlar, ne?

Nasceu Everson. Como Ametista temia, acabou engordando quatro quilos, que ela fazia o possível para irem embora, inclusive pulava corda dentro de casa pra emagrecer e para a perna ficar grossa. Receita de sua avó. Porém, os quilos permaneciam, e isso a desagradava muitíssimo, principalmente porque acreditava que o fato de estar, segundo ela, feia era a justificativa para a falta de interesse de Zé Carlo. De forma exaltada expressou:

> Depois que eu pari e engordei ele me desprezou Ele me botava um chifre amuado, aquele ingrato. Às vezes eu pegava a camisa dele toda suja de batom, a gola tinha um cheiro de mocréia danado. Chegava em casa pura a cachaça, Depois vinha com aquela cara lisa dizendo que num ia fazer mais que num sei que. Eu queimava ruim! Tinha vontade de pegar os meninos e me mandar. Só que eles eram muito novim e a gente dependia dele. Ô coisa ruim é depender de homi. Ave Maria!

Ela tece em sua narrativa que, aos 26 anos, aconteceu aquilo que denominou “a gota d’água” para o fim do seu casamento. Esporadicamente tentava convencer Zé Carlo para vivenciar momentos de lazer com ela e as crianças e não precisava ser divertimento caro. Nas palavras dela, “nem que fosse pra tomar um refrigerante na esquina”. Mas, segundo Ametista, ele sempre inventava uma desculpa. Eis a gota d’água: certo dia, uma amiga dela viu Zé Carlo com uma moça na seresta. Ametista, enquanto fumava um cigarro, relatou de maneira visivelmente nervosa essa passagem de sua vida:

> O bicho tava encangado com outra, aquele tipo bonitinha, magrinha e bem ordinária, pois é disso que ele gostava. Ah! Nêga veia, o sangue subiu na minha cabeça. Eu arrumei os troço dele botei numa mala e botei perto da porta [...] eu num agüentava mais as arrumação dele... Era demais. Ai juntou as raiva das arrumação com a mágoa do fundo do coração que eu tinha porque ele me tirou menina véa de casa só pra sofrer nesse mundo e acabei com tudo logo!

Com a separação, Ametista precisou reinventar a sua vida. O que ganhava como manicure não dava para sustentar seus filhos. Então, tomou a iniciativa de perguntar para uma amiga, que era revendedora de uma empresa de cosméticos, o que ela teria que fazer para começar a revender também. Seguiu todos os passos recomendados e se iniciou no novo ofício. No entanto, sofria imensamente porque, mesmo assim, o dinheiro era pouco e não dava para suprir as necessidades de sua família. A situação se agravava, principalmente quando seus filhos adoeciam. Até que uma conversa com uma amiga a fez seguir um novo roteiro. A tal amiga sugeriu que ela fizesse um curso de cabeleireira, argumentando que Ametista tinha muito jeito para fazer penteados, maquiagens. Ametista ficou animada com a idéia de trabalhar, ainda mais com beleza e começou a colocá-la em prática, com vigor. Com orgulho das iniciativas que tomou nesse momento da vida declarou:

> No começo foi maior sacrifício! Pedi pras vizinha da uma olhadinha nos menino enquanto eu fazia o curso. Escrevi uma carta pra Joana (irmã) pedindo um dinherim emprestado pra comprar tesoura e escova. Só o básico do básico. Ela ajudou. Ai pronto comecei cobrando bem mais barato pra ganhar clientela, aí os que iam gostando ia dizendo pros outros e os outros pros outros quando dei fé... Hoje é assim como tu vê dia de sábado eu tenho que me virar em três pra dá conta. [...] A coisa que mais eu me orgulho é esse salão. [...] É um negocio que vale a pena porque tudo é a beleza. Todo mundo quer ficar bonito pra conseguir amor, trabalho e até amizade porque hoje ninguém quer ser amigo de gente feia. A beleza é tudo na vida.

Depois que se separou de Zé Carlo, ela decidiu investir ainda mais nos cuidados e em sua aparência física. Bem no estilo do que disse certa vez George Herbert: ”Viver bem é a melhor vingança.” Passou a freqüentar regularmente a academia, a consumir os cosméticos que revendia, a cuidar com mais zelo de seu cabelo. Relata que essa foi a estratégia que usou para se recuperar da crise no casamento. Disse também acreditar que cuidar dela, também era uma estratégia para obter confiança, tanto dos compradores dos produtos estéticos, como da clientela do salão. De uma forma tenaz, ela comentou:

> Quando ele foi embora eu disse ai é! Pois ele vai ver o que ele perdeu! Eu fiz foi me cuidar, me amar. Mulher, Vanessinha, é que nem alça de caixão: um larga, outro pega, um larga, outro pega, um larga, outro pega (risos). É nega vea, fiz foi entrar na academia. Num dei o gostim de ficar me acabando de jeito nenhum.[...] Eu tinha que ficar linda! Quem é que ia comprar um creme de mim se eu tivesse a cara parecendo uma barroada, se meu cabelo fosse quebrado, sem vida qual era a doida que ia confiar vir no salão?

Ela partilhou em sua narrativa, que freqüentar a academia foi muito positivo para os negócios, pois à medida que aumentou sua rede de relações, aumentou sua clientela que a propósito era formada quase toda por amigas. Foi numa seresta com as amigas que ela, aos 27 anos, conheceu Ricardo. Conversava animadamente com suas acompanhantes quando, de repente escutou o cantor oferecendo a música para a moça de vestido azul. Era ela. Não perdeu tempo, e depois, discretamente, pediu ao garçom, que já era seu velho conhecido, que perguntasse ao cantor quem enviou a música. E naquela noite mesmo, eles começaram a namorar. Um namoro que durou cinco anos, morando na mesma casa, na de Ametista, pois ela não queria deixar o salão e nem a clientela, ademais ele morava distante. E dessa relação nasceu uma menina. Sobre o nascimento de sua filha ela contou:

> Eu fiquei abestalhadazinha quando ela nasceu, ficava babando. Eu era doida pra ter uma menininha pra eu enfeitar, botar laço, botar vestidinho. Quando ela era bebê andava toda lindinha parecendo uma boneca. Tudo dela era rosa. Agora, odeia se arrumar gosta de vestir preto, os cabelo amarrado numa liga veia [...] Mais um dia ela se ajeita!

É, mas o amor que começou numa seresta, acabou num Carnaval. Ametista surpreendeu o seu companheiro dançando, segundo ela, muito agarrado com outra mulher num dia de Carnaval e ela decidiu que era melhor terminar:

> Quem faz uma vez, faz duas, faz três. Outro igual ao Zé Carlo nem pensar! E eu já tinha dito ao Ricardo. Ô se alguma vez eu ao meno sonhar que tu ta com enxerimentos pra outra a gente acaba na merma hora. E foi assim que eu fiz. Nem sofri essas coisa porque eu só sentia era mais carinho por ele. Já tava era meio cansada dele [...]

Com o passar do tempo, Ametista foi se especializando mais e mais em sua profissão. Aos 30 anos fez um curso de aperfeiçoamento no SENAC[42] e sempre se esforçava muito para juntar um dinheiro e fazer novos cursos. A seguir, ela falou um pouco como entende o seu trabalho e expressa o prazer que tem ao sentir que as pessoas ficam mais belas com o trabalho de suas mãos. Orgulhosa, declarou:

> Eu não sou acomodada de jeito maneira, tô sempre atrás de coisas novas, tratamento novo, produto novo, um jeito de fazer diferente e que melhora [...] Eu num sou só cabeleireira sou consultora de beleza. Quando eu bato o olho na pessoa eu vejo ela assim no conjunto, a pessoa toda! Às vezes entra umas aqui com um pedaço de revista querendo que eu faça o corte da atriz tal, da modelo tal, da cantora tal... Faz o corte daquela atriz dá novela das oito! Se num for pra prestar, pra ficar bom, eu mando ela dá meia volta e procurar outro salão. E pode quem quiser ficar com raiva. Eu digo logo... pra você num da esse corte porque num combina com o formato de rosto, com o olho, tem o tamanho, a largura. É porque elas pensam que vão ficar igual a modelo, a atriz se cortar o cabelo e num é. Tem que ser realista. Se é pra ficar se maldizendo depois eu prefiro num cortar, mas eu digo assim pra você fica melhor esse corte, essas luzes, essa cor. Eu tenho experiência! Eu sei das coisas! É como você vai num médico ele passa um remédio pra tal coisa, aqui é assim eu sei o que cada uma tem que fazer pra melhorar. Eu quero que a pessoa se sinta bonita, sabe! Esse caderno aqui é de fiado. Eu tiro meu sustento e dos meus filho daqui. Tu sabe! Mas eu num faço só por dinheiro. Olha aqui esse caderno é tudo fiado as vezes a pessoa precisa ficar bonita pra arrumar emprego, pra sair com namorado, pra ir numa festa importante e as vezes a pessoa nem vai porque num tem aquele dinheiro no dia pra dá. Mais aí eu já passei por isso e dou uma força. Saem daqui tudo linda!

Mesmo com as decepções dos dois relacionamentos, ela não se fechou para o amor. Um novo amor chegou à vida de Ametista, aos 34 anos. Ela o conheceu em um forró. Segundo ela, era um rapaz moreno, malhado e oito anos mais jovem que ela. Costuma chamar esta relação de relâmpago, pois só moraram juntos durante um ano. Com um tom um tanto impaciente, expressou:

---

[42] Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – o Senac é uma instituição privada sem fins lucrativos de educação profissional aberta a toda a sociedade

> Não, não deu certo não... só queria viver encostado, sem fazer nada, passava o dia na academia ou assistindo televisão. Eu pensei menino eu arranjei foi outro filho. Botei pra correr também! Passa, passa, passa! Foi só aquele fogo de palha. É porque eu tinha aquela vaidade porque ele era bonito mais novo e era louco por mim. A gente ia pra academia junto, a gente caminhava junto, mas era um menino vei ainda. Nêga, véa, isso dava um ibope na vizinhança! Era uma fofocada só!

Ela reflete em sua narrativa que a experiência sofrida no amor fez com que "engrossasse a casca", ou seja, ficasse mais experiente diante das dificuldades e dos conflitos das relações e mais segura de como deve vivenciá-las. No entanto, isso não impede que ela almeje um companheiro leal e dedicado para caminhar a seu lado.

Conta, também, que as lições que aprendeu em sua jornada, não só as que dizem respeito ao âmbito amoroso, mas ao familiar, ao financeiro e das relações sociais ela procura transmitir para suas clientes. Acredita piamente que o fato de nos piores momentos de sua vida nunca ter se descuidado de sua imagem, é um exemplo de força e superação que toda pessoa deveria seguir. Com muita propriedade ela expõe:

> Às vezes, elas chegam aqui arrasadas. Com as caras no chão! Os relacionamentos tudo desgastado, uma tristeza medonha, os cabelos tudo quebrado, uns olho roxo, um corpo desmantelado! Vem aqui mais é pra falar porque o marido traiu, o namorado num vale o que o gato enterra, os filhos num dão valor! Aí eu abro o olho delas! Têm que se cuidar tem que se amar, porque se a gente num se ama ninguém ama a gente. [...] Tá sofrendo?!... É as lagrima escorrendo e passando creme e se cuidando porque se não aí é que buraco afunda mais. Se tá sem dinheiro se vira no interior num tinha nem pasta de dente e eu escovava com juá. É só ter vontade! Às vezes vem só fazer as unhas, ai eu digo faz uma hidratação dá um corte no cabelo, faz uma depilação. A pessoa sai outra!

O fato de ser extremamente zelosa com sua aparência física, a ajudou em diversos momentos. Hoje, aos 42 anos, ela se angustiada com as mudanças físicas que a passagem do tempo traz

> Hoje se eu como um trisco eu engordo, essa gordura daqui é terrível [toca as costas embaixo das axilas] [...] a pele num é mais aquela vai ficando seca [...] a menstruação era sempre ali certa agora vem num mês num vêm outro. O corpo vai ficando assim baquiado, mas se se cuidar dá certo que tem mulher com 50 anos que é mais bonita do que muita de 20 por aí.

Ametista partilha que o seu cotidiano atualmente se desenha entre o seu trabalho no salão, o acompanhamento do caminhar na vida dos filhos adolescentes que ela almeja sempre ter por perto, exercícios físicos na academia para perder peso, remédios para clarear as sardas, laxantes para ficar mais esbelta em dias festivos, compra de roupas em números menores como um estímulo para se disciplinar a emagrecer, promessas para deixar de fumar,

a adaptação com as mudanças físicas que o tempo vai trazendo e somado a tudo isso uma vontade e um pique intensos para tornar seus sonhos realidade.

Vamos agora acompanhar, no ano de 2002, Pérola, que ainda reside na mesma casa, situada na periferia de Fortaleza, em que viveu sua infância e adolescência. Acompanhemos outro momento de sua caminhada na vida.

Pérola, aos 22 anos, decidiu que venceria a vergonha do seu físico, pois já não agüentava mais acompanhar diariamente a dificuldade de sua mãe para garantir a sobrevivência da família, nem ver seu filho precisando de alimentos, roupas, remédios e não ter condições para comprar. Ela descobriu em si mesma uma grande força para tomar um rumo diferente em sua vida. Então, tornou-se sacoleira e diarista. O primeiro ofício iniciou com a ajuda de uma amiga que já trabalhava com vendas de roupas. Já o segundo foi com o apoio de sua mãe que, já muito cansada de fazer diárias, conversou com as donas das casas em que trabalhava para que Pérola ocupasse o seu lugar. Ela explica detalhadamente essa mudança de rumo no seu caminhar:

> Tipo, todo mundo dizia que eu num saía pra trabalhar com preguiça, mas eu juro que num era. Eu tinha vergonha (*silêncio*) tipo quando eu era mais nova eu chamava muita atenção... O povo num podia me ver passando que comentava, mas pro lado bom pra dizer que eu era bonita, bem feita e hoje todo mundo olha pra mim com pena porque eu já fui tão bonita e hoje eu sou assim [...] Mas eu tive que enfrentar isso. Ei! O primeiro dia foi terrível, quando eu saí pra vender, nem mais na rua eu sabia andar direito de tanto que eu ficava me escondendo em casa. Mais depois me acostumei e agora eu rodo tudo quanto é canto Eu tenho uma amiga, aquela, a Aninha lá da academia, ela vende roupa. Um dia que eu tava tipo desabafando com ela dizendo que eu precisava fazer umas compra pro meu filho, la pra casa e que num tinha de onde tirar, ai ela me botou nessa vida... ela é macaca velha nas venda. Ela só fez me levar nos canto que revende e como ela era vendedora antiga ela disse pro pessoal que eu era de confiança. Aí eu comecei. Ei! No começo foi ruim que só pra mim acostumar, mas eu enchia a sacola e saia pelo meu filho. Eu deixei de ser criança nessa hora. Chega uma hora que a ficha cai!

No curso de sua narrativa ela falou bastante sobre o âmbito profissional. Revelou que o seu sonho era ter uma confecção e fazer supletivo e passar para Marketing e Propaganda. Expressa que, por ora, gostaria muito de trabalhar em lojas, pois é menos cansativo do que andar ao sol, carregando uma bolsa pesada. No entanto ela não tenta, porque, como diz, “só quando eu recuperar meu corpo, ficar bem mais magra porque se eu for pedir emprego de vendedora com esse corpo é só pra sofrer com a porta na minha cara. Vendedora tem que ser bonita, ter porte. Acho que mais importante ser bonita do que ter experiência.”

Pérola já sentiu na pele o que é ser destratada no ambiente de trabalho por causa da aparência**.** Ela tem uma amiga que também é diarista. Essa amiga precisou visitar seus

parentes que moram no interior e indicou os serviços de Pérola para as donas das casas onde trabalhava, para que a substituísse durante o tempo da viagem. Numa das casas em que Pérola foi substituir sua amiga, a dona da casa pagou a diária no fim do expediente e disse que ela não precisava voltar na semana seguinte. Pérola ficou sem entender, já que considera sua faxina um primor. Depois que a amiga voltou de viagem, comentou porque a tal patroa teve essa reação. A patroa argumentou que Pérola era muito gorda e que não ficaria tranqüila de sair e deixá-la sozinha em sua residência porque ela poderia dar prejuízo comendo muito. E, além disso, a patroa achava que todo gordo é preguiçoso.

Depois que Pérola começou a sair de casa em razão do trabalho, ela resolveu voltar a freqüentar a academia regularmente, passou a realizar longas caminhadas, que ela empreende pensando no físico das atrizes de filmes de amor e novelas que tanto aprecia assistir, pois leu numa revista que é importante mentalizar o corpo que se quer ter para conquistá-lo. Ela se esforça tentando se livrar não só do peso do corpo, mas do preconceito: “Nêga véia, eu tô fazendo de tudo pra ter meu corpo de volta porque esse aqui não é o meu corpo, essa não sou eu. Quero ter uma vida normal de novo. [...] Em relação ao corpo que eu tava eu tô bem mais magra , mas ainda tá longe de ser eu.”

Inclusive se esforça para emagrecer para vivenciar uma das coisas que sente mais saudade na vida que é de ir à praia. Desde criança aprecia esse passeio, mas deixou de realizá-lo, pois confessa que se sente constrangida em colocar um biquíni. Com um tom insatisfeito expressa: “Ir pra quê? Pra ficar parecendo uma baleia encalhada, e ir pra num dá um mergulho é melhor num ir.”

Desse modo, em seus momentos de lazer, Pérola prefere ficar em casa brincando com seu filho e lendo revistas sobre signos, saúde, corpo e beleza. Aprecia muito assistir a novelas e filmes, tornando-se uma das clientes mais assíduas da locadora de seu bairro.

> Ei! Eu vivo batendo perna no mundo e cuidando da casa dos outros o tempo que eu tenho gosto de ficar é em casa [...] Quando eu era magrinha eu era festeira, mas agora num tem graça, mas também tem o Lindeberg, mas um dia eu ainda volto pra ativa.

Ela tece com um indisfarçável orgulho, no curso da narrativa de parte de sua vida adulta, o fato de ter percebido, ou melhor, aprendido, que na vida para ser feliz é preciso reunir forças para promover a si mesma. Em todo momento ela exalta o fato de criar seu filho sem depender do pai que o abandonou, de cuidar da mãe, de ajudar nas despesas de casa, de arcar com as suas despesas e de ter forças de sair de casa para lutar por sua vida mesmo que

para ela seja um custo perceber no olhar das outras pessoas os comentários pejorativos em relação ao seu físico.

Vamos agora, ao ano de 2004, em que Cristal ainda mora na mesma casa na periferia de Fortaleza em que viveu sua infância e adolescência.

Por esta época, Cristal seguia a vida universitária com bastante entusiasmo. Estudante de um curso na área das Ciências Humanas, logo nos primeiros semestres se integrou em projetos sociais que envolviam jovens em situação de vulnerabilidade social. Sua narrativa revelou que ela apreciava e se identificava com esse trabalho, pois compreendia muitas das angústias e dos problemas que esses jovens enfrentavam. Ela mesma precisou lidar ao longo do seu caminhar na vida, com problemáticas parecidas. Cristal expressou nas passagens de sua narrativa biográfica, que sua grande satisfação nesse oficio consistia em lutar para uma construção coletiva de estratégias de enfrentamento da difícil realidade que estas pessoas e suas comunidades enfrentavam cotidianamente, como a falta de saneamento básico, falta de atendimento médico, a precariedade das escolas e tantas outras. Ela sentia prazer em ser uma pessoa que ajudava a mobilizar as comunidades com as quais trabalhou, para construção de uma realidade mais justa e digna. Com o seu trabalho, ela ajudava nas despesas de sua própria casa, o que era bem vindo já que a renda familiar era relativamente apertada.

O namoro, que começou com João Paulo, desde a adolescência dava continuidade nesse momento de sua vida. Essa relação ajudou Cristal a empreender um novo olhar em relação ao seu próprio corpo. Ela passou a conviver com o seu físico de forma menos rígida: “eu me permitia respirar quando conversava sem prender a barriga, eu me permitia comer algumas coisas, comecei a fazer menos exercícios e passei a me aceitar mais. Eu estava me sentindo muito mais oxigenada!”

Com essa nova postura, Cristal engordou novamente e isso foi extremamente duro para ela. Assim, se recusava a mirar sua imagem e buscava ficar reclusa para não apresentá-la aos outros. Com uma expressão facial angustiada expressa:

> Eu me achava muito feia pra uma foto, recusava a tirar foto quando eu me via gorda, não me olhava no espelho, me recusava a ser filmada, me recusava a me ver no vidro no ônibus. Eu tinha vergonha de ser apresentada as pessoas. O J.P me pedia pra eu visitar o trabalho dele pra ele me apresentar e eu num ia. Todo mundo frescava com ele. Cadê a sua namorada? Ela existe mesmo?

A relação de quatro anos entre Cristal e João Paulo acabou se desgastando. Distâncias, silêncios, ausências foram desenhando o cotidiano do casal e assim, ela chegou ao fim, a propósito, de uma forma bastante dolorosa para Cristal. Com uma expressão corporal que expressava dor, ela conta:

> Em 2004 o namoro terminou e foi muito difícil. Ele terminou sem dar um telefonema Fiquei arrasada. Ele terminou na semana do Dia dos Namorados de 2004. Eu não reconhecia mais ele foi uma barra pra esquecer. Eu fiquei muito angustiada e acabei comendo mais ainda. Eu tava me destruindo!

O desejo forte dentro de Cristal era o de mudança. Ela queria iniciar um novo momento de sua jornada, findar as dores que tomavam conta de seu cotidiano. Então, no ano de 2005, ela soube de uma seleção para viajar durante um mês com o MST. Relata com muita segurança que essa viagem foi um marco importante para ela se sentir adulta:

> Eu participei de uma seleção pra viajar durante um mês com o MST. Percorrer todo o sertão central. Tinha que ficar num assentamento rural com uma família. Sem conhecer essa família e fazer um diário de campo sobre essa família. Comendo o que eles comiam, vivendo o que eles viviam. O pessoal do MST é maravilhoso. Fizemos palestras sobre gênero e um monte de coisa. Um dia eles estão num lugar e no outro dia acordam no outro! Sempre com vontade de viver, de seguir. Se preocupando com que vale realmente a pena. Nossa eu sou tão guerreira eu não sabia que eu era assim! Eu me senti tão mulher. Senti que deixei pra trás aquela menininha quando passei por tudo que eu passei lá.

Ao retornar de viagem, ela conta que se sentiu refeita e cheia de energia para empreender algumas mudanças em sua vida:

> Quando eu voltei da viagem com os sem-terra, eu comecei a me cuidar. Entrei em outra academia, uma academia altamente equipada. Comecei a fazer todos os dias uma hora e vinte de bicicleta, me alimentava de uma forma equilibrada, não tomava mais vinagre, não me escondia, me senti bonita novamente e pensava: Ah! se o João Paulo me visse agora, aquelas falsas ilusões que a gente tem! Mas eu comecei a cuidar melhor de dentro, me dediquei mais a faculdade, a cuidar da beleza de dentro. Eu tava me sentindo grande.

Apesar de não tomar vinagre e nem fazer dietas tão severas como antes, ela continuou valorizando muito a beleza física. E essa vontade a levava a consumir roupas, sapatos, sandálias e maquiagens, o que a deixava endividada. Às vezes, quando não conseguia comprar, pedia a ajuda de uma amiga. Como revelou na passagem a seguir:

> Ah! No final de janeiro teve um show do Zeca Baleiro. Ai eu comprei uma roupa no cartão de crédito de uma amiga, lá na D'Metal. Porque pra mim, D'Metal e Dona Florinda são roupas pra magras. Eu comprei uma blusa rosa, cheia de lantejoula, um brinco de candelabro, um batom novinho, fiz as unhas. Meu Deus, eu tô fazendo tudo isso só pra ir sozinha pro show!

Um certo rapaz, que estava neste referido show, apreciou muito a produção de Cristal. O nome dele era José, inclusive muito amigo do ex-namorado dela. E ao som do Zeca Baleiro, José e Cristal conversaram, se conheceram melhor e deram início a um relacionamento. Sobre esse momento ela revelou com entusiasmo: “Na época eu tava magra, tinha um celular, tava na academia. Com esse novo amor eu tive novas experiências, um mundo novo se abriu pra mim.”

Mas de repente, não mais que de repente. José e Cristal se separaram: “Ele simplesmente sumiu do mapa! Eu fiquei arrasada! Passei por uma crise financeira eu vendi meu celular, minhas roupas, bijuterias. Por conta disso comia muito de ansiedade e acabei engordando.”

Mais gorda do que nunca, ela ficou reclusa em casa, com vergonha do seu corpo. Com uma expressão desolada revelou:

> Aí nunca mais fui à faculdade por causa disso, porque eu não estou me sentindo mais eu, eu já não estou me agradando mais com a minha casca, a minha casca já engordou de novo, eu não estou me aceitando no corpo que eu estou de novo, acho que estou com 64 quilos talvez eu nunca engordei tanto. Então estou me sentindo muito feia. Eu saí do meu estagio (trabalho) porque eu estava num momento depressivo também. Eu saí pra tentar me cuidar, me amar, porque eu estava mal, me sentindo infeliz, com uma depressão de lascar. Passo o dia com a televisão ligada ouvindo vozes pra não me sentir sozinha. Eu sinto uma solidão terrível. Eu nunca mais fui a UFC pelos meus problemas pessoais, é uma barra ser eu. Eu nunca consigo viver em paz. A minha vida ficou muito parada, todo dia acordo com essa idéia fixa, preocupada com o meu corpo. Tem dias que eu não me suporto, que é uma barra ser eu, eu tenho idéias suicidas. [...] E a partir de hoje vou tomar vinagre lord, branco, normal outra vez porque eu não agüento mais ser gorda. Todo mundo na minha rua a conversa que diz, nossa ela ta muito gorda e Vanessa eu percebo coisas no meu corpo que eu não tinha ta começando a nascer umas estrias vermelhas na minha barriga um pouquinho de celulite no meu braço que tá muito grosso e aí não tem roupa mais que dê. [...] Eu tô com uma graninha pra comprar roupa, mas eu não vou comprar agora porque não quero comprar um tamanho imenso quero comprar mesmo assim pelo menos tamanho 40. Eu assim vou tomar vinagre de novo porque eu quero voltar a minha vida... voltar pra faculdade, procurar um emprego, comprar uma roupa e rever meus amigos. Eu não quero sair de casa. Eu tenho esse defeito de ser muito vaidosa. Tudo meu eu tenho que cuidar da pele e do cabelo e o meu objetivo agora é emagrecer custe o que custar. Sinto dores na costas, meus seios me incomodam. Eu estou dentro de casa há muito tempo. Eu tenho sintomas de depressão, chorar, me isolar. As vezes eu acho meio perigoso conviver comigo mesmo. Eu sonho que vou morrer, tenho medo de sair de casa.

Agora, aos 25 anos, ela luta para se renovar e se restabelecer. Oscila entre momentos em que decide cuidar de si, de uma forma saudável, e momentos em que chegou ao extremo para ficar na forma física que julga ser a ideal. De um modo ou de outro, o que ela mais deseja é sair dessa situação difícil em que sua vida se transformou.

Em meio a essa luta, ela alimenta sonhos como independência e estabilidade. Também busca encontrar nas estradas da vida um companheiro compreensivo, que saiba lidar com sua independência e que queira construir uma família com ela, e partilharão os cuidados da casa, as despesas, os cuidados com os filhos.

Cristal, com sua voz suave, certa vez declarou: “o corpo é uma tela em branco que a gente pinta com as tintas dos sentimentos.” Sua narrativa indica que mesmo quando ela agiu de forma prejudicial para sua vida teve sempre a intenção de que sua tela em branco expressasse cores vibrantes e fortes motivadas pelos sentimentos da aceitação, do pertencimento, da alegria de ser admirada por seus pares.

3.1 Quando Elas Preparam uma Vida Dentro Delas

Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:
Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

(Carlos Drummond de Andrade)

No curso de nossas conversas sobre a vida, as seis protagonistas desta pesquisa de diferentes modos e expressando sentimentos diversos, falaram sobre maternidade. Ora escutei relatos minuciosos sobre as dores e delícias desta vivência. Ora sonhos e planos daquelas que um dia sonham em saber como é a sensação de estar com um barrigão, de dar à luz e de embalar um ser que vem de dentro delas. Ora a incerteza de querer ou não vivenciar esse momento. Ponderações sobre como ele pode atrapalhar os planos profissionais, modificar o físico. Seja como for, a maternidade foi um assunto recorrente e é sobre ela que proponho que conversemos.

Retomemos as seguintes passagens da narrativa de Rubi: “A finalidade da mulher na nossa época era casar e ser mãe, principalmente no interior.” Lembremos também de Safira que, depois que se casou, era cotidianamente interpelada por familiares, amigos e conhecidos que perguntavam: “Quando chega o bebê?”, ”Quando vão receber a visita da cegonha”, “E o primogênito?” Relembremos também a sua dor cada vez que a menstruação chegava. “Toda vez que a menstruação vinha, eu me sentia a última das mulheres, era uma decepção!”

Como já conversamos num momento anterior deste trabalho, a maternidade nos contextos sociais vividos por Safira e Rubi era vista de maneira geral como o real destino das mulheres. Em seus processos educativos era forte a idéia de que as mulheres só poderiam se realizar plenamente se fossem mães. Tanto é assim que muitas, quando não conseguiam empreender essa vivência, sentiam-se anormais, com problemas. Como foi o caso de Safira que declarou: “Eu achava que tinha alguma coisa errada comigo e eu perguntava por que logo comigo?” Devo também mencionar que aquelas que se recusavam a vivenciar a maternidade eram alvos de pesadas críticas.

Ser mãe nos contextos sociais vivenciados por Rubi e Safira era de acordo com as expectativas e representações sociais mais gerais exercer a máxima atenção com cada passo que seus filhos empreendessem no caminhar da vida. Ser mãe consistia em estar disponível e primorosa nos cuidados da alimentação, do vestir, da formação de seus filhos. Era forte a idéia de que toda mulher nasce para ser mãe, carrega dentro de si um instinto materno.

Relevantes trabalhos antropológicos desconstruíram essas idéias mostrando como a maternidade é uma construção social e as maneiras de vivenciá-la são plurais. Tanto varia de cultura para cultura, como até num mesmo contexto social é possível captar diversas formas de concebê-la.[43]

Nos contextos sociais de Rubi, Safira e Ametista a maternidade tinha que ser legitimada no casamento. Esses contextos valorizavam intensamente o casamento, a mulher solteira já sofria estigmas e ser mãe solteira se constituía em uma situação ainda mais problemática. Como deslinda Amorim (1992) a mãe solteira não se enquadrava nas conotações sociais ligadas ao fato da abstinência sexual nas celibatárias, cujo comportamento conforma-se ao modelo da moral sexual. (AMORIM, 1992, 148). As mulheres que viviam com seus companheiros e não vivenciavam a cerimônia do casamento também eram alvos de criticas.

Retomemos o relato de Ametista sobre o seu sofrimento por causa dos conflitos que causou com o fato de ter fugido de casa e de ter sido mãe sem passar pelo ritual do casamento. Sobre a reação de seu pai, ela relatou: “Queria ir atrás da gente, ir atrás da família

[43] Mead (1988) relata que as mães Mundugumores só oferecem o seio quando acreditam que a criança tenha a real necessidade de alimentos. Jamais para dar-lhe conforto no medo ou na dor. Para serem desmamadas, as crianças são progressivamente repelidas pelas mães. Elas tanto passam seiva amarga no seio nesse processo, como ele é acompanhado de pancadas. Para executarem suas tarefas cotidianas, as mães colocam os pequenos em cestas que são duras, opacas e ásperas. Os corpos das crianças têm dificuldade de acomodar-se às linhas rígidas da cesta. Logo que aprende a andar, a criança é largada a maior parte do tempo e deve arranjar-se por si mesma.

dele (seu companheiro), jurou ele de morte, disse que ia me matar de uma surra, confusão muita." Também Rubi ao relatar os sofrimentos das mães solteiras que ela ajudava em seu trabalho e das ferrenhas criticas que recebia da congregação porque ajudava "esse tipo de menina." Ela mesmo encarou de frente o peso das críticas quando resolveu adotar Carol. Estas passagens mostram como era pungente o peso do preconceito em relação às mães solteiras.

Entretanto, as narrativas também mostram que isso não fica restrito no passado. A narrativa de Pérola mostra como esse tipo de preconceito ainda vigora. Ela viu isso ocorrer tanto com sua irmã que engravidou bem jovem, como experimentou isso em sua própria pele, em 2001, ao se tornar mãe solteira. Não foram poucas as vezes que ela se queixou por ter sido alvo de críticas de sua vizinhança, de seus amigos do colégio quando engravidou e também expressou a dificuldade de encontrar um parceiro que quisesse assumir um compromisso com ela devido ao fato de já ser mãe.

Cristal também falou em maternidade. Expressou uma idéia semelhante às que vigoravam nos contextos de Safira, Ametista e Rubi. Ela acredita que só se realizará plenamente como mulher se for mãe. Deseja muito isso, mas não sem antes conseguir ascensão profissional que a permita sustentar seu filho e não sem antes conseguir um pai que queira dividir igualmente as responsabilidades com a criação da criança. Reconhece que só quer ser mãe bem mais tarde já que a responsabilidade com filho, por mais que o parceiro esteja presente, exige mais da mulher.

Já Esmeralda, disse que só será mãe se casar com alguém rico, que contrate os serviços de uma pessoa para cuidar da criança e pague as cirurgias plásticas para que ela fique em forma depois da gravidez.

A preocupação com as transformações físicas que a gravidez acarreta foi algo apontado na maioria das narrativas. Sentimentos de angústia e preocupação em relação a isso eram recorrentes. Ametista partilhou: "Eu amava o meu barrigão, mas fazia das tripa coração para arranjar óleo de amêndoa pra num criar estria." Já Safira disse: "redobrei os cuidados justamente para não ficar feia, vivia de sutiã, passava óleo de amêndoas. Eu tinha cuidado para não ter estrias, não engordar muito, cuidado com a pele". Pérola também empreendia muitas praticas corporais para aplacar os efeitos da gravidez em seu corpo. Note mais uma vez a contundência da beleza física em suas vidas.

Elas também relatam os incômodos que sentiam após a gravidez devido às mudanças físicas. Sentiam-se feias e gordas o que gerava em seus cotidianos sérias dores emocionais. Veja o caso de Pérola que não tinha coragem de se olhar no espelho e abandonou suas atividades, pois não tinha coragem de apresentar sua imagem na rua. Nas

palavras dela: “Num queria que ninguém me visse feia daquele jeito. Fiquei trancada em casa, meses! O povo chegava pra visitar meu filho e eu fazia era me esconder.” Ela chegou a sentir certa rejeição pelo seu filho, pois acreditava que ele era o responsável pelas mudanças na sua forma física que tanto provocavam sofrimento em sua vida. No entanto, muito da vergonha que sentia era provocada pelos olhares inquisitivos dos outros. “Era dose ter que agüentar todo mundo ficar comentando como eu era linda e como eu tinha ficado horrorosa.” Ela deixou de trabalhar, deixou de se divertir, de transitar livremente na rua, aqui reforço a importância de refletirmos sobre os preconceitos em relação a obesidade e as consequências nas vidas dos indivíduos.

Del Priore (1993) nos ajudará a interpretar as concepções das protagonistas deste trabalho acerca deste tema. Segundo a autora, a maternidade extrapola dados simplesmente biológicos, possui um intenso conteúdo sociológico, antropológico e uma visível presença na mentalidade histórica. Del Priore descorre sobre a figura da “Santa Mãezinha”, mãe dedicada, atenta, primorosa, um exemplo! Mãe que sabe vivenciar a maternidade como um projeto árduo, como que prolongando as dores do parto por uma vida inteira.

Ela explica que no Brasil Colônia a Santa Mãezinha era a chave de um sistema mental articulado com o universo social, cuja função consistia em reproduzir estruturas por intermédio de valores, ritos e comportamentos cotidianos. Por meio dessa figura, estava sendo demarcado um papel social para a mulher, uma normatização de sua sexualidade e de sua alma. Del Priore, mostra que longe de instinto maternal, de destino biológico, a maternidade foi e é uma construção social com um forte fator ideológico. Mas a autora nos alerta que se as mulheres interiorizavam os preconceitos e estereótipos de uma sociedade machista e androcentrica, o fizeram porque nesse projeto encontraram benefícios e compensações. (DEL PRIORE, 1993, p.335).

A autora nos faz ver como essa figura da Santa Mãezinha ressoa nos dias atuais A propósito, muitas passagens nas narrativas biográficas de Rubi, Safira, Ametista, Pérola, Cristal e Esmeralda mostram que, com novas roupagens, a Santa Mãezinha ainda continua com toda a sua carga ideológica, relações de poder e conflitos vigorando.

3.2 Quando a Beleza Física é uma Condição para o Amor....

Meu alegre coração é triste como um camelo
É frágil que nem brinquedo, é forte como um leão
É todo zelo, é todo amor, é desmantelo
É querubim, é cão de fogo, é Jesus Cristo, é Lampião
(Geraldo Azevedo)

Sugiro que pratiquemos novamente o exercício de relembrar algumas passagens das narrativas apresentadas nesta pesquisa para dialogarmos um pouco mais sobre a relação dessas mulheres com seus corpos. Recordemos Safira lançando mão de dietas, tomando remédios para emagrecer, praticando exercício físico no intuito de emagrecer e, em sua concepção, superar as crises de seu casamento. Afinal de contas ela ouviu seu marido dizer que ele não sentia mais vontade de chegar perto dela porque estava gorda. Lembremos, assim, de Ametista fazendo o possível para fazer sumir os quilos que ganhou com a gravidez, pois acreditava que depois de ter "perdido a forma" ("ou seria melhor dizer fôrma") o seu companheiro a desprezou. Devemos nos lembrar também da angústia que Pérola sentia, pois quando era considerada e se considerava bonita era muito cortejada pelos rapazes e depois que engordou no período de sua gravidez sentiu-se desprezada. Agora, recordemos de Cristal que chegava a marcar encontros quinzenais com seu namorado para poder fazer dietas e tomar vinagre nesse intervalo de tempo. Ela queria se apresentar com um corpo que julgava bonito. Recordemos de Esmeralda e toda sua prática abusiva de exercícios físicos para conquistar um corpo sarado alvo de cortejos e galanteios dos rapazes. Pensemos na afirmação de Rubi que a beleza física é muito relevante para encontrar um amor e ela trata de cuidar da dela. Nas narrativas biográficas apresentadas é recorrente a idéia de que corresponder a determinado padrão de beleza é algo imprescindível para um bom êxito nas relações amorosas.

Nas academias que freqüentei no exercício da pesquisa constatei que essa é uma idéia bem recorrente. São diversos os freqüentadores de musculação de diferentes realidades sociais, econômicas e culturais que exercitam seus corpos com empenho, pois acreditam que disso depende a conquista ou a manutenção de uma relação amorosa.

A este respeito, remeto-me a Goldenberg (2004) que ao realizar uma pesquisa com 835 mulheres e 444 homens de 17 a 50 anos, nas camadas médias do Rio de Janeiro também constatou que a beleza é considerada um fator importante ao se apresentarem a um suposto pretendente.

Nos depoimentos das seis mulheres que dão vida a este trabalho, pude compreender pelos seus modos emocionados de comunicar e suas expressões corporais, o quanto essa idéia de que corresponder a determinado padrão de beleza é algo importante para o êxito nas relações amorosas, tem mexido com seus cotidianos e muitas vezes tem gerado desconforto e insegurança.

É o caso de Safira e Cristal que se sentiram machucadas por seus físicos terem sido alvo de ferrenhas críticas por parte de homens com quem se relacionaram. Muitas vezes atribuem às suas aparências físicas o fracasso de seus relacionamentos. Um imperativo tão

forte que faz um dos membros do casal olhar para o outro e cobrar que ele mude seu corpo, que ele entre em forma. Diversas vezes vi mulheres nas academias e fora delas se queixando das críticas, piadas e comentários de seus parceiros em relação a seus aspectos físicos.

Entretanto, é preciso dizer que apesar de muitas mulheres sofrerem na pele a discriminação por seus físicos elas não deixam de ter determinado padrão de beleza como um critério de escolha para seus parceiros. Na narrativa de Safira ela citou Francisco José, que fora um namorado gentil, fino, educado e generoso e mesmo gostando dele, ela acabou o relacionamento porque todos diziam que ele era feio. Cito também Ametista que namorou um rapaz durante um ano e uma de suas principais motivações para a continuidade deste relacionamento era o fato dela se sentir orgulhosa por se relacionar com um homem bonito, malhado e jovem. Em todo tempo de convivência com as protagonistas deste trabalho, muitos foram os diálogos em que expressaram a idéia de que a beleza era uma condição importante para a escolha do parceiro.

Outro aspecto que esse imperativo gera é que muitas pessoas acabam sentindo vergonha de seus próprios corpos. Vivem insatisfeitas com seus corpos, embora os exercitem, os vistam, os enfeitem para deixá-los naquela forma que acreditam ser a mais bonita. Safira, Cristal e Pérola em nossas conversas sobre amor e vida, relataram como se sentem constrangidas em mostrar seus corpos para seus companheiros. Sentem-se fora de forma e com um forte sentimento de inadequação. A este respeito Goldenberg (2004) afirma que “a preocupação com um determinado modelo de corpo tem atrapalhado a vida sexual de muita gente.” (GOLDENBERG, 2004, p.43). Enfatiza também que a ansiedade em relação à forma física leva muitas mulheres até mesmo evitarem o sexo.

Outro elemento que foi possível destacar no curso da pesquisa a respeito da beleza física para a conquista do amor é que muitas vezes ocorre que algumas pessoas sofrem pressões sociais por amarem alguém que não se encaixa no padrão de beleza vigente e acabam não assumindo o relacionamento pelas pressões sociais, por não conseguirem enfrentar as opiniões contrárias. A este respeito, trago para o nosso diálogo Simone de Beauvoir (1980) quando diz que nenhum homem é realmente livre para amar uma mulher gorda. A obesidade é motivo de chacota, piada, crítica não só em relação às pessoas obesas, mas para os seus parceiros, e a violência esmagadora desse preconceito é de forma recorrente banalizada no nosso dia-a-dia. Aqui mencionei mulheres obesas, mas a mesma reflexão vale para as mais velhas, as portadoras de alguma deficiência física ou outras que divergem das demasiadas exigências desse padrão estético.

Diz Sabino (2003) que nas chamadas culturas individualistas tem-se a impressão da livre escolha nos denominados relacionamentos amorosos. Entretanto, o que ocorre é que muitos indivíduos supõem que escolhem livremente seus parceiros sem perceberem que são escolhidos pelos signos e símbolos que determinada pessoa apresenta e carrega. Tais signos e símbolos correspondem diretamente aos padrões de beleza construídos em determinada época e contexto social. (SABINO, 2003, p. 7).

Não é a toa que tantos indivíduos procuram as salas de cirurgia e recorrem a plástica de abdômen, lipoaspiração[44], lipoescultura[45], redução ou levantamento de mamas, aumento de glúteos, próteses de panturrilhas, cirurgia de pálpebras, de nariz, orelha, face. Por meio das plásticas eles querem normalizar seus corpos de acordo com o modelo corporal que acreditam lhes oferecer uma maior possibilidade de sucesso no âmbito amoroso.

Vale mencionar que o Brasil é o segundo colocado no ranking de cirurgias plásticas estéticas, logo após os Estados Unidos. (GOLDENBERG, 2004, p. 31). Cito também Edmonds (2002) que empreendeu um minucioso estudo acerca da cirurgia plástica no Rio de Janeiro com paciente de 16 a 60 anos e constatou, em termos de Brasil, um crescimento explosivo da indústria da beleza e a popularidade cada vez maior da cirurgia plástica.

Algo interessante para ser investigado na pesquisa é que, muitas vezes, a cirurgia plástica é divulgada nos meios de comunicação de massa como algo simples e banal. Como afirma Wolf (1992) “a trivialização e infantilização permeiam a linguagem dos cirurgiões quando eles falam com as mulheres ‘um cortezinho’, ‘uma esticadinha’” (WOLF, 1992, p. 342) o que muitas vezes mascara as intensas dores físicas que este procedimento pode ocasionar. A narrativa de Safira mostra que se submeteu a uma cirurgia de redução de estômago, que é um procedimento delicado e penoso que exige uma série de cuidados. Mas apesar de todo processo doloroso que vivenciou no curso de sua cirurgia, ela quer se submeter a mais outra cirurgia: “Quando eu me recuperar totalmente da cirurgia, vou fazer uma plástica para tirar a flacidez. Já botei na minha cabeça. Quero ficar linda!”

É importante que se diga que há casos de cirurgia plástica bem-sucedidos, divulgados constantemente na mídia, nos quais indivíduos julgam ter alcançado uma melhor qualidade de vida, como aqueles casos em que os indivíduos tiveram suas saúdes seriamente comprometidas ou até morreram devido a essa prática corporal.

---

[44] Este método consiste na introdução de uma cânula metálica no subcutâneo que ligada a um aparelho de fazer vácuo e aspira quantidades de gordura. À medida que a cânula é movimentada no interior da zona de acúmulo de gordura, esta é absorvida para dentro da cânula e retirada do subcutâneo. Desta maneira, com esta cirurgia existe a possibilidade de retirar uma maior ou menor quantidade de gordura do interior das zonas de depósito.

[45] Costuma- se utilizar o termo lipoescultura quando a cirurgia consiste na retirada de gordura de determinadas zonas e reinjeção em outras zonas deprimidas

A cirurgia plástica é apenas um dos muitos recursos em nosso meio social para a conquista de um corpo considerado socialmente como belo. Vimos no curso das narrativas biográficas, que essas seis mulheres lançam mão de diferentes técnicas corporais para conquistar a aparência física bonita de ser vista, um corpo socialmente considerado digno de ser amado, admirado: laxante para apresentar uma silhueta mais delgada nos eventos, exercícios físicos, regimes, consumo de cosméticos, roupas, adornos e muitas outras. Aqui é importante mais uma vez frisar como essa vontade de melhorar a aparência para ser amada movimenta toda uma indústria do emagrecimento, rejuvenescimento, mercado de vestuário, entre outros.

A beleza física como condição para o amor tem causado sérias conseqüências nas relações dos indivíduos com seus corpos e na maneira como olham uns aos outros. Esse imperativo que dissemina a idéia de que vale mais o invólucro do corpo do que o conteúdo, impede que o olhar que lançamos uns aos outros veja a amplidão do ser humano que vai muito além do eu físico. E isso tem ressoado na qualidade das relações sociais. Muitas vezes gerando dores, angústias e preconceitos e restringindo a diversidade. Dilacerando assim o direito que todos, independentemente da largura dos seus quadris, do seu tipo de cabelo, têm o prazer de viver e de ser aceitos e amados.

3.3 Quando a Beleza Física é uma Condição para o Trabalho....

Trabalho, festa, pessoa
Vida no meu coração.

(Gonzaguinha)

Lembremos, da moça Rubi relatando orgulhosa o fato de ter aberto, com toda garra, as portas para o mundo do trabalho. Em suas palavras: “Eu me senti muito feliz porque ali eu tava me firmando como pessoa, crescendo.” Safira que avaliou a sua entrada na faculdade como um momento crucial de sua vida e partilhou que naquele momento se sentiu, pela primeira vez na sua vida, dona de seu destino. Recordemos Ametista contando com ar altivo sobre a pequena placa de “Faz-se unhas” que pregou em sua porta e hoje celebra o fato de ter conseguido com esforço montar o seu salão de beleza. Também recordemos de Pérola que relatou orgulhosa ter decidido trabalhar para assumir seu filho. E ainda lembremos de Cristal envolvida com entusiasmo com os projetos sociais. Passemos a dialogar um pouco sobre elas e as suas relações com trabalho.

É importante ressaltar que Rubi, Safira e Ametista praticamente tiveram que forçar a abertura dos caminhos de suas profissões. Elas foram extremamente desestimuladas a trabalhar fora do âmbito doméstico. Por diferentes motivações elas escolheram a trilha menos percorrida. Já Pérola, Cristal e Esmeralda vivenciaram em suas socializações todo um estimulo para que percorressem a estrada da profissão. Foram criadas em tempos em que se propaga que mulheres precisam ir às ruas, ocupar os postos de trabalho.

Apesar dos diferentes contextos, as narrativas dessas mulheres indicam que entrar no mundo do trabalho para elas representou algo marcante em suas vidas, na verdade significou uma re-significação de seus projetos de vida. Elas indicaram que esse momento foi fundamental para que pegassem as rédeas de suas vidas nas mãos. Os seus trabalhos não lhe conferiam só uma autonomia material, mas pessoal. A partir disso, novos significados foram criados nas suas próprias relações com seus corpos e nas suas relações sociais.

Agora retomemos as seguintes fala de Ametista que ao falar sobre a motivação de seus clientes saírem de casa para freqüentar o seu salão afirmou “às vezes a pessoa precisa ficar bonita pra arrumar emprego”. Lembremos também da seguinte passagem narrativa de Pérola. “Mulher, só quando eu recuperar meu corpo, ficar bem mais magra porque se eu for pedir emprego de vendedora com esse corpo é só pra sofrer com a porta na minha cara.” Lembremos ainda que Pérola foi destratada no ambiente de trabalho por causa da sua aparência**.** A mulher afirmou que a patroa não queria uma diarista gorda, porque gordo era preguiçoso e daria prejuízo comendo as guloseimas da casa. Relembremos Ametista afirmando que cuida muito da sua imagem, pois é como se fosse um cartão de visitas para o seu salão. Estas são só algumas das muitas passagens narrativas que ouvi não só das seis protagonistas destas páginas como de muitas outras pessoas nas academias e fora delas que mostra como cada vez mais no mundo do trabalho se exige um determinado padrão de beleza.

Dornelles empreendeu uma pesquisa sobre o impacto da aparência física sobre os salários dos vendedores de shopping centers de Brasília. Ele constatou que as mulheres consideradas bonitas recebem salários melhores que as consideradas feias 9%. Isso se deve ao fato de o empregador acreditar que de alguma forma irá obter ganhos com os seus serviços. Deduzem que por serem bonitas atraem mais a clientela e conseguem ter sucesso nas vendas.

Nesse sentido, outro relevante trabalho é o realizado por Wolf que também mostra como cada vez mais a beleza está sendo vista no mundo do trabalho como uma exigência para a contratação e a manutenção do emprego. Ela diz: As mulheres “tiveram de acrescentar a seus compromissos profissionais o trabalho sério no campo da beleza. Essa nova responsabilidade foi se tornando cada vez mais rigorosa.” (WOLF, 1999, p. 34)

Ou seja, em nossa sociedade é corrente a idéia do valor do trabalho, ou ainda, que o trabalho dignifica o homem e, ao mesmo tempo, também a idéia corrente de que a determinado padrão estético é uma condição para o trabalho.

Corroboro Santanna (2005) quando afirma que a beleza corporal é uma relação. Não existe em si mesma. E que o corpo existe numa trama de relações. Esta autora enfatiza que politizar o embelezamento seria uma maneira de compreender as razões sociais dos nossos gestos e necessidades de cuidar da aparência. Acredito na importância desse exercício.

3.4 Segue o Caminho: Tudo é um Tornar-se Continuado

Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.
(Cora Coralina)

Nas páginas seguintes apresentarei, por meio das narrativas biográficas das mulheres aqui estudadas, como estas vêem o curso para a velhice ou a própria vivência nessa fase. Vale destacar que elas se emocionaram muito ao relatarem e refletirem sobre este vivo processo.

Cristal e Pérola franziram bastante as suas testas ao mencionarem o caminhar para a velhice. Seus relatos revelam que temem possíveis dores que acreditam fazer parte desse momento da vida. Temem rugas, flacidez, e, sobretudo, solidão. Impressionam os muitos casos relatados por Pérola de mulheres que envelheceram e se sentiram abandonadas. A sua vida de diarista e de sacoleira a fez caminhar muito por aí, o que a possibilitou colecionar essas histórias. Tanto Pérola quanto Cristal se esforçam imensamente para comprar os cremes anti-envelhecimento. Afinal de contas, são caros para os seus apertados orçamentos. Usam-nos duas vezes ao dia, rigorosamente. Uma vez pela manhã e outra ao dormir. Cristal, em uma de nossas conversas, revelou que se sentia velha. No curso da pesquisa, surpreendi Pérola, aos 28 anos, aborrecidíssima porque tinham perguntado sua idade. “E isso é lá pergunta que se faça pra uma mulher”. O que nos permite pensar que, assim como a infância, a adolescência e a vida adulta, a velhice também é algo que está para muito além do tempo do cronológico. Uma mulher de 61 anos pode se sentir mais jovem do que uma de 28. Isso dependerá das singularidades das experiências de cada uma, do modo particular que enxergam o envelhecimento em referências aos contextos que as cercam. Apesar dos medos de Pérola e

Cristal em relação à velhice, elas almejam vida longa! Se por um lado temem o tempo, por outro nele depositam esperanças.

Safira e Ametista falam da velhice como uma visita que está prestes a chegar e que estão se preparando para receber. No entanto, se valem de cosméticos, exercícios físicos, dietas e outras práticas corporais para que a tal visita tarde um pouco mais a chegar. Certo dia, Ametista mostrou-me uma revista especializada em maquiagem para terceira idade. Quer virar perita em disfarçar sinais do tempo. Safira paga caro por cosméticos que vêm do outro lado do mar e é afeita a buscar as novidades dos tratamentos estéticos. Onde houver um creme que prometa uma pele mais firme, uma aparência mais jovial, ela manda buscar sem se importar com o preço. Ambas já falam em menopausa. Qualquer calor, agonia ou insônia acham que pode ser ela se aproximando. Além dos cuidados corporais, vivem às voltas com seus trabalhos, com as tarefas domésticas e com os cuidados dos filhos adolescentes que, segundo elas, dão o maior trabalho. No entanto, quando estes dão sinais que logo mais alçarão vôos, sentem-se pensativas, com aperto no coração, assim como Cristal e Pérola revelaram em suas narrativas: medo de ficarem sozinhas na velhice. No entanto, ao mesmo tempo, quando falam dos anos que estão por vir, os sessenta, setenta anos de idade (e elas almejam muito que eles venham), também alimentam planos. Querem ser “bem conservadas”, o que significa, entre outras coisas, parecerem bem mais jovens do que são cronologicamente. Desejam estar belas e fazem planos de se divertirem, descansarem e amarem. Avançam, planejam, olhando para frente.

Quanto a Rubi, aos 61 anos, fala da velhice com serenidade. Sobre essa passagem da vida ela diz: “Com o passar dos anos você vai ganhando sabedoria para se aceitar” Isso não significa de modo algum que ela não cuide da sua aparência física. Ao contrário, ela usa cosméticos em abundância, se exercita constantemente e é cliente assídua em salões de beleza. Quer ficar bela. Medo, ela também o tem. Principalmente o das doenças. Ela também teme às doenças, se cuida muitíssimo, vai a médicos com freqüência, faz exames de rotina e fica toda prosa quando o médico diz que a sua pressão é “de menina” e que ela está bem. Mas, por mais que ele diga, não deixa de se preocupar e sempre marca novas consultas. Ela também fala da velhice como um tempo de aprender. Aprender a dançar bolero e samba. Aprender novos exercícios de hidroginástica. Aprender a ter um amor. Ela ainda procura alguém especial para viver sua primeira noite de amor. Relata sobre “os calos” que tem no coração, porque perdeu pessoas amadas ou porque morreram ou se afastaram. Porém, fala das rosas que tem no coração, porque encontrou belas pessoas nesse momento da vida. Ela afirma

que esse ainda é o tempo das surpresas, de incorporar paixão à vida. Partilha com sua voz serena que, se a velhice tem suas limitações, tem também suas riquezas.

Esmeralda, hoje com 17 anos, com o seu jeito despojado, certa vez falou-me que não queria ficar velha de forma nenhuma. Não ia suportar “ser um saco de pelanca”. Mas disse que vai dar jeito nisso. Quando chegar o tempo terá condições de fazer, em suas palavras, “mil plásticas”.

Antes de apresentar suas narrativas sobre o tempo da velhice, trago alguns autores que, com suas reflexões, muito nos ajudam a pensar sobre esse momento do caminhar da vida.

Primeiramente trago para esse diálogo Simone de Beauvoir, que na década de 1970, se valeu de sua prosa intensa e cortante para quebrar o silêncio que se fazia sobre a velhice. Foi também intensamente criticada ao tomar tal atitude. Revelou que quando estava elaborando o seu ensaio as pessoas exclamavam “Que idéia!”, “Mas você não é velha!”, “Que tema triste!” (BEAUVOIR, 1990, p.8). Segundo a escritora, tais comentários serviam como estímulos para que ela continuasse escrevendo, pois justamente a pedra de toque do seu livro consistia em suscitar o diálogo, a reflexão, a discussão e o questionamento sobre o modo como a sociedade tratava os velhos, pensava a velhice e sobre como as próprias pessoas que estavam vivenciando esse momento da vida se viam. A esse respeito, ela declarou de modo duro: “Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância trata os idosos como parias.” (BEAUVOIR, 1990, p.8).

Salienta a autora que, a partir das observações do tempo e contexto em vividas, que muitas percepções sociais sobre velhice eram vinculadas a uma forte marca de desgraça, de isolamento, doença, degradação. Afirma que vários indivíduos se recusavam a se reconhecer nos velhos que um dia seriam, como se simplesmente esse tema não lhes dissesse respeito. Quando a velhice chegava era geralmente acolhida com tristeza ou revolta (BEAUVOIR, 1990, p.659). A este respeito ela refletiu: “Antes que se abatam sobre nós, a velhice é uma coisa que concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes.” (BEAUVOIR, 1990, p. 12). A partir disso, faz a seguinte convocação a seus leitores: “não sabemos quem somos se ignorarmos o que seremos: aquele velho, aquela velha, reconhecemo-nos neles. Isso é necessário se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana.” (BEAUVOIR, 1990, p.12).

Esta autora nos ensina a perceber que a velhice não é uma categoria abstrata. Ela é uma construção social, um processo, sua reflexão deve se dar a partir das vivências singulares dos indivíduos em referência aos contextos sociais que os cercam. Em suas palavras: “qualquer afirmação que pretenda referir a velhice em geral deve ser rejeitada.” (BEAUVOIR, 1990, p.17). Sendo uma construção social, ela pode ser mudada a partir das relações sociais e esta autora propõe justamente uma mudança na forma de perceber e vivenciar a velhice, no sentido de promover um olhar que não considere esta fase da vida como algo moralmente horrível, que promove destroço e exclusão. (BEAUVOIR, 1990, p.663). Ela indaga de forma cortante: “como deveria ser uma sociedade, para que, em sua velhice, um homem permanecesse um homem?” (BEAUVOIR, 1990, p.663). E fala em dignidade, aceitação social e respeito em qualquer idade da vida.

Passos significativos para a quebra desse silêncio foram dados em nossa sociedade ocidental e moderna, desde que Beauvoir escreveu o livro intitulado *A Velhice.* Rocha (2003), em sua instigante pesquisa acerca do envelhecimento, nos ajuda a compreender esses passos. Ela deslinda que, a partir da década de 1970, tal tema ganhou espaço nas produções das Ciências Sociais e em outras áreas do conhecimento e de intervenção. Enfatiza também que a temática do envelhecimento tornou-se mais presente nas falas dos atores sociais, nos discursos e na agenda política nacional e enfatiza que essas representações inspiraram projetos, programas e políticas sociais, ao mesmo tempo em que refletiam as dificuldades encontradas na prática cotidiana.

Alves (2004), em seu trabalho antropológico sobre a velhice, mostra que para compreendê-la é preciso refletir sobre seus vínculos com as relações sociais mais amplas: como relações de classe, de gênero e interétnicas, nos possibilitando compreender como a construção da categoria velhice foi se gestando no curso da vida moderna. E um dos dados que fornece sobre isso, a partir de Debert (1992), é que as muitas transformações ocorridas no século XX ocasionaram uma mudança no tom do tratamento da velhice. A associação imediata entre pauperismo e velhice começou a dividir espaço com uma idéia de velhice vinculada ao hedonismo, prazer, realização pessoal. Ela revela que essa mudança de tom foi suscitada por diversos acontecimentos:

> A entrada tardia das gerações mais novas no mercado de trabalho, uma estratificação social complexa, com maiores chances de mobilidade social ascendente entre gerações, o aumento da longevidade a redução da idade para a aposentadoria a extensão da aposentadoria a setores mais diversificados da sociedade, e o aparecimento de um publico alvo para absorver (e alimentar) o discurso da gerontologia. (DEBERT, 1992)

Vários autores destacam que esta re-significação da idéia da velhice acaba gestando um mercado consumidor extremamente lucrativo. Debert (1999), Palácios (2004), Motta (2002), Alves (1992) e Bossit (2002) mostram como são oferecidas novas possibilidades para desenvolvimento pessoal (curso e atividades culturais, universidades), novos produtos e serviços para cuidados com a aparência física, programas de lazer entre outras coisas. São fortes os estímulos (ou seria melhor dizer imposição?) para que as pessoas que vivenciam este momento consumam cada vez mais.

Neste exercício de reflexão, algumas reflexões se colocam: Podemos afirmar que o silêncio que cercava a velhice que tanto incomodava Beauvoir foi definitivamente quebrado? E quanto o olhar que taxava a velhice como moralmente horrível foi realmente modificado? Reflitamos sobre isto.

Remeto-me a uma passagem do livro de Beauvoir (1990), que revela uma idéia muito corrente no senso comum acerca da velhice no tempo e no contexto em que ela o escreveu: “Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam neles, o amor, o ciúme. Parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória [...]. Devem dar os exemplos de todas as virtudes.” (BEAUVOIR, 1990, p.12).

Essa passagem direcionou a Rubi, que no curso da pesquisa, em tom de desabafo, relatou como se sentia chateada porque alguns familiares e conhecidos a criticavam por estar, aos 61 anos, aprendendo a dançar, contratando professores jovens para ministrar aulas de dança em sua casa, freqüentando bailes de dança de salão, indo regularmente ao salão de beleza e à musculação aos 61 anos. Segundo ela, muitas vezes as críticas vinham em tons de piada, como uma vez que a chamaram de “velha gaiata”. Ao longo do trabalho de campo, ao conviver com muitas pessoas da mesma faixa etária, escutei depoimentos bem parecidos. Muitas expressavam a falta de aceitação em relação às mulheres viúvas ou separadas nessa faixa etária, que almejam vivenciar as vicissitudes de uma relação amorosa. Outra queixa freqüente é que não podiam se mostrar aborrecidas, aumentar demais a voz, pois sempre esperavam que fossem boas e sensatas, ponderadas e isso, muitas vezes, constituía um peso para elas, já que gostariam de ter mais liberdade de demonstrar suas emoções. O convívio com essas mulheres me mostrou como ainda vicejam preconceitos em relação às pessoas que estão nesse momento da vida. É como se a dança, o amor, a mobilidade, a movimentação ampla, o aprendizado de novas coisas não fosse adequado às pessoas dessa faixa etária e que a elas cabe a reserva, a quietude, a bondade, a contemplação, o cuidado e a compreensão em

relação às outras pessoas. Essa visão acaba gerando conflitos e dores nessas pessoas que se vêem com plena energia para se movimentar, criar, aprender, amar e que se sentem como qualquer outra pessoa de qualquer outra idade no direito de acertar e errar.

Aqui também vale citar uma outra passagem do livro de Beauvoir, referente ao momento em que moças foram perguntadas sobre seus futuros, como estas se imaginavam aos 60 anos. Algumas diziam: “Eu me mato antes”, “Eu num chego lá”, “Vou morrer antes” (BEAUVOIR, 1990, p.12). Nas narrativas da moça Esmeralda podemos vislumbrar idéia semelhante e na pesquisa de campo que empreendi na academia (PONTE, 2005) constatei que estas são idéias bem correntes. Acredito que, ao invés de taxarmos essas formas de pensar como fúteis, pouco inteligentes ou imaturas é importante refletirmos sobre como essas moças foram socializadas. Possivelmente não foram preparadas para gostarem de seus corpos em todas as idades.

Antes de apresentar o leitor às narrativas da velhice das protagonistas deste trabalho, considero importante trazer para este diálogo uma reflexão de Palácios **(**2004**)**, sobre como os sujeitos sociais são individual e subjetivamente impelidos, estimulados, incitados, induzidos, instigados socialmente a serem jovens em qualquer tempo. Ela diz:

> A busca pela juventude resulta em um comportamento ativo de combate à velhice e/ou que o estado de ser velho deve sempre ser acompanhado da busca pela conservação da juventude [...]. Conservar a juventude é também combater a velhice, combater a velhice é buscar recuperar a juventude. (PALACIOS, 2004, p.12).

A esse respeito, Alves (1992) afirma que estão sendo criadas técnicas cada vez mais desenvolvidas para a manipulação da aparência física, oferecidas pelas tecnologias, por meio das cirurgias plásticas, cosméticos, exercícios físicos.

Diante disso, reflito que se há todo momento a pessoa velha é preciso parecer jovem. Então o silêncio a respeito do velho que tanto Beauvoir falava, não está sendo inteiramente rompido. É como se essa idade precisasse sempre ser mascarada. Se a palavra velho é tão cercada de preconceito, que parece uma ofensa quando se chama alguém assim, a ponto de ter que arranjar outros nomes para designar, como “terceira idade”, ”melhor idade”, “jovens a mais tempo.” Indago se, com uma nova roupagem, o silêncio sobre a velhice ainda vigora.

Essa indagação tornou-se ainda mais forte ao conversar com Margarida, uma das integrantes da turma de hidroginástica da qual Rubi faz parte. Com mais de 60 anos, em longas conversas, ela me falou sobre a imposição de suas amigas da mesma faixa etária para

que ela se arrume mais, seja mais vaidosa, goste mais de sair, sorria mais. Elas chegam a chamá-la de desleixada, de amarga, dizem que ela aparenta ser bem mais velha do que é. Diante disso, Margarida, embora angustiada, me confessa que não vai abrir mão de ter um estilo que ela denomina mais sossegado, relaxado pela exigência das amigas.

Rocha (2003) nos mostra como isso está ligado aos sentidos e significados do nosso meio social. “A velhice é vista em decorrência de um descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados. Envelhecer bem passou a ser responsabilidade individual. (ROCHA, 2003, p. 27).

Acredito na importância de olharmos esse outro lado da questão, ou seja, uma vez que a idéia de velhice está fortemente sendo propagada em nosso meio social, vinculada ao hedonismo, prazer e realização pessoal, precisamos observar também as exigências sociais que são geradas nesse sentido. Será que o lazer e o consumo de uma série de produtos que elas acreditam proporcionar a alegria, não estão se transformando também numa forte imposição? E isso chega ao ponto das pessoas que não se exercitam, que gostam mais de ficar em casa, serem tratadas com pré-conceito?

Acredito que não ter sido casual o fato das protagonistas dessa pesquisa se sentiram tão emocionadas ao falarem na velhice. Ela é vista com sentimentos ambíguos, vontade que chegue logo, pois isso significa vida longa e ao mesmo tempo a vontade que ela demore a dar seus sinais em suas peles, em seus músculos, em suas memórias, em suas relações sociais. Mesmo Beauvoir, que escreveu com grande fôlego 711 páginas no seu livro sobre a velhice, nos aconselhando a recebê-la com tranqüilidade, revelou o seu medo, sua insegurança nesse momento da vida, quando escreve ao seu “amor transatlântico”, Nelson Algren: “Eu detestaria morrer, ficar doente, envelhecer, enfeiar ou me tornar inválida. Gostaria que você usufruísse do amor de uma mulher bem viva saudável, amável e bela. Farei o melhor possível, meu querido.” (BEAUVOIR, 2000, p.131).

Percebo que as mulheres desta pesquisa, ao falarem sobre esse momento da vida, também estavam empreendendo um movimento parecido. Falar para entender. Falar para enfrentar. Falar para viver o que tem que ser vivido com mais segurança. Ao escutar as suas histórias, fiz algo parecido e acredito que o leitor também o fará. A seguir, fique com algumas palavras dessas mulheres sobre esse tempo que, como qualquer outro de suas vidas, tem seus dilemas e possibilidades, que é a velhice.

Safira, aos 45 anos de idade, acomodada em uma bela cadeira na varanda de seu luxuoso apartamento, onde costumávamos conversar sobre a vida, volta o seu olhar amendoado,

castanho-escuro, com brilho expressivo que se destaca atrás das lentes de seus óculos e de uma maneira firme reflete como concebe a velhice e as expectativas em relação a essa fase da vida.

> Faz parte da vida! Eu quero chegar aos setenta em forma. Não é possível que eu não consiga! Queira Deus que a medicina avance mais e mais e invente as fórmulas do rejuvenescimento. [...] Eu me cuido muito porque eu sei que os anos num instante passam e se eu não me cuidar hoje, amanhã não vou ter uma qualidade de vida e eu quero continuar viajando, namorando, me divertindo. Num quero ficar em casa triste vendo a banda passar! Ainda quero ter a felicidade de brindar a minha cintura fina. (risos)

Ametista, aos 42 anos de idade, enquanto arrumava o salão situado na sala da sua casa num bairro de periferia, entre os gestos de guardar escovas, recolher toalhas e passar a vassoura no salão com extrema agilidade, partilha como percebe e deseja vivenciar a velhice:

> Mulher eu já tive um medo medonho de envelher porque a pessoa fica mais perto da morte, eu sempre tive medo de morrer (pausa) as doenças e tem toda questão do espelho... Vê uma ruga, vê outra, se agarra nas tinta do cabelo pra cobrir os brancos, nos pó pra cobrir as rugas ai tem aquela coisa da pessoa mais velha ficar sendo um peso pra todo mundo. Mas hoje eu num penso muito assim não eu acho que se a pessoa se cuidar ela demora a envelhecer num vê a Bruna Lombardi quem diz que aquela mulher tem a idade que tem? Eu vô no mermo caminho, faço o possível e o impossível...

Pérola, aos 28 anos de idade, expressa em um de nossos diálogos vivenciados em sua casa, regados a café e biscoitinhos saborosamente preparados por ela, o que pensa e sente em relação à velhice:

> Eu tenho medo de envelhecer, acho que tanto homem quanto mulher têm. A beleza se vai, as doenças aparecem, a pessoa fica meio abandonada. [...] Ei! As pessoas velhas são muito maltratadas, não vê o caso daquela senhora que os filhos pagavam uma babá pra tomar conta dela e a desgraçada batia na coitada, Um horror! Uma pessoa tem 19 filhos não aparece nenhum pra cuidar, o pai e mãe dão amor, vai pro medico de ônibus, se sacrificam e acabam sozinhos. Ei terrível! É um horror. Eu quero fazer vestibular e ter o meu negócio pra quando eu ficar velha num ficar dependendo de ninguém.

Num encontro que marcamos no centro da cidade de Fortaleza, para caminharmos e dialogarmos sobre a vida, Cristal, no auge de seus 25 anos, expressou com sua voz doce, mas ao mesmo tempo enfática, suas impressões sobre a velhice:

> Já uso renew pra 30 anos que nem é pra minha idade ainda porque eu me preocupo com a questão do sol que dá certas rugas. Eu sou muito ligada em cosméticos: nívea, dove.[...] A sociedade é muito injusta com as pessoas idosas, com as mulheres então! São muito desvalorizadas. Eu já me sinto velha. Te juro! Geralmente o homem quando envelhece fica charmoso e a mulher fica acabada. É difícil pra quem é vaidosa. É, mais eu amo a vida e vou envelher bem.

Esmeralda, aos 17 anos de idade, com o seu jeito frenético e descontraído disse em uma das nossas conversas em sua casa o que pensava sobre envelhecer. “Ficar velha odeeeeeeiiiioooo! Nem combina! Eu ser um saco de pelanca! (risos), mas daqui pra lá e ainda tá looooonge eu me estribo e faço mil plásticas e fico com aquela cara de peixe (faz um gesto repuxando a pele do rosto) toda esticada!”

Rubi, uma reportagem sobre os benefícios da musculação para as pessoas da “terceira idade”, a recomendação médica que a estimulou a prática de exercício físico, o convite de uma amiga que diariamente se exercita com ela em longas caminhadas e a vontade forte de perder a gordurinha localizada na cintura, foram estímulos que a fizeram se matricular aos, 59 anos, na academia. Com vigor, deu inicio a aulas de hidroginástica e a prática da musculação. A seguir ela conta, com uma expressão corporal alegre, que se sentiu contente por vivenciar a academia como um lugar de encontro com pessoas com as quais podia partilhar:

> Foi uma atitude muito acertada que eu tomei. Um mundo se abriu pra mim. Entende? Eu fui pra cuidar da saúde, pra ficar mais bonita e acabei ganhando outra família. Deu um colorido na minha vida! A gente sai, se diverte, conversa, escuta a outra. Você sabe como é! E pra mim, foi bom, maravilhoso, porque de família perto só tenho Carol e aí elas me acolheram como alguém da família.

Ela e suas amigas da academia possuem uma agenda agitadíssima. Semanalmente organizam eventos para desfrutarem do prazer de estarem juntas: almoços, jantares, chás, aniversários, bailes. Aos 60 anos, Rubi iniciou aulas de dança para brilhar mais e mais nos bailes da vida e rodopiar com destreza ao som dos boleros, sambas, soltinhos e salsas. Entusiasmada partilha:

> Eu amo dançar! Deixar a música penetrar em mim. Tenho uma certa rigidez por causa dos anos de congregação e da minha educação que foi muito repressora e ainda tenho um pouco de timidez que atrapalha, mas não faço feio no salão não. Estou melhorando bastante nas aulas. Amo dançar! Amo a vida!

Rubi relata que é possível se sentir bem viva após os 60 anos e, muitas vezes, até mais viva que antes. Ela enfatiza sua vontade de estar cada vez mais bonita:

> Depois da congregação ressurgiu minha vida e isso vem num crescendo. Eu me valorizo, cuido do meu corpo, do cabelo, da alimentação. Eu me preocupo com a balança! Gosto de me arrumar, comprar brinco porque brinco é uma beleza. Eu não tenho vergonha de mim. Tenho até vontade de ajeitar essa pontinha do nariz (ela toca o nariz), meio caidinha. Eu conversei com um cirurgião ele disse que é uma coisa simples, só corretiva.

Aos 61 anos ela confessa que esse momento da vida guarda suas dificuldades e que é preciso perseverança para contorná-las:

> São 61 anos. O corpo não é uma máquina. Entende?! O corpo sente o passar dos anos. Tem dia que me sinto mais cansada, indisposta. Ficar bonita é mais difícil [...] Fora o medo de adoecer que fica maior. A gente fica mais vulnerável. [...] É tanto que uma coisa que acontece muito é que a morte ronda mais a vida da pessoa porque os amigos vão embora, as pessoas adoecem e morrem e quando alguém se vai você para e pensa que aquilo pode acontecer com você. É por isso que tem muita gente da minha idade que se entrega. Por que diz pra que? Pra quê que eu vou fazer planos se o fim tá perto! Acha que já cumpriu sua missão e pronto. Às vezes esses pensamentos vêm e eu não me entrego. Vou logo rezando pra Deus afastar isso da minha mente e me dá perseverança pra viver muita coisa.

É afeita a trabalhos sociais. Acredita que o ser humano em qualquer idade precisa contribuir para uma vida mais justa para todos. Seja para os homens, as mulheres, as crianças, a natureza. Ela acredita no seguinte pensamento: "Já que as pessoas que querem destruir trabalham incessantemente então as que querem construir não podem descansar." A seguir ela reflete como procura vivenciar esse pensamento no dia-a-dia:

> Eu me sinto bem fazendo parte de projetos sociais. E no meu dia-a-dia eu tento fazer minha parte. Eu reciclo o meu lixo, lavo as caixas de leite, as garrafas, pro lixeiro não ter trabalho de pegar em comida podre. É uma pequena parte, mas eu me sinto bem. Até a carne eu to abolindo porque além de fazer mal eu assisti um documentário! *A carne é fraca* e fiquei comovida com o sofrimento dos animais. [...] Eu sou uma pessoa otimista eu tô vendo a perspectiva de um mundo melhor para o futuro eu sinto um despertar em algumas pessoas acho que a coisa arruinou tanto que muita gente ta vendo que não dá pra continuar como está.

Gesticulando suas mãos marcadas pela ação do tempo, com uma voz serena e um ar confiante ela tece uma reflexão sobre como se vê:

> Eu sou uma pessoa muito feliz com toda minha historia com que fui e com que eu sou apesar de que com a experiência que eu tenho hoje faria algumas coisas diferentes, mas só em tudo que fiz ter me trazido ate aqui eu fui e sou feliz. Eu sou uma pessoa otimista, muito pé no chão, mas eu num entro na vida dos desgraçados de jeito nenhum, sei que tem várias filas de pessoas no mundo... eu sempre entro na fila dos que se dizem sortudos, eu sempre chego lá. Os meus sonhos não são tão altos, são médios, eu prefiro assim pra eu alcançar e chegar lá . Principalmente nas virtudes, na bondade, mas eu num me conformo com o que já fiz, eu sempre quero fazer mais.

E assim, aos 61 anos, Rubi deslinda em sua narrativa sobre a velhice que sente dificuldades com as transformações físicas que o tempo traz, mas segundo ela isso não impede que ela continue com sua incansável busca de viver o mais plenamente possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações do caminhar da pesquisa

"Não me venham com conclusões. A única conclusão é morrer".
(Fernando Pessoa Pessoa/Álvaro de Campos)

O objetivo principal desta dissertação foi interpretar as narrativas de mulheres fortalezenses, praticantes de musculação, e suas experiências em relação à aparência física no cotidiano, no trabalho, no lar e nas interações sociais. Com base nessas narrativas, procurei oferecer uma compreensão de como essas mulheres, pertencentes a diferentes realidades sociais, econômicas e culturais, vivenciam seus corpos, os sentimentos daí deflagrados e, principalmente, o que essas experiências revelam sobre o contexto social em que estamos inseridos.

A importância que cada uma delas atribui ao encontro com olhar do outro é algo que emerge com muita força nas narrativas biográficas das seis protagonistas desta pesquisa, em todas as fases de seu caminhar na vida. O outro pode ser um familiar, um amigo, um vizinho, alguém especial ou até mesmo uma pessoa por quem nutrem um desafeto. Para esse encontro, cada uma delas costuma, desde a infância, preparar sua aparência física, criteriosa e detalhadamente, pensando nos adornos, nas roupas, no perfume, na maquiagem.

Para essas mulheres, o fato de construírem uma aparência física bonita de ser vista desde sua meninice, é algo que ultrapassa a satisfação com seus próprios espelhos. Elas também se empenham em preparar seus corpos numa tentativa de serem apreciadas, respeitadas e aceitas pelo outro, numa tentativa de vivenciar a alegria de ouvir elogios, sentir olhares de admiração relacionados à sua aparência física.

Aqui, vale a pena compartilhar um dado bem recorrente na pesquisa de campo que mostra como essas mulheres conferiam importância ao olhar do outro em relação ao seu aspecto físico. Nas visitas empreendidas a seus lares, as mulheres com quem interagi na pesquisa mostraram fotos sobre momentos marcantes de suas vidas. Ora marcantes pela alegria, ora pela dor. Ao folhearem cuidadosamente os álbuns sofisticados, ao retirarem suas fotos de caixinhas simples, ou até mesmo de sacos plásticos amarelados pela ação do tempo, compreendi que aquelas fotos eram pedacinhos de suas vidas, pois elas mostravam um pouco de suas caminhadas e mostravam as transformações de seus corpos nesse ínterim. Muitas das

fotos apresentadas eram de suas vivências nos mais diversos rituais (aniversários, casamentos, batismo, primeira comunhão, festejos de datas comemorativas, desfile de 7 de Setembro, quermesses). A apresentação de cada foto geralmente vinha acompanhada de uma narração cheia de emoções, movimentos, cores e vida.

Percebi uma similaridade no curso de suas narrações. Elas compartilhavam tanto a preparação de si, ou seja, todo um conjunto de práticas corporais que empreendiam para se sentirem mais adequadas e mais belas para cada ritual que vivenciariam, como partilhavam as reações das outras pessoas em relação à forma como se apresentavam. A isso conferiam bastante ênfase. Percebi pelos seus relatos e por suas expressões corporais, que as reações das outras pessoas em relação à apreciação de suas aparências físicas eram contundentes para que avaliassem tais eventos como momentos de felicidade ou de tristeza. Isso mostra o quanto o encontro com o olhar do outro era importante em suas vidas.

O caminhar da pesquisa mostrou que são muitos os estímulos e as pressões em nossa sociedade para que essas mulheres tão diversas fisicamente, profissionalmente, financeiramente dêem ênfase à aparência física como uma forma de serem aceitas socialmente.

Um dos fatores que suscita essa idéia é o processo de socialização familiar. As protagonistas desta pesquisa foram estimuladas e muitas vezes pressionadas a construção de um corpo considerado socialmente como belo. Em seus lares, observavam os movimentos de tias, avós e irmãs mais velhas extremamente zelosas com suas imagens, manipulando diariamente maquiagens, produtos de embelezamento e expressando em gestos e falas o quanto a beleza física é importante para suas vidas. Na socialização escolar, também aprenderam que para ter um lugar especial entre os seus, como diz o poeta, a beleza é fundamental. Isso fica evidente nos desfiles de rainhas de sala, promovidos nos colégios, tão comentados em suas narrativas. Estes promovem de forma intensa essa idéia de que quem se destaca pela beleza colhe frutos positivos nas relações sociais. As narrativas trazem em comum o fato de que as pessoas eleitas em tais concursos acabavam tendo uma atuação mais positiva em seus espaços de sociabilidade.

Sobre isso, remeto-me à reflexão de Woolf (1992, p. 98), que reflete sobre uma idéia propagada desde a socialização de muitas meninas em nosso contexto social: “mulheres competem com as outras mulheres”, “invejam umas as outras”, “as mulheres consideram umas as outras possíveis adversárias”. A autora vai mostrar como essa idéia é prejudicial, pois promove sentimentos de disputa, brigas, competição, quando as mulheres, desde crianças, deveriam aprender a se respeitar, inclusive, se unirem na busca de determinados direitos e

interesses. As narrativas mostraram que voltar o olhar para as infâncias das protagonistas desta pesquisa constituiu uma importante chave de compreensão da relação que estas estabelecem com seus corpos atualmente. Corroboro a idéia de Del Priore (2004, p. 8) quando diz que “olhar para trás” é um saudável exercício que ajuda a iluminar os caminhos que agora percorremos, entendendo o porquê de certas escolhas feitas.

A pesquisa comprovou que além da socialização familiar e escolar, os meios de comunicação de massa difundem amplamente que o corpo socialmente considerado como belo é garantia de sucesso, poder e felicidade nas mais diversas áreas da vida do ser humano (no trabalho, no relacionamento amoroso, nas interações sociais). Essa convocação (ou seria melhor imposição?) produz nessas pessoas um forte desejo de se tornarem parecidas com modelos corporais.

Outro fator que influencia a idéia da beleza física como algo importante para a aceitação social são os crescentes apelos vindos do mercado: as indústrias do emagrecimento, do rejuvenescimento, do vestuário, entre outras, a cada dia criam mais e mais produtos que prometem tornar os corpos mais belos e saudáveis.

Essas convocações acabam disseminando a idéia de que o valor do indivíduo está relacionado à sua forma física. Como se a imagem fosse central na vida de homens e mulheres. Um dos elementos que vai definir quem deve ser amado ou não, quem merece ser respeitado, quem pode ser ridicularizado. Concordo com o pensamento de Louro (2003, p. 6), quando afirma que: “Os corpos são marcados, fortemente, a partir da exterioridade do olhar e do dizer do outro. Os corpos são nomeados e discriminados conforme se ajustem, ou não, aos ditames e às normas de sua cultura.”

Foi comprovado no decorrer do trabalho que esses significados atribuídos ao corpo considerado belo acabam ressoando intensamente nas relações com seus corpos em todas as fases de seu caminhar da vida.

Na infância, aquelas meninas que se consideravam belas e eram admiradas por isso, permaneciam vigilantes e tensas para manter a aparência física que as faziam se sentir num lugar especial entre os seus. Já aquelas que não se consideravam e nem eram consideradas belas tiveram suas alegrias de viver seriamente comprometidas, pois se sentiam feridas intimamente por serem ridicularizadas e desprezadas por conta de sua aparência física. Algumas sentiam um desconforto desmedido por serem alvos de apelidos maldosos.

Se por meio de suas vozes e lembranças pudemos visitar suas infâncias, foi possível também ver aquelas meninas se esticando, seus corpos ganhando novas formas, suas bonecas sendo ressignificadas, seus corações se abrindo para o amor, enfim, acompanhamos

as mudanças subjetivas, físicas e sociais que a adolescência provocou em suas vidas. Em referência ao nosso meio social que tanto cultua os corpos, algo que era bem vivo nelas quando crianças se intensificou ainda mais na adolescência: a vontade de conquistar uma aparência física considerada bela. A dedicação e preocupação eram tão demasiadas na busca do "corpo perfeito" que muitas comprometeram seriamente seu bem-estar físico, emocional e social. Regimes severos, prática abusiva de exercício físico, recusas em sair à rua com vergonha do corpo. Foi possível desnaturalizar, no curso da pesquisa, uma idéia tão corrente no meio social de que "um corpo bonito é necessariamente um corpo saudável."

Acompanhamos também algumas dessas moças crescendo, saindo da casa dos pais, preparando uma vida dentro delas, entrando para o mercado de trabalho e vimos em sua fase adulta, como a questão da aparência física assumia uma centralidade em suas vidas. Ao engravidarem temiam as marcas que essa experiência deixa no físico e as narrativas apontaram que a beleza física foi vista por muitas delas como um capital imprescindível para alcançar bom êxito nas relações amorosas e no âmbito profissional.

Conhecemos também suas impressões sobre o caminhar para, ou na velhice. Envelhecer pode ser sinônimo de sofrimento, abandono, doença, como é o caso de Pérola. Já Esmeralda e Cristal vêem a velhice como uma fase muito dura e preocupante, devido às mudanças que acarreta na aparência física. Atribuindo significações tão negativas a essa fase da vida elas procuram adiá-la a todo custo e se disciplinam para isso. Os corpos delas procuram diariamente lutar contra algo inevitável. Afinal, a passagem do tempo é algo que ocorre independentemente dos nossos desejos.

Procurei refletir porque essas três mulheres e tantas outras com as quais interagi em pesquisa sofrem com o medo da velhice. Em nossa sociedade proliferam discursos como "O mundo é dos jovens", "O corpo bonito e capaz é o corpo jovem". Discursos que parecem transmitir que a alegria, a inovação e o sucesso em todas as áreas – trabalho, sociabilidade, vida amorosa – é exclusividade dos jovens.

Posso citar também como uma forma de pressão ou de estímulo para este ressentimento com a velhice, a atuação da mídia. As modelos que estampam as revistas femininas, tão apreciadas por essas praticantes de musculação, são quase sempre jovens. Enfim de diversas formas essas mulheres são estimuladas ou pressionadas para dispor de uma série de técnicas no intuito de manter suas aparências físicas o mais jovem possível. Afinal de contas são suscitadas a acreditar que isso é a saída para obter a felicidade.

A pesquisa apontou que um dos motivos contundentes para essas praticantes de musculação não perceberem o quanto um indivíduo pode ser pleno e tranqüilo

independentemente da idade, é o fato de um determinado padrão de beleza, nos dias atuais, ser tão valorizado. Uma valorização às vezes tão exacerbada que contribui para que indivíduos acreditem que rugas, manchas, fios de cabelos brancos, e uma pele não muito rija, sejam sinônimos de infelicidade. Olhando para essas mulheres franzindo suas testas, expressando sofrimento ao falar da velhice, percebi que não é somente a flacidez, as rugas, os fios de cabelos brancos, essa ou aquela doença que as apavoram, mas o medo do lugar (ou seria do não lugar?) que elas acreditam que é concedido em nosso meio social para as pessoas quando envelhecem.

Safira e Ametista, apesar dos receios que nutrem em relação a essa fase, se esforçam para recebê-la com serenidade e empreendem todas as medidas para vivenciá-la da maneira que acreditam ser a melhor possível. Para isso, Safira deposita suas esperanças nos avanços da medicina e nas possíveis fórmulas de rejuvenescimento e embelezamento que esta pode criar. Já Ametista se inspira nas atrizes que envelhecem e, segundo ela, não perdem a forma e a jovialidade. Como enfatizei ao longo da dissertação, elas convivem em seus contextos sociais com discursos da medicina estética, da mídia, da indústria de embelezamento e esses são extremamente relevantes na construção de suas relações com os seus corpos. Vale mencionar que estas instâncias não são abstratas, entidades em si mesmas, elas também são geridas por nós (NOVAES, 2005). Destacamos também o amplo alcance destes discursos que visitam tanto casarões como casas populares.

Por meio das vivências de Rubi, entretanto, é possível desconstruir uma série de estereótipos sobre essa fase da vida. Aos 61 anos, ela deslinda que o envelhecimento tornou seu corpo mais suscetível a determinadas doenças, a flexibilidade e a mobilidade também se modificam, o que pediu dela mais paciência e novas formas de lidar com o corpo. Entretanto, ela mostra em sua narrativa que seu corpo não perdeu a capacidade de interagir, se divertir, aprender, experimentar, refletir, sentir o prazer das pequenas coisas, de participar ativamente de projetos sociais. Ao contrário, ela considera que atualmente, vive tudo isso com mais sensatez e emoção. Vale salientar que como uma mulher que dialoga com as demandas de seu tempo, ela compra tudo que lhe indicam e tudo o que ouve dizer que é bom para viver mais e para ficar mais bonita. Ela sente uma preocupação demasiada com a balança. Quando alguém diz que ela aparenta ser muito jovem para a idade que tem, fala toda prosa: “Ah! Ganhei o dia!” Evidentemente ela não é a mesma quando começou sua caminhada da vida lá no Crato, mas como aquela menina continua a olhar nos espelhos um tanto preocupada se aquela sua imagem, as rugas, as modificações serão dignas da admiração do outro.

Ficou claro, durante o processo da pesquisa, que do tempo da menina Rubi ao tempo da menina Esmeralda, ocorreram muitas mudanças sociais. As mulheres empreenderam conquistas nos âmbitos econômico, profissional, político, sexual. Discursos que propagam o fim de todos os tabus relacionados ao corpo, a livre expressão do desejo e da expressão corporais vêm sendo suscitados pelos movimentos sociais e, muitas vezes, propagados pelos meios de comunicação de massa. As seis protagonistas deste trabalho vêm dialogando com essas mudanças e, com base nesse diálogo, construindo as relações com seus corpos. Elas se sentem mais livres para intervir em seus corpos, para pegar as rédeas dos seus destinos. Desejam a ascensão profissional, acreditam que uma mulher pode ser feliz solteira, no entanto querem encontrar um companheiro que saiba partilhar o trabalho doméstico e dividir as responsabilidades na criação dos filhos.

Porém, a pesquisa mostrou que – apesar dos discursos e das mudanças efetivas quanto à indistinção nos papéis de gênero (DUTRA, 2002), independentemente das diferenças de gerações e situações sociais, econômicas e culturais das protagonistas deste trabalho – vigora, no senso comum, uma forte idéia que acaba sendo reproduzida em seus cotidianos. Mulher que é mulher tem que ser vaidosa e deve estar sempre procurando a perfeição física; para serem plenamente felizes, precisam ter determinado padrão corporal. Assim, elas se disciplinam, com toda obstinação, do acordar ao dormir, para conquistar esse padrão de beleza. Por trás desse discurso de liberação da expressão corporal, há controles e regras para enquadrar seus corpos a padrões estéticos. Como diz Goldenberg: “O corpo é um corpo coberto por signos distintivos. Um corpo que, apesar de aparentemente mais livre por seu maior desnudamento e exposição pública, é, na verdade, muito mais constrangido por regras sociais interiorizadas pelos seus portadores.” (2002, p. 38).

Além dessa idéia do dever que a mulher tem de ser bela, predominam outras que vigoravam nos anos 1950 e que estão sendo novamente reproduzidas, mas veiculando novos significados. Esse discurso preconiza que o homem deve contribuir com os trabalhos domésticos, mas que a mulher é principal responsável pela organização da casa. Ressalta, ainda, que mulher para se casar não deve ser mal falada... Muitas mulheres acreditam que os homens devem participar da criação dos filhos, no entanto reforçam a idéia de que a mãe é tudo na vida de um filho e de que a responsabilidade da educação dos filhos acaba sempre sendo mais assumida pelas mães.

Observei uma coexistência entre valores tidos como tradicionais e valores tidos como modernos. A partir da oscilação entre esses discursos, as mulheres vão construindo as relações com seus corpos. Como afirma Coutinho (2004), continua-se a atribuir às mulheres

todos os encargos com a casa e a família. A sociedade, no fundo, considera esses papéis como essencialmente femininos. Ainda mais, acresce-se a essas funções o novo papel da mulher no mundo do trabalho. Em suma, além de serem boas mães, zelosas donas de casa, esposas, lindas, devem também ser profissionais competentes. Há, indubitavelmente, um acúmulo de funções.

A análise das narrativas nos encaminha para um movimento de reflexão que nos leva a questionar mitos e estereótipos a respeito das mulheres em nosso contexto social. Esse exercício de reflexão aponta que, mesmo com as consideráveis transformações sociais nos âmbitos político, econômico, social que vêm ocorrendo nas vidas das mulheres, ainda vigoram exclusão, preconceitos e estereótipos e por elas nas suas relações sociais.

Sobre o padrão estético atual, a cada dia ele se torna mais exigente. Como vimos, há uma idéia bastante recorrente nas narrativas da infância até as da velhice. O excesso de peso é visto como algo feio, e a magreza, desde que não demasiada, como algo bonito. É um pensamento que se repete. Essa forma de conceber acaba produzindo, muitas vezes, um comportamento de preconceito e intolerância em relação àquelas pessoas que não conseguem se adequar aos padrões estéticos vigentes. Diariamente, muitas delas sentem na pele a indiferença ou a discriminação em forma de piadas, ou por meio de outros constrangimentos. Quando não sofrem preconceito, julgam-se, em muitos casos, inadequadas e desconfortáveis por causa da aparência física.

A esse respeito refiro Goffman (1998) e o seu conceito de estigma. Quando um indivíduo se apresenta numa interação social com algum atributo que o diferencia dos demais integrantes de sua coletividade e quando esse atributo não corresponde àquilo que sua coletividade acredita ser o ideal, ele deixa de ser considerado “[...] uma pessoa comum e total e passa a ser considerado como pessoa estragada e diminuída.” (GOFFMAN, 1988, p. 12). Essa característica que o diferencia é considerada um estigma. O autor demonstra em seu estudo, que o estigma tem um acentuado efeito de descrédito. Pode ser considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem. Ainda conforme Goffman, os indivíduos estigmatizados são tachados mediante atributos intensamente depreciativos e sofrem diariamente com discriminações e preconceitos. Entre esses indivíduos, podem ser citados os deficientes físicos, os doentes e aqueles que negam a ordem social como delinqüentes, criminosos, prostitutas, viciados em drogas, homossexuais e mendigos.

A obesidade atualmente é um estigma[46]. Ela tornou-se uma marca negativa tanto na percepção da pessoa obesa em relação a si mesma como na percepção daqueles com os quais ela interage. É como se a pessoa obesa fosse portadora de uma anomalia que a impede de "[...] ter a aceitação social plena." (GOFFMAN, 1988, p. 7). O autor também demonstra em sua pesquisa, que uma das reações possíveis de um indivíduo estigmatizado é procurar, de alguma forma, corrigir a sua condição: "[...] em alguns casos lhe seria possível tentar corrigir diretamente o que considera a base objetiva de seu defeito, tal como quando uma pessoa fisicamente deformada se submete uma cirurgia plástica, uma pessoa cega a um tratamento ocular, um analfabeto corrige sua educação [...]." (Ibidem., p. 15). No curso destas páginas, foi possível vislumbrar o grande esforço de muitas protagonistas para adequar seus corpos ao "padrão" e o descontentamento de algumas delas porque apesar do intenso esforço não conseguiam o resultado esperado, sonhado para seus corpos. Ademais, sofriam com os constrangimentos por terem seus corpos alvos de piadas e preconceitos.

Novaes e Vilhena (2003) trazem uma instigante reflexão que mostra que a descriminação contra as pessoas consideradas socialmente feias é manifestada sem culpa, sem nenhum pudor e nem vergonha, ao contrário, daquela que é manifestada em relação ao negro e ao pobre, por exemplo.

Considero que não é a busca da beleza física por si só que adoece, constrange, afeta o cotidiano das pessoas e sim os significados que são atribuídos socialmente a esta busca, em especial, a exigência cada vez mais intensa de um tipo físico que não contempla nem de longe os corpos sociais que são fisicamente e subjetivamente tão diversos e nem contempla as outras belezas do ser humano que estão para muito além do físico. Mas como diz Santanna (2005) a beleza corporal é uma relação. É uma construção. É possível construir novas formas de pensar e encarar as relações dos seres humanos com suas aparências físicas, inclusive uma que dê vida ao ensinamento de Mead que diz "toda a diferença é preciosa e deve ser cuidada com carinho."

Neste trabalho não coloco um ponto final, estou certa que em relação as temáticas trabalhadas aqui e em relação ao próprio fazer da pesquisa, há muito a aprender, muito a caminhar e muito a repartir...

[46] É importante lembrar que, tempos atrás, a obesidade era uma característica muito apreciada no Ocidente. Como afirma Fonte (2006, p. 132) há registro do sobrepeso associado à saúde, prosperidades respeitabilidade, ao passo que a magreza já foi tida como sugestiva de sinais de pobreza, má alimentação, doença, definhamento e até mesmo ligada aos símbolos da morte e da maldade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

ALTMAN, Helena e MARTIN, Carlos José. Sexualidade na juventude como foco de investimento político-educacional. **Labrys, études féministes/ estudos feministas**, jun./ dec. 2006.

ALTMAN, Raquel Zunbano. Brincando na história. In: DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 231-258.

ALVES et al. Sexualidade e desconhecimento : a negação do saber In: Fundação Carlos Chagas. **Vivência**: historia, sexualidade e imagens femininas. Fundação Carlos Chaga, 1980, São Paulo: Livraria Brasiliense , 1980, p, 59-92.

ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMORIM, Nádia. **Mulher solteira**: do estigma â construção de uma nova identidade. Maceio: Editora Edufal, 1992.

ARIÉS, Phillippe. **História social da criança e da família**: Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BARROS, Myriam Lima de. **Autoridade e afeto:** avós, filhos e netos na família brasileira: Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1987.

BARROS, Patrícia Machado. A contracultura tropical a resistência à ditadura militar. **Acrópolis**, Umuarama, v. 12, n. 1, jan./mar. 2004.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi. (Coord. de texto). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. P.607-639.

_____. Revistas Femininas e o Ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964). In: **Cadernos Pagu**: olhares alternativos. São Paulo: Unicamp, 1994. p.111-145.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Cartas a Nelson Algren**: um amor transatlântico 1947-1964 Tradução e edição Sylvie Le Bom de Beauvoir. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 2000.

BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda **Rev. Estud. Fem**. Florianopolis, v. 15, n. 1, jan./abr. 2007.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. Tradução de Alberto Candeias. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**: perspectivas etnosociológica. Barcelona, Bellaterra,2005

BOSSIT, Ana Zahira. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. Campinas: Papirus, 2005.

BRUSCHINE e ROSEMBERG. Introdução. In: FUNDAÇÃO CARLOS CHAGA. **Vivência**: história, sexualidade e imagens femininas. [s.l.]: Livraria brasiliense, 1980.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABEDA, Sônia T. Lisboa. O que quer uma mulher? : a construção do corpo pela cirurgia plástica. In: _____ (Org.). **O corpo ainda é pouco**. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000. p.213-222.

CALLIGARES, Contardo. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, Roberta B. Cuidando de si e do futuro: estrutura dos sentimentos nas práticas corporais femininas. In: KOURY, Mauro Guilherme; BARRETO, Maria Cristina Rocha (Org.). **Antropologia das emoções**. João Pessoa: Grem, 2004. p.7-15.

CARBONARI, Márcia. **A atuação da mulher na resistência à ditadura militar**. Disponível em: <http:\\www.2csh.clio.br\marcia!%20 carabonari. Acesso em: 2005.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

_____. Culto ao corpo . In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Anais... Coimbra 16, 17 e 18 de setembro de 2004. Disponível em: sitehttp\\www.ces.uc.pt\lab2004\inscrição\pdfs\painel24\analucia castro. Pdf consultei em 2007.

CIRURGIA Plástica. **O Povo**, Caderno Especial, Fortaleza, 29 fev. 2008.

CLASTRES, P. Da tortura nas sociedades primitivas. In: _____. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. cap. 10, p. 123-131.

COSTA, Jurandir. **Sem fraude nem favor**: Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COSTA, Rosely G. Mediando oposições: sobre as críticas aos assuntos de masculinidades. In: ALMEIDA, Heloisa B. **Gênero em matizes**. São Paulo: Unicamp, 2002. p.213-241.

COUTINHO, Luciana Gaheiro. A adolescência contemporaneidade: ideal cultura ou sintoma social. **Pulsional – Revista de Psicanálise**, anos XVII, n. 181, março, 2005.

COUTINHO, Maria Lúcia da Rocha. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 12, n. 1, p. 217, 2004.

_____. **Tecendo por trás dos panos**: mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTO, Edvaldo Souza. Corpos interditos: notas sobre anatomias. In: NEVES, Marlene, CABEDA, Sonia T. (Orgs.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004. p. 133- 148 e

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens**: três mulheres do século XVII: São Paulo. Compañía das letras, 1997

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da USP/Fapesp, 1999.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). **Histórias das mulheres no Brasil.** Carla Bassanenez Coordenação de textos. 8.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

_____. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

_____. **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004

_____. **Historia do amor no Brasil,** São Paulo, CONTEXTO, 2005.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DORNELLES, Adriana Cristina, A beleza no mercado de trabalho. Dissertação- Curso Economia de Empresa, Universidade Católica de Brasília, 2004.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUNKER, Karin Liuse Lenz PHILIPPI, sonia Tucunolova> Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 1, jan./mar. 2003.

ELIAS, Nobert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.

ESTÉS, Clarice Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo. Mulheres, trabalho e redes sociais: uma experiência etnográfica de produção de performances para o vídeo. **Ciência & Cognição**, 2008, v 13, p. 142-151. Disponível em: <http: // WWW. Cienciascognicao.org.>. Acesso em: 31 mar. 08.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Dits et éerits**. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. 1994, v. IV, p. 783-813.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo In: GOLDFELD, Zélia. **Encontro de vida**: 34 depoimentos de pessoas com mais de 60 anos apaixonadas pela vida. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.179 187

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de janeiro, UERJ, ano 7, n. 1, 1º semestre, 2007.

GALINAS, J. F. (Por) quê corpo importa? Uma alternativa quer no cinema independente norte-americano. In: Fazendo Gênero, 7, 2006, Florianópolis. Anais... Fazendo Gênero 7. ST16 – Sexualidades corporalidades e transgêneros: narrativos fora da ordem, 2006.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989. cap. 1, p. 13-41.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento e infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc; Tradução de Marino Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **Toda mulher é meio Leila Diniz**. Rio de Janeiro, 2004.

GONÇALVES, Helen, KNAUTH, Daniela Riva. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. **Antropol**., São Paulo, v. 49, n.2, jul./ dez. 2006.

GUSSI, Alcides Fernando. **Pedagogias da experiência no mundo do trabalho**: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um banco público estadual. Tese (Doutorado), Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HAREVEN, Tamara K. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. In: **Cadernos Pagu**, n. 13, 1999, p.11-35.

HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero, sexualidade e saúde**. Rio de Janeiro: IBAM: Instituto de la Mujer, 1995.

_____. et al. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 8, n.17, p. 13-60, jun. 2002.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Transexuais e *Drag –Queens***: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. 2001. 270 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

KOFES, Suely. Categorias analíticas e empíricas: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. **Cadernos Pagu**, n.1, 1992. p.19-30.

_____. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, Heloisa Turine. **Conversando sobre o corpo**. São Paulo: Papirus, 1994. cap. 1, p. 43-60.

_____. **Uma Trajetória em narrativa**. Campinas: Autores associados, 2001.

_____. Categorias analíticas e empíricas: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. **Cadernos Pagu**, n.1, 1993. p.19-30.

_____. **História de vida, biografias, trajetórias**. Campinas-SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

_____. **Mulheres, mulheres** – identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas. São Paulo: Unicamp, 2001.

KOSTEMAM, Ariel, Doença grave incentivada na internet. Revista **Veja**, São Paulo, v. 37, n. 6, p. 90-92, fev. 2004.

LABAN, R. **O Domínio do Movimento**. São Paulo: Sammus ,1978.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LE BRETON A. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**: crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOURO, Guacira Lopes Corpos que escapam. **Labrys. Estudos feministas**, n. 4, agos. Dez. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi. Coordenação de texto. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 443-481.

_____. Pedagogia da sexualidade. In: _____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7- 34.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens**: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobiand. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Victor Civita, 1978. (Os Pensadores)

MALYSSE, Stephane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: Mirian Goldenberg (Org.). **Nu e vestido:** dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002 p. 79-139

_____. **Extensões do feminino**: megahair, baianidade, capilar. Disponível em: htttp.www.studium.iar.unicamp.br\\megahairpdf. Acesso em: 2006.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. p. 211-233.

MEAD, Magaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEDEIROS, Abda de Souza. O espetáculo dos metaleiros em Fortaleza: cenários e encenações corporais. Monografia (bacharelado)- Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2005

MEDEIROS, Marilia Salles Falci. O corpo como representação das classes populares do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 6, **anais...** Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humana, 25- 28 de junho de 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MOTTA, Alda Brito da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

Mulheres no mercado de trabalho: grandes números. **Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**. http\\www.fcc.org.br\mulher\series_históricas\mmt HTML. Acesso em 20 de junho de 2008

NARVAZ, Martha, NARDI, Henrique Caetano. Problematização feministas à obra de Michel Foucault. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 1, mar., 2007, p. 45-70.

NOVAES, Joana V. **Das academias de ginástica e dança que proliferam, dos anabolizantes que são consumidos como jujubas, das lojinhas naturais que prometem saúde perfeita, às inúmeras práticas de trabalhos corporais, tudo leva-nos a crer que o corpo passou a ocupar.** Disponível em: <http:// WWW. Polemica.uerj.br/pol 18/oficinas/lipis_4- main. Htm. Acesso em: 2005.

_____. **Sobre a tirania da beleza**. Disponível em: < http: // WWW. Polemica.uerj.br/pol 18/oficinas/lipis_4- main. Htm. Acesso em: 2003.

_____. VILHENA, Junia de. **De cinderela a moura torta:** sobre a relação mulher, beleza e feiúra. Interações, São Paulo, v.8, n.15, jun. 2003.

NUMERATO, Elice OLIVEIRA, Maria Helena Darcy. **As musas da matinê**. In: Fundação Carlos Chagas. **Vivencia**: história, sexualidade e imagens femininas. Fundação Carlos Chaga, 1980, livraria Brasiliense , São Paulo p, 59-92

NUNES, Maria Aparecida. Clarice Lispector jornalista feminina. In: NUNES, Maria aparecida (Org.). Correio Feminino, Rio de Janeiro, Rocco, 2007.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi. (Coord. de texto). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 482-509.

O que você pode fazer pela auto-estima da sua filha. **Revista Cláudia**, fev. 2007. P. 46-49.

OLIVEIRA, Elza Fátima. **O fazer pedagógico na educação infantil**: necessidade de formação. Campinas, 2006, p. 7-24.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero:** o lugar da dominação masculina. Fortaleza: EDUECE, 2001.

PAIVA, Antonio SARAIVA, Cristian. **Reservados e invisíveis:** o ethos intimo das parcerias homoeróticas. Fortaleza, Programa de Pos graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Campinas: Pontes Editores, 2007.

PAIVA, Cláudio. Êxtase da juventude e esteria da televisão: um estudo da mídia e comportamento. **Conceitos**, João Pessoa, v. 4, n. 6, p. 1-180.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. **Velhice, palavra quase proibida**: terceira idade, expressão *quase* hegemônica: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea. P. 1-22. Disponível em: <http://www.bocc. ubi.pt. Consulta dezembro de 2004.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Historia de vida e depoimentos pessoais**. Sóciologia, São Paulo, v. 15, mar 1983.

PEREIRA, Ana Luísa. **O ginásio:** um panóptico de Bentham para o cuidado de si? Sociologia, problemas e práticas, n. 51, 2006, p. 117-138.

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: _____.**Gênero e ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectivas das mulheres. Rio de Janeiro: Record, p. 67-83. 1997. (Coleção Gênero, v. 5).

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. **A cidade dos clubes**: modernidade e glamour na Fortaleza1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2005.

PONTE, Vanessa Paula. Cada sabe a dor e a delícia de ser o que é: uma etnografia de duas academias de musculação em Fortaleza, 2005. Monografia (bacharelado)- Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2005

RAGO, Magareth. O corpo singular. In: STREY, Marlene Neves, CABEDA, Sonia T. (Orgs.) **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi. (Coord. de texto). 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. P.578-606.

RANGEL, Lucia Helena. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. **Interface- Comunic, Saúde, Educ.** agos. 1999.

REVISTA VEJA 2004 - KOSTEMAM, Ariel, Doença grave incentivada na internet. **Veja**, São Paulo, v. 37, n. 6, p.90-92, fev. 2004.

RIVIÉRE, Claude. **O processo ritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ROCHA, Sonia Maria da e IOSSOIO, Zélia Milanez. Continente saúde – As tramas do cotidiano:um estudo sobre a saúde do idosoda ilha da Conceição. Rio de Janeiro. 2003.96f. Dissertação de mestrado-departamento de Serviço social Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já**: o grito preso na garganta. Editora Perseu Abramo, 2003.

ROSA, Guimarães.Grande Sertão Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SABINO, César. **As drogas de Apolo**: o consumo de anabolizantes em academias de musculação. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, [s.d].

_____. Lógica da diferença e andolatria: o caso das mulheres das academias de musculação. **Enfoque – Revista Eletrônica das Alunas do PPG.SA**, n.2, jul. 2003.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**, Campina, v. 22, n.1, mar. 2005, p. 1-13.

SANTANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. In: PISCITELLI, Adriana (Org.). **Cadernos Pagu**: corporificando gênero. São Paulo: UNICAMP, 2000. p. 235-249.

_____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmento para uma história do corpo no Brasil. In: _____ (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação liberdade, 1995. cap. 7, p. 121-139.

_____. Cultos de si e Enigmas do Corpo na História. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA Sonia T. Lisboa (Orgs.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004, p. 107-132.

_____. Entrevista concedida a Marta Kanashiro. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2005.

_____. Entrevista. **Consciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. 2005. 4p. (Entrevista com Marta Kanashiro).

SCOTT, Russel Parry. Quase adulta quase velha: porque antecipar as fases do ciclo vital? **Interface- Comunic, Saúde, Educ**, v. 5, n.8, p. 61-72, 2001.

STREY, A criação do corpo feminino ideal. In: Marlene Neves, CABEDA, Sonia T. (Orgs.) **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004 p.225-254

TESSEROLI, Maristela. Espelho do perigo. **Metrópole correio popular**. Campinas, v. 4, n.169, out. 2004.

Uso indiscriminado de suplementos alimentares precisa ser combatido. Disponível em: <http//www.notisa.com. br>. Acesso em: 10 nov. 2003.

VIANA, Hermano. **Galeras Cariocas**: territórios de conflitos e encontrros culturais. Editora UFRJ,1997.

VIGARELLO, George. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: _____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.35- 82.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são utilizadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco 1992.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo